

MORGANE MONCOMBLE

O GRANDE BESTSELLER
INTERNACIONAL

UM
OUTONO
PARA TE
PERDOAR

SOMBRIO,
TÓXICO E
CATIVANTE

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

MORGANE MONCOMBLE

O GRANDE BESTSELLER
INTERNACIONAL



UM OUTONO PARA TE PERDOAR

SOMBRIO,
TÓXICO E
CATIVANTE

 MARCADOR

UM
OUTONO
PARA TE
PERDOAR

MORGANE MONCOMBLE

UM
OUTONO
PARA TE
PERDOAR

TRADUÇÃO DE PAULA CAETANO

 MARCADOR

AVISO

Este romance contém cenas, comentários ou temas que podem ferir a sensibilidade de algumas pessoas. Por favor, tenham em atenção a advertência que se segue, antes de se aventurarem nesta leitura.

Gostaria também de recordar que se trata de uma obra de ficção, com personagens imperfeitas, relacionamentos nem sempre saudáveis e comportamentos por vezes indesculpáveis.

A autora e a pessoa que sou não apoia os atos das suas personagens.

Advertência: Assédio psicológico, praXes.

info@marcador.pt
WWW.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Copyright © Morgane Moncomble, Hugo et Compagnie, 2023

Edição portuguesa publicada com o acordo de Hugo Publishing através dos agentes Books And More Agency #BAM, Paris, França e The Ella Sher Literary Agency.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Um Outono para Te Perdoar*

Título original: *Un Automne pour Te Pardonner*

Autora: Morgane Moncomble

Tradução: Paula Caetano

Revisão: Ângela Pardelha/Editorial Presença

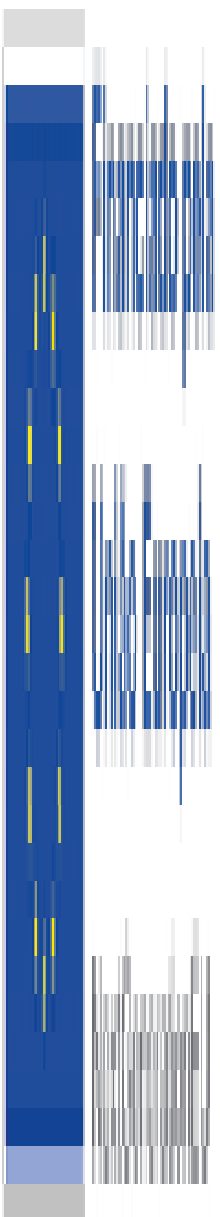
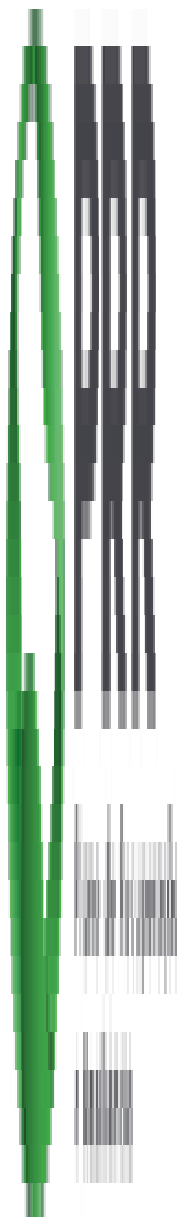
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Design da capa: © Miriam Schwardt

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda..

1.ª edição em papel, Lisboa, setembro, 2024

Publicação apoiada no âmbito do PRR e UE – NeXtGenerationEU



Ao agente da CIA que espia o meu histórico da Internet: *Posso explicar
tudo.*

PLAYLIST

I Knew You Were Trouble, Taylor Swift
If I Killed Someone For You, Alec Benjamin
Another Love, Tom Odell
Happier Than Ever, Billie Eilish
Karma, Taylor Swift
Hurt Me, Suriel Hess
Cry Baby, The Neighbourhood
Aimed to Kill, Jade LeMac
Breakfast, DoVe Cameron
Animal, EMELINE
I Wanna Be Yours, Arctic Monkeys
bury a friend, Billie Eilish
FU In My Head, Cloudy June
Fetish (com Gucci Mane), Selena Gomez
Enemy, Imagine Dragons
Meet You in Hell, Jade LeMac
Devil Is A Woman, Cloudy June
Hate Me, Ellie Goulding & Juice WRLD
Slow Down, Chase Atlantic
Red Lights, Stray Kids
Don't Blame Me, Taylor Swift
Small Doses, Bebe Rexha
The Cut That Always Bleeds, Conan Gray
I'm Not Mad, Halsey
Take Me To Church, HoZier

Prólogo

LOU

Cinco anos antes

Em 1895, o escritor Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados, por homossexualidade.

Teria tido um relacionamento pouco ortodoxo e decadente com Alfred «Bosie» Douglas, um jovem aristocrata escocês, que não agradara ao pai deste. Toda a Londres se apaixonou por este processo, a ponto de ficar na História com o nome de «Escândalo Queensberry».

Não sou um grande leitor. Prefiro os dramas relatados pela música, mas o meu melhor amigo não para de me contar episódios históricos que não me interessam.

Com apenas 17 anos, o Rory comunica através de referências literárias e de enigmas inventados por si «para se divertir». Se não for estimulado constantemente, o seu cérebro aborrece-se num ápice. Pessoalmente, julgo que, acima de tudo, gosta de mostrar que é o mais inteligente.

Em geral, limito-me a inclinar a cabeça com um interesse forçado e a soltar um «Uau! A sério?». Nunca resulta, pois o Rory fica sempre a sorrir, chamando-me «sacana analfabeto».

Costumo responder-lhe que eu não o obrigo a ouvir a 3.^a Sinfonia, de Beethoven — ou talvez devesse fazê-lo, se isso o mantivesse calado por mais de cinco minutos.

Esta manhã, cheguei mais cedo à escola para ensaiar alguns trechos de Violino. É algo que faço, pelo menos, três vezes por semana, principalmente porque gosto do sossego dos corredores antes do início do dia. É um local muito mais tranquilo do que a minha casa, onde os gritos e os insultos são disparados mais rapidamente do que balas. Nem o som do meu Violino consegue abafá-los.

Depois de tocar *O Outono* de *As Quatro Estações*, de Vivaldi, vou à janela do rés do chão para fumar; um péssimo hábito que começou com o único objetivo de provocar o meu pai. Abro *O Retrato de Dorian Gray*, que

o Rory me emprestou e que me aborrece de morte. Depois de dois cigarros, li apenas quatro páginas.

O Dia das BruXas deu lugar ao frio outonal do 1 de novembro. As últimas folhas caem sobre Edimburgo, formando um tapete em tons de castanho e dourado, e a paisagem desconcentra-me. Foi sempre a minha estação favorita.

— Que estou a Ver? O McAllister com um livro.

Estendo-lhe o dedo do meio antes mesmo de me Virar para o Rory, que entra na sala de música. A minha arrogância desVanece-se quando o fito, e custa-me confessar que me dói o coração. Contenho-me para não arrancar o meu peito, para o impedir de bater com tanta força, irritado com a minha reação.

O Rory sorri-me como se o soubesse — e sou capaz de apostar que é esse o caso —, de mãos nos bolsos. Apertou mal a gravata do seu uniforme azul-escuro e os cabelos castanhos caem-lhe ligeiramente sobre os olhos claros. Mas é no seu sorriso que o meu olhar se demora.

Como sempre.

Permaneço calado quando se deixa cair na cadeira ao meu lado, tirando-me o cigarro da mão e atirando-o pela janela. Não o detenho nem digo nada, limitando-me a manifestar-lhe o meu desagrado com uma baforada de fumo na cara.

— Já te disse para te deixares dessa merda — diz ele, irritado.

— E eu já te disse para parares de me dar ordens.

Ele sorri-me com insolência, alheio à minha cara de poucos amigos, e replica:

— Mas é disso que tu gostas.

O Rory não fica à espera de resposta e Vira o meu livro, para Ver a capa. InVejo-lhe a maneira como ilumina, com tanta facilidade e indiferença, cada espaço onde entra, como se isso o aborrecesse, mas até lhe agrada. À semelhança de todos os heróis greco-romanos, o Rory sofre de *hubris*. O seu orgulho será a sua perda. Não tenho a certeza de que consiga sobreViVer sem os holofotes sempre apontados para si.

— Já não era sem tempo — provoca-me, ao Ver o título. — E então? Que tal?

Suspiro.

— Parece-me que o Dorian está apaixonado pelo Lorde Henry, o

dândi inteligente e de ironia fácil, mas é algo totalmente inconsciente. Tenho a sensação de que o Oscar se inspirou muito na sua relação com o Bosie, não?

O Rory inclina a cabeça, sem parar de me fitar, pensativo. Detesto que faça isto. Há tanta coisa que ele pensa, mas que não diz.

— É Verdade. As pessoas podem dizer o que quiserem, mas o Oscar estava sinceramente apaixonado pelo Alfred. Aliás, escreveu-lhe cartas de amor, até na prisão.

— Aposto que eram malandrecas.

Julguei que ia sorrir com a minha piada, mas limita-se a olhar-me e a citar:

— «Caro jovem, tanto no prazer como na prisão, Vós e pensar em Vós foram tudo para mim. Oh, guardai-me sempre no Vosso coração; nunca Vos ausentais do meu.»

A intensidade do seu discurso deixa-me os braços com pele de galinha. Sei que as palavras não são dele, mas gosto de imaginar que são.

— É triste — comento, encolhendo os ombros.

— É belo.

Sorrio e abano a cabeça, fechando o meu livro. Por vezes, não entendo como é que, sendo tão diferentes, o Rory e eu conseguimos tornar-nos tão próximos. Pergunto-me muitas vezes se é apenas porque os nossos pais são amigos.

Ele é um intelectual, sociável, seguro de si e prefere apunhalar as pessoas pelas costas. Quanto a mim, sou a ovelha ralhosa da família McAllister: um inútil demasiado cobarde para trair o que quer que seja.

— Ele tinha mulher...

— A Constance — confirma o Rory. — Aliás, era escritora e militante feminista. Uma escolha muito boa.

— ...que ele traía com jovens e com prostitutas.

O Rory levanta-se, para mudar de lugar e se sentar perto de mim, no parapeito da janela.

— E então? De vez em quando, não faz mal um pouco de calor masculino.

Franzo a testa, sem perceber, tão surpreendido como enervado por ele gracejar sobre o assunto. Por fim, decido desistir. A conversa está a

tomar um rumo que não tenho a certeza de conseguir acompanhar.

— Tenho pena da tua namorada.

Digo isto sem o encarar. O seu olhar sobre mim, bem como o seu sorrisinho enigmático e cruel, pesam demasiado no meu coração.

— Se estás assim tão interessado, a Skye está muito satisfeita com o nosso relacionamento — diz o Rory, depois de ter pousado um braço sobre os meus ombros. — Eu faço o que me apetece e ela faz o que lhe apetece.

Abstenho-me de retorquir que não estou certo de que ela esteja a par disso. O joelho dele Vai tocando no meu, como que para me espicaçar. Sinto a sua respiração na minha face e sei que é intencional. Está a pôr-me à prova. Está a torturar-me. Nenhum de nós disse alguma vez o que quer que seja, e ainda menos desde que a Skye e ele namoram, mas as palavras são desnecessárias.

Os olhares bastam para exprimir tudo o que eu teria preferido levar para a sepultura. E também a sensação das nossas peles, coladas uma à outra, quando lutamos de tronco nu no seu jardim.

Seria capaz de pôr a cabeça no cepo: há anos que o Rory sabe o que sinto por ele, se não desde sempre. No entanto, o seu silêncio sobre o assunto confirmou-me que o sentimento não é recíproco, pelo que continuei a fingir. Ao fim de algum tempo, até consegui virar a página.

Mas detesto que goze com isso. É como se me rejeitasse e, ao mesmo tempo, me mantivesse prisioneiro. Não mereço, porra... Ou, pelo menos, julgo que não.

E se eu lhe pagasse na mesma moeda?

Viro a cabeça na direção dele e estamos tão perto um do outro que o meu nariz roça no seu. Gostaria que o meu gesto o desestabilizasse, nem que fosse para sentir a satisfação de ver o seu sorriso a desvanecer-se nos seus lábios.

Mas ele abre mais o sorriso e fita a minha boca.

Merda. Fui vítima do meu próprio jogo.

— Diz o que te vai no coração, Lou — murmura, sem nunca desviar o olhar.

— Prefiro não o fazer.

— Por favor.

Detesto-te. Depois de nove anos de amizade, ainda não consigo entender-te. És o meu

melhor amigo, mas gozas comigo porque te aborreces. Despes-me com os olhos quando pensas que estou distraído e, logo a seguir, exhibes-te com a Skye, para me castigares pela tua própria fraqueza.

Parece-me injusto. Apetece-me beijar-te, arrancar-te as roupas, mostrar-te o que estás a perder, mas também me apetece dar-te a sova da tua vida e nunca mais te dirigir a palavra.

É neste estado que o Rory CaVendish tem o condão de me pôr. Mas como ainda sinto demasiado medo de ter esta conversa com ele, afasto-o com uma cotoVelada.

— Tens mau hálito. Larga-me.

Ele parece um pouco desiludido, mas solta uma gargalhada divertida. Como se soubesse que sou demasiado cobarde para o fazer.

As aulas vão começar, pelo que saímos da sala e dirigimo-nos aos nossos cacifos. Estou a guardar o estojo do meu Violino quando chega o resto da malta. O Gideon e o Alastair conversam, enquanto a Skye corre para nós, com um grande sorriso nos lábios.

O Rory abraça-a, antes de a beijar na boca. Línguas, dentes e essa merda toda. Enojado, desvio o olhar.

— Porque é que não atendeste o telefone, ontem? — pergunta a Skye, a fazer beicinho e aninhando-se nele, o blusão de penas branco a contrastar com a sua pele negra perfeita.

O Rory afasta da testa uma madeixa de cabelo e responde que adormeceu muito cedo. Sei que é mentira, pois estivemos a trocar mensagens até às duas da manhã.

Ao chegarem, o Alastair e o Gideon cumprimentam-nos. O primeiro, uma cópia exata do Rory, fuZila-o com o olhar.

— Esta manhã, não me acordaste. O pai deu-me uma descasca.

— É o costume. — O Rory sorri e dá a mão à Skye.

Não preciso de ver a expressão do seu irmão gémeo para saber que o comentário o feriu. Todos sabemos que o Alastair sofre com a preferência do pai CaVendish pelo Rory.

De qualquer modo, acontece o mesmo em toda a parte. O Rory é o favorito de todas as audiências, o menino-bonito de todos os grupos. O mais carismático, o mais inteligente, o mais rico...

Mas também o mais cruel...

Dizem que a perfeição não existe. O Rory é a prova disso mesmo: as

suas muitas qualidades alimentam os seus piores defeitos, fazendo dele alguém que odiamos e que nos fascina na mesma medida.

A começar por mim.

O meu coração ama-o, mas o meu bom senso detesta-o.

— Estamos tão fofos — diz a Skye ao Rory, encantada, mostrando-lhe qualquer coisa no telemóvel. — Publico esta ou esta? A Anna Vai ficar cheia de inveja.

Desligo das conversas e o meu olhar fixa-se nos alunos que começam a invadir os corredores da Edinburgh Academy, onde iniciámos o nosso último ano do ensino secundário. Pessoalmente, chamo-lhe o reino do Rory Cavendish. Entre nós, aqueles que sobram são somente servos e a corte real.

— Vamos? — sugere ele, quando a campainha toca por fim.

Sigo-os sem ver para onde vou, perdido nos meus pensamentos, pelo que demoro demasiado a reagir.

Um clarão de fogo cega-me de repente, mas é tarde de mais. Esbarro inadvertidamente contra uma pilha de livros sem rosto, que desaba no chão, e é nesse momento que deparo com um par de olhos escuros e acusadores, que me provocam um calafrio no coração.

Já sei quem é, antes sequer de a ver.

Um rosto de porcelana emoldurado por uma cabeleira ruiva, óculos de armação fina e dourada que não conseguem esconder a chuva de sardas que cai em cascata sobre o seu nariz, e uns lábios cor-de-rosa em forma de coração...

A Camelia O'Brien, a recém-chegada da qual toda a gente fala. Obviamente, o Rory colocou-a sob a sua asa e arma-se em colega simpático. Ele diz que é para a ajudar, mas sei que se ajuda a si próprio: com a chegada da Camelia, e pela primeira vez na vida, o Rory já não é o melhor aluno da turma.

Deus sabe que ele detesta o segundo lugar.

O Rory quer mantê-la perto de si, para a controlar melhor, como aos outros — como a nós. Mas a Camelia é diferente... Sei que ele já o percebeu e que isso o irrita. A mim, diz-me. Sinto curiosidade, mas também inveja.

Quem me dera ter esta força de carácter.

— Oh, estão aqui — diz ela, ao reconhecer-nos. — Andava à Vossa

procura.

Não respondo, com a garganta apertada. Como sempre que estou na sua presença. Ela tem o dom de me esvaZiar o cérebro de todo e qualquer pensamento coerente, e Deus sabe que não estou habituado a isso. Alguns dirão que ela não tem nada de especial: a Skye acha-a maçadora e o Gideon afirmou que «é completamente banal». No entanto, ela tem qualquer coisa.

Será que o Rory sabe que, desde há pouco tempo e pela primeira vez em nove anos, o meu coração dispara por causa de outra pessoa que não ele?

Embora ela já tenha chegado há três semanas, nunca me permito ficar a sós com a Camelia. Intriga-me tanto quanto me intimida. É perigosa. Tenho sempre medo de dizer algo errado e de estragar tudo ou, pior ainda, de deixar cair aos seus pés o conteúdo sombrio do meu coração.

Tudo o que sei a seu respeito é que lê *Sherlock Holmes* nos tempos livres, que é Vegetariana, que o pai é polícia e que é a única que consegue competir com o cérebro do Rory.

Ah, e que o seu ar ingénuo e inocente é apenas uma fachada.

Consegue enganar os outros, mas não a mim. A Camelia não é muito faladora; nesse ponto, somos parecidos. Não tenho a certeza de que ela saiba traVar amizades genuínas. Também não creio que goste de mim, tendo em conta os olhares antipáticos que me lança constantemente.

No entanto...

Gostaria que ela pensasse em mim tanto quanto eu penso nela.

— Desculpa — digo, suavemente.

— Não faz mal.

Baixa-se para apanhar os seus livros, as faces rosadas do frio. *Se lhe tocar com um dedo, será que deixa uma marca branca?* Reparo que o Gideon inclina a cabeça e lhe olha fixamente para a saia da farda, que lhe sobe sobre o traseiro.

Completamente banal, hem? Parvalhão.

Abstenho-me de fazer um comentário e agacho-me também, pegando no seu exemplar de *Anne de Green Gables*.

— Acho que é a primeira vez que te vejo ler um livro que não é um romance policial — observo, divertido.

Ela lança-me um olhar surpreendido, mas limito-me a sorrir-lhe.

Estou mesmo a namoriscar com ela... diante dos outros?!

— Mudei de tema — responde, com um laiVo de desconfiança na voZ. — Também gostas de ler?

Eis a minha oportunidade. Posso mentir e aproximar-me dela com o preteXto da leitura, manipulá-la para a obrigar a gostar de mim... E preparo-me para o faZer.

Mas acabo por murmurar:

— Não. Nem por isso.

— Oh... Que pena.

O coração afunda-se no meu peito ao Ver a decepção que lhe inunda o olhar. Ela deu-me uma oportunidade, alguns segundos de atenção, e eu estraguei tudo. Quero diZer algo inteligente, para me redimir, convidá-la para beber um café depois das aulas, ou ir ao cinema e passar o tempo aos beijos, durante todo o filme.

Mas o meu instinto grita-me que não o faça, pelo que me limito a entregar-lhe os seus liVros e a leVantar-me.

É nesse momento que olho para o meu melhor amigo... e me apercebo do meu erro. Quase estremeço com a eXpressão preocupante com que o Rory fixa a Camelia: os seus maXilares estão contraídos e o seu olhar é frio e impassível.

Mas bastam os seus lábios para me aVisar do perigo — ligeiramente curVados para cima, a iniciarem um sorriso.

Como se tiVesse sentido o meu olhar, o Rory vira-se para mim e arqueia uma sobrançelha, trocista. Como se me desafiasse... ou proVocasse.

Merda.

Conheço demasiado bem esta cara. É a do Diabo que dormita dentro dele. É a faceta do Rory que menos me agrada. É por causa dela que não posso ter coisas boas.

— Encontramo-nos à hora de almoço — diZ a Camelia, começando a afastar-se, e fico surpreendido ao notar que ela se dirige a mim em particular.

As suas faces estão rosadas e ela contrai o lábio, constrangida, como se se arrependesse do que acabou de diZer. Mordo a bochecha para eVitar um sorriso. *Adorável.*

Infelizmente, tenho consciência de que é a última VeZ que nos

falamos. Por isso, é com um traço amargo na boca que fico a vê-la ir-se embora, até desaparecer na esquina seguinte.

Um braço pousa-se sobre os meus ombros e sinto na face a respiração do Rory. A minha garganta contrai-se, como se, de repente, tivesse um colar invisível a apertar-me o pescoço.

Prisioneiro. Cativo. Refém.

— Ela irrita-me. A ti, não?

Eu já sabia. Não fui suficientemente cuidadoso. Não consegui controlar as minhas expressões.

Agora, Vou pagar por isso.

— Não gostas dela, porque é mais inteligente do que tu — escarnece o Gideon.

— Não gosto dela, porque tenta roubar aquilo que me pertence — corrige o Rory, continuando a fitar-me.

Eu. Eu pertenço-lhe.

E, embora não seja recíproco, ele nunca me largará. Mas suponho que a opção tenha sido minha. Só posso censurar-me.

— E tu, Lou? — murmura, sem parar de avaliar a minha expressão. — Gostas dela?

Mais do que deveria e isso será a desgraça dela.

Desculpa, Camelia. A culpa é minha. Deveria ter sido mais cuidadoso. Eu sou demasiado covarde e tu não tens força suficiente para lutar contra o Rory.

Apenas uma resposta é possível. E se há algo que sei fazer é fingir bem.

Encaro o Rory, com um esgar divertido nos lábios.

— Nem por isso. Não gosto de ruiças e ainda menos de ratos de biblioteca.

Detesto-me, detesto-me, detesto-me.

O Rory fita-me intensamente, com uma expressão divertida.

— Ela merece que lhe mostrem onde é o seu lugar, não merece?

Quero responder-lhe que vá com calma, pois sei do que ele é capaz. Mas, se lhe mostrar que gosto dela, ele fará tudo para a destruir.

Nesta altura, a única coisa que posso fazer é limitar os estragos. Por isso, digo:

— Deixa estar... Eu trato disso.

O Rory dá-me uma palmadinha no ombro, satisfeito.

No dia seguinte, a Camelia torna-se alvo da chacota de toda a escola.

CAMELIA

Setembro de 2022

Alguém anda a tentar matar-me.

Ou raptar-me. Seja uma coisa ou a outra, estou preparada para qualquer eventualidade — o meu pai é um bocadinho paranoico, embora ele prefira a palavra «protetor». Diga-se, em abono da Verdade, que sabe do que fala, pois é polícia.

Sei disparar uma espingarda (ainda que isso provavelmente não me ajude nesta situação), tive aulas de *krav maga* no ano passado e, sempre que saio do meu apartamento, levo um *spray* de gás-pimenta na mala.

Em suma, estou preparada para qualquer eventualidade.

Pego no meu espelho de bolso enquanto desço as Escadas Vennel, em direção ao Grassmarket, e olho discretamente para trás de mim. Ainda são 18h30, mas o sol já se põe em Edimburgo e há uma figura estranha que me segue desde que saí da Universidade de Edimburgo.

Verifico que continua atrás de mim, a seguir-me com passos curtos, fundindo-se na escuridão. Tenho de semicerrar os olhos, para me certificar, mas julgo que se trata de uma mulher, alta e elegante, vestida com um fato-saia-casaco.

Como disse, alguém anda provavelmente a tentar raptar-me e, depois, tentará assassinar-me. Não faço ideia de qual é o intuito. Extorsão, Violação, homicídio, tráfico de órgãos ou escravatura sexual... As hipóteses são imensas.

A minha mãe sempre me disse que as minhas leituras me tinham tornado «tortuosa». Pessoalmente, prefiro a palavra «imaginativa».

De qualquer modo, não tenho tempo para estas parvoíces. Olho para o relógio, irritada. Tive um dia horrível, os meus saltos altos torturam-me e estou atrasada para um *date* que sei de antemão que será desastroso.

O Julian é simpático, mas não estou certa de que sejamos compatíveis. Da última vez que nos encontramos, pedi-lhe para me

estrangular enquanto fazíamos amor — só um pouco, prometi-lhe — e ele entrou em pânico. Desde então, creio que acha que sou louca. Talvez seja verdade.

Esta noite, é provável que seja estrangulada, mas não tenho a certeza de que isso me agrade.

Acabo por me faltar e viro-me de repente, o que surpreende a minha perseguidora.

— Pare de me seguir. Enviei uma mensagem ao meu namorado e ele deve estar a aparecer por aqui — minto, agarrando com força no telemóvel.

Ai! Detesto usar este pretexto patético, como se a ameaça de uma presença masculina alterasse a situação, mas tenho de confessar que resulta.

A mulher ergue as mãos diante de si e aproxima-se de vagar, como se receasse assustar-me.

— Desculpe. Não queria alarmá-la. Não tinha a certeza de que fosse a pessoa que procuro. Só isso.

Franzo o sobrolho.

— É a Camélia O'Brien, não é?

— Sim... Que quer de mim? Estou com pressa, pois tenho um compromisso profissional muito importante.

A minha consciência revira os olhos perante a minha ousadia. Não tenho propriamente pressa de pôr fim a um relacionamento com um homem que se recusa a dar-me umas palmadas na cama.

— Peço-lhe apenas um segundo.

Começa a chuchar ligeiramente e os meus óculos embaciam-se. Tiro-os para a ver melhor, enquanto ela me estende um cartão de visita, no qual pego com hesitação.

— Conhecia o Rory Alexander Cavendish?

Era a última coisa de que estava à espera. Fico arrepiada só de ouvir este simples nome proferido em voz alta. Não sei o que esta mulher veio fazer aqui, mas, se foi por causa do Rory Cavendish, também não quero saber.

Há anos que virei costas a esse sádico e não é agora que vou mudar de postura. Mesmo assim, tenho já bastante dificuldade em evitá-lo nos corredores da faculdade, por muito grande que ela seja. É o motivo pelo

qual adoro o Verão: as férias proporcionam-me sempre essas tão desejadas tréguas.

— Foi meu colega de escola — respondo, com um tom mais seco do que o necessário. — Porquê?

— Ele morreu.

Pestanejo, sem reagir; as palavras dela rodopiam na minha mente.

O Rory... morreu? O meu coração dispara perante a realidade desta notícia e as suas consequências. Se ele já cá não está... isso significa que estou livre. Por reflexo, levo uma mão ao pescoço, como que para me certificar de que o colar invisível caiu.

Desde os meus 18 anos que o Rory deixou de me falar e, contudo... A sua presença, por si só, é suficientemente incómoda para me infernizar a vida todos os dias. Continuo a percorrer os corredores com o olhar pregado no chão, com medo de me cruzar com o seu, evito os lugares frequentados por ele e pelo seu grupo...

Conto os dias que faltam para receber o meu diploma.

O dia em que, finalmente, os nossos caminhos se separarão e já não terei de suportar a visão do seu rosto, o som do seu riso do outro lado do pátio, mas que basta para me gelar o sangue.

— Morreu? — repito, temendo acreditar. — Mas vi-o de longe, no primeiro dia de aulas, e ele estava ótimo.

Sou horriavelmente má... mas estou disposta a apostar que certamente o mereceu.

— Mas a verdade é que morreu — replica a mulher. — A notícia é oficial.

— Está bem. A quem devo enviar uma garrafa de champanhe?

— Como?

A mulher pestaneja, chocada com a minha reação. Estou-me nas tintas para o que possa pensar de mim. Não vou chorar a morte do meu antigo carrasco. O homem que me humilhava em público, que me punha alcunhas de menosprezo, que me trançava em sítios estranhos e espalhava rumores infames a meu respeito... Um mitómano e um manipulador como conheci poucos.

— Se morreu tão jovem, foi porque levou alguém ao limite, não? Tenho pena da pessoa, seja ela quem for.

Neste caso, não sinto qualquer empatia pela vítima. O Rory encarna

uma fase difícil da minha vida, embora a escola nunca tenha sido o meu sítio preferido, mesmo antes de o conhecer. A minha mãe tem razão: o culpado de tudo isto é o meu pai.

Tudo o que me lembro da minha infância são os serões passados a Ver *Ficheiros Secretos*, sentada no sofá, aninhada nele, e as tardes de domingo a jogar *Cluedo*. Em suma, nada de muito normal para uma criança com seis anos.

O meu pai contaVa-me histórias para eu adormecer, todas elas inspiradas em casos nos quais estaVa a trabalhar. Inevitavelmente, cresci com a cabeça repleta de perguntas e uma imaginação transbordante, até ligeiramente sinistra. Pouco a pouco, apaixonei-me por crimes não resolvidos, por investigações policiais complicadas e pelos livros de Agatha Christie.

PassaVa as noites a Ver *Mentes Criminosas*, a dissecar as notícias sangrentas nos jornais e a ler romances policiais. Talvez fosse por isso que me achavam esquisita...

Ao trocar Inverness por Edimburgo, julguei que seria diferente. Acreditei verdadeiramente que o Rory estaVa a dar-me uma oportunidade de pertencer a um grupo, mas fui idiota.

— Desculpe, mas não percebo por que motivo Veio dar-me essa informação...

— O seu nome está no testamento dele. A leitura será feita amanhã.. A sua presença é requisitada.

Preciso de alguns segundos para perceber o sentido da sua frase simples. Quase me dá vontade de rir. *Eu, no testamento do Rory Cavendish?*

Sem querer, começo a tremer, o que não escapa ao olhar da desconhecida.

— Julgo que está enganada — digo, educadamente. — Não éramos amigos. Muito pelo contrário.

— Não, não estou enganada, menina O'Brien.

Então, só pode ser uma partida. Uma última brincadeira de mau gosto. Mesmo estando morto, o Rory Cavendish estende os tentáculos para me perseguir.

Como se não tivesse bastado ser atormentada durante um ano inteiro por ele e pelo seu grupinho.

— Sabe o que é que ele me deixou? Não me apetece ir lá em Vão.

— Não. Terá de ir, para saber.

É com esta resposta que compreendo. Suspiro, amaldiçoando interiormente o Rory.

Ele sabia que eu não queria nada dele.

Mas também me conhecia o suficiente para saber que não conseguiria resistir à minha curiosidade doentia...



É, claramente, o dia mais estranho e constrangedor da minha Vida.

Não sei ao certo o que estou a fazer aqui nem porque dou ao Rory este último prazer. Creio que nunca detestei tanto uma pessoa (exceto o Jeffrey Dahmer, por motivos óbvios), mas ele... O Rory era a exceção. Sendo um pequeno génio e herdeiro da lucrativa destilaria Cavendish & Co., podia permitir-se tudo. Toda a gente beijaVa o chão que ele pisaVa, desejando estar no seu lugar.

Pessoalmente, queria apenas que me deixasse em paz. Não tinha culpa de ser mais inteligente do que ele!

— O que está ela aqui a fazer?

Assim que entra na divisão, e ao ver-me ali sentada, a Skye Hutcherson franze as sobrancelhas perfeitas. Tem os olhos vermelhos, revelando que esteve a chorar, e não se deu ao trabalho de se maquilhar.

A ex-namorada do Rory mira-me dos pés à cabeça, carrancuda, fazendo-me voltar cinco anos atrás num abrir e fechar de olhos. Ignoro-a olímpicamente, para lhe mostrar que já não sou a mesma, que não voltarei a deixar-me intimidar por ninguém.

O Gideon, que aparece atrás dela, também me olha com desdém.

— Esquece. Vem.

Fico sentada no fundo da divisão, sozinha. Também eu me pergunto o que estou a fazer aqui. Ainda mais quando chegam os pais do Rory. Fitam-me sem saber quem sou e, a seguir, Vão ter com a Skye para a abraçar com emoção.

A cena é surreal. Apetece-me ir para casa.

Estou angustiada. Sei que o Rory não irá aparecer para me atormentar, mas é como se isso fosse acontecer. Rever de tão perto os meus algozes é como voltar a ter de Zassete anos. Odeio a influência que ainda exercem sobre mim.

Mas a Skye e o Gideon não são os piores.

Há ainda uma pessoa que temo ver hoje, mas não me permito pensar no *seu* nome, com receio de que me traga azar.

O Alastair, o irmão gémeo do Rory, acaba por chegar e interrompe os meus incentivos interiores. Está muito mal-encarado. Parece um morto-vivo, a tez lívida, olheiras escuras. Parece tão alterado que nem dá por mim ali sentada. Cumprimenta friamente os pais, que mal lhe

prestam atenção.

Pelo que vejo, nada mudou. Mesmo sem o Rory para lhe fazer sombra, o Alastair permanece invisível... De todos eles, é por ele que sinto mais empatia; desde sempre.

Porque ele não tenta esmagar, mas apenas existir.

Aguardo que apareçam as últimas pessoas, mas, de repente, um homem de idade madura fecha a porta e vai sentar-se à secretária. Franço a testa, confusa.

Ele não está presente.

É estranho. Se há alguém que conta-via ver hoje, era *ele*.

— Obrigado a todos por estarem aqui hoje. Incumbiram-me de vos fazer a leitura do testamento do falecido Rory Alexander Cavendish, documento no qual todos constam.

O meu coração dispara, mas permaneço em silêncio, com as mãos suadas. Do Rory espero tudo, principalmente o pior.

O homem pega numa folha de papel e aclara a voz, antes de começar:

— «Se estão a ler isto, é porque um de Vós conseguiu matar-me. Parabéns!»

Olho para os outros para avaliar a reação deles, a boca semiaberta de pasmo. O pai Cavendish suspira, enquanto uma lágrima desliza pela face da Skye.

— «Parto satisfeito por saber que fui tão amado quanto invejado, como todos os grandes homens» — continua o homem, impassível.

Resisto ao desejo de revirar os olhos. *Isto é o Rory sem tirar nem pôr.*

— «Lou: se foste tu, ficarei muito zangado.»

Estremeço ao ouvir este nome maldito. *Ele* é, de facto, referido no testamento... Então, por que motivo não está presente? Obviamente, não me queixo. Faço de tudo para evitar esse homem, aonde quer que vá. Nunca me trouxe nada de bom.

— «Skye: lamento ter-te traído. Tinhas razão. Há muito tempo que deveria ter-te deixado.»

Arregalo os olhos, sem me atrever a mexer-me. Olho para a Skye, que cerra os dentes de humilhação. Apercebo-me de que não parece surpreendida, um sinal de que já sabia do sucedido.

— «Gideon: lamento que nunca tenhas suportado que gostassem

mais de mim do que de ti. Agora, estás livre de mim.»

Oh, meu Deus. Vai de mal a pior. O Rory tem mesmo jeito para isto: pedir desculpa sem o fazer genuinamente. Humilhar as pessoas, salientando os seus maiores pontos fracos.

— «Alastair, meu querido irmão: sinto-me culpado por te roubar a única rapariga que amavas, com o pretexto de estar entediado. Se te servir de consolo, até te poupei.»

Sejamos claros: eu odiaVa o Rory. Mas tenho de me controlar para não sorrir, aqui e agora, e é difícil. O Alastair não reage, a olhar para o Vazio, de tal maneira que me pergunto se estará a ouvir alguma coisa. Quanto à Skye, murmura entredentes e julgo ouvir: «Até ao fim...»

— «Pai: vê o lado positivo das coisas, tens outro filho. Mãe: obrigado por... absolutamente nada, na Verdade.»

Sei que sou a próxima da lista e a angústia põe-me a barriga às voltas. Será que ele me fez vir até aqui para escarnecer uma última vez? O estupor seria bem capaz disso. Não tem qualquer pensamento positivo em relação às pessoas que gostam dele e de quem deveria gostar também. Sendo assim, porque me pouparia?

— «E, por fim, Camelia: sei que sempre quiseste pertencer ao nosso grupo. Agora, conseguiste. Bem-Vinda ao jogo, Sherlock.»

Franzo o sobrolho, sem perceber. O Gideon e a Skye olham para mim, divididos entre a curiosidade e a fúria. Vim apenas para isto? Por algumas linhas e uma mentira descarada?

Nunca quis pertencer ao seu grupo de *bullies*. De todo. Cinco meninos ricos e mimados, demasiado inteligentes e cruéis para o bem da humanidade? Não, obrigada.

O homem começa, então, a fazer a divisão dos bens. Não o ouço, pois mil e uma perguntas invadem-me a mente. Até que o meu nome soa muito alto na divisão:

— «À Camelia O'Brien deixo toda a minha biblioteca. A partir de agora, todos os meus livros, do primeiro ao último, lhe pertencem, porque sei o quanto ela gosta de ler. Aliás, é uma das duas coisas que temos em comum.»

É uma armadilha. De certeza. Uma brincadeira de mau gosto, uma cena para os *Apanhados*, e eles estão todos de conluio! Mas o riso sarcástico da Skye faz-me perceber que é tudo muito real.

«Uma das duas coisas que temos em comum?» Gostava de saber qual é a outra.

— Tenho também na minha posse cartas destinadas a cinco de Vós: Lou McAllister, Skye Hutcherson, Alastair Cavendish, Gideon Cormack e Camelia O'Brien.

Distribui as cartas por nós e eu sou a primeira a ir-me embora, ou melhor, a fugir. Não me apetece nada ter de apresentar as minhas condolências e, de qualquer modo, não creio que queiram ouvi-las.

Saio e passo um longo minuto a fitar o dito envelope, antes de o abrir. O meu nome está escrito a tinta preta, reconheço a letra do Rory. Incrédula, leio as últimas palavras que ele se deu ao trabalho de me deixar.

Perante um homicídio, nunca é maldade explicar quem era a vítima. É indispensável. A personalidade da vítima é a causa direta de muitos homicídios...

E, como tu sabes, eu era o pior dos parvalhões.

Deixo escapar um sorriso involuntário. Pelo menos, tinha consciência disso. No entanto, o início da sua mensagem diz-me qualquer coisa, como se já o tivesse ouvido algures. É tudo o que queria dizer-me?

Que perda de tempo.

— Então?

Sobressaltada, viro-me de repente, escondendo contra o peito o conteúdo da carta. A Skye fita-me com um olhar hostil, os braços cruzados sobre a sua camisola creme de gola alta.

Não supus que fosse possível, mas tornou-se ainda mais bonita do que na adolescência. A sua pele negra resplandece, sem qualquer imperfeição e sem maquilhagem, e o seu visual de primeira-dama dá-lhe um ar sofisticado. Não vimos do mesmo mundo, de facto.

— Ele pede desculpa por te ter atormentado, mas dizendo o quanto o merecias? — insiste ela, com um tom trocista. — É a especialidade dele.

— Eu sei. Pergunto-me qual será a sensação de provar do próprio veneno — replico, com um tom mordaz.

A minha provocação fá-la semicerrar perigosamente os olhos. A Skye sempre deu graça ao Rory. Foi a primeira a publicar o meu

número de telemóvel em *sites* de encontros para adultos, a primeira a pegar numa tesoura para me cortar o cabelo no meio de uma aula e também a esvaZiar o conteúdo do seu prato na minha mochila.

Nunca me atreVi a retaliar. TalVeZ por isso ela tenha pensado que eu era fraca e manipulável. *Acabou-se.*

— A sério que me fartei de pensar — continua ela, abanando a cabeça. — Mas continuo sem perceber por que o motivo ele queria que estivesse aqui. Porquê tu?

Bem-vinda ao clube.

— TalVeZ sentisse a minha falta.

— Agora que isto terminou, não te aproximes de nós — cospe a Skye, enxugando mais uma lágrima rebelde.

Quero replicar que é tudo o que sempre quis, mas contenho-me. Ela Vira-se, para se ir embora sem dizer mais nada, e eu deVeria deixá-la ir. Mas a curiosidade é o meu pior defeito e, antes de conseguir mudar de ideias, a minha língua solta-se:

— Que lhe aconteceu?

A Skye detém-se, mas não se Vira logo. Arrependo-me de ter feito a pergunta. Até hoje, esforcei-me ao máximo para não fazer uma busca pelo nome do Rory na Internet, mas apenas por não querer dar-lhe importância.

Cheguei a ouvir colegas a falarem sobre o assunto no emprego, mas, sempre que possível, fugi das fofocas. Porque a Verdade é que, ainda ontem, não pensava Vir até aqui.

Julgava-me capaz de deitar estas pessoas para trás das costas.

Pelos Vistos, menti a mim própria. A advogada estagiária e a apaixonada por investigações policiais que sou quer saber.

Por fim, a Skye encara-me, com um olhar inexpressivo.

— Não sabes?

Abano a cabeça, em silêncio, com o coração acelerado.

A Skye fita-me demoradamente e, a seguir, diz com tristeza:

— O Lou assassinou-o.

LOU

Setembro de 2022

Não sei ao certo quando é que a minha Vida começou a descambar.

Quando a minha mãe engravidou de propósito para arrastar o meu pai para um casamento indesejado?

Quando me apaixonei pelo Rory, o rapaz com um sorriso provocador e um egocentrismo surpreendente?

Ou talvez quando ele começou a retribuir-me a atenção pura e sincera que eu lhe dava?

— Assim, já te armas menos em esperto, não é Verdade, McAllister?

Não consigo evitar um esgar e, a seguir, cuspo o sangue que me inunda a boca. *Que estupor.* Terá chegado a hora de expiar os meus pecados? Pergunto-me se será assim que Vou morrer: no balneário imundo de uma cadeia escocesa.

Dois matulões puxam-me os braços para trás, enquanto um terceiro está agachado diante de mim, com uma navalha na mão. Confesso que é um bocadinho intimidante. No sítio de onde Venho, não abatemos os inimigos com lâminas, mas com palavras.

Até resultou bem na minha infância, tendo em conta o homem em que me tornei.

Mas admito que ninguém se arma em esperto ajoelhado diante de uma navalha afiada. Não sei como é que ele conseguiu fazê-la entrar aqui e, ainda menos, escondê-la dos guardas. No entanto, não deveria estar surpreendido, depois de tudo o que Vi passar por entre as grades desde a minha chegada: droga, medicamentos, dinheiro, telemóveis...

O recluso que se encontra diante de mim, que já deve ter uns quarenta outonos, faz deslizar sobre a minha face a superfície fria da sua navalha.

Que dramático! Detesto que prolonguem o suspense.

— Julgaste que tinha medo de ti, por seres um assassino, miúdo? Sabes que mais? Aqui, todos o somos.

De repente, lembro-me do rosto do Rory e os meus maxilares contraem-se. *Porra.*

Há uma semana que estou na cadeia. No início, corria tudo bem. Não abria a boca e ninguém se atrevia a aproximar-se de mim. Até que um deles tentou intimidar-me à saída do balneário.

Usei a insolência, como aparentemente tão bem sei usar... *Com estilo.* Obviamente, não é o tipo de coisa que seja apreciado aqui. Não precisei sequer de lutar, pois os guardas acalmaram logo os ânimos. Nessa mesma noite, o homem em questão engoliu a língua enquanto dormia.

Juro que não fiz nada. Infelizmente (ou felizmente), o resto da cadeia julgou o contrário: que eu me vingara à socapa. Não desmenti o boato, percebendo que jogava a meu favor.

Desde esse dia, o olhar dos outros mudou. Compreendi que precisava de que me temessem para que me respeitassem e também para conseguir sobreviver no interior destes muros. Por isso, aproveitei.

Demasiado, pelos vistos.

Se me visse, o Rory morreria a rir. Aliás, deve estar a ver-me.

Por vezes, ainda me esqueço de que ele morreu.

— Para a próxima, ficas sem o dedo mindinho do pé.

— Não faz mal. Tenho mais — digo, com um sorriso ensanguentado.

O SteWart dá-me um pontapé no peito, que me atira ao chão. Tossico, o que me vale comentários de desprezo dos seus cúmplices.

Depois de se irem embora, a minha tosse transforma-se num ataque de riso incontrollável.

É só garganta.

Sinto-me quase dececionado. Posso ser um menino rico, mas esperava melhor da parte de «criminosos». Durante muito tempo, os filmes levaram-me a pensar que a cadeia estava cheia de durões, de homens sem fé nem lei, capazes de nos sangrarem somente por causa de um olhar de soslaio. Até agora, não há facadas à vista.

Por enquanto.

Afinal de contas, a minha estada aqui ainda agora começou e tenho o tipo de rosto que provoca instintos homicidas — é o que o meu pai costuma dizer. Ainda há esperança.

— *Óinseach!*. Estás a tentar que te matem? — pergunta-me o Kenny, o meu companheiro de cela, quando regresso meia hora depois.

Sentado na sua cama, o colchão de cima, observa-me por cima dos óculos de armação fina e dá um estalido com a língua. Sorrio com arrogância, apesar das nódoas negras que tenho na Zona das costelas e do sangue que começa a coagular no canto dos meus lábios.

— Talvez. Isso incomoda-te?

O Kenny revira os olhos, com uma expressão de indiferença.

— O papel de prisioneiro suicida não te assenta bem, miúdo. Quando matamos alguém, o mínimo que podemos fazer é assumi-lo.

É como se me dessem um murro no coração. *Isso não é fixe, Kenny.* Infelizmente, ele tem razão. Lamentarmo-nos depois de cometermos tal atrocidade é cobardia. Mas essa parece ser a minha especialidade, por isso...

Não respondo e deixo-me cair numa das duas cadeiras de plástico que decoram o espaço exíguo. Os meus olhos observam as fotografias que o Kenny colou na parede, da sua filha de 14 anos e da sua mulher. Ainda não me disse por que motivo está aqui nem por quanto tempo.

Na verdade, o Kenny não é muito falador. E também não se mete em sarilhos. Faz palavras cruzadas, pratica desporto, lê e come sozinho no seu canto.

— Porra! Apetecia-me um cigarro — suspiro, passando uma mão pelo meu cabelo castanho. — Acho que é disso que mais sinto falta.

Passaram seis dias desde que fui detido.

Sete desde o aniversário do Rory — o último.

Ainda estou a fazer o meu luto, mas o meu coração permanece em negação, pois não posso dar-me ao luxo de me ir abaixo, ainda não, não aqui.

Sete dias depois da noite em que um agente da polícia me mandou parar na estrada e encontrou na bagageira do meu carro o cadáver ainda quente do Rory.

Diga-se em minha defesa que fiquei tão chocado quanto ele.

Fecho os olhos e estremeço, pois a imagem não me sai da mente nem por um segundo. Não tenho sossego desde que me mandaram deitar no chão e me algemaram os pulsos atrás das costas.

Todas as noites, os olhos abertos e sem vida do homem que amei em tempos arrancam-me do sono.

Não sei se para me castigar ou para me proVocar.

Nunca esquecerei o seu rosto, a última VeZ que o Vi. Dadas as circunstâncias, é idiota, mas fiquei surpreendido por não o Ver sorrir. O Rory estaVa sempre a sorrir. Fosse de alegria, de despreZo, de crueldade, de fúria...

Tal como acontecia comigo, os seus sorrisos traíam o que os seus olhos se esforçavam por esconder. Nessa noite, inerte na bagageira do meu carro, já não sorria. E, de algum modo, foi o que me pareceu mais triste.

Então, chorei, em silêncio, com a face encostada à terra húmida da propriedade dos CaVendishes.

Pois compreendi que jamais Voltaria a Ver o sorriso do Rory... e que não soubera desfrutar do último.



Estou a Voltar do meu passeio matinal quando um guarda me detém
diante da minha cela. Nunca é bom sinal, mas também não sei o que é
o pior que pode acontecer.

— Tens uma Visita, McAllister.

Fico imóvel, disfarçando a minha surpresa. Até o Kenny se põe à
escuta, do beliche que dividimos.

— Quem é?

TalVeZ a minha mãe. Desde que aqui estou, ainda não me telefonou. DeVe estar morta de Vergonha... ou aliviada por já não ter de fingir que gosta de mim — ainda que o tenha feito muito bem até agora. Até a Vendedora da tabacaria onde compro cigarros é mais amável comigo.

— O teu adVogado.

Contenho um grunhido de eXaspero. Sei que é suposto ele ajudar-me a sair daqui, mas é burro que nem uma porta.

Pergunto-me se o meu pai o escolheu propositadamente por saber que me daria cabo dos nervos. Ou pior: para garantir que perco o processo. É uma possibilidade, quando mais não seja para se liVrar finalmente de mim.

— Sou obrigado a ir? Daqui a deZ minutos, tenho ténis.

— Que piada — escarnece ele, fazendo-me sinal para aVançar.

Durante alguns segundos, debato-me comigo próprio, antes de suspirar e ir atrás dele. De qualquer modo, que tenho a perder, a não ser um quarto de hora da animação da minha Vida na cadeia?

Desço a escada deVagar e percorro os corredores, com as mãos enfiadas nos bolsos da minha farda. Alguns detidos miram-me com curiosidade, mas ignoro-os. Não tenho medo de nenhum deles, embora saiba que deVeria ter. Pois são muito mais perigosos do que eu alguma VeZ serei.

De certo modo, é um pensamento tranquilizador.

Porque talvez seja um deles quem irá pôr fim a este suplício.

— Já leVaste uma coça? — pergunta-me o guarda, apontando para o meu rosto.

— Que hei de faZer? Gosto que me deem atençãO.

Pisco-lhe o olho, sem sorrir, mas ele reage com uma eXpressão fria e distante. Sou escoltado e reVistado antes de entrar no parlatório. O meu adVogado, o Dr. Morrison, já está sentado na sua cadeira.

— Que lhe aconteceu? — apressa-se a perguntar-me, ao Ver os meus ferimentos.

Sento-me diante dele, com um ar descontraído.

— Confessá-lo fere o meu ego, pois Deus sabe que não estou habituado a isso... mas julgo que, aqui, não sou muito apreciado.

Perante a minha arrogância, ele arqueia uma sobranceira, mas não

insiste. Em vez disso, abre uma pasta de cartão entre nós e retira de lá um envelope branco. Fico tenso ao reconhecer a letra cuidada e redonda do Rory.

O meu nome está escrito pela sua mão.

Quero perguntar-lhe o que é aquilo, mas as palavras ficam presas na minha traqueia. O Morrison fá-lo deslizar até mim, em silêncio. Não me atrevo a pegar-lhe. Não quero que veja os meus dedos a tremerem.

— Antes de morrer, o Sr. Rory Cavendish deixou várias cartas dirigidas às pessoas mais próximas. Esta é a sua.

Fixo o objeto de papel, sem pestanejar, como se se tratasse de uma bomba ao retardador. Sinto-me simultaneamente empolgado para saber quais são as últimas palavras que me dirige e aterrorizado com a perspectiva de ficar desiludido.

Conhecendo-o como conhecia, deve ser uma parvoíce.

— É só isto?

Durante alguns segundos, o Morrison fica à espera da minha reação, até que olho finalmente para ele. Ainda que esteja do meu lado, nunca deixo transparecer nada na presença do meu advogado.

É incompetente. Detesto pessoas incapazes de fazerem o seu trabalho. Perco imediatamente todo o respeito por elas.

E também não confio em homens adultos que usam gravatas extravagantes: flamingos cor-de-rosa? A sério?

— A leitura do testamento realizou-se ontem. Tenho-o comigo, pois o seu nome consta nele.

Imagino a cena no notário, com os pais dele, o irmão, o Gideon e a Skye... Até agora, nenhum deles me visitou ou telefonou. Sei o que pensam.

O Alastair deve querer matar-me com as próprias mãos. O Gideon preferiria morrer a ver o seu nome relacionado com o meu, tendo em conta a minha reputação atual. E, provavelmente, a Skye acredita que estou inocente... mas o seu orgulho ferido, associado aos seus ciúmes doentios, impedem-na de me ajudar.

Não censuro nenhum dos três. Nem tão-pouco o Rory por me meter nesta situação. É o meu carma.

— É um homem de sorte — prossegue o meu advogado. — O testamento dele poderá ser vantajoso para a sua defesa.

Pergunto-lhe por que motivo, embora me esteja nas tintas.

— Ele deixou-lhe muitas coisas: o carro, o barco... e toda a sua fortuna pessoal.

Praguejo com um riso incomodado. *Rory, seu imbecil.* Ele queria que toda a gente me detestasse? Como é que isto pode ajudar-me ao certo? Irão convencer-se ainda mais de que o matei, nem que fosse para receber a herança.

— Não quero.

— Como?

— Recuso a herança. Tenho esse direito, não tenho?

O Morrison pestaneja, estupefacto. Não estava à espera de uma recusa, e compreendo-o. Mas não sonho com nada de tudo aquilo.

— Sim, claro, mas...

— Leia-me o testamento — digo, inclinando-me sobre a mesa. — Para acabarmos com isto.

Hei de ler a carta mais tarde, na minha cela, longe de olhares. Não quero que ninguém me veja ir abaixo quando imprimir pela última vez na minha mente as palavras do Rory e, ainda menos, quando voltar a lê-las uma e outra vez antes de esconder o papel debaixo da minha almofada.

— «Se estão a ler isto, é porque um de Vós conseguiu matar-me. Parabéns!» — começa o Morrison, depois de aclarar a voz, constrangido.

Apanhado desprevenido, fico tenso. Abro a boca, como que para me defender da acusação, mas sou interrompido:

— «Parto satisfeito por saber que fui tão amado quanto invejado, como todos os grandes homens. Lou: se foste tu, ficarei muito Zangado.»

Preciso de toda a força do mundo para não me desfazer em lágrimas diante do Morrison. Pouso um cotovelo sobre a mesa e escondo o rosto na minha mão trémula, de olhos fechados.

Porra. Se a cadeia não me matar, estas poucas palavras fá-lo-ão. É como se ele soubesse, como se tivesse três jogadas de avanço. Estou tão abalado que mal ouço o resto.

— «E, por fim, Camélia: sei que sempre quiseste pertencer ao nosso grupo. Agora, conseguiu. Bem-vinda ao jogo, Sherlock.»

Contudo, esta frase tem o condão de me despertar de repente. Os meus olhos abrem-se instantaneamente e bato com uma mão na mesa, sobressaltando o Morrison.

— Importa-se de repetir?

O meu advogado obedece, curioso, e é sempre o mesmo nome que lhe sai da boca.

Camelia, Camelia, Camelia, como uma ladainha.

Não sonhei, o Rory referiu-a realmente no seu testamento. A Camelia O'Brien... Uma recordação que se tornou Vaga, Vestígios de uma adolescência perVersa. À semelhança de todas as assombrações, poVoou muitas VeZes os meus sonhos tingidos de remorsos.

Fiz o possível por a eVitar nos corredores da faculdade, mas os meus olhos pareciam ímanes destinados a seguir todos os seus gestos. E ela tem sempre o nariZ metido num liVro, o olhar esquiVo e o passo apressado.

O meu primeiro pensamento é: *Como está ela?*

O segundo é: *Como é que o Rory se atreveu?*

— Camelia O'Brien?

O Morrison remeXe nos seus documentos, lê algumas linhas e anui.

— EXato. Vinte e três anos, estudante de Direito Penal e de Ciências Forenses. Trabalha em *part-time* num escritório de adVogados, em Edimburgo. Estou a Ver que a mentora dela tentou encarregar-se da sua defesa, mas...

Quando me fita, cala-se. Não importa o que Viu no meu olhar, mas é o suficiente para o silenciar.

Não sei qual foi a intenção do Rory, nem porque teVe o desplante de referir no seu testamento uma das suas Vítimas, mas estou-me nas tintas.

É como se Deus me estendesse uma Vara para me tirar daqui — ou, pelo contrário, para me afundar ainda mais.

— Ela pediu para ser minha adVogada? — repito, deVagar, para me certificar de que percebi bem.

O meu coração incha como um balão, mas calo a esperança absurda que o enche subitamente.

— Aparentemente, sim. Mas ela não tem qualquer eXperiência e...

— Está despedido.

Ele abre a boca, mas tranquilizo-o suavemente:

— Lamento. Não tem que Ver consigo. Tem que Ver comigo.

O Morrison não reage a isto. Sabe perfeitamente, como todas as pessoas que são postas de lado, que se trata apenas de uma desculpa para não o magoar.

— Tem a certeza do que está a fazer?

É uma decisão idiota, imprudente, desesperada, talvez a ideia mais estúpida que tive na vida. Mas sei também que era, provavelmente, o desejo do Rory.

Porque ele nunca fazia as coisas sem um intuito.

Tinha sempre algo em mente: um plano, uma ideia, uma Vingança. Ainda não sei se envolveu a Camelia para me castigar ou para me perdoar, mas tenciono aproveitar a oportunidade.

Ela será a minha salvação...

...ou o meu carrasco.

— Sim. Quero a Camelia O'Brien, ou mais ninguém.

¹ «Cretino», em gaélico escocês.

CAMELIA

Setembro de 2022

Há cinco dias que não durmo. A curiosidade consome-me aos poucos.

O Lou assassinou-o.

Confesso que esta notícia me arrancou um sorriso de pasmo. Nunca gostei do Lou McAllister. Pertencia àquela elite detestável, àquele grupo de miúdos ricos e desprezíveis, que eu espreitava por cima do meu livro com tanto nojo como fascínio perturbador.

Ele era um dos mais calmos, pelo que poderia ter sido poupado aos meus preconceitos, mas a atenção que o Rory lhe dedicava tornava-o perigoso. Pois eu não confiava em nenhuma pessoa de que aquele homem gostasse.

Mentirosa, sussurra-me a minha voz interior. De facto, é possível que, por um segundo... na esquina de um corredor... tenha pensado que estávamos na mesma onda. Enganei-me.

No dia seguinte, o Rory tornou-me sua vítima, mais do que sua rival.

O irmão e os amigos nada fizeram para o impedir, muito pelo contrário. Aquilo divertia-os; como bobos sufocados pela hipocrisia na corte do rei.

O Lou nunca participava, pelo que era impossível acusá-lo. Mas os outros nunca se esqueciam de me recordar que ele era o instigador.

Foi ele quem começou tudo. O Lou empurra-me nos corredores, certificava-se de que eu não participava em nenhuma festa e espalhava rumores, uma e outra vez, a meu respeito. Por sua culpa nunca consegui travar amizades na escola, nunca um rapaz se aproximou de mim... escondia-me na biblioteca, à hora do almoço, para comer sozinha.

Assim, deduzi que, apesar da sua beleza magnética e dos seus meios-sorrisos, o Lou McAllister era um cobarde e um tirano. Obviamente, ri-me ao saber o que lhe acontecera.

Com que então foste parar ao fundo do buraco? Perfeito. Agora, já sabes qual é a sensação.

De certo modo, é uma ideia consoladora. Como se a Vida ajustasse contas com ele e com o Rory.

Pergunto-me o que o terá feito perder a cabeça.

Centenas de perguntas rodopiam na minha mente, enquanto passo os dias seguintes a pesquisar sobre ele. Leio todos os artigos a seu respeito — «Jovem prodígio da música cai em desgraça após um ato macabro» — e Vejo todos os Vídeos realizados após a sua detenção.

Como estará a passar por tudo isto, se nunca enfrentou dificuldades? Será que permanece imperturbável, até nesta situação?

Estará a sofrer?

Espero que sim.

Como reagirá ao facto de todos lhe Virarem as costas? As pessoas que me atormentavam na escola adoravam-no, é Verdade, mas é tão fácil acabar com um soldado que já está estendido no chão. Sou capaz de apostar que falam sobre ele à imprensa, às pessoas que os rodeiam...

São patéticos.

— Quero que o representemos — disse à Charlotte, a minha mentora. — Eu ajudo-te!

Permito-me fazer-lhe este pedido, pois a Charlotte é a minha superiora hierárquica e eu sou apenas uma estagiária sem experiência.

Quero que ele fique à minha mercê.

Seria tão agradável Ver, por uma vez, o Lou McAllister desprovido da sua arrogância.

— Ele já tem advogado, Camelia.

— Não importa. Preciso apenas de uma conversa a sós com ele, para o vencer — insisti, com determinação.

Tem de ser. *Preciso de ver isto com os meus próprios olhos.*

— Está bem — suspirou ela. — Vou fazer o pedido.

Isto foi há dois dias, no seu gabinete. Apertei contra o peito os dossiês que segurava, Vestida com o meu novo fato saia-casaco acobreado, e sorri.

— Acredita que ele Vai aceitar.

No dia seguinte, o advogado do Lou entregava-nos o processo.

— Para uma novata, és uma sortuda — disse-me a Charlotte. — Os

média não param de falar sobre este caso. Será um bom trampolim para a tua carreira.

Ela tinha razão, mas eu estava-me nas tintas.

Só quero voltar a vê-lo. Certificar-me de que ele paga pelo que fez. Quero Ver o seu rosto desprovido de qualquer divertimento, sem aquele maldito sorriso que odeio do fundo do coração.

Na Véspera do nosso reencontro, estou de cuecas e *T-shirt*, no meu sofá, imersa na escuridão, a Ver pela terceira vez o *Hannibal*. Sei que é estranho, mas descontrai-me — deve ser o efeito Mads Mikkelsen.

Ao mesmo tempo, Vou à pesca das informações disponíveis sobre o homicídio do Rory. Fico a saber que tudo aconteceu na noite do seu Vigésimo terceiro aniversário, a 19 de agosto, na propriedade dos CaVendishes.

Tudo incrimina o Lou.

O corpo do Rory foi encontrado na bagageira do seu carro, estando ele ao Volante e com a arma do crime mal escondida: o seu Violino ainda ensanguentado, usado para desfigurar o rosto do Rory.

Obviamente, o Lou foi detido imediatamente.

A situação não se apresenta famosa para ele... Os jornais referem «declarações Vagas» da sua parte, com o pretexto de que não se lembra do que aconteceu. Típico. Recusa-se a falar, o que poderá bastar para o condenar se mantiver esta postura.

Nessa noite, adormeço com um sorriso nos lábios.



Não é a primeira VeZ que Visito a cadeia de Edimburgo. No âmbito dos meus estudos, e desde que trabalho no escritório de advogados, tive oportunidade de ajudar a Charlotte em Vários processos.

Mas é a primeira VeZ que me sinto tão nervosa. Porque, hoje, isto é pessoal. No carro, a Charlotte disse-me que queria que eu conduzisse o início da conversa. Segundo ela, o nosso passado comum é uma enorme

Vantagem — embora ela não conheça os pormenores.

Vesti a minha roupa preferida, para ganhar confiança: uma camisa branca, um *blazer vintage* cintado e umas calças pretas de cintura subida.

Estou pronta para a guerra.

— Não me interessa como Vais dar conta do recado, mas tens de o fazer falar — ordena-me a Charlotte, quando passamos pela porta principal.

Estou tão empolgada que mal a ouço. Somos monitorizadas por agentes e temos de deixar os nossos objetos pessoais num cacifo. A Charlotte parece serena; não faz a mínima ideia do que esta visita representa para mim. Uma oportunidade, para não dizer uma desforra.

Como irá ele reagir, quando me vir?

— Estás pronta? — pergunta a Charlotte enquanto percorremos o corredor que leva ao parlatório.

Assinto determinadamente com a cabeça, mas, de repente, estamos do outro lado da parede que o separa de mim e o meu coração dispara. Diante da porta, há um agente de plantão para poder ouvir a nossa conversa, embora esteja autorizado a deixar-nos a sós com o detido.

— Ele está lá dentro, à Vossa espera — informa-nos o guarda.

Camelia, é o teu momento de glória. Tu és capaz!

A Charlotte abre-me a porta e entro primeiro, com um passo firme. Nesse momento, rodeio-me de uma fortaleza de vidro. Prometo a mim própria que nada me afetarà. É por isso que não me permito olhar para ele, com receio de vacilar.

Vejo apenas um ponto vermelho sentado à mesa, enquanto a Charlotte o cumprimenta educadamente. Decido sentar-me diante dele, sem lhe apertar a mão. Ainda não me atrevi a fitá-lo nos olhos quando cruço as pernas e abro a minha mala.

— Sou a advogada incumbida da sua defesa. A Dra. O'Brien, a minha estagiária aqui presente, irá conduzir a conversa de hoje — anuncia a Charlotte.

O Lou não reage. O seu silêncio é esmagador, quase tanto como a sua aura. É irrespirável. Ele ocupa demasiado espaço. Sinto o seu olhar fixo em mim, intenso e insistente, o mesmo que há anos me perseguiu sem tréguas pelos corredores da faculdade.

Retiro as coisas da minha mala e pousei uma pasta de cartão diante

de mim, com a caneta na mão.

— Muito bem. Vamos começar.

Preparo-me para fazer a minha primeira pergunta, quando, de repente, a sua voz enche a divisão, calma e profunda:

— Não tenho direito sequer a um olhar?

Ab. Esboço um sorriso. Está fora de questão deixá-lo julgar que tem o mínimo de poder sobre mim depois de tanto tempo. Por isso, cerro os dentes e levanto a cabeça, com uma expressão fria e impassível.

Os meus olhos detêm-se nele e *caramba, foi um erro terrível...*

O Lou McAllister está sentado na sua cadeira, com o olhar mergulhado no meu, e ainda mais bonito do que era do outro lado do pátio da Universidade de Edimburgo. Uma pele clara e suave, cabelo negro e encaracolado a cair-lhe sobre os olhos e uns lábios que apelam aos piores pecados. Este homem é perigoso.

Retiraram-lhe as duas argolas que enfeitavam o lóbulo da sua orelha esquerda e a sua narina, mas a chama nos seus olhos escuros continua a brilhar. Embora repare em alguns hematomas que se formam na sua têmpora, não faço qualquer comentário a esse respeito.

Espero que sejam dolorosos.

— Satisfeito? — digo, com um tom que costumo usar para falar com crianças. — Agora, podemos...

— Tens medo de mim?

Pestanejo. Detesto-o tanto. Tem o desprazer de me fazer esta pergunta, principalmente na presença da Charlotte! Ela permanece em silêncio e adivinho que confia totalmente em mim para gerir sozinha a situação.

Cruzo as mãos à minha frente, sem nunca recuar diante do olhar intrigado do Lou. Falar com ele assemelha-se a uma partida de Xadrez: é sempre e simultaneamente complexo, tenso e empolgante.

Já não sou a mesma de há cinco anos, Lou.

— Não. Era isso que querias? — contra-ataco, com falsa curiosidade.

— Gostas que as pessoas tenham medo de ti? Principalmente, as mulheres.

Os seus lábios carnudos esboçam um primeiro sorriso de predador. Isto irrita-me e deixa-me frustrada. Com que direito sorri, ainda e sempre, até na cadeia?! Não é normal. Deveria estar no fundo do

buraco!

O Lou abana ligeiramente a cabeça, diVertido, antes de soltar um suspiro.

— Tens razão. Vamos começar.

Camelia — 1; *Lou* — 0.

Abro a minha pasta de cartão e faço girar a caneta entre os dedos, pronta a tomar notas.

— Mataste o Rory CaVendish?

A pergunta apanha-o despreVenido, embora ele o disfarce rapidamente. Não sou perita em microeXpressões, mas foi bastante flagrante: surpresa, mágoa, fúria. Por esta ordem.

— Não perdes tempo com salamaleques.

— Tendo em conta a tua situação, não me parece que possas dar-te ao luxo de perder um segundo que seja.

— É Verdade.

— Então? Mataste-o ou não?

Não tenciono poupá-lo e ele adiVinha-o. Leio nos seus olhos que está surpreendido com o meu comportamento. Não estaVa à espera disto. Fico satisfeita. Ele tem de perceber que, desta VeZ, sou eu quem está na mó de cima.

É estimulante.

O Lou faZ uma pausa dramática, parecendo hesitar, e a seguir:

— Não.

Mentiroso. Permaneço em silêncio durante um momento, antes de assentir com a cabeça e passar para uma outra questão.

— Muito bem. Continuemos.

— Só isso? — interrompe-me o Lou, franZindo subtilmente o sobrolho. — Respondo que não e acreditas em mim, só porque sim?

Abstenho-me de lhe dizer que nunca afirmei que acreditava nele. Não estou aqui para duVidar da sua palaVra; estou aqui para encontrar a melhor maneira de o tirar aqui — inocente ou não. É o meu trabalho.

— Desculpa, mas querias que questionasse a tua sinceridade? — replico, sarcástica.

— Não. Mas parece-me demasiado fácil... Não posso deixar de ficar desiludido — diz ele, esboçando um ligeiro beicinho.

Contenho um sorriso perante o despropósito do seu discurso.

— Estás na cadeia e achas que é «demasiado fácil»?

— Pensei que irias fazer-me mais perguntas. Só isso.

Finalmente, compreendo. Já me tinha esquecido, mas, tal como o Rory, o Lou gosta de jogar. Toda a vida deles foi sempre fácil, pelo que percebo que apreciassem o desafio, a contestação, a dificuldade. É por este motivo que os detesto tanto. Não Vimos do mesmo mundo.

— Para ser sincera, estou-me um bocado nas tintas — afirmo, encolhendo os ombros.

Debaixo da mesa, sinto a mão da Charlotte, ordenando-me que tenha cuidado. Sinto Vergonha pelo facto de ela estar a assistir a isto. Deve julgar que estou a estragar tudo, mas peço-lhe silenciosamente que confie em mim.

Conheço o Lou McAllister, pelo menos superficialmente. E, se ele não tiver mudado ao longo dos últimos cinco anos, reage à provocação. De qualquer modo, já está à nossa mercê. Precisa mais de nós do que nós precisamos dele, e é isso que joga a nosso favor.

— Ah... Então, és esse tipo de advogada — diz ele, divertido. — Já percebi. Avaliei-te mal, desculpa.

— Que tipo de advogada, ao certo?

— Aquela que defende os assassinos.

Sorri, mas deteto facilmente o julgamento no seu olhar. Está desiludido. Sei que isso não deveria afetar-me, mas sinto uma pontada no coração, que não consigo evitar.

O Lou conheceu-me jovem, inocente e cheia de esperança. A Camelia que lia *Hercule Poirot* entre duas aulas e que sonhava pôr atrás das grades os assassinos em série. Entretanto, cresci.

Mais cedo do que o previsto, graças a ele e aos seus amigos.

— Um advogado não defende inocentes, defende pessoas.

— Então, não é problemático para ti? Defender alguém que matou um homem? Diz-me, Camelia... — insiste o Lou, inclinando-se para mim sobre a mesa. — Dormes descansada à noite, sabendo que libertas esse tipo de psicopatas?

Quero defender-te para eu própria te esmagar, idiota.

— Se não existissem «esse tipo de advogados», como lhes chamas, não existiriam processos. Os acusados não teriam qualquer hipótese perante a Justiça.

— Mas o que é que eles merecem?

Desta vez, sou eu quem sorri. Inclino-me também, com os olhos pregados aos seus. Deveria ter medo de me aproximar, mas estou convicta de que ele nunca tentará fazer nada. Há muito tempo que percebi que o Lou McAllister tinha mais de cobarde do que de perseguidor.

— Diz-me tu — murmuro, arqueando uma sobrancelha. — É essa Justiça que permite que tenhas hoje um advogado, geniozinho.

A minha frase fica suspensa entre nós. Prossigo:

— Comportas-te como um pequeno rei, mas parece que não percebes o que está a acontecer. Estás sozinho. Toda a gente te abandonou.

— Não é Verdade... Tu estás aqui.

Engulo em seco, dececionada com o facto de nada conseguir perturbar a sua máscara de arrogância. *Quando é que a sua máscara se quebra, porra?*

— Vais arrepender-te rapidamente de que assim seja.

Desafiamo-nos com o olhar, demorada e silenciosamente, e é tão eletrizante que sinto os meus braços a arrepiarem-se. Ele já não sorri. Os seus olhos trespassam os meus, com curiosidade e fúria, durante tempo suficiente para perceber que o atingi.

Por fim, o Lou Volta a recostar-se na cadeira. Faço o mesmo, de costas direitas e com o pescoço a arder.

— Podemos continuar? — pergunta a Charlotte, olhando ora para ele, ora para mim.

Sem querer, coro. Durante um segundo, esqueci-me de que não estávamos sozinhos. O Lou não diz nada, o que interpreto como uma confirmação. Sinto que Venci um segundo assalto. É empolgante. Como uma desforra, embora tardia, em relação aos algozes do meu passado.

Peço-lhe, então, que me relate a sua Versão dos factos ocorridos nessa noite. O advogado anterior não deixou nada escrito, certamente porque o Lou nada disse. Como tal, fico surpreendida quando ele começa a falar, com o olhar pregado num ponto imaginário no teto:

— Era o aniversário dele. Organizámo-lhe uma festa-surpresa, embora me pareça que ele suspeitava.

— Quem organizou a festa?

— O Alastair, o Gideon, a Skye e eu.

Aponto os nomes, enquanto, ao meu lado, a Charlotte escreve no seu computador.

— Nessa noite, estávamos todos um pouco enervados, mas controlámo-nos para que ele ficasse contente. Quando chegou, o Rory vinha a discutir com o Gideon por causa do trabalho. Ou melhor, o Gideon estava a gritar com ele. O Rory não era do género de descompor ninguém, era muito superior a isso. E era precisamente isso que fazia com que os seus interlocutores perdessem a cabeça: ele preferia sorrir e responder com indiferença, como se o assunto pouco lhe interessasse.

Percebo perfeitamente o que ele está a dizer. O Rory gostava de humilhar as pessoas, minimizando-lhes as emoções, sempre com sarcasmo. Gritos e lutas eram demasiado grosseiros para ele.

— Porque estavam a discutir? — pergunto, tomando nota para, mais tarde, fazer a mesma pergunta ao principal interessado.

— Não faço ideia — diz o Lou, tranquilamente. — Suponho que por nada de especial, pois o Rory acabou rapidamente com a discussão. Começou a beber... Um pouco de mais. O resto é vago... Eu estava embriagado, as minhas recordações confundem-se. Lembro-me de ter vomitado no jardim. O Alastair sugeriu-me que ficasse lá a dormir, mas insisti em me ir embora.

— Onde estava o Rory, nesse momento?

— Não sei. Ele retirou-se para o andar de cima, mais cedo, para ficar sozinho. Não voltei a vê-lo.

— Ficar sozinho? Para quê?

O Lou encolhe os ombros e não responde. Sei que esconde algo, mas não insisto imediatamente. Depois de falar com ele, tenciono pedir a todos os outros as suas versões.

— Passei bastante tempo à procura das minhas chaves, até me lembrar de que as deixara na ignição. Acontece-me muitas vezes.

Que conveniente.

— E?

— E entrei no carro, para me ir embora — responde, carrancudo, com os maxilares contraídos. — Dez minutos depois, fui mandado parar pela polícia, por conduzir embriagado. A bagageira estava mal fechada... Abriu-se e apareceu o corpo do Rory.

O seu depoimento não faz sentido. Ele não dá qualquer pormenor sobre o que aconteceu ao longo do serão, ou seja, sobre as muitas horas que passaram entre o início da festa e a descoberta do corpo do Rory.

O Lou McAllister oculta algo Voluntariamente.

Se estão a ler isto, é porque um de vós conseguiu matar-me. Parabéns!

Lou: se foste tu, ficarei muito zangado.

O Rory sabia, ainda antes de acontecer? Escreveu estas palavras para provocar o Lou, sabendo que seria o seu assassino?

Porque decidi envolver-me nos assuntos deles, depois de tudo aquilo por que me fez passar?

Se sabia, talvez esperasse que eu descobrisse quem o fez.

— Então? — pergunta o Lou, quando a Charlotte e eu nos levantamos.

Olho-o de cima, com desprezo. Pela primeira vez, os papéis inverteram-se. Saboreio este pequeno momento de carma... mas este sobe-me rapidamente à cabeça e quero *mais*.

Quero-o à minha mercê. Desesperado. De joelhos, a suplicar-me.

Sonho em o quebrar, até ao ponto em que nem se lembrará de sorrir. Diga eu o que disser, por mais que escarneça dele, não parece afetado.

Até onde terei de ir para apagar do seu rosto aquele maldito sorriso trocista?

O meu momento de Vingança chegou finalmente: sou a única pessoa que pode ajudá-lo. Não tem mais ninguém. O seu destino, a sua Vida, está na palma da minha mão.

Posso fazer o que quiser; salvá-lo... ou aniquilá-lo.

— Então, Vou tirar-te daqui — sorrio, sabendo perfeitamente que ele consegue ler a mentira no meu rosto. — Entretanto, tenta sobreviver, está bem?

Ele sorri com a mesma hipocrisia, afundando-se na cadeira, e responde:

— Não prometo sair com todos os dedos dos pés intactos, mas farei o possível.

LOU

Setembro de 2022

— Farias melhor se te aproximasses deles enquanto ainda te temem, e rapidamente.

Viro-me para o Kenny, que está de pé ao meu lado no pátio exterior. Já está frio neste início de outono, mas ainda não recebi dinheiro suficiente do exterior para comprar um casaco quente ou um cachecol.

Mesmo na cadeia, se formos pobres, a Vida é muito complicada. É a primeira vez na Vida que tenho de me preocupar com estas coisas...

— De quem?

O Kenny aponta com o queixo para um grupo de tipos que se encontra num canto do pátio. Olham para nós, enquanto conversam. Lanço-lhes um pequeno sorriso e faço um gesto com a mão, o que parece desconcertá-los.

Exasperado, o Kenny agarra-me no pulso, para o baixar.

— És parvo ou fazes de propósito? Para de os provocar.

— Limitei-me a cumprimentá-los! É Verdade que sou um criminoso, mas a cadeia não me fará esquecer as boas maneiras. Aliás, porque é que deveria aproximar-me deles?

— Caso não tenhas reparado, isto aqui é a selva. Religião contra religião, etnia contra etnia, classe social contra classe social... Se não pertenceres a um clã, morres. Para sobreviveres, vais precisar de aliados.

Em suma, a lei do mais forte. Já reparei que qualquer um pode ser agredido por tudo ou por nada, e até pelos guardas prisionais, que têm um prazer maldoso em nos provocar.

Tudo aquilo que detesto, ainda que não tenha o direito de o lamentar. No fundo, era o jogo que o Rory jogava quando éramos mais novos.

— Mas tu não pertences a nenhum clã.

— Pois não, mas eu sou velho. Por isso, ninguém me chateia.

Abano a cabeça, divertido. Contudo, pondero o seu conselho. Com uma expressão de dúvida, olho para o grupo ao qual me aconselhou a juntar-me. Não parecem ser brilhantes.

— Obrigado, mas não, obrigado. Não estou assim tão desesperado, tenho padrões.

— És idiota, mas tens dinheiro. É a tua maior qualidade.

— Ai — digo, dando-lhe uma cotovelada amigável. — Foi tocante.

O Kenny suspira, com uma expressão cansada. Ninguém diria, mas ele gosta de mim. É claro que nunca irá admiti-lo. Mas, apesar do seu tom brusco, valorizo todos os conselhos que me deu desde que aqui cheguei. Percebo que não quer afeiçoar-se a mim, com receio de que eu tenha um triste fim ou, pelo contrário, de que eu comece a colar-me a ele; uma coisa ou outra.

— Sei que é tentador, mas vê lá se não te envolves na venda de droga ou de documentos falsos — acrescenta, o frio a formar uma nuvem de vapor em redor da sua boca. — Vais meter-te em sarilhos.

Sorrio, pois a minha nova advogada deu-me o mesmo conselho, no nosso último encontro. Os meus pensamentos convergem automaticamente para a Camelia e o meu humor jovial desvanece-se.

O seu olhar de ódio e o seu sorriso trocista atormentam-me tanto quanto me excitam.

A rapariga ingénua mudou muito desde a última vez que nos falámos. Tanto física como mentalmente. O seu cabelo ruivo continua magnífico, mas agora mais comprido. As pontas claras chegam-lhe ao fundo das costas, oscilando ao ritmo dos seus passos. Tem também uma postura mais direita, o queixo erguido, apesar das mãos trémulas.

A sua aparência de menina pura e inocente estalou ligeiramente.

Confesso que isso me afetou. O facto de ela deixar de se esconder e de assumir o seu lado obscuro. Foi o que sempre desejei... ainda que gostasse de que tivesse sido de outro modo.

— Quando é que vais a tribunal? — pergunta o Kenny.

Suspiro, com as mãos enfiadas nos bolsos da farda.

— Daqui a demasiado tempo para o meu gosto.

— Que diz a tua advogada?

— Considera-me culpado, mas é óbvio que isso não a incomoda. E também não quer saber se eu morro entre estes muros.

O Kenny deixA escapar uma gargalhada trocista.

— Isso nunca os incomoda.

É Verdade. Principalmente, a Camelia.

Se ela própria pudesse apunhalar-me no coração, fá-lo-ia. Vi-o nos seus olhos quando respondi «não» à sua primeira pergunta: a palaVra *mentiroso* estaVa escrita nos seus lábios mudos. Detesta-me, julga que sou um assassino, mas está pronta a defender-me a qualquer custo.

Não sou idiota a ponto de pensar que se importa com o meu destino. Agrada-lhe Ver-me assim, agrada-lhe tanto que quer mais.

Quer Vingar-se, ainda que eu não perceba bem como tenciona fazê-lo. Apesar de tudo isto, sou suficientemente estúpido para me atirar de cabeça.

Estou curioso por ver o que ela me reserva.

— Mataste-o mesmo? — pergunta-me subitamente o Kenny.

Não respondo. De qualquer modo, não irá acreditar em mim, tal como a Camelia. Contudo, a Verdade é esta.

Pelo menos, assim o espero.

— Preciso de faZer um telefonema — digo, afastando-me.

Entro no edifício, onde está mais calor, e dirijo-me para os telefones. Restam-me algumas moedas. É o terceiro que faço esta semana, todos ficaram sem resposta.

Espero um bom bocado e, a seguir ao seXto toque, alguém acaba por atender. No entanto, do outro lado, ninguém diZ nada.

— Skye...

Um suspiro profundo.

— Ainda estás ViVo? — pergunta em VoZ baiXa, como se falasse comigo às escondidas.

DeVe estar em casa dos CaVendishes. Lá, é muito provÁVel que eu seja o inimigo a abater. Em tempos, fui recebido e tratado como um terceiro filho.

Se soubessem o que o Rory e eu fazíamos no piso de cima, no seu quarto fechado à chave...

— Por um triZ. No outro dia, ameaçaram cortar-me os dedos dos pés — respondo, encostando-me à parede, cruZando os tornozelos. — Disse-lhes: «Força! Desde que não me cortem a pila.»

— Estás a goZar?

— De todo. Graças ao Rory, estou a passar por novas experiências — respondo, a sorrir e com um tom tranquilo que não consegue convencê-la.

— Não brinques com essas coisas, Lou.

Abstenho-me de lhe dizer que é a Verdade. A Skye detesta que perturbem a sua tranquilidade. Não suporta ser confrontada com a infelicidade das pessoas; incomoda-a, pois não sabe compadecer-se.

— Acreditas que fui eu?

Murmurei a pergunta, mas sei que ela ouviu. Não responde de imediato. Ouço uma porta a fechar-se, o que significa que foi para uma outra divisão.

— Não.

Fecho os olhos, mais descansado. Para ser sincero, nunca gostei realmente da Skye. Sempre a julguei egoísta, superficial, materialista e fútil. Acima de tudo, invejei-a — por ter o que eu desejava tão ardentemente.

Mas, quer queira, quer não, e isto é bastante triste, ela é um dos únicos amigos que tenho no mundo.

— Gostavas dele tanto como eu.

Ainda mais. Abstenho-me de lhe dizer que ninguém amou o Rory como eu amei, nem sequer os pais dele. Dizer o contrário seria um insulto.

— Nunca farias tal coisa — continua ela. — Só que... É difícil de provar.

— Parece que sim.

— Vou fazer de tudo para te ajudar.

Agradeço e, a seguir, pergunto-lhe como está o Alastair. Ela parece hesitar.

— Não está bem. Sei que, muitas vezes, as coisas entre ambos eram complicadas, mas o Al admirava-o. Parece-me que ainda está em negação.

É natural. Não quero imaginar a sensação de perder um irmão. A metade de si.

— Ele odeia-me?

Silêncio.

— Dá-lhe tempo...

Sorrio com tristeza, os olhos fixos no teto. Estava à espera disso, não é surpresa. Ainda assim, é doloroso. Gosto do Alastair. Apesar dos seus defeitos, estou convencido de que é o melhor de todos nós.

Pergunto à Skye se também recebeu uma carta do Rory. Ela resmunga uma resposta afirmativa.

— Que dizia?

— Conheces o Rory. Jogos e enigmas, sempre mistérios...

Não sei ao certo o que isto quer dizer, mas, quando vou para lhe perguntar, ela pergunta-me o que diz a minha.

— Não a abri.

Toco no bolso exterior da minha farda, à altura do meu coração, onde se encontra há vários dias. Ainda não tive coragem para a ler.

Tenho medo. Medo de lhe dizer adeus. Medo de ler censuras que bastarão para me enterrar com ele.

— McAllister... — interpela-me um guarda. — Tens uma visita. A tua advogada está à tua espera e parece danada.

Olho para ele, arqueando uma sobrancelha, surpreendido. A Camelia já voltou?

Prometeu informar-se junto das outras testemunhas, dos convidados da festa de aniversário, mas foi apenas há dois dias.

— A tua advogada? — repete a Skye, desconfiada. — Julgava que era o Morrison quem estava a tratar do teu caso.

— Mudei de advogado. Ele irritava-me.

Um novo silêncio, agora mais pesado. Já sei o que se seguirá. Quando a minha amiga retoma a palavra, a raiva contida torna-lhe a voz ligeiramente trémula:

— Diz-me que não fizeste isso.

— Detestaria dececionar-te...

— Estás a gozar comigo, Lou? — sibila ela, de tal modo que afasto o auscultador da orelha, para proteger os meus tímpanos. — Qual é a Vossa cena com essa rapariga? Não a envolvam na nossa vida, merda!

— Desculpa, Skye, mas tenho de ir. Foi um prazer, como sempre.

Desligo antes que ela possa responder-me. O guarda espera-me com impaciência e pede-me que me despache, pelo que o sigo, perdido nos meus pensamentos. É o momento que escolho para pegar no tão precioso envelope e quebrar o lacre amarelo.

O coração martela-me o peito. A suar das palmas das mãos, abro a carta e...

Estupefacto com o conteúdo, tenho de parar no meio do corredor. Durante alguns segundos, fico estático e em silêncio. Cerro os dentes e os meus olhos marejam-se de decepção e de tristeza.

EstaVa à espera de muita coisa da parte dele: piadas, insultos, palaVras lascíVas. EXceto isto.

E é mesmo o pior que podia encontrar.

Nada.

A carta está em branco, apenas assinada pelo seu punho, no canto inferior direito:

«Teu, com devoção e amor.

Rory.»

ObVviamente, reconheço logo estas palaVras, pois foram escritas numa carta de amor de Oscar Wilde para Alfred Douglas.

— McAllister, dá corda aos sapatos.

Volto a fechar a carta e enfio-a de novo no meu bolso, engolindo a minha amargura. Qual foi o intuito de me deixar tudo o que tem, mas não me conceder sequer uma última palaVra?

De repente, perco a disposição. Para fingir, para enfrentar a Camelia e os seus debates filosóficos sobre o estatuto de advogado. Quero apenas estar sozinho.

O agente abre-me a porta e entro, contrariado. Vou para dizer à Camelia que gostaria de adiar a nossa encantadora reunião, mas basta-me olhar para ela para não abrir a boca.

Oh, parece furiosa.

De pé, com a sua gabardina curta de cor creme, a cabeleira flamejante a cair em ondas volumosas à sua volta, ela pousa as mãos sobre a mesa e ordena:

— Senta-te.

Arqueio uma sobranceira, sem sorrir, surpreendido, mas intrigado com o tom autoritário. Porque é que, de repente, sinto cócegas no baixo-ventre?

Apercebo-me de que, hoje, veio sozinha, pelo que decido aproveitar-me disso.

— Decidiste finalmente ser tu a matar-me? — digo, sentando-me

descontraidamente diante dela. — Por faVor, diZ-me que Vais fazê-lo com as tuas mãos... Agrada-me a promiscuidade que isso implica.

Ela ignora-me e retira da mala um *tablet*. Clica no ecrã e entrega-mo.

— Ah... — Faço uma careta cómica ao Ver do que se trata.

CalculaVa que o Vídeio Voltasse a aparecer. EsperaVa apenas que demorasse mais tempo.

— É tudo o que tens a diZer?

— Pelo menos, não é o meu Vídeio de cariZ seXual...

A Camelia não me deiXa terminar, contornando a mesa e Vindo para o meu lado. Viro-me para a encarar e os seus joelhos roçam nos meus. Mantendo uma das mãos sobre a mesa e com a outra nas costas da minha cadeira, inclina-se perigosamente para a frente.

Nunca a tiVe tão perto de mim, nem sequer nas aulas de Literatura. O seu perfume é inebriante. Não sei porquê, mas isto causa-me uma fúria inVulgar. Quero que ela se afaste, que me deiXe respirar.

Mas também quero que se aproxime ainda mais.

Mantenho-me impassível, embora algo me crepите nas Veias. Pela primeira VeZ, ela eXalta-se comigo. Gostaria de apreciar a cena.

— Julgas que te defendo por gostar de ti? Porque te perdoei? — escarnece, com crueldade. — Porque sinto pena de ti?

Não respondo. LeVanto-me, para ficar ao seu nível, sempre com o meu olhar fixo no dela. O sangue lateja-me nos ouVidos. Não preciso da sua piedade e ainda menos da sua alma caridosa.

— Então, porquê? Estou curioso.

A Camelia empina o queixo, numa eXpressão de desafio, e nunca pareceu tão sensual como agora.

— Quanto mais alto estiVeres, mais baixo cairás — sussurra. — Quero que deiXes de sorrir, que me supliques que te perdoe, que chores como um bebé, sabendo que sou a única que pode ajudar-te... Que fiques feito em frangalhos por minha causa.

Porra. Ela detesta-me mesmo. Suponho que o mereço, mas o facto de o ouVir entristece-me um pouco.

— Quero ser a última pessoa em que pensas quando adormeces... e a primeira, quando acordas — conclui a Camelia, com intensidade. — Mas acredita que não será tão agradável como parece.

Pelo menos, essa parte não será difícil.

Dirijo-lhe um sorriso diVertido, antes de roçar os meus dedos nos dela.

— E se parássemos com os dramatismos... e passássemos diretamente à parte em que me faZes em frangalhos — murmuro, com um tom de VoZ graVe.

Por um segundo, ela parece perturbada.

Então, aproVeito para me aproXimar ainda mais, roçando os meus lábios na sua face. Quero chocá-la, proVocá-la, pôr à proVa os seus limites. Na escola, já sentia um fraquinho por ela, mas gosto ainda mais desta noVa Camelia.

Quero que me rejeite mais... Que me castigue pelos meus pecados.

— Usa-me, aqui e agora — sussurro-lhe ao ouvido, enquanto ela cerra os punhos. — FaZ de mim o teu brinquedo, já que tanto o desejas. Monta-me em cima desta mesa até «eu chorar como um bebé e te suplicar que me perdoes». Concedo-te este breVe instante, Camelia. AproVeita.

Ela permanece calada durante tanto tempo que acabo por ser eu a recuar. EsperaVa vê-la alterada, mas a sua eXpressão é de Vingança.

É ainda mais interessante.

— Oh, Lou... — sussurra, dando-me palmadinhas no peito. — Tenciono ir com calma. Se eXperimentar uma VeZ, tenho medo de não conseguir parar.

Sei que se refere ao facto de me faZer sofrer, nada tendo que Ver com seXo. Contudo, eXcita-me do mesmo modo.

— Isso é para me assustar, Camelia? — pergunto, impassível. — Ou estarás a tentar ferir-me? Se assim for, não estás a conseguir.

— Se quisesse ferir-te, apunhalar-te-ia em cheio no coração.

Mostro-lhe um meio-sorriso, faZendo deslizar o meu olhar para as suas faces rosadas de fúria.

Diga-se, em sua defesa, que ela não recua um centímetro.

— Não te dês a esse trabalho, porque não tenho coração.

CAMELIA

Setembro de 2022

— A Camelia já não tem tempo para nós. Agora, é demasiado famosa...

Sorriso para o ecrã do meu computador, diVertida com o comentário da Jasmine. Estou sentada no chão do meu apartamento, numa chamada por FaceTime com as minhas três melhores amigas.

— Isso não é Verdade. Adoraria ir conVosco este fim de semana, mas...

— Mas estás demasiado ocupada a tirar um parValhão da cadeia — conclui por mim a Lily, reVirando os olhos. — Eu compreendo.

— Eu, não — replica a Nolia, num murmúrio, enquanto bebe o seu *latte*. — Aliás, até me deiXa maldisposta. Estou farta de parValhões. Espero que ele te pague bem.

— Vale bem o esforço. Não te preocupes.

Tenho pena de não poder passar dois dias com elas no sul de França, mas tornou-se muito difícil arranjar tempo para estarmos juntas...

Suponho que a Vida adulta seja assim. Organizarmo-nos com seis meses de antecedência, porque as pessoas nunca têm disponibilidade ao mesmo tempo. Sinto saudades delas.

Nunca tive muito jeito para faZer amizades, principalmente depois de o RorY e o seu bando me faZerem a Vida negra. Com elas, foi diferente. Integrei-me no grupo por mero acaso, sem intençãO. Digo que somos o gangue das flores — creio que já perceberam porquê.

A Lily e a Jasmine Pham são primas, tão próXimas como se fossem irmãs. A primeira ViVe no Canadá, onde segue a sua carreira de patinadora artística, enquanto a segunda mora em Gordes, no sul de França. A Magnolia Kumar, a quem chamamos Nolia, conheceu a Jasmine na faculdade e as duas eternas apaiXonadas simpatizaram rapidamente uma com a outra em *double dates*.

Fui a última a juntar-me ao grupo, quando passei um ano no estrangeiro e soube que o meu namorado da altura, o Enzo, andaVa com

outra rapariga ao mesmo tempo.

AdiVinhem quem era: a Nolia. É claro que ela também não sabia. Eu era a «amante». A Nolia poderia ter ficado a detestar-me, mas, em VeZ disso, tornámo-nos inseparáVeis.

Acabei logo com o parValhão, embora a Nolia tenha tido mais dificuldade... NamoraVam há muito tempo e, sendo ela uma boa alma, perdoou-lhe os erros. Ficaram juntos até ao mês passado.

O mesmo aconteceu com a Jasmine, que, pouco depois, terminou o relacionamento com o amor da sua Vida. É a primeira VeZ que todas estamos solteiras ao mesmo tempo.

— Porque tens aí tantos caiXotes? Vais mudar-te? — pergunta-me a Lily, aproXimando-se da câmara.

Abro um deles e suspiro, cansada. Esta manhã, um camião Veio descarregar tudo isto em minha casa. Sabia que o Rory gostava de ler, mas não sabia o quanto.

DeVem ser uns quinhentos liVros! Não tenho espaço para tudo isto. DeVeria deVolVê-los aos pais dele?

— Depois eXplico-Vos. Tenho de desligar. DiVirtam-se muito sem mim!

As meninas desejam-me boa sorte e desligam. Passo a minha manhã de seXta-feira a retirar todos os liVros dos caiXotes e a empilhá-los, um a um, contra as paredes. Quando começa a faltar-me espaço, desisto. Ainda tenho três caiXotes por abrir, mas praguejo ao Ver as horas.

Estou a estacionar a minha bicicleta diante da faculdade quando o meu telemóVel Vibra ao receber uma mensagem. É da Charlotte.

Com quem vais falar hoje?

Com a Skye Hutcherson.

EstaVa demasiado irritada com o Lou para o deiXar eXplicar-me o VídeO que circula na Internet e que o incrimina ainda mais.

Demoro alguns segundos a preparar-me mentalmente, de pé diante da estrutura gótica da uniVersidade. A Visão lúgubre reconforta-me estranhamente.

Visto que ele está a mentir-me, vou desenhencilhar-me sozinha para perceber o que

aconteceu.



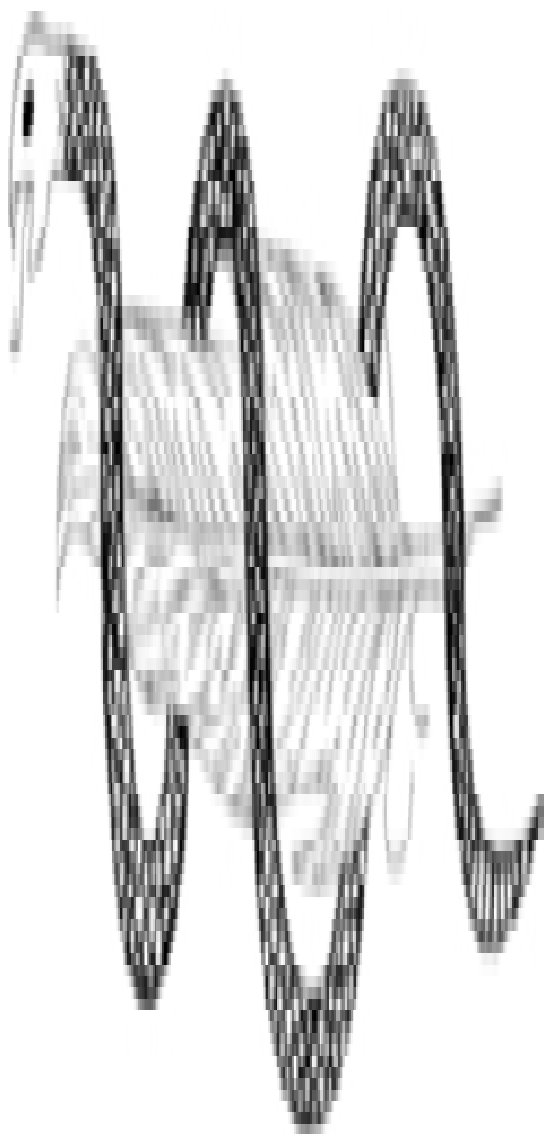
Há cinquenta anos que corre o rumor de que existe uma sociedade secreta entre as paredes da Universidade de Edimburgo. Toda a gente adora especular sobre o assunto, de tal modo que já ouvi cerca de dez versões diferentes.

Ninguém sabe ao certo quem são nem o que fazem. Alguns dizem

que os seus membros conspiram para controlar o mundo; outros julgam que se trata apenas de um grupo de foliões... e alguns entretêm-se a espalhar que praticam ritos satânicos.

OuVi de tudo.

No entanto, nunca prestei atenção... Pelo menos, até ao meu terceiro ano, quando encontrei um cartão de Visita no meio das minhas coisas. O símbolo no centro do cartão representaVa uma serpente enrolada numa pena.



As únicas palavras, escritas em computador, eram «Se tiver lágrimas, prepare-se para as derramar»², sendo acompanhadas por um número de telefone.

Nesse dia, compreendi que a Quill & Snake era real e que me queria. Era um convite, nada mais.

Suponho que poderia ter pertencido à elite... Mas, após um

momento de hesitação, guardei o cartão no fundo de uma gaveta. Não voltei a pensar no assunto até agora.

— O que sabes sobre a Quill & Snake? — pergunto, sem rodeios.

A Skye fica impávida, mas sei que está surpreendida. No fundo, mentir é a sua profissão: a Skye Hutcherson está no último ano de Arte Dramática e tem fama de ser boa atriz.

— É um mito idiota — murmura, encolhendo os ombros com indiferença. — Fizeste-me interromper os meus ensaios por causa disso? Este ano, Vou representar Lady Macbeth. Não posso perder tempo! Julguei que querias falar sobre a investigação.

A minha interlocutora cruza os braços diante do peito. Estamos sentadas na última fila de bancos de madeira de um anfiteatro magnífico.

É a minha sala de aulas favorita e existem motivos para isso: as paredes são ornamentadas com molduras requintadas e pinturas clássicas dignas do Museu Nacional da Escócia. Uma delas, em particular, sempre me chamou a atenção: uma árvore com flores — camélias, para ser mais explícita — com um estilo romântico.

Almocei muitas vezes aqui, sozinha, a contemplá-la com curiosidade e admiração.

Como sabia que a Skye iria negar, pego no cartão que guardei cuidadosamente até este momento. Estendo-lho e, agora, ela arregala os olhos. Tenta tirar-mo das mãos, mas ergo o braço para a impedir.

— Onde o arranjaste? — sibila ela, sem fôlego.

— Encontrei-o no meio das minhas coisas, há alguns anos. E sou capaz de apostar que foi o Rory quem o pôs lá.

A sua reação é sincera e confirma as minhas suspeitas iniciais: o Rory pertencia a essa sociedade secreta. Aposto que, na altura, até era o chefe. E, muito certamente, a Skye, o Lou, o Gideon e o Alastair são também membros.

— O que fazem lá, afinal?

— Não é da tua conta — replica, carrancuda e evitando o meu olhar.

— OK. Podes, pelo menos, dizer-me quem lhe pertence?

A Skye permanece em silêncio. Percebo que, hoje, não terei uma resposta, não da parte dela. Não importa, serei paciente.

Mostro-lhe, então, o vídeo daquela noite, do Lou e do Rory.

— Alguém publicou isto na Internet. Não deVe surpreender-te, pois assististe à cena...

O Vídeo foi graVado por um conVidado da festa, nas traseiras da casa. A festa estaVa no auge, com toda a gente a dançar perto da piscina. Não se Veem logo o Lou e o Rory em segundo plano. A câmara foca-os no momento em que o Rory empurra Violentemente o Lou para a água.

Poderíamos julgar que estão na brincadeira, mas a eXpressão furiosa do Lou não deixa margem para dúVidas. Ao Voltar à superfície, iça-se para o rebordo, com a *T-shirt* colada aos músculos do tronco, e alcança o amigo, que foge.

É a sua VeZ de o empurrar, gritando algo que não consigo ouVir bem, mas tão Violentemente que o Rory tropeça e cai de cabeça. Nesta altura, a maior parte das pessoas obserVa-os, para perceber o que se passa.

O Rory eXibe aquele sorriso cruel que odeio do fundo do coração.

Parece diZer qualquer coisa que ultrapassa todos os limites, pois o Lou enfurece-se e esmurra-o com Violência. O sorriso do Rory desaparece. Os dois homens andam à pancada diante da multidão de conVidados, até que o Lou consegue imobilizar o Rory no chão...

...e colocar-lhe as mãos à Volta do pescoço. O Rory debate-se, mas o Lou mantém-se em Vantagem. Está a estrangulá-lo, literalmente.

Não sei o que teria acontecido se, nesse momento, o Gideon e o Alastair não aparecessem para os separar. Segundo a Charlotte, os resultados do laboratório reVelaram que, naquela noite, o Lou estaVa eXtremamente alcoolizado e que também consumira uma droga dura: cocaína. Quando o questioneei sobre o assunto, declarou que não sabia. A sua liVideZ conVenceu-me.

— Foi a primeira VeZ que discutiram tão Violentemente? — pergunto à Skye, quando o Vídeo termina.

Ela fita-me com uma eXpressão aborrecida e encolhe os ombros.

— Sabes como começou? O que lhe disse o Rory, para ele se eXaltar tanto?

Na nossa primeira conVersa, o Lou omitiu-me a Zaragata, como se fosse algo sem importância. Foi um erro. Toda a gente o julga ainda mais culpado do que antes. Eu, em primeiro lugar.

— Não. Mas, para ser sincera, não era difícil uma pessoa perder as

estribeiras com o Rory. Sabes disso melhor do que eu.

Mesmo a sério. Contudo, o Lou foi sempre aquele que teve mais paciência para ele. Eram unha e carne. Andavam sempre juntos.

— Onde estavas, quando isto aconteceu?

A Skye arqueia uma sobancelha, desagradada com esta última pergunta. Quer ela queira ou não, isto é um interrogatório.

— Quando ouvi os gritos, estava na cozinha. Apareceu uma amiga, que me disse que os rapazes estavam à pancada, pelo que corri para lá. Quando cheguei, o Gideon e o Alastair já os tinham separado.

— E depois?

— O Rory passou-se — suspira ela, antes de beber um gole da sua garrafa térmica fumegante. — Começou a insultar-nos, um a um, ao Lou, ao Gideon, ao Alastair e a mim. A seguir, desatou aos berros, mandando embora toda a gente. Quis acalmá-lo, mas ele subiu ao primeiro andar e fechou-se no quarto. O Alastair disse-me para o deixar em paz, pelo que foi isso que fiz.

É estranho. Perguntei-lhe o que acontecera ao Lou e como fora o resto do serão.

— O Lou foi o primeiro a desaparecer. Estava... perturbado.

— Achas que ele voltou para acabar com o Rory, antes de o meter na bagageira?

A Skye pareceu ficar incomodada com esta pergunta. O Lou estava embriagado, drogado e furioso; daí o seu depoimento sem nexo. Infelizmente, ninguém voltou a vê-lo, a não ser ao volante do seu carro, e também não voltaram a ver o Rory.

Algo se passou, certamente, entre estes dois momentos tão próximos. Considerando o estado em que se encontrava cada um deles... É possível que o Lou tenha matado o Rory, sem se lembrar. Sem pretender sequer fazê-lo.

— Não. De certeza que o Lou está inocente.

— O Rory era teu namorado — afirmo, fechando o meu caderno, curiosa. — Porque acreditas tanto no Lou, quando todas as provas apontam para ele?

É uma coisa que não entendo. Pelo contrário, a reação do Alastair e do Gideon parece-me natural. Não querem ouvir falar do Lou, a não ser para se certificarem de que irá apodrecer na cadeia.

— Custa-me imenso confessá-lo... mas eles tinham uma ligação especial — responde ela, cruzando os braços sobre a sua camisa *Burberry*. — Além do sexo, quero eu dizer.

Esta última frase surpreende-me. *Sexo?*

— Como?

A Skye fita-me como se eu fosse idiota. Ao perceber a minha perpleXidade, ri-se suavemente.

— O Rory e o Lou tinham relações seXuais.

Fico pasmada a olhar para ela. Não sei sequer porque estou tão chocada. Afinal de contas, se pensarmos bem, faz sentido. É óbvio que tinham um relacionamento.

— Toda a gente sabia, mas ninguém comentaVa — continua a Skye, cruzando as pernas. — Era tão evidente que se tornaVa humilhante para mim. Parecia que não se esforçaVam por disfarçar. O Lou, pelo menos, tinha a delicadeza de se mostrar incomodado, mas o Rory parecia estar-se nas tintas. Pelo contrário... Por vezes, eu tinha a sensação de que ele fazia de tudo para me magoar.

Não me surpreenderia. JulgaVa que o grupo deles se mantinha unido pela maldade, mas estaVa enganada. Aparentemente, a sua dinâmica era bastante mais complicada do que eu julgaVa.

Obviamente, começo a desconfiar das aparências. Se o Rory traía a Skye com o Lou... isso torna-a suspeita. Ela tem um móbil, e o pior de todos: o ciúme.

Tal como o Lou, em paralelo.

— Sei o que estás a pensar. — A Skye interrompe-me os pensamentos, encostando-se à lareira de mármore. — Mas há muito tempo que aceitara a traição dele. Se queria que continuássemos juntos, não tinha escolha.

Nunca gostei da Skye, mas, neste preciso momento, sinto pena dela. Sei como é ser enganada. Uma pessoa sente-se suja e traída, rebaiXada. Felizmente, eu não estaVa apaiXonada pelo Enzo, pelo que não fiquei com o coração despedaçado. Em contrapartida, a minha autoestima...

— Por isso, fingi. Sabia que era temporário, que ele acabaria por mudar de registo, como em tudo na sua vida. O Rory fartaVa-se rapidamente.

Consigo adivinhar de imediato o resto da história: o Rory nunca

mudou de registo. Já na escola, bem Via como ele olhaVa para o Lou. Não sei como é que me passou ao lado.

Ele desejava-o, desejava-o tanto que isso dava cabo dele.

Então, quando conseguiu tê-lo, é claro que nunca mais o largou. Pelo contrário, agarrou-se a ele até ao fim.

— Íamos ficar noiVos — continua a Skye, fungando e desViando o olhar para enXugar as lágrimas. — Tínhamos um relacionamento sério. O Lou era apenas um passatempo e, para ser sincera, eu estaVa disposta a aceitá-lo.

Inclino a cabeça, com o cérebro em polVorosa, e pergunto-lhe se, naquela altura, os dois homens ainda mantinham relações seXuais. Ela parece pensar um pouco e, a seguir, encolhe os ombros.

— Não creio. Quando ficávamos os dois soZinhos, o Rory estaVa sempre de mau humor. E o Lou andaVa cada VeZ menos connosco. PassaVa o tempo a praticar Violino.

Estou a perceber. Algo deVe ter acontecido antes da festa, acumulando censuras e rancores de ambos os lados. TalVeZ tenha sido isso que exPlodiu entre os dois, naquela noite. Teria o Rory posto fim ao relacionamento com o Lou? Este último talVeZ julgasse que seria o escolhido, e não a Skye, e aceitou mal a notícia.

O ciúme tê-lo-ia sufocado a ponto de matar o Rory? Se ele não podia ser seu, não seria de mais ninguém?

Compreendo o motiVo por que o Lou omitiu estes pormenores.

Isto faz dele o suspeito perfeito.

No entanto, há algo que não bate certo.

— Não estás ressentida com o Rory?

Ela fita-me nos olhos e, por um instante, tenho dificuldade em perceber o que sente.

Após alguns segundos, compreendo: a sua exPressão é de resignação.

— Como poderia estar ressentida? Era a maior especialidade do Rory: faZer com que as pessoas se apaixonassem por ele.

— Então, acreditas que o Lou o amaVa sinceramente?

— Sim. Foi por isso que a queda deVe ter sido ainda mais Violenta...

— responde, com um sorriso triste. — Porque o Rory também tinha muito jeito para despedaçar corações.

² Citação de William Shakespeare, em *Júlio César*.

Naquela noite

RORY

1b34

Quando fiz oito anos, a minha tia leu nas cartas que eu morreria por amor.

Não concordei, pelo que decidi que não amaria ninguém.

No início, foi fácil. O resto do mundo parecia-me desinteressante e desprovido de sentido. As pessoas que conhecia aborreciam-me, de tal modo que comecei a manipulá-las. É claro que elas nem sequer percebiam.

Pensei que é preciso sermos mesmo parvos para morrermos por amor. E eu era muita coisa, mas de parvo não tinha nada.

Depois, conheci o Lou. O Lou e os seus malditos cigarros, o Lou e as suas hipnóticas covinhas nas faces, o Lou e as suas mãos, sem as quais parece que não consigo passar...

Já em criança, gostava de que ele gostasse de mim. Não era a primeira vez que tal me acontecia, pelo contrário. Toda a gente parecia gostar de mim, sem que eu fizesse fosse o que fosse para isso. Mas o Lou era diferente.

Não esperava nada de mim.

Gostava de mim por puro altruísmo.

Isso pareceu-me tão bonito quanto ridículo. Era humilhante para ele, lisonjeiro para mim. Por isso, aproveitei-me.

Com o passar do tempo, dei por mim a retribuir os seus olhares. Achava-o realmente bonito, mas era mais forte do que isso: queria pertencer-lhe como ele me pertencia.

Era uma situação nova para mim. Angustiou-me. Mas acabei por sucumbir; apesar da Skye, apesar dos meus pais, apesar da profecia.

Julgava-me superior a isso — àquilo a que as pessoas chamam de «amor» —, julgava que não era sequer uma possibilidade.

Contudo...

Dou por mim a procurá-lo em toda a parte, entre a multidão que

Veio especialmente para o meu aniversário. Empurro as pessoas, irritado com a música demasiado alta. Onde é que ele se meteu? Detesto tê-lo longe de mim. Talvez tenha sido o meu primeiro erro: julgar que ele andaria sempre atrelado a mim.

Há algumas semanas que a nossa dinâmica mudou. Não me agrada. Sinto que estou a perdê-lo, o que me deixa louco de raiva.

Vislumbro-o finalmente, especado e alheio ao mundo em seu redor. Olha para o telefone, de sobrolho franzido, e eu gostaria de saber o que lhe absorve toda a atenção. Detesto que não seja eu.

Aproximo-me com passos vacilantes, dói-me a cabeça. Não deveria ter bebido tanto.

— Psst.

O Lou levanta a cabeça na minha direção quando lhe agarro no pulso para o levar dali. Não lhe dou tempo para recusar o convite. Enfrento a multidão, para o conduzir até ao corredor que leva à biblioteca. Está deserto.

— Rory? — pergunta o Lou, na escuridão. — O que...

Encosto-o à parede, com a minha mão na sua anca, e beijo-o suavemente. *Porra, há quanto tempo.* Durante um segundo, fica tenso, surpreendido. Tal como eu na primeira vez que ele pousou os seus lábios nos meus, na intimidade do seu quarto. Tínhamos 18 anos.

Ainda que eu soubesse que ele o fazia para desviar *dela* a minha atenção, deixei que o fizesse, com alegria e alívio. Não me ralaça, desde que isso permitisse que fosse meu. Desde então, foi apenas meu.

Mas, esta noite, ele pousa a mão no meu peito e afasta-me delicadamente.

— Rory, espera — sussurra o Lou.

Quando abro os olhos, reparo na sua expressão de frustração. Encosto a testa ao seu cabelo ondulado, arrebatado pelo seu toque. Esfrego o nariz no seu, para tentar seduzi-lo. Tenho saudades dele. Tenho saudades do seu corpo, tenho saudades do seu cheiro... Tenho saudades de quando ele só tinha olhos para mim.

Censuro-me por tê-lo repellido por medo.

Sem ele, a vida é ainda mais assustadora. Sem ele, não tenho ninguém. Ninguém para gostar da torpeza da minha alma.

— Disse-te que devíamos parar, lembras-te? — pergunta o Lou,

embora não se liberte do meu abraço.

— Dizes muita coisa que não pensas. Acabas sempre por mudar de ideias.

Ele suspira, com a cabeça encostada à parede atrás de si. Recusa-se a olhar para mim. Espero que seja tão difícil para ele quanto é para mim. Caso contrário, seria injusto.

— É a isso que me refiro: julgas que é sempre tudo como desejas, mas estás enganado. Estou cansado de suportar os teus estados de espírito, RorY...

Merda.

— Desculpa, desculpa, desculpa — sussurro, como se fosse uma ladainha, contra os seus lábios entreabertos.

A minha boca desliza pelo seu maxilar bem barbeado e, a seguir, pelo seu pescoço. Dou-lhe um beijo e ele volta a suspirar, mas agora de prazer, e sorrio ao sentir a sua mão metida no meu cabelo.

Sabia que ele não resistiria.

— Acabei com a Skye — murmuro contra a sua pele. — Só te quero a ti. *Ergo dum me diligis*.

O meu toque deixa-o tenso e, a seguir, agarra-me pelo cabelo, para me olhar melhor. Os seus olhos exprimem demasiada desconfiança.

— Mesmo a sério?

Não acredita em mim. Isso começa a irritar-me. Em resposta, volto a beijá-lo, acariciando a sua língua com a minha. O Lou não me detém, embora ainda consiga sentir a sua hesitação.

Exploro a boca dele, como na primeira vez, com emoção e avidez. Desejo-o tanto que até me dói o coração.

— Somos tu e eu contra o mundo inteiro, foi sempre assim — sussurro, mordiscando-lhe a orelha. — Todos estes idiotas não nos chegam aos calcanhares, Lou. Juntos, seríamos incríveis. Poderíamos partir, deixar tudo para trás, viver em hotéis de luxo pelo mundo. Um dia, comeríamos no Ritz, em Paris, e, no dia seguinte, faríamos amor no chão do Four Seasons, em Milão.

Consigo imaginar-nos. Seríamos apenas ele e eu, e mais ninguém. E, então, poderia finalmente deixar cair a máscara e ser quem sou realmente. Pois o Lou é o único que consegue amar-me sem ela, o único que é capaz de me aceitar despojado de todas as minhas armaduras.

— Estás a dizer todas essas coisas porque estás bêbedo... — replica o Lou, fechando os olhos.

Pouso a minha mão sobre a sua ereção e ele solta um gemido. Nesse momento, não quero saber do facto de estarmos em público, numa casa com cerca de cinquenta pessoas. Se for preciso, estou disposto a mandar embora toda a gente, imediatamente.

Abro o fecho das suas calças, para conseguir tocar-lhe melhor, enquanto lhe beijo a superfície suave debaixo do queixo, mas ele detém-me. Tem as faces coradas, de excitação ou de fúria, não sei ao certo.

— Já te disse para parares, Rory. Respeita.

— Porquê?

O Lou afasta-me e fecha a braguilha, cerrando os dentes. Em quinze anos de amizade, raramente se irritou comigo. Das poucas vezes que me levantou a voz, percebi que eu fora realmente longe de mais.

Exceto esta noite. Não compreendo por que motivo está furioso, quando lhe confesso finalmente o meu amor.

Merda, o que é que ele quer mais?

— Porque não é a primeira vez que me dizes este tipo de coisas — exclama o Lou, exaltado. — E, estranhamente, sempre que tento afastar-me. A verdade é que não me amas. Apenas te agrada a ideia de que gostem de ti. Por isso, quando te escapo, esforças-te por me impedir. Só que eu não sou a porra de um brinquedo, Rory.

Fico imóvel, sem saber o que dizer. As suas palavras atingem-me com violência e, pela primeira vez na minha vida, não tenho uma resposta à altura. É verdade que sou tortuoso e egocêntrico, mas com o Lou é diferente.

Como é que não consegue senti-lo? Deveria vê-lo nos meus olhos, caras! Porque é que se esforça por me magoar? Desta vez, não tenho a sensação de ser o vilão da história.

— De qualquer modo, bebeste de mais e eu também — continua o Lou, com um suspiro. — Neste estado, vamos fazer asneira. Onde está o teu irmão, quando é preciso tomar conta de ti?

Solto uma gargalhada forçada. *Que cabrão.* Não preciso que ninguém tome conta de mim, já não tenho cinco anos. E ainda menos do Alastair, que não sabe sequer tomar conta de si próprio.

— «Não sei; acaso sou o guarda do meu irmão?»⁴

Lanço-lhe um sorriso irónico, mas ele não entende a referência. Sinto-me desiludido. Aparentemente, sobrestimeei-o.

— ConVersaremos quando estiVermos sóbrios, OK? Mal me aguento em pé. Preciso de me deitar.

Não perceberá o que estou a tentar diZer-lhe? Como pode rejeitar-me assim, depois de eu lhe abrir o meu coração? Escolhi-o, *a ele*, em VeZ de a uma outra pessoa. Será que não significa nada para ele?

Sinto uma dor tão forte no coração que este parece prestes a exPlodir. A minha tia estaria certa? É que, neste preciso momento, tenho a sensação de que Vou morrer de amor.

Eis o motivo pelo qual não queria sucumbir ao Lou. Porque sabia que seria a minha desgraça.

— Não percebes o que estou a tentar diZer-te...

— Percebi perfeitamente — interrompe-me ele, com uma eXpressão cansada, e o seu olhar ineXpressiVo desanima-me. — Mas, finalmente, segui em frente. Por isso, se tens algum respeito por mim, conseguirás aceitá-lo.

Como? Fito-o, estático, aturdido, com os punhos cerrados. InVade-me uma raiVa silenciosa, que ameaça exPlodir a qualquer momento.

— Aconselho-te a reconciliares-te com a Skye — acrescenta o Lou, acariciando-me afetuosamente a face. — Quanto a mim, estou interessado noutra pessoa. Fiquemos amigos, OK?

Algo se quebra dentro de mim. Fico imóVel, mas sinto as mãos a tremerem ao longo do corpo. Assusta-me o eco que as suas palaVras têm em mim. Receio que me matem de repente.

«*Fiquemos amigos?*» Ouço o som das sílabas na sua língua, mas não fazem sentido. Não compreendo. Nesta fase, ele está apenas a tentar acabar comigo.

Suponho que é o que acontece quando nos descuidamos um pouco: as pessoas aproVeitam para nos destruir.

— Não consigo acreditar que me estejas a faZer isto. — Rio-me com nerVosismo, uma mão no cabelo. — Depois de tantos anos a seguires-me para todo o lado, a abanares a cauda como um cachorro, depois de todos os sorrisos trocados secretamente, *depois de me suplicares que não te abandonasse, enquanto te chupava, porra!* — Agora, estou a berrar. — Que

bicho te mordeu?!

Não queria gritar, mas perdi as estribeiras e não estou habituado a perdê-las. Nunca leVanto a VoZ. Nunca perco o sangue-frio, isso é para os fracos. EXceto com o Lou.

— Isso era dantes — murmura, esquivando-se do meu olhar.

Cerro os dentes a ponto de partir os maXilares. De repente, um monstro sombrio e feio apodera-se de mim.

Apetece-me magoá-lo. Psicologicamente, fisicamente, não importa, quero que ele sofra como eu sofro.

Nunca na Vida fui rejeitado. Toda a gente gosta de mim, o Lou em primeiro lugar. Ou, pelo menos, era o que eu julgaVa. Recuso-me a acreditar que se acabaram os nossos momentos a dois. O seu dedo ao longo da minha coluna Vertebral, ao amanhecer, os seus sorrisos sobre a minha almofada, as suas palaVras carinhosas quando está dentro de mim...

Tudo isto... existia apenas na minha mente?

Ou fui longe de mais? Joguei, mas, ao ser demasiado confiante, perdi. Não, é impossível, ele está a faZer *bluff*.

— Não acredito em nada disso — digo, com um sorriso insolente. — És louco por mim, Lou McAllister. Sempre serás. Conheço-te melhor do que ninguém, as tuas qualidades e os teus piores defeitos, e sou o único neste planeta que os aceita a todos, que os ama a todos. Somos feitos um para o outro.

Ele franZe a testa, enquanto abana a cabeça, e consigo Vislumbrar a piedade que lhe deforma as feições.

— TalVeZ eu seja feito para ti... mas tu não és feito para mim, Rory.

Dito isto, passa por mim e Vai ter com os outros. Fico ali especado, durante um bom bocado, a tremer dos pés à cabeça. O que acabou de acontecer, afinal? Terei acabado de perder a única coisa importante na minha Vida?

Quanto a mim, estou interessado noutra pessoa. Recuso-me a acreditar. Ele não pode ter-me substituído, não tão rapidamente, não tão facilmente. A não ser que... ele continue a pensar *nela*?!

Ela, que ainda atrai o seu olhar aonde quer que Vamos.

Ela, que o inspirou a escreVer poemas e partituras, que rasguei quando os encontrei.

Ela, que me rouba aquilo que me pertence, sem sequer fazer por isso.

Cerro os punhos e decido ir atrás dele, para lhe implorar, ainda que tal me repugne. Vejo tudo turvo, Vejo tudo negro, Vejo tudo Vermelho. Vejo apenas o Lou a passar pelas portas de correr, a cambalear.

Estou no jardim, onde todos se divertem. As pessoas falam comigo, mas ouço apenas o meu coração a martelar-me o tórax.

Não sei o que se passa comigo. A minha mágoa é tão forte que me sinto a sufocar e não sei o que fazer para que isto pare.

Então, faço a primeira coisa que me vem à cabeça: empurro-o. Ele escorrega no rebordo da piscina e cai na água, salpicando um grupo de raparigas que está ali ao lado. Foi por um triz que não bateu com a cabeça no cimento. Por pouco, mataVa-o sem querer.

Uma dor cresce no meu peito, invadindo-o completamente. Preciso de ar. Preciso de respirar, de sair daqui, de me acalmar.

Dou meia-Volta diante dos olhares intrigados, pronto para fugir, mas, de repente, ouço algo a pingar no terraço.

— O que é que se passa contigo?! — explode o Lou, empurrando-me também.

Tento equilibrar-me para não cair de cabeça. Ele parece furioso, todo encharcado. As suas pestanas compridas estão cobertas de gotas de água, o que me lembra um dia de Verão em que nos divertimos com o aspersor de rega.

Um dos raros dias em que estou certo de ter sido feliz.

O Lou está presente em cada um desses momentos preciosos.

Dirijo-lhe um sorriso trocista, para esconder as lágrimas que ameaçam jorrar. Infelizmente para ele — ou para mim —, estou tão magoado que o meu modo de sobrevivência se ativa automaticamente.

Quando todo o sistema deseja proteger-se, conhece apenas uma técnica: o ataque.

Aproximo-me o suficiente para garantir que só o Lou me ouve, espetando-lhe um dedo no peito:

— O pior é que senti pena de ti. Julguei estar a praticar uma boa ação, ao dar um pouco de atenção ao rapazinho que ninguém queria e do qual ninguém gostava, demasiado cobarde para tomar decisões sozinho ou para, pelo menos, ter a merda de uma personalidade.

Ele empurra-me com Violência, as feições deformadas pelo sofrimento. Apetece-me dizer-lhe que também me detesto, talvez ainda mais do que a ele.

Em vez disso, acrescento uma última mentira descarada:

— És tão oco quanto os outros, Lou. Vais acabar como o teu pai: impotente e encurralado num casamento, com um filho falhado que despreza e uma puta sem...

Não chego a terminar a minha frase. O Lou esmurra-me em cheio no rosto. Estava à espera disto, mas confesso que subestimei a sua força. Foi como se a minha cabeça se rachasse ao meio. Durante um segundo, fico a ver estrelas e vacilo, desorientado.

Quando a Visão se normaliza, está toda a gente a olhar para nós. Em circunstâncias normais, ter-me-ia limitado a rir. Detesto a Violência, sempre me pareceu grosseira!

Prefiro palavras que magoam.

Contudo, esta noite, quero fazer desaparecer este rosto que amo tanto, mas que faz com que me sinta uma merda. Por isso, defendo-me e também lhe bato. Lutamos furiosamente durante alguns segundos, até ele conseguir derrubar-me e eu cair de costas. Não tenho força suficiente para inverter a situação.

— O quê? Vais matar-me por ter falado da tua mãezinha adorada? — pergunto, rindo-me com os dentes ensanguentados, enquanto ele me agarra pelo colarinho. — Não tens tomates para isso, Lou. Ambos sabemos que não passas de um cobarde. Por isso é que o teu pai teria preferido que nunca tivesses nascido.

É aí que ele perde as estribeiras.

De repente, as suas mãos envolvem-me o pescoço e recebo-as com um sorriso. Mereço-o. Quero que ele me agrida, que me castigue e, a seguir, que me perdoe.

Uma última vez.

Só que os seus dedos pressionam cada vez mais a minha traqueia e, de repente, fico assustado. O seu hálito a álcool varre-me o cabelo e as suas pupilas dilatadas têm um brilho desconhecido.

Está drogado. Como é que não me apercebi antes?

Tento afastá-lo, mas ele tem demasiada força. Começo a sentir falta de ar. Tento dizer-lho, mas não consigo abrir a boca para articular uma

palaVra. A sua eXpressão eXaltada transforma-se em mágoa e os seus olhos marejados de lágrimas proVocam-me um aperto no coração.

Quase tenho Vontade de deiXar que me asfiXie.

Por fim, alguém o agarra pelo braço e tira-o de cima de mim. Recupero o fôlego, Virando-me para o lado. Tusso, uma e outra VeZ, com uma mão no meu pescoço em brasa.

Caraças. O cabrão tentou mesmo matar-me.

Desato a rir-me, incrédulo, enquanto o Gideon e o Alastair seguram o Lou, que fita, apaVorado, as suas mãos trémulas, como se se apercebesse do que acabou de faZer. Lágrimas silenciosas deslizam-lhe pelas faces. Está claramente alterado.

Porra, mas quem é que se atreveu a dar-lhe comprimidos? Mato essa pessoa.

— Porque é que estás a olhar assim para mim? — pergunto, leVantando-me com dificuldade, consciente dos olhares e dos telemóVeis apontados na nossa direção. — Lou, meu amor... Não é a primeira VeZ que me estrangulas nem a primeira VeZ que isso me agrada.

Ele nem sequer me ouVe. Vejo nos seus olhos que me detesta tanto quanto se sente arrependido por aquilo que acabou de faZer.

E sei que isso não deVeria acontecer, mas tranquiliza-me.

O Lou McAllister pode diZer o que quiser, sei que continua a amar-me. Sei que não ficaremos juntos para sempre, mas julgo que isso me basta.

Pois ele terá sido o amor da minha vida.

— Rory, meu caro irmão... — interpela-me o Alastair. — DeVerias deitar-te na tua cama, coZer um pouco a bebedeira...

— Gostas disto, não gostas? — replico, rejeitando a mão que ele me estende. — Ver-me humilhado diante de toda a gente.

Ele franZe o sobrolho, sem perceber, um pouco magoado.

— Que queres diZer com isso?

— Quero diZer que me detestas, tal como todos os que estão aqui! — exClamo, esticando os braços para um público incomodado. — Julgam que não Vos Vejo? A murmurarem no Vosso canto, à espera de que eu tropece para me espeZinharem? São todos uns cobardes.

— Meu, é o teu aniVersário. DeVeríamos diVertir-nos — afirma o Gideon, que largou o ombro do Lou.

Que hipócrita! Nunca gostei dele. Abano a cabeça na sua direção, de tal modo que ele se esquivava do meu olhar, envergonhado.

— Não me puxes pela língua, Gideon. Não passas de um idiota Viciado em desporto e na coca.

— Rory... Por favor, para...

Viro-me para a Skye, a minha maravilhosa namorada, que parece perturbada por me ver assim. Estendo-lhe os braços, com um sorriso fingido nos lábios.

— Ah, eis a minha atriz favorita... que finge não saber que vou para a cama com o meu melhor amigo, nas suas costas. Deem-lhe um Óscar!

A Skye fica lívida, humilhada diante de toda a gente. A expressão de todos causa-me tanta satisfação que não consigo calar-me. Há demasiado tempo que guardo tudo isto para mim.

— É engraçado. Afirmam ser melhores, mas não é verdade. Todos me usam e, quando vos pago na mesma moeda, ousam queixar-se? Tu, só queres o meu dinheiro; tu, a minha pila; tu, a minha popularidade; e tu... — digo, virando-me para o meu irmão gémeo. — Tu nunca queres nada. Julgo que é a coisa mais triste. Os outros, pelo menos, têm personalidade.

Ele ouve, sem reagir, mas consigo ver que o atingi. Está tudo dito e sei perfeitamente que, esta noite, aconchegados nas suas camas, todos irão amaldiçoar-me.

— Aliás, acabou-se a festa! — berro, para que toda a gente me ouça.

— Pirem-se da minha casa e não voltem! *Sic deinde, quicumque alias transiliet moenia mias!*

Fito o Lou nos olhos ao dizê-lo, com uma derradeira esperança, mas ele limita-se a ir-se embora. Fico a vê-lo afastar-se, até desaparecer, tomado por uma tristeza repleta de remorsos amargos.

Não consigo evitar que o meu coração saiba que é a última vez que o vejo.

³ «Desde que me ames», em latim.

⁴ Citação da Bíblia, Génesis 4:9.

⁵ «Que assim pereça no futuro qualquer um que transponha as minhas muralhas», em latim.

LOU

Setembro de 2022

— Vais declarar-te culpado.

É a primeira coisa que a Camelia diz ao sentar-se diante de mim. Não me surpreende, mas hoje acordei de mau humor. Preciso de nicotina, de café, de qualquer coisa que me acalme os nervos.

— Tens um cigarro?

Ela pestaneja.

— Não fumo.

Engulo a minha decepção. Hoje, a minha advogada entrançou o cabelo e a trança cai-lhe sobre o ombro esquerdo. Também pôs um batom Vermelho-escuro, que lhe fica bem.

Durante alguns segundos e em silêncio, desafiarmo-nos com o olhar. Ela não recua, nunca.

— Julguei que irias tirar-me daqui.

— Não disse quando.

Solto uma pequena gargalhada. *Boa resposta, O'Brien.*

O que ela não sabe é que nunca tencionei sair daqui. Não foi por esse motivo que aceitei que fosse ela a defender-me. É apenas um último luxo que me concedo antes que a sentença seja pronunciada.

— Porque haveria de fazer isso, se estou inocente?

A Camelia não responde. Calculo que continue furibunda. No nosso último encontro, censurou-me por lhe omitir a minha briga com o Rory.

— Vou ser franca — continua ela, cruzando as mãos diante de si. — A situação não se afigura nada boa. Tudo te incrimina. O Vídeo, o carro, os teus lapsos de memória, para não falar das substâncias ilegais consumidas nessa noite...

— Mas ninguém me viu a fazê-lo.

— A arma do crime tem o teu ADN.

— Porque toco esse Violino todos os santos dias. Seria mais suspeito

se o meu ADN não estivesse lá, não?

Ela suspira, pois sabe que tenho razão.

— Infelizmente, também não tenho nada que prove a tua inocência. Julgo que terás mais hipóteses de sair rapidamente se te declarares culpado. A Charlotte e eu conseguimos negociar e obter uma pena... mais clemente.

Limito-me a olhá-la sem conseguir evitar uma expressão de divertimento. Anunciar-me a boa notícia deve dar-lhe um prazer perverso!

— Com base em quê?

— Vamos explorar o facto de teres sido drogado sem o saberes... mas, principalmente, a pressão psicológica que o Rory exercia sobre ti e sobre todas as pessoas que lhe eram mais próximas.

Empertigo-me involuntariamente.

— O Rory tem um passado de prática de assédio — continua, esquivando-se do meu olhar. — O seu psicólogo afirma ter detetado nele a possibilidade de um transtorno de personalidade narcisista, ou até mesmo tendências sociopáticas. Não será difícil provar o assédio psicológico a longo prazo. Tal como nos casos de violência doméstica, por vezes, há uma altura em que a vítima não aguenta mais... Se conseguíssemos provar que ele te ameaçava...

— Estás a brincar?

Ela cerra os dentes, o que prova que imaginava a minha reação. O Rory, um sociopata? Que disparate!

— É a única so...

— Está fora de questão — interrompo-a, secamente. — Arranja outra coisa. É o teu trabalho, não é?

A Camelia mantém a calma. Não tenciono declarar-me culpado de um crime que não cometi, ainda que uma vozinha interior me atormente durante a noite e induza a dúvida na minha mente.

E se fui eu... mas não me lembro, de todo?

Bem vistas as coisas, não estava no meu estado normal. Dei por isso depois de tentar estrangular o Rory junto da piscina. Era como se não fosse eu. Arrependi-me de me ter deixado levar pelas emoções.

Ainda que ele tenha sido um grande parvalhão, naquela noite.

— O Rory estava longe de ser perfeito... mas não me assediou —

continuo, com um tom impassível. — Morreu. Não Vou cuspir essas mentiras sobre a sua sepultura.

Segue-se um longo silêncio. Por fim, ela assente com a cabeça e muda de assunto:

— Porque é que discutiram, naquela noite?

Suspiro e recosto-me na cadeira. Hoje, não me apetece muito desabafar. É aborrecido.

— O que é que fizeste, ontem à noite?

A Camelia arqueia uma sobancelha, perplexa com a pergunta.

— Além de me rir maquievelicamente do teu destino, enquanto ouvia a *Imperial March* com um copo de Vinho tinto na mão? Não é da tua conta.

Esboço um meio-sorriso.

— Uma resposta por uma pergunta? Estou brincalhão...

Ela reflete durante alguns segundos. Sei que não lhe apetece nada falar-me da sua Vida, mas a curiosidade é o seu maior defeito... e a minha melhor aliada.

— Tive um encontro.

Interessante. Passo uma mão pelos lábios, pensativo. Pergunto-me que tipo de homens — ou de mulheres — lhe agrada. Os rapazes simpáticos e seguros de si? As mulheres fatais? Não, impossível.

A Camelia é do género de fantasiar com coisas obscuras na escuridão do seu quarto, de certeza.

— Ficaste chateado com o Rory por ele te ter trocado pela Skye?

Embora surpreendido, permaneço impassível. Então, ela sabe tudo sobre o Rory e eu. Não é algo que tentasse esconder a todo o custo nem de que me envergonhe.

Mas sei que, neste caso, não joga a meu favor. As pessoas começam sempre por culpar o parceiro e o amante.

— Fui eu quem o deixou — respondo e, logo a seguir, pergunto: — O que tinhas vestido?

Estou à espera de que a Camelia me mande passear, mas mantém os olhos pregados em mim ao responder:

— Um Vestido de seda caqui: curto, com alças finas, saltos altos. Estavas apaixonado por ele?

Bonito.

— Sim.

A minha resposta parece apanhá-la desprevenida. Cora ligeiramente, o que me agrada mais do que imaginava. Uma parte de mim gostaria que ela sentisse ciúmes, mas sei que é escusado. Antes de esperar tal coisa, tenho de me redimir.

— Deixaste que to despisse, no fim do serão?

Quero ver até onde é que ela é capaz de me deixar chegar. Fita-me, em silêncio, e a seguir cruza as pernas. O meu olhar detém-se inconscientemente nas suas coxas.

Hoje também traz um vestido e tem uns *collants* com padrão.

— Não.

— Porquê?

— É a minha vez de fazer uma pergunta — recorda-me ela, fazendo girar a caneta entre os dedos. — Se o amavas, porque tentaste estrangulá-lo?

Deveria dizer-lhe? Suponho que sim, pois ela está a tratar da minha defesa. Sei que não lhe será útil para provar a minha inocência, mas sinto necessidade de me abrir com alguém. De o verbalizar.

Os nossos últimos momentos andam às voltas na minha mente desde aquela noite. Quero deitá-los cá para fora. Assim, talvez sejam menos dolorosos.

— Dois meses antes, ele disse-me que ficaria noivo da Skye. Discutimos e acabei por me afastar. Aquilo que partilhávamos era agradável... mas nunca teria resultado.

— Isso enfureceu-te?

— Não. Mas, na noite do seu aniversário, ele informou-me que optara por mim — respondo, com um sorriso sarcástico. — E isso irritou-me. Estava farto de que ele brincasse com os meus sentimentos conforme os seus estados de espírito.

Ela pergunta-me o que fiz. Sinto-me invadido pelas recordações e reprimo um arrepio de horror.

— Rejeitei-o — afirmo, encolhendo um ombro. — Queria pôr fim àquele círculo vicioso, pelo que lhe disse que seguira em frente. Que já não o amava.

A Camélia não consegue disfarçar a perplexidade. Quase consigo ouvir as muitas perguntas que lhe queimam a língua, embora ela se

contenha.

— Sabia que não chegaríamos a lado nenhum. O Rory era... demasiado tóxico. Aquele relacionamento não me traria nada de saudável e eu não queria que as coisas acabassem mal entre nós.

Não me rio desta ideia. Afinal, foi exatamente o que aconteceu. A Vida é estranha.

— Ele não era um homem decente.

LeVanto a cabeça na sua direção. A sua boca está firmemente fechada, a sua expressão é fria e o seu olhar encerra recordações dolorosas.

— Tu também não — acrescenta ela, em voz baixa, o que me vale um sorriso triste.

— *Exigo a me non ut optimus par sim sed ut malis melior...*

Instala-se um silêncio estranho entre nós.

— Deves-me duas perguntas.

A Camelia lança-me um olhar irritado. No entanto, prossegue o jogo, sem se queixar. Isso agrada-me.

— Não fomos mais longe, pois não queríamos as mesmas coisas — confessa, apoiando o queixo na palma da mão.

Inclino a cabeça, evitando sorrir.

— Estou a ver. Uma última pergunta: detestas-me?

— Como? Não fui suficientemente clara?

Nem perdeu tempo a ponderar, a sua resposta saiu disparada. Não me surpreende, estava à espera disso. Depois do que fiz, tem todo o direito de me detestar. Por minha causa, tornou-se uma pária.

Espalhei muitos boatos a seu respeito. Repeli-a sempre que me dirigia a palavra, dizendo-lhe que não me interessava.

Em suma, fui o pior dos trastes.

— Camelia...

Ela arqueia uma sobrancelha, sem responder. Assumo uma expressão séria e debruço-me sobre a mesa. Não quero que o agente nos ouça do outro lado da porta e, por isso, murmuro:

— Os livros que o Rory te deixou... Vasculha-os.

Claramente, ela não estava à espera disto, pois franze a testa, sem perceber.

— Porquê?

Não posso manifestar-lhe as minhas suspeitas, principalmente porque se baseiam apenas em suposições.

— Não leves a mal, mas o Rory não gostava particularmente de ti.

— Era recíproco.

— Então, porque é que te deu, *a ti*, aquilo que tinha de mais precioso? — insisto, esperando que compreenda. — Não faz sentido. Tem de haver qualquer coisa... Uma explicação.

Ela fica pensativa e sei que não preciso de continuar para a aliciar. Conheço o Rory como a palma da minha mão. Ele não fazia nada ao acaso. Tinha algo em mente.

E se os meus piores receios se confirmarem... é mais grave do que eu julgava.

— É mais um dos Vossos jogos, do qual sou a Vítima? — pergunta friamente a Camélia.

É mais um jogo imaginado pelo Rory, tenho a certeza disso. Ele adora esquemas. Recusa-se a partir sem controlar a sua morte. Era ele quem dita as regras. Nós éramos apenas peões que ele manipulava a seu bel-prazer, como num jogo de Xadrez.

Ainda hoje, mesmo já não estando cá, nada mudou.

— Nunca foste uma Vítima, Camélia.

Não do modo que ela julga. Para o Rory, era uma rival, uma ameaça... mas não uma Vítima.

— Continuas sem perceber?

Olha para mim, com a testa franzida. Recordo as palavras do Rory e contraio os maxilares.

«E, por fim, Camélia: sei que sempre quiseste pertencer ao nosso grupo. Agora, conseguiste. Bem-vinda ao jogo, Sherlock.»

— És a chave, Camélia.

Tenho a certeza. É uma loucura pensar que o Rory possa ter tornado a sua morte num jogo, mas é a explicação que faz mais sentido. A Camélia tem de me ajudar a descobrir tudo.

— O Rory decidiu que, desta vez, serias uma das jogadoras... se não a peça principal do tabuleiro de Xadrez.

CAMELIA

Setembro de 2022

— Estás nervosa? Tens as pernas a tremer.

É o primeiro dia do teu processo. Deverias estar ainda mais nervoso!

Viro a cabeça na direção do Lou, sentado ao meu lado na sala do tribunal. Parece tranquilo, embora eu tenha reparado que evita olhar para a esquerda... onde estão os seus amigos.

— Concentra-te e para de olhar para as minhas pernas — digo, em voz baixa, enquanto arrumo os meus documentos diante de mim.

— Desculpa, mas é demasiado tentador. Tens um fato novo? — insiste, olhando para o meu casaco castanho, que me chega às calças de cintura subida.

Este é o seu mecanismo de defesa. Sempre que está angustiado ou pouco à vontade, recorre à sedução para disfarçar. Acabei por o perceber, pelo que já não me aborrece. Pelo contrário, acabei por entrar no jogo, esperando ser eu a desestabilizá-lo.

— Está calado, antes que te mande calar — sibilo, entredentes.

— Promessas, promessas...

Felizmente, somos interrompidos pela Charlotte, que se senta ao meu lado.

Já o declarámos não culpado, no seguimento do pedido definitivo do Lou. Fi-lo ler várias vezes o seu processo, que contém todas as informações que a polícia e a Coroa reuniram contra ele.

Expliquei-lhe claramente os riscos que corre, mas o Lou está-se nas tintas.

Eis-nos, portanto, diante do juiz. O ambiente é de cortar à faca. Sinto o olhar pesado do Alastair na sala, pregado no réu ao meu lado.

Ao longe, a Skye cumprimenta-me com um aceno de cabeça, sentada entre o Alastair e o Gideon. Ignoro-a. Não somos amigas.

— Não te esqueças — murmuro ao ouvido do Lou. — Aconteça o que acontecer, não reajas. Se quiseres dizer alguma coisa, pergunta-me primeiro.

Passo-lhe uma caneta e uma folha de papel, na qual poderá escrever-me se precisar. Nem sequer olha para elas. *Será que me ouviu?*

Não tenho tempo para o questionar, o juiz senta-se e temos de nos levantar. Mantenho-me direita, pronta a dar o meu melhor. Vestida com um fato-saia-casaco branco, no vinho em folha, a Charlotte começa. Testemunhas e pessoas próximas do Rory são chamadas para relatar os factos e afiançar o seu bom carácter.

Apenas mentiras.

— Diria que o réu é um homem violento? — pergunta à Skye.

— De modo nenhum — afirma ela, sorrindo ao Lou. — Ele seria incapaz de fazer tal coisa.

O Lou não lhe retribui o sorriso. Na verdade, nem sequer olha para ela. Parece perdido nos seus pensamentos.

— Voltou a ver o réu, após a Zaragata?

— Só muito tempo depois — responde o Alastair, com uma voz rouca, como se estivesse calado há vários dias. — E também não vi o Rory. Deduzi que tinham desaparecido para se reconciliarem.

Aponto tudo num papel, com o cérebro num torvelinho.

— Havia conflitos ou tensões no vosso grupo de amigos?

— Nem por isso — responde o Gideon, encolhendo os ombros. — Discutíamos, como toda a gente discute, mas não era nada de grave. Tenho a certeza de que foi um acidente.

Fazemos a todos a mesma pergunta: «Tinha motivos para querer mal à vítima?»

Cada um abana a cabeça, dando a mesma resposta:

— Não. Estava apaixonada por ele... Íamos casar-nos.

— Não. Era um dos meus melhores amigos, e também meu sócio. Respeitava-o muito.

— Tínhamos as nossas divergências, mas ele era meu irmão... a única pessoa de quem realmente gostei.

São interrogados à vez. As versões repetem-se, com mais ou menos pormenores. O Lou permanece impassível. Quando o vejo a rabiscar num papel, penso subitamente que tem uma ideia, uma objecção, qualquer coisa.

Mas, quando leio o que escreveu, fulmino-o com o olhar:

Apetece-me fumar. Quando é que isto acaba?

Este homem deve estar muito transtornado para não levar a sério a

situação. Por fim, o réu é chamado a depor.

— O meu cliente tem a reputação de não ser um jovem problemático, sendo calado e discreto — afirma a Charlotte, claramente, de pé diante dos jurados. — É um Violinista talentoso, cujo único crime foi conViver com um homem conhecido pelas suas tendências perVersas narcisistas. A célebre briga na noite do homicídio não foi anódina e resultou de muitos anos de silêncio e sofrimento.

Oh, não. Mordo a bochecha, frustrada.

— Na Verdade, o meu cliente sofria uma pressão constante do seu algoZ — continua. — O Rory CaVendish era um jovem inteligente, que tinha tendência para atormentar os mais fracos, mas também os próprios amigos.

Os punhos do Lou cerram-se e reVira os olhos, sem diZer nada, com uma eXpressão altiVa.

— Sr. McAllister, sentia-se atormentado?

O Lou aproXima-se do microfone, aparentemente calmo. Os seus olhos chispam.

— Não. O Rory era amável apenas com uma pessoa, e essa pessoa era eu.

Fecho os olhos, irritada. A Charlotte não devia ter insistido... De certeza que o Lou Vai desmentir tudo, nem que seja para nos castigar.

— Na sua opinião, mantinha um relacionamento saudável com a vítima?

— Não sou psicólogo.

— Vou reformular a pergunta: considera que ele se aproveitou dos seus sentimentos amorosos para o atormentar? Naquela noite, não aguentou o peso da pressão acumulada ao longo dos anos...

— Isso é pertinente? — eXclama a adVogada de acusação, que se levantou da cadeira. — O réu já se declarou não culpado. Estará a sua adVogada a dar a entender que o réu é culpado?

— Não me refiro ao homicídio, mas à luta filmada antes. Estou a aValiar o estado psicológico do meu cliente quando...

— Tudo indica que não se encontraVa sob qualquer tipo de domínio psicológico. Ele próprio o diZ.

A Charlotte assente, murmurando com hipocrisia:

— Sim, Meritíssimo.

Continua a interrogar o Lou sobre a festa, insistindo então no facto de nenhuma prova o incriminar com toda a certeza.

A advogada de acusação é implacável com o Lou. Pergunta-lhe por que motivo quis estrangular o Rory, porque conduzia o carro que foi usado para o homicídio, porque é que o Rory lhe telefonou várias vezes antes de morrer...

O Lou parece indiferente. Como se se aborrecesse.

Um médico-legista vem fazer um resumo dos ferimentos existentes no corpo do Rory: uma série de traumatismos cranianos provocados num curto espaço de tempo, marcas de estrangulamento no pescoço, vários hematomas no corpo e duas costelas partidas. Somos forçados a ver as fotografias da autópsia, uma visão difícil que o Lou evita rapidamente, cerrando os dentes.

Até eu, que detestava aquele homem, não consigo suportar a visão dos seus olhos fechados para sempre e do seu rosto desfigurado.

— É incontestável que a vítima foi selvaticamente espancada, antes de sucumbir aos ferimentos. Refira-se também o facto de ter sido atropelada violentamente pelo automóvel do réu. Faleceu na sequência de uma hemorragia cerebral, após várias concussões.

Ao fim de algumas horas, a audiência termina finalmente. A sala vai-se esvaaziando. A Charlotte inclina-se na nossa direção para ter a certeza de que só o Lou e eu a ouvimos sibilar:

— Nenhum deles acredita em si!

O Lou fita-a, sem reagir, como se dissesse: «E então?». Dois agentes aproximam-se para o agarrar pelos braços, prontos a levá-lo. Sinto uma pontada de frustração perante a ideia de ele permitir que as coisas tomem este rumo.

Não estava à espera disto. Julguei que faria de tudo para se defender. Que lutaria com todas as suas forças.

Porque me irrita que não seja assim?

— Não tens medo? — pergunto-lhe, em voz muito baixa.

Apetece-me que tenha medo. Por que motivo nada consegue abalá-lo, caramba?! Qual é a sua fraqueza? Será que a sua mente perdeu a vida ao mesmo tempo que o Rory?

O Lou não responde. Em vez disso, deixa que os guardas o agarrem e insiste uma última vez:

— Vasculha nos livros, Camelia.

Obviamente, é o que faço.

Assim que chego a casa, nessa noite, prendo o cabelo num carrapito e folheio os livros que já empilhei contra as paredes. Demoro cerca de uma hora. Resultado: nada. Não sei o que é que o Lou está à espera de encontrar, mas tudo aponta para que tenha sobrestimado o Rory.

Sento-me, com um copo de sidra, o cérebro num torvelinho.

«És a chave, *Camelia*.»

A chave de quê? De um tesouro... ou de um segredo? E se ele estiver enganado? O que me parece é que o Rory está a gozar connosco, uma última vez, e nada mais.

«Bem-vinda ao jogo, *Sherlock*.»

Sherlock. Chamou-me assim por saber que eu gostava de investigações? Será apenas uma alcinha... ou uma pista? Com ele, nunca se sabe.

Retiro a carta da minha mala e leio-a pela décima segunda vez. Já não sei sequer o que procuro.

Perante um homicídio, nunca é maldade explicar quem era a vítima. É indispensável. A personalidade da vítima é a causa direta de muitos homicídios...

E, como tu sabes, eu era o pior dos parvalhões.

Estas palavras soam-me familiares. Estou convencida de as ter ouvido algures, mas onde? E ditas por quem?

Ou, se calhar... já as li e não as ouvi! Repito para mim a citação, uma e outra vez, com as meninges em brasa. Só pode ter sido num thriller ou num romance policial que tenho, mas qual?

Mary Higgins Clark? Arthur Conan Doyle? Patricia Highsmith?

Vasculho nos livros, um a um, num frenesim que me acelera o ritmo cardíaco. Depois, lembro-me de que estamos no século XXI e de que existe o Google. Então, agarro-me ao meu computador e escrevo a citação na barra de pesquisa.

— Claro! — exclamo, amaldiçoando-me por me ter esquecido. — Meu caro Hercule Poirot, perdoa a minha falta de memória...

Foi mesmo a rainha Agatha Christie a autora desta citação em *A Festa das Bruxas*. Volto a vasculhar nos livros, desta vez à procura do exemplar. Encontro-o entre duas coletâneas de Oscar Wilde, velho e poeirento.

Sento-me no chão e folheio as páginas a toda a velocidade, estimulada pela adrenalina.

Nada.

Nem uma palavra, nem um marcador, nem um *post-it*. Nunca me senti tão dececionada.

— Será uma brincadeira?

Terei perdido o juízo? Talvez ele apenas tenha citado Agatha Christie para se exibir, e não para deixar uma pista. Eu penso demasiado.

No entanto, recuso-me a desistir e, por isso, decido voltar a ler o livro. Bem vistas as coisas, não tenho nada a perder. Talvez a história esconda uma mensagem secreta... Ou então existe a possibilidade de a combinação das cartas que escreveu a cada um de nós resultar numa única pista.

Preciso de saber o que dizem as outras. Prometo a mim mesma perguntar ao Lou no nosso próximo encontro e, a seguir, envio uma mensagem à Skye.

Importas-te de me dizer o que o Rory escreveu na tua carta?

Porquê?

Por curiosidade.

Suponho que ela esteja a ponderar, pois só me responde dez minutos depois. É uma fotografia da carta, na qual está escrito... um enigma.

«Não consegues ver-me, nem sentir o meu cheiro, nem ouvir-me e, ainda menos, lutar contra mim, pelo que sou sempre fatal para ti. Quem sou?»

É estranho. Estava à espera de despedidas, talvez de um pedido de desculpas, ou até de censuras. Mas tudo aponta para que o Lou esteja certo: o Rory continua a jogar, mesmo no Além. E move-nos como se fôssemos fantoches.

Descobriste a resposta?

Não, e não tenciono procurá-la.

Compreendo, ainda que a investigadora que existe em mim se recuse a desistir. Isto é demasiado estimulante para ficar de braços cruzados.

Por isso, passo as horas seguintes a ler, apenas à luz do meu candeeiro de mesa de cabeceira e de uma vela gasta. Lá fora, chove torrencialmente, mas é algo que me acalma.

Adormeço perto das três da manhã, embalada pelo som dos ramos das árvores a baterem no Vidro da minha janela.

Dois dias depois, estou na fila do Starbucks quando recebo uma chamada da Charlotte.

— Temos um problema — diz ela, bruscamente. — Tens de Vir.

— Agora? Já? — pergunto, pegando no meu *iced latte*, pronta para me

dirigir para a faculdade, apesar do tempo cinzento e do cansaço. —
Porquê? Onde estás?

— No hospital.

Fico hirta, tomada de pânico. Vou para lhe perguntar se está bem, temendo pela vida do seu bebé, mas ela antecipa-se, com um tom de voz firme:

— O Lou foi levado para as Urgências, durante a noite. Um outro detido tentou matá-lo.

LOU

Setembro de 2022

Ser esfaqueado dói que se farta.

Desta vez, o cabrão do SteWart não me poupou. Graças a Deus, não teve tempo para me cortar o dedo mindinho do pé, como prometera; não me apetece muito ficar sem ele. Os seus homens limitaram-se a apanhar-me de surpresa no banho — que requinte — para que ele pudesse atingir-me na barriga.

Não sei sequer o motivo desta agressão-surpresa. Esta semana, até me portei bem. O Kenny tinha razão: eu deveria ter-me aproximado do gangue de cretinos.

Um guarda encontrou-me, a agonizar no chão, com uma mão sobre o ferimento, nu, a água do banho a ficar ensanguentada. Vários tipos passaram por cima de mim, suspiraram e seguiram o seu caminho, como se nada fosse.

Suponho que estejam habituados.

Na ambulância, perdi os sentidos, algemado à maca, e acreditei que era o meu fim. Que iria morrer sem ter pedido desculpa e sem me ter redimido dos meus pecados.

— Numa escala de Zero a dez, qual é a intensidade da dor? — pergunta a enfermeira, de pé, ao lado da minha cama.

Ainda estou meio ZonZo por causa da morfina, mas dói-me menos. Estou ViVo.

Apesar do alívio, não me apetece regressar já à cadeia. Confesso que tenho demasiado medo do que me espera. Não estou à altura.

— NoVe — minto, fazendo uma careta que não consegue convencê-la.

— O ferimento é superficial. Vai safar-se — diz ela, saindo da divisão, com uma expressão de indiferença.

Há dois polícias armados, de guarda, para garantir que não fujo. De qualquer modo, não sei para onde poderia ir, pois estou algemado à

cama e tenho um buraco no corpo.

Suspiro e fecho os olhos, com o rosto virado para o teto. Nunca me teria passado pela cabeça que vir parar ao hospital seria atualmente um luxo... Mas estar sozinho, num quarto espaçoso, deitado numa cama confortável, faz-me lindamente.

Sinto falta do meu quarto e das minhas roupas.

Pergunto-me se os meus pais terão sido informados da agressão. Aposto que o meu pai se está nas tintas. De certeza que ficará com pena quando souber que o Stewart não conseguiu matar-me. Quem sabe se não foi ele quem lhe pagou para o fazer?

«És demasiado duro com o teu velho pai», costumava dizer o Rory. Para ele, era fácil. O meu pai gostava mais dele do que de mim. Não era algo que me afetasse muito. Mas compreenderia se estivesse ressentido comigo por matar o filho que ele gostaria de ter tido no meu lugar.

Subitamente, ouço alguém a bater à porta. Fecho os olhos e finjo estar a dormir antes de esta se abrir. Não me apetece ver ninguém.

Espero durante um bom bocado, na expectativa de que ele ou ela se vá embora. Sinto uma presença insistente à minha cabeceira. Um calor familiar, uma respiração lenta sobre as minhas faces... Não é a minha enfermeira.

De repente, sinto uns dedos frios na minha testa e, a seguir, sobre as minhas pálpebras fechadas. É um toque desconhecido, mas que identifico como se já tivesse sido impresso mil vezes na minha pele. Sinto o seu delicioso perfume e é o suficiente para saber que não estou enganado.

Ela veio.

Pouso a minha mão direita no seu pulso e abro os olhos, vendo a expressão surpreendida da Camélia.

— Que fazes aqui? — sussurro, lentamente.

Ei-la apanhada em flagrante delito. No que estaria a pensar, enquanto contemplava o meu rosto bonito? Apetece-me muito perguntar-lhe, mas sei que se retrairia. A Camélia detesta ser confrontada com as suas fraquezas.

— A Charlotte telefonou-me e...

— Ficaste preocupada comigo? — questiono, sorrindo.

Sinto crescer no fundo do estômago uma ínfima esperança, mas a

Camelia mata-a imediatamente, com um riso trocista. Solto-lhe o pulso, desiludido.

— Vim mais para me certificar de que não tinham conseguido acabar contigo.

— Esconde a tua decepção.

— Para mim, és um inVestimento — eXplica-me, então. — ObVviamente, não quero que morras. Se há alguém que tem o direito de te matar, sou eu. Mais ninguém.

Qualquer pessoa pensaria que está a gracejar, mas já a conheço o suficiente para saber que está a falar muito a sério. Ainda me custa compreender por que motivo quer tanto ter-me na mão...

Mas estou disposto a entregar-me.

A Camelia pega no banco que está ao lado da cama, senta-se e enVia uma mensagem pelo telemóVel, proVaVelmente à Charlotte. Esta já antes aqui tinha passado, mas não se demorou. Julgo que não gosta muito de mim.

— Bem... Que aconteceu? — pergunta a Camelia, aborrecida.

— Uma resposta por uma pergunta.

Ela suspira profundamente, com uma mão na têmpora, e reprimo um sorriso. Gosto de a espicaçar... nem que seja para Ver a sua cara de poucos amigos.

— Agrediram-me, como uns selVagens, enquanto estaVa a tomar banho. Fiquei caído no chão, durante um bom bocado, até me encontrarem, todo nu... Foi humilhante.

— Pelos Vistos, não o suficiente, pois ainda tens ânimo para gracejar.

Se ela julga que foi a maior humilhação que sofri na vida, não conhece bem o meu pai.

— Não deVerias estar nas aulas? — pergunto-lhe, por minha VeZ, obserVando dos pés à cabeça a sua indumentária.

Está Vestida de um modo mais informal, nada de fatos nem saltos altos. Vê-la com uma saia traVada, de Xadrez, e um colete sobre uma camisa lembra-me os tempos da escola. É um estilo muito à «estudante vintage».

— Para com isso.

Arqueio uma sobranceira, com uma eXpressão interrogatiVa.

— Para de fazer de conta que somos amigos — esclarece.

De facto, não somos amigos, nunca o fomos. Nem sequer enquanto pertenceu ao nosso grupo, durante quase um mês. Nem tão-pouco quando lhe sorria do outro extremo da biblioteca. Nem sequer quando ela me observava a praticar Violino, de manhã cedo, com uma expressão hipnótica no rosto...

Ainda menos quando partilhávamos o mesmo manual de Literatura, nas aulas, com o seu cotovelo a tocar no meu.

Simplesmente porque nunca quis ser apenas seu amigo.

— Não respondeste à pergunta.

— Baldei-me às aulas — confessa a Camelia, guardando o telemóvel.

— O que fizeste para os provocares?

Fito-a, com a boca entreaberta, mas ela limita-se a arquear uma sobranceira, com uma expressão entendida, como se dissesse: «Desembucha.»

— Lembro-te de que fui eu o alvo da agressão. Estou a sonhar ou estás a culpar a vítima?

Ela lança-me um olhar implacável, que prova que as minhas palavras já não a atingem.

— Conheço-te: tens o condão de irritar muito as pessoas, a começar por mim. Nesta história, é provável que as vítimas sejam eles.

Desato a rir-me, deixando cair a cabeça na almofada. Esta é a melhor! Dito isto, ela não está totalmente enganada. Aliás, não sou vítima em circunstância alguma. Não lhe levo a mal não sentir qualquer empatia em relação a mim.

A minha vida está votada ao fracasso. O meu pai tem razão, eu não estava destinado a vir ao mundo. Transformo o destino de todas as pessoas que me rodeiam, e nunca de um modo positivo.

Qual é o meu problema?

— Agora, a sério... Corres perigo, lá? Se correres, a Charlotte pode pedir para seres transferido.

— «Correr perigo»? Estou rodeado de criminosos, de noite e de dia, Camelia. Que queres dizer com isso?

— Esquece. De qualquer forma, espero que isso seja bastante doloroso — diz, levantando-se, prestes a ir-se embora.

Irá ela abandonar-me já ao meu destino?

— Lamento dececionar-te, mas não é hoje que Vais Ver-me suplicar e chorar como um bebé.

Ela abana a cabeça e prende o cabelo bem alto, num rabo de cavalo, segurando um elástico entre os lábios cor-de-rosa. Reparo que deixou uma madeixa solta na nuca. Quero estender a mão na sua direção, mas a minha algema impede-me de o fazer.

— Talvez isto te ensine a portares-te bem.

— Não tenciono voltar para lá, Camelia.

Aparece um polícia, que faz girar um molho de chaves à volta do dedo. Certamente, Veio certificar-se de que a Camelia está bem, ou para a escaltar.

— Não tens alternativa — replica a minha advogada, colocando a mala a tiracolo, pronta a ir-se embora.

De repente, reajo intempestivamente.

De certeza que ela vai detestar-me até ao fim da vida.

Não perco tempo a pensar e ajo, antes de mudar de ideias. Fito a Camelia, com o coração acelerado e o punho cerrado, antes de murmurar:

— Peço desculpa.

Ela não tem tempo de reagir. No segundo seguinte, enrolo o meu braço livre à volta do seu pescoço e puxo-a violentamente para mim. Com a minha mão algemada, ameaço-a com um bisturi, apontando-lhe a lâmina ao pescoço.

O polícia faz um gesto apressado na direção da sua arma, mas eu sou mais rápido:

— Se te mexeres, degolo-a.

Sinto a Camelia a tremer silenciosamente, dominada por mim. A ponta do bisturi contra a sua pele obriga-a a permanecer imóvel. Consegui apoderar-me do objeto no meio do pânico da noite passada, enquanto tentavam avaliar a gravidade do meu ferimento. Não tinha a certeza se surgiria a oportunidade de o usar, mas a Camelia é um anjo caído do céu.

O polícia fica petrificado, com uma mão suspensa por cima da arma. Não preciso de lhe dizer para ficar calado, pois ele sabe perfeitamente o que farei se abrir a boca para avisar os colegas.

— Tira-me as algemas. Sem fazeres barulho.

— Se o fizeres, Vais arrepender-te — diz ele, com um tom feroz.

Sorrio-lhe, ordenando-lhe que se apresse. Não sei o que Vou fazer a seguir, estou a agir totalmente de improviso. Sei o que me espera se for apanhado ao tentar evadir-me, mas se regressar à cadeia...

Corro o risco de perder a Vida.

Julgava que era o que queria, mas estava enganado. Não sou suficientemente corajoso para querer morrer. Sou um filho da mãe que, acima de tudo, deseja sobreviver. E, por mais que a Camélia me prometa a liberdade, não consigo acreditar nela.

O polícia dá um passo na nossa direção, mas detenho-o de imediato. Não sou tão parvo como ele julga.

— Fica onde estás. Atira as chaves.

Ele cerra os dentes e obedece. Faço sinal à Camélia para me desalgemar.

— Não faças disparates e Vai correr tudo bem, combinado? — murmuro-lhe ao ouvido.

Sei que está assustada, embora o disfarce perfeitamente.

— Vai-te foder — cospe ela, entredentes.

Faço o que lhe digo, mas só consegue à segunda tentativa, pois tremem-lhe as mãos. Solto um suspiro de alívio, ao sentir as algemas a caírem em cima da cama. Aproveito para retirar o meu cateter e levantar-me com dificuldade.

Faço um esgar de dor, ao sentir a sutura ainda recente na barriga. O meu braço continua a prender a Camélia, as suas costas contra o meu tronco.

Estou nu debaixo da bata, o que não me dá muito jeito.

— Algema-te no meu lugar — digo ao polícia. — Ah, e entrega-me a tua arma. Preciso dela.

— Como? — pergunta ele, espantado.

— Também te pediria as calças, mas tenho pouco tempo. Despachate.

Pressiono a lâmina para que perceba que estou a falar a sério. Uma gota de sangue desliza pelo pescoço da Camélia e isto faz com que ele se decida.

Arrependo-me imediatamente, mas o pedido de desculpas não me sai.

— Não se aflija, menina — tranquiliza-a, ao entregar a arma. — Nada irá acontecer-lhe. Vai correr tudo bem, OK?

Solto uma pequena gargalhada, virando a cabeça para a Camélia. A minha respiração aflora-lhe a face quando sussurro:

— OuViste isto? Ele julga que és uma donzela em perigo. Que querido.

Se ele soubesse! Não tenho a certeza de que a Camélia precise de que a salvem. No fundo, espero que saiba que não tenciono magoá-la de modo algum.

O polícia algema-se enquanto me encaminho para a porta. Agora, a Camélia tem uma pistola encostada à cabeça. Segue-me sem oferecer resistência, ofegante e de olhos fechados.

Apercebo-me, demasiado tarde, de que está a ter um ataque de pânico. *Porra.*

— Respira — digo-lhe, baixinho, pousando uma mão na sua barriga, para a tranquilizar. — Faz força com a barriga contra a minha mão. Inspira... eXpira... Isso já passa.

— Vou fazer-te pagar caro por isto, McAllister — replica, tentando acalmar-se. — Vê lá se te escondes bem... porque, se te encontrar, mato-te.

Agrada-me quando ela me fala ao coração. Sorrio de encontro à sua face e estendo-lhe o meu dedo mindinho.

— Prometes-me?

Ela ignora-me. É apenas a adrenalina que me dá coragem para abrir a porta. O outro chui que está de guarda vira-se e imobiliza-se ao dar de caras connosco.

— Nem um gesto — digo, com um dedo no gatilho. — Pousa no chão a arma e o *walkie-talkie*... deVagar.

Ele suspira e obedece ao ver o rosto da Camélia. Eu não a vejo, mas consigo imaginar perfeitamente a sua expressão mortífera. *Espero que não esteja a chorar.*

Ainda bem que está de costas para mim.

Ordeno-lhe que apanhe a pistola e que espatife o rádio com a sola do sapato, e ela fá-lo. Tenho sorte por estar num corredor vedado ao público, por causa do meu estatuto de prisioneiro.

Por enquanto, não há mais ninguém, mas não será por muito tempo.

Não estou livre de que apareça um médico.

— Vamos brincar às escondidas? Entra no quarto e conta até duzentos. Se Vos Vir antes disso, mato sem hesitar o primeiro que aparecer.

O tipo insulta-me entredentes, mas faço-lhe sinal para obedecer sem questionar. Fecho a porta à chave, mesmo sabendo que isso irá detê-los apenas durante alguns momentos.

Ao mesmo tempo, a Camélia e eu recuamos, e ela pisa-me.

— Sabes, por acaso, onde é a saída?

— Nunca chegarás à saída, cretino!

— Não nos subestimes, Camélia. Tu e eu formamos uma boa equipa.

Tiro-lhe a arma que apanhou do chão e atiro-a para um carrinho cheio de roupa. Basta-me uma.

— Anda — digo, pegando-lhe na mão.

Escondo a pistola no casaco da Camélia, colada a mim, enquanto avançamos a passos largos. Continuo com o traseiro ao léu, mas ninguém nos presta grande atenção. *Por enquanto.*

— Desculpem, mas precisam de ajuda?

Viro-me para o médico atarefado, que nos fita com uma expressão preocupada. *Merda.* Preparo-me para responder, mas a Camélia antecipa-se, com uma voz estranhamente calma.

— É o meu irmão. Vou levá-lo lá fora. Precisa de apanhar ar.

— Deveria chamar a enfermeira dele ou, pelo menos, sentá-lo numa cadeira de rodas... Olhe...

Junto da receção do piso está uma cadeira de rodas. Sento-me nela, tapando os joelhos com uma manta de lã que estava lá pousada, e agradeço-lhe.

Não tenho um segundo a perder. A qualquer momento, os polícias vão arrombar a porta do quarto e avisar toda a gente.

— Pode dizer-me o seu nome? Vou... — pede o médico, antes de ser interrompido pelo seu *pager*. — Merda. Tenho de ir, mas não saiam daqui. Vou chamar alguém!

Claro! Assim que ele vira a esquina de um corredor, a Camélia empurra-me a toda a velocidade em direção ao elevador.

Debaixo da manta, sinto as mãos a transpirarem, agarrando a arma

com força. Quando chegamos ao rés do chão, há tanta gente que ninguém repara em nós. Vejo uma camioneta da polícia estacionada diante da entrada principal, bem como três homens a gracejarem enquanto fumam um cigarro.

— Caraças, caraças, caraças — diz a Camelia, mas sem parar.

— Vai correr tudo bem. Continua, não pares.

Não estou certo de que isto seja verdade. Basta que um deles suspeite de nós e acabou-se. Não me apetece ter de sacar da minha arma...

Sinto-me incapaz de matar alguém ou até de disparar para o ar. Se for apanhado, sei que perderei.

Atravessamos, com uma família, as portas que levam aos jardins exteriores. O coração martela-me o peito. Os polícias não olham sequer para nós, irritados com a mãe que se zanga com o filho e que lhe dá uma palmada no traseiro.

Mais alguns metros.

De repente, ouço um grito à distância, atrás de mim.

— Corre — diz a Camelia, subitamente.

Ergo a cabeça na sua direção e sigo o seu olhar, fixo num ponto acima do seu ombro. Um dos chuis que deiXei lá em cima corre pelo átrio do hospital, gritando aos colegas que eu fugi.

Levanto-me rapidamente, deixando cair a manta no chão. Tenho alguns preciosos minutos de avanço em relação a eles.

— Não te esqueças de me detestar, OK? — digo, dando um beijo rápido na face da Camelia, pelo qual irá odiar-me mais tarde.

Deixo-a no passeio e corro...

...a reZar para que ninguém me alVeje pelas costas.

CAMELIA

Setembro de 2022

O Lou passou a ser um assassino em fuga.

Ainda não consigo acreditar que fez isto — *e que o ajudei!* Não sei se devo rogar-lhe pragas por me usar como refém ou admirar a sua imprudência. Por uma vez, não foi cobarde, muito pelo contrário.

Creio que o respeito um pouco mais por isso.

— Não faço ideia do lugar para onde foi — repeti aos investigadores, enquanto uma enfermeira limpaVa o ferimento no meu pescoço.

Julguei mesmo que iam apanhá-lo. EstaVa sozinho, ferido, sem meio de transporte... Como conseguiu escapar-lhes tão depressa? É um milagre.

— Se ele entrar em contacto consigo, telefone-nos imediatamente.

Prometi fazê-lo sem pensar realmente nisso. A seguir, fui para casa, para avisar a Charlotte. Não contei a mais ninguém o que aconteceu, nem sequer ao meu pai ou às minhas amigas. Os meus pais apareceram no meu apartamento, para se certificarem de que eu estaVa bem, roídos de preocupação. Desde então, todas as manhãs, tenho direito a uma mensagem do meu pai.

Foi há dois dias.

A polícia está em todas frentes. Onde quer que o Lou esteja, espero, para seu bem, que tencione permanecer lá escondido.

Hoje, volto para casa após um longo dia de aulas. Sentada no autocarro, retomo a leitura de *A Festa das Bruxas*, que deixei de lado depois de tudo o que aconteceu recentemente. Já Vou a meio, mas ainda nada me saltou à Vista.

É uma perda de tempo. Viro mais uma página, bocejando, e, de repente... fico hirta. O meu olhar detém-se numa letra à volta da qual foi feito um círculo a caneta, um M maiúsculo.

Que...

Passo os olhos pela página ímpar e o meu ritmo cardíaco acelera quando noto que há mais letras assim.

É demasiado subtil para que me pudesse ter apercebido da circunstância apenas ao folhear o livro. Tiro apressadamente o telemóvel da mala e escrevo todas as letras, umas a seguir às outras:

M, O, N, U, M, E, N, T, O, D, U, G, A, L, D, S, T, E, W, A, R, T.

Oh, caraças. Não demoro muito a perceber que se trata de um local: o Dugald SteWart Monument, ou seja, o monumento de homenagem ao filósofo com o mesmo nome, aqui em Edimburgo, situado em Calton Hill.

O Lou tinha razão. O Rory deixou realmente pistas... *para mim.* É uma caça a enigmas. Uma investigação, da qual é o narrador e o promotor. DeVeria ir lá imediatamente? O entusiasmo da descoberta faz correr mais depressa o sangue nas minhas Veias; infelizmente, o autocarro chega à paragem em que saio.

Decido, então, que irei lá no dia seguinte, durante o dia. Não gosto de andar pelas ruas de Edimburgo depois do pôr do sol, ainda que haja sempre movimento em Cockburn Street.

Principalmente com um potencial assassino à solta... penso ironicamente ao meter a chave na fechadura da minha porta. Esta manhã esqueci-me do guarda-chuva, pelo que o meu cabelo pinga no soalho.

O apartamento está às escuras, iluminado apenas pelos candeeiros da rua.

Descalço as botas e atiro-as para o chão com um ruído abafado, exausta. O meu *loft* é espaçoso, com uma *kitchenette* equipada. Abro o frigorífico para me servir de algo para beber, quando me invade um mau pressentimento.

Está alguém na minha casa.

Não é algo racional, mas sinto-o no meu íntimo. Sinto um olhar a pesar nas minhas omoplatas. Fecho o frigorífico e aproximo-me do lava-louças, onde deixei os talheres e os pratos sujos do dia anterior.

O meu telemóvel está no fundo da minha mala. É impossível ligar a alguém antes que ele ou ela me salte para cima. Não ousou sequer virar-me, com receio daquilo com que irei deparar.

De repente, levanto os olhos e vejo uma sombra projetada na parede à minha frente. Estremeço, enquanto a figura se aproxima

perigosamente atrás de mim.

O meu primeiro reflexo é pegar numa faca que está no lava-louças, o segundo é berrar por socorro.

Infelizmente, só tenho tempo para o primeiro. Assim que agarrei na arma, uma mão tapa-me a boca para me silenciar.

Um braço rodeia-me o peito e, por um instante, acredito *literalmente* que vou morrer de medo. Mas, sem que eu saiba como, o meu instinto de sobrevivência leva a melhor e, num nanossegundo, tenho a ponta aguçada da minha faca encostada à garganta do meu agressor.

Isto tem a vantagem de o imobilizar imediatamente. Ficamos ambos imóveis. Ouço apenas as nossas respirações entrecortadas no silêncio do meu pequeno apartamento. Tremo tanto que até é embaraçoso.

— Não vou fazer-te mal, Camélia.

Graças a Deus.

É estranho, mas fico tranquila por ser apenas ele. No entanto, o alívio dura apenas um segundo, pois recordo-me subitamente de que ainda é acusado de homicídio.

Como conseguiu o Lou McAllister entrar aqui, por meio de um arrombamento? Ei-lo em minha casa, sem algemas nem guardas para controlar o nosso contacto... Livre para fazer comigo o que quiser.

Permaneço imóvel, com a minha boca contra a palma quente da sua mão, um sinal de que está à minha espera há algum tempo. Sinto a sua respiração na minha face e ele afrouxa ligeiramente o seu aperto, para me deixar respirar. *E se eu o mordesse até ele me largar?*

Lembro-me da faca pressionada contra a sua maçã de Adão e isso quase me faz sorrir. A cada um, a sua vez.

— Larga-me, antes que te esventre — digo, baixinho, apesar doavor.

Estou a fazer *bluff*. Talvez ele esteja armado.

— Estou a sonhar ou medir forças excita-te? — murmura, contra a minha têmpora.

— Não cometas o erro de julgar que não sou capaz, Lou.

— Acredita que sei que és.

Estranhamente, não tenho a sensação de que isso o assuste. No entanto, retira a mão, devagar, e acaba por me largar. Fico à espera de que recue o suficiente para eu me virar, apontando-lhe a faca.

Ao encarar o maldito traidor, o coração salta-me no peito. Não o reconheço imediatamente por causa do boné preto que tem enfiado na cabeça e que lhe esconde o cabelo.

Conseguiu arranjar roupas, pois Veste agora umas calças beges e uma camisola azul-escura. Apesar da palidez, parece estar em forma. Levanta as mãos para me tranquilizar, divertido.

Não lhe dou tempo para abrir a boca.

O meu punho desfere um golpe, que lhe acerta furiosamente no nariz. O Lou pragueja de dor, levando a mão ao rosto. Pelo menos, consegui apagar-lhe o raio do sorriso!

— Disse-te para não Voltares — exclamo, massajando o meu punho dorido.

— OK... Eu estava a pedi-las — concorda, endireitando-se.

Tem o nariz Vermelho, mas não está a sangrar. Arrependo-me de não lhe ter batido com mais força. Agradou-me mais do que julgava.

— Se ficares mais descansada, posso sentar-me do outro lado da divisão — acrescenta. — Preciso de todos os meus dentes.

— Podes também ir-te embora e não voltar a entrar em minha casa sem a minha autorização — replico, sem baixar a guarda.

O Lou deixa escapar mais um meio-sorriso, que nunca lhe chega aos olhos. Apercebo-me de que está cansado. Nestes últimos dois dias, não deve ter dormido muito.

Aliás, onde é que passa as noites?

— Continuas a julgar-me culpado.

O seu olhar percorre o apartamento, como se não tivesse tido tempo para o ver antes de eu chegar. A seguir, aproxima-se da janela. Afasta a cortina branca para espreitar para a rua, cauteloso.

Ainda estamos às escuras. Olho para a minha mala, que larguei no chão, onde está o meu telemóvel.

— Acredito nas provas.

— Por vezes, as provas não dizem a verdade. Por vezes, são forjadas.

— É verdade. Mas contam sempre uma história.

E, a mim, dizem-me para não confiar nele.

Quero perguntar o que faz aqui, mas mal ousa pestanejar. Continuo a segurar firmemente na minha faca, em posição de defesa. Deveria ter

suspeitado de que ele Viria procurar-me... Fui incauta.

— O que é que queres? Disseste que me deixarias em paz.

— Menti. Lamento.

Cerro os dentes, irritada. Ele não lamenta coisa alguma. Cometi um erro enorme ao deixá-lo usar-me. Falhei no meu dever de advogada e à Camélia de 17 anos.

— Toda a gente anda à tua procura. Deverias ter saído do país assim que fosse possível...

— Não posso. Para o caso de não teres percebido, o país anda à minha procura. Vasculhaste nos livros?

A pergunta apanha-me tão desprevenida que não tenho uma resposta pronta. O olhar do Lou perde-se nos livros do Rory encostados à minha parede.

— Sim. Não descobri nada.

Obviamente, é mentira.

— Impossível. Tem de haver alguma coisa.

— E se estiveres enganado?

Quando faço esta pergunta, ele fita-me, de sobrolho franzido.

— Não estou enganado — insiste o Lou, determinado. — Tal como eu, leste o seu testamento. O Rory sabia que alguém ia matá-lo. De certeza que o ameaçavam e ele queria que ficasses a saber.

— Não faz sentido. Se suspeitava de que queriam matá-lo, porque não foi à polícia, como qualquer outra pessoa?

O Lou não tem uma resposta para isto. Sabe que não tem lógica. No entanto... *Caraças*. Eu própria também acredito um pouco nisso. Porque existe um aspeto suspeito: o motivo pelo qual me incluiu no seu testamento.

— Não sei... mas estou convencido de que tenho razão — murmura, como se estivesse a falar consigo próprio. — Sinto-o no meu íntimo. A minha carta não diz nada, ele não teria partido sem me deixar algo, qualquer coisa.

Ab... Agora, entendo melhor. O Lou está em negação. Não aceita a possibilidade de o Rory ter morrido sem lhe deixar mais nada.

Será que ainda o ama?

Esta possibilidade enervava-me.

— Não percebo o que é que todos Vocês Viam nele.

O Lou fita o VaZio, sentado num dos meus sofás, e deíXa escapar um murmúrio quase inaudível:

— Ele salVou-me.

Não me atreVo a pedir-lhe mais eXplicações, com receio de que julgue que me interesso por ele. Tento apenas compreender. O Rory era o melhor dos manipuladores e o pior dos assediadores. Como se pode gostar disso?

Porque é que ninguém nunca me amou assim?

Ficamos assim, durante longos segundos, interrompidos apenas pela força do Vento de outono contra o telhado.

— Porque estás aqui, Lou?

A minha pergunta é somente um sussurro cansado, mas sei que ele me ouviu. Sabe o que estou a perguntar.

Vejo-o sorrir com tristeza e, a seguir, encolhe os ombros.

— Não tinha outro sítio para onde ir.

Saboreio esta confissão, sentindo um calor desconhecido a inundar-me o peito. Apesar de nos detestarmos, correu a refugiar-se em minha casa. Isto deíXa-me mais feliz do que teria imaginado.

Tenho-o na palma da minha mão.

O que deVo faZer agora? Mandá-lo de Volta para o lugar de onde veio? Pegar no telemóvel e denunciá-lo à polícia? *Escondê-lo?* Prefiro morrer.

Mesmo que adore o facto de ele não ter mais ninguém, senão eu, a quem recorrer.

Vejo aqui uma espécie de oportunidade, certamente algo louca, de obter o que quero. De satisfazer a minha necessidade de Vingança. Sempre quis ter domínio sobre o Lou, talVeZ para me conVencer de que não sou fraca, ou apenas por mero rancor. Ele humilhou-me tanto!

É a minha veZ.

— O que é que queres? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

— Nada. Tens razão, foi um erro vir aqui. Vou-me embora.

Não! Já, não! Preciso de um preteXto para o conVencer a ficar, qualquer um.

O Lou prepara-se para faZer o que disse e leVanta-se, com um esgar. Instintivamente, baixo o olhar para o sítio do seu ferimento, ao nível

do abdómen. Tem uma mancha escura na camisola.

— Estás ferido.

— Já sei disso, Camelia — replica, encaminhando-se para a porta.

AproXimo-me dele, eXasperada. Quando estou suficientemente perto, leVanto-lhe a camisola, para obserVar o golpe. De facto, a ligadura está toda ensanguentada.

— Os pontos rebentaram.

É a sua VeZ de olhar, ficando também surpreendido, como se não tiVesse dado conta, e, a seguir, baiXa a camisola para eu o largar.

— Hei de sobreviVer.

Sem pensar, agarro na malha e obrigo-o a sentar-se numa das minhas cadeiras. Viro-lhe as costas durante o tempo suficiente para ir à casa de banho buscar o estojo de primeiros socorros.

— Despe-te — ordeno-lhe.

Ele arqueia uma sobranceira, quase me fazendo corar.

— É agora que choro como um bebé?

Meu Deus, ele é tão irritante.

Tira o boné e despe a camisola, despenteando ligeiramente o cabelo. Fica de tronco nu. A pele dos seus abdominais está coberta de uma fina película de suor e de sangue fresco.

Finjo não reparar, mas não há dúVida: o Lou é bonito. Tem uma beleza esmagadora e guerreira herdada dos deuses em fúria, filho de Ares e de Afrodite. Detesto-o ainda mais pelo que proVoca em mim a Visão da sua pele nua e firme.

DeVeria deixÁ-lo morrer, principalmente depois do que me fez no hospital. Em VeZ disso, pouso uma mão na sua testa, para Verificar que não tem febre.

— Não és obrigada a faZer isto — diZ, erguendo o olhar.

Preciso de o fazer, para que fiques à minha mercê.

— Não te iludas. Não o faço por bondade — replico, secamente. — Agrada-me que fiques em díVida para comigo.

Finalmente, acendo a luZ e sento-me diante dele, com os joelhos entre as suas pernas abertas. Ele fita-me, com uma eXpressão de indiferença.

Corto a ligadura, para a retirar totalmente, eVitando faZer uma careta perante o estado do ferimento. Não tem nada bom aspeto. DeVe doer

horrores, mas reconheço que ele resiste bem à dor.

Com uma luva húmida, lavou cuidadosamente o ferimento e, a seguir, desinfetou-o com clorexidina. Ele cerra os dentes, mas não se queixa.

— Não é tão grave como julguei — tranquilizo-o, pegando numa agulha. — Dois pontos rebentaram. Tenho de te suturar novamente.

Ele olha-me de um modo estranho, com uma expressão subitamente desconfiada.

— Já fizeste isso antes?

Encolho um ombro enquanto preparo a linha, sem lhe dizer que a minha mãe é enfermeira.

— Não deve ser muito diferente de costurar.

Ele não parece muito à vontade, mas explico-lhe que também pode ir-se embora e esvair-se em sangue no passeio. Desinfeto a agulha e, a seguir, aproximo-me da sua barriga, para me concentrar.

— Qual é o teu livro favorito? — pergunta-me, de repente.

Não sei se ele precisa de se distrair ou se sente apenas curiosidade, mas entro no jogo. De qualquer modo, detesto silêncios. Sinto sempre que tenho de arranjar algo para dizer, ou o meu interlocutor poderá achar-me enfadonha.

— Uma resposta por uma pergunta?

Apesar de não o ver, sei que sorri. Eu também quero saber mais sobre ele e o seu grupinho de assediadores.

É assim que irei descobrir o seu calcanhar de Aquiles.

— *E Não Sobrou Nenhum*, de Agatha Christie — digo, após ponderar, ainda que amanhã a minha resposta possa ser diferente.

Começo a furar-lhe a pele, o que o obriga a ficar completamente hirto.

— Caraças — pragueja, fechando os olhos. — Confessa que isto te dá um prazer sádico...

Sorrio com relutância, divertida. Ele tem razão.

— Consideras o Rory, a Skye, o Alastair e o Gideon os teus melhores amigos?

Trata-se de uma pergunta que fiz muitas vezes a mim própria. Na altura, pareciam muito unidos, uma seita na qual ninguém podia entrar. Andavam sempre juntos, a ponto de ser assustador.

— Suponho que sim — responde, após ponderar. — Não gosto

particularmente deles, mas são as únicas pessoas com quem posso abrir-me.

— Contudo, Vieste refugiar-te na minha casa.

Olho para ele, ao aperceber-me de que me fita.

— E confias neles? Em todos?

Uma pausa.

— Não.

Eu já sabia. Satisfeita, fico calada e concentro-me novamente na minha tarefa. Se o Lou não confia sequer nas únicas pessoas que fazem parte do seu dia a dia, está tudo dito.

Todos eles seriam capazes de se atrairçoar se isso lhes conviesse. E é isso que torna complicado este processo.

— É a minha vez. O que pensas de mim?

Detenho-me por um momento, hesitante. Não sei o que desencadeia esta tomada de consciência, mas é súbita, como uma evidência. Simplesmente porque o Lou nunca me fez uma única pergunta sobre a investigação.

O processo no qual é acusado de homicídio.

Desde o início que se mostra descontraído e me faz mais perguntas pessoais do que profissionais. Julgava que queria irritar-me, mas começo a perceber...

— Nunca tiveste a intenção de ganhar este processo.

Desta vez, não se trata de uma pergunta. Ouço-o respirar por cima do meu cabelo, em silêncio.

— Nunca acreditaste que conseguisse tirar-te de lá.

— Não.

Desde o início que ele sabia que estava condenado, daí o seu plano improvisado de evasão. Era a sua única esperança.

De certo modo, isto enfurece-me. Primeiro, por uma questão de ego. Segundo, porque ele me fez perder tempo.

— Porquê?

— Queria voltar a ver-te uma última vez.

Paro o que estou a fazer. Disfarço o melhor possível a minha surpresa, mas é difícil. Não estava à espera de nada disto.

Olho para ele, carrancuda. Continua a fazer troça de mim? É possível, mas... O seu olhar parece sincero. Não quero perguntar. Não

quero saber.

— Julgo que és o tipo de homem que leVa a Vida como se fosse um jogo — digo, secamente, furando-lhe noVamente e com mais força a epiderme. — És um clichê ambulante. O do menino rico desprezado, que se aborrece e que sente que existe ao esmagar os outros. Desprezei-te desde o primeiro olhar.

Desta VeZ, o Lou ouVe-me com toda a seriedade de que é capaZ. O seu olhar ensombra-se perigosamente, mas ele permanece silencioso. Então, continuo a escarnecer:

— O teu paizinho nunca te felicitou pelos teus trabalhos manuais em pasta de sal? A tua mãeZinha não te comprou um segundo carro desportivo, quando fizeste 18 anos? Sabes que mais? Estou-me nas tintas. És cobarde, arrogante e egoísta, Lou McAllister. Não suporto Ver os teus olhos e o teu sorriso proVoca-me instintos Violentos.

Tudo isto é Verdade. Ainda que, há cinco anos, quase tenha fraquejado. Pois, apesar de tudo isto, o Lou é magnético. Conseguiu atrair-me, como o Rory atraía todos os outros. Eu sabia que não era um rapaZ decente, mas não me ralaVa.

Ele intrigaVa-me. FascinaVa-me.

Não é o tipo de homem que teria apresentado aos meus pais, e era isso que me agradaVa. A minha Vida era demasiado sensaborona, demasiado certinha, demasiado silenciosa... demasiado preVisível.

Queria que ele me fizesse Vibrar. Que me incentivasse a fumar, que me dissesse para sair de casa às escondidas durante a noite, que metesse uma mão debaixo da minha saia em plena aula de Literatura.

Isto nunca me acontecera.

Querer uma coisa com tanta intensidade.

JulgaVa ter fugido para longe destas fantasias absurdas e Vergonhosas, mas estaVa enganada. Apenas desapareceram ao mesmo tempo que o Lou, ficando em *standby*. Agora que ele Voltou à minha Vida... dou por mim a pensar noVamente neste tipo de coisas.

Qual é o meu problema?

— Já está — digo, colocando compressas esterilizadas sobre o ferimento.

LeVanto-me e Vou à casa de banho laVar as mãos, fugindo do olhar intenso que segue cada um dos meus gestos. O Lou torna a Vestir-se, em

silêncio, e aposto que está arrependido de ter feito a pergunta que fez. Julguei que a sua reação seria de fúria, mas continua calado.

— Agora, Vai-te embora.

O Lou fita-me, sem pestanejar, com os maxilares contraídos.

Porque posso fazê-lo, Viro-lhe as costas e ajo como se já se tivesse ido embora, como se não existisse. Arrumo as minhas coisas e ligo a televisão, sem lhe prestar atenção, com o coração aos pulos.

Só alguns minutos depois, quando começo a cozinhar, é que me apercebo de que estou sozinha.

Ele foi-se embora.

Sinto um alívio tão grande que me agacho e enfio a cabeça entre as minhas mãos trémulas.

Está tudo bem. Estou sã e salva. Acabou-se.

Acabo por me levantar e, a seguir, dou uma volta pelo *loft*, para me certificar de que estou realmente sozinha. Depois, tranco todas as portas e janelas e corro as cortinas.

Já sei que Vou passar a noite em claro.

Quando Volto para a sala, paro subitamente, enquanto o meu olhar se detém em algo que não Vira antes.

O Lou deixou um *post-it* em cima da mesa... com um número de telefone rabiscado.

LOU

Setembro de 2022

São seis da manhã quando o sol nasce em Edimburgo.

Estou escondido atrás de um arbusto em Calton Hill, com os cotovelos pousados sobre os joelhos, a contemplar a cena. O ar está húmido e silencioso na cidade de arquitetura lúgubre. Está frio, mas sabe-me bem sentir o vento nas faces.

Choveu durante toda a noite. Gosto do cheiro da chuva misturado com o da terra molhada. Tenho a sensação de respirar melhor.

Foi uma parvoíce vir para aqui, principalmente tendo a polícia no meu encalço. Mas não sabia onde me refugiar...

É o sítio ideal para refletir, sobretudo graças à vista panorâmica que tenho diante de mim. O Rory era o único que sabia onde encontrar-me quando eu estava em baixo. Vinha ter comigo após o pôr do sol, depois de os turistas terem tirado fotografias e regressado ao hotel.

— Não entendo porque não gostas de ler — dizia, sorrindo, com um braço sobre os meus ombros. — No entanto, tens tudo do herói trágico inventado por Homero.

Fazia troça de mim, mas este sítio tornou-se rapidamente nosso.

Tiro do bolso o meu novo telemóvel, um *iPhone* antigo do Rory que encontrei no meio da balbúrdia do seu quarto. Tive de comprar um cartão novo e, embora a polícia não tenha maneira de rastrear os meus contactos, sinto-me angustiado.

E se puseram a Camélia sob escuta? Impossível. Era apenas a minha advogada, e não uma suspeita.

Não tem chamadas nem mensagens. Não estava a contar com nada, pelo que não fico dececionado. Esperava mais de uma investigadora principiante, desejosa de me destruir a qualquer preço, só isso.

Se não existisse este passado entre nós, teriam as coisas sido diferentes? Sem ela, não sei por onde começar. Não posso sequer contactar a Skye ou os rapazes, com receio de que estejam a ser

Vigiados pela polícia.

De certeza que me denunciariam à primeira oportunidade.

Fiquei escondido durante Vários dias, aterrorizado com a ideia de ser apanhado se me mexesse. Quando não tive alternativa, enchi-me de coragem e fui buscar roupas aos Vestiários do ginásio que o meu pai frequenta.

Sabia que ninguém estaria lá à minha espera.

Tenho uma ideia de onde me esconder a seguir, mas é muito arriscado...

— Oh... Andas a seguir-me, ou quê?

Quase desmaio de susto.

Felizmente, é apenas a Camelia. Parece ofegante por ter subido até aqui, Vestida com umas *leggings* e uma camisola larga, de cor creme. Assim, tem um ar mais acessível, menos intimidante.

— Porque é que estás em todos os sítios aonde Vou? — aborrece-se, deixando-se cair na relva ao meu lado. — Se julgavas estar bem escondido atrás deste arbusto, és um assassino em fuga muito incompetente.

Apesar da surpresa de a Ver aqui, sorrio. Pensei que ontem fora o nosso último encontro. Parece que o destino teima em aproximar-nos. Ou o Rory.

— Tudo leva a crer que me apetecia que me encontrassem.

Principalmente tu.

Acima de tudo, isto diverte-me, ainda que as suas últimas palavras me tenham deixado um traço amargo na boca. No entanto, não posso levá-las a mal... Ela tem razão e por isso é tão doloroso.

— Desde o início que és sempre tu quem vem ter comigo, e não o contrário. Já estavas com saudades minhas? — pergunto, a sorrir, com o queixo apoiado delicadamente na mão.

— Vim ter com o Rory, e não contigo.

Pestanejo, sem estar certo de ter ouvido bem. A Camelia hesita demoradamente, ponderando, e acaba por vasculhar num dos seus bolsos. Pego no pedaço de papel que me estende, perplexo.

— Ontem, menti... Encontrei uma mensagem em código num dos livros do Rory — diz, olhando em frente. — Trouxe-me até aqui.

Desdobro a folha de papel, com a adrenalina a disparar nas veias.

Trata-se de uma série de letras, que formam Várias palaVras... o nome de um local. Deste local.

Eu tinha razão! Não estou louco. O Rory deiXou-nos algo e escondeu-o aqui. Claro que o escondeu aqui. Era o *nosso* sítio.

— Ele deVe ter ocultado uma coisa nas redondeZas — digo, leVantando-me apressadamente.

Começo a contornar o monumento. A Camelia segue-me, sem protestar. Os meus olhos obseRvam todos os pormenores, mas nada.

O que poderá ser? A placa... um objeto escondido na relVa... talVeZ no interior das colunas? *Tenho de ir ver!*

Vejo, demasiado tarde, a Camelia a transpor a Vedação e a trepar ao monumento como uma ninja. Parece que me leu os pensamentos.

— Oh!

Fico sem fôlego quando a Vejo contornar o cilindro e erguer o braço. Aí, de entre os pequenos degraus, retira um pedaço de papel suficientemente pequeno para passar despercebido ao longe, protegido das intempéries.

AproXimo-me para a ajudar a sair dali, as minhas mãos nas suas ancas. Aterra ao meu lado, ofegante. Estou muito perto da Camelia quando ela o desdobra e o leio por cima do seu ombro.

— Oh, caraças! — pragueja, quando o meu coração começa a tamborilar no meu tórax.

É mesmo dele. *É do Rory!*

Ainda bem que não sou eu quem está a segurar no papel, pois sinto as mãos a tremerem. Eu estaVa certo... O Rory deiXou mesmo uma pista.

E à medida que os meus olhos percorrem as linhas que nos escreVeU, o meu entusiasmo transforma-se em decepção e, a seguir, em fúria.

Lou,

*Sempre me agradou a ideia de vir aqui sabendo
que te encontraria. Como se fosse uma promessa.*

*Agrada-me ainda mais a ideia de que nunca tenhas
trazido mais ninguém... embora espere que, quando
leres estas poucas frases, a Camelia esteja contigo.*

Ela continua a detestar-me? Se sim, ainda bem.

Boa caça para os dois.

Portanto, ele sabia.

O Rory imaginava que o assassino ou a assassina iria agir. E, em vez de falar sobre o assunto com alguém, em vez de se abrir *comigo*, deu-se ao trabalho de organizar a *porra* de uma *investigação post mortem*!

Não consigo controlar-me e desato a rir-me. Cada vez mais alto. Neste momento, detesto-o tanto.

A Camelia olha para mim, sem dizer nada, com uma expressão preocupada.

— «Boa caça»... Que significa isso?

Sorrio-lhe, embora o meu sorriso não exprima, de todo, o que sinto.

— Significa que conhecia o seu assassino e quer que também descubramos quem é.

A Camelia relê o bilhete, uma e outra vez, até que estremece de horror.

— Só mesmo o Rory para organizar um *Cluedo* real.

Estou furioso. Tão enervado que tenho de fazer um esforço para não me ir embora sem dizer uma palavra e para não pôr toda esta história para trás das costas. Como é que ele foi capaz? Não sou um dos seus fantoches, nunca fui! *Eu, não.*

— E agora? — interroga-se a Camelia. — Não vejo pistas na carta dele.

Não respondo, o olhar perdido na paisagem. Não sei e não estou certo de querer descobrir. Estou cansado de entrar nos jogos duvidosos do Rory.

— «O monumento Dugald Stewart foi concebido pelo arquiteto escocês William Henry Playfair» — lê a Camelia, com os olhos pregados no seu telemóvel.

— Que estás a fazer?

— Estou na Wikipédia, obviamente — responde, como se eu fosse idiota. — É a primeira coisa que devemos fazer, não?

Confesso que não me lembrei disso. Não sei que utilidade poderá ter o que ficarmos a saber pela Wikipédia.

— «A conceção de Playfair baseia-se no monumento corágico de Lisícrates, em Atenas, na Grécia... blá-blá-blá» — continua ela, lendo mais abaixo no ecrã. — «Este exemplo da arquitetura da Grécia Antiga tornou-se alvo de maior interesse devido ao estudo ilustrado de James Stuart, o Ateniense, e Nicholas Revett, *As Antiguidades de Atenas*, publicado em 1762.» Bingo!

Aproximo-me dela, sem conseguir controlar a curiosidade. De facto, é a única referência literária que é feita. Conheço o Rory o suficiente para saber que ele encontraria qualquer pretexto para relacionar tudo com os livros.

Com dois cliques, a Camelia descobre que existe um exemplar disponível para leitura... na biblioteca da Universidade de Edimburgo.

— É aí que está a nossa próxima pista — afirma, com os olhos a brilharem de entusiasmo. — Tenho a certeza.

— Também está à venda na Internet, sabes?

— Sim, mas o Rory não teria deixado pistas em cada exemplar distribuído pela Amazon, cretino.

Estou um pouco cético, mas a Camelia lança-me um olhar carrancudo, o suficiente para me calar. Suponho que a especialista seja ela.

— A «nossa» próxima pista? — repito, enfiando nos bolsos as mãos geladas. — Quer dizer que mudaste de ideias?

A Camelia parece pensativa, o olhar distante. Por fim, encara-me e estende-me a mão em sinal de tréguas.

— Concorde em ajudar-te a conduzir a investigação.

Rio-me, trocista, resistindo à vontade de lhe dizer que não sou parvo. Ela pode parar de se armar em falsa altruísta comigo. Nesta história, a Camelia ajuda-se apenas a si própria.

— Mas que fique claro... — acrescenta, quando lhe aperto a mão. — Esta aliança de curta duração não significa absolutamente nada. Não gosto de ti. Não faço isto por ti. E, se descobrir que és culpado, serei a primeira a denunciar-te aos chuis.

Não esperava menos da parte dela.

— Obviamente. Imagino também que imponhas condições.

— Claro. Não pratico caridade, também tenho de ganhar alguma coisa.

Sorrio, intrigado com o que tenciona pedir-me em troca. Gosto desta nova Camelia. Pela primeira vez na vida, não me dão graça. É triste, mas a Camelia deve ser a primeira pessoa a mostrar-se sincera comigo, mesmo que isso signifique mandar-me à merda.

— Que queres?

Ela fita-me em silêncio, com um olhar penetrante. Não augura nada de bom.

— Ainda estou a ponderar.

Arqueio uma sobranceira, surpreendido com a sua súbita timidez. Sei perfeitamente que já tem uma ideia, mas recua perante o facto

consumado.

Quero saber.

— Na sexta-feira, ao fim da tarde, posso arranjar tempo para ir à biblioteca — informa-me, guardando o telemóvel. — A seguir, mando-te uma mensagem, para te dizer...

— Vou contigo.

Ela pestaneja, surpreendida.

— Nem pensar. Como disseste, és procurado em todo o país.

— Vai correr tudo bem. Sei passar despercebido.

— É a faculdade onde estudas. Toda a gente te conhece! E tu *não* sabes passar despercebido.

— OK. Então compra-me uma peruca, uns óculos e um bigode postiço.

A Camélia suspira, massajando as têmporas, mas acaba por concordar sob o pretexto de que «estou a dar cabo da minha vida, e não da dela».

— Ficas bem, entretanto? Tens onde dormir?

Inclino a cabeça para o lado, com um sorriso a curvar-me os lábios. Primeiro, ela trata os meus ferimentos e, agora, preocupa-se com o sítio onde passo a noite. *É inédito.*

— Porquê? Ofereces-me o calor da tua cama, por pura bondade?

— Experimenta — replica, com um sorriso meloso que me aterroriza. — Durmo com uma faca debaixo da almofada, pelo que serás bem recebido.

— Começo a achar cada vez mais que tens um fraquinho por lâminas — murmuro, tocando com o dedo no penso que tem no pescoço.

Ainda me censuro por isso, mas não consigo verbalizá-lo. De qualquer modo, ela não acredita em nada do que digo.

Vejo-a estremecer, apesar do seu olhar mortífero. Era uma piada, mas o seu silêncio alimenta a minha imaginação louca. Imagens proibidas invadem-me a mente e tenho de recuar um passo, para aclarar as ideias.

— Então, até sexta-feira.

Sou o primeiro a afastar-me, ajustando o boné na cabeça, antes de me fundir na sombra.



Sou completamente louco.

ProVaVelmente, era o que diria o Rory, se estiVesse aqui. Estou conVencido de que deVe estar a obserVar-me lá de cima, a tentar introduZir-me na sua casa. A Vantagem é que passei tanto tempo na mansão dos CaVendishes que a conheço como a palma da minha mão.

Sei para onde posso ir sem que ninguém me encontre; o edifício é

repleto de esconderijos. A única dificuldade será entrar na casa e sair dela.

Graças a Deus, não há nenhum chui a vigiar as traseiras da mansão. Pelo menos, é o que me parece.

Entro pelo jardim de inverno, verificando através das vidraças que o caminho está livre. O meu coração bate tão depressa que ameaça saltar-me do peito.

O meu objetivo é atravessar a ala leste, para chegar ao fundo da escadaria principal, a que conduz ao salão de baile. O Rory e eu descobrimos esta divisão secreta sob a escada quando tínhamos 12 anos.

Ao longo dos anos, percebemos que nunca ninguém lá ia. Por isso, levávamos para lá um sofá, jogos e comida. Era lá que nos refugiávamos quando queríamos desaparecer.

É precisamente o que quero hoje.

E é isso que faço. Abro a porta secreta sob a escada... *e desapareço.*

CAMELIA

Setembro de 2022

Ainda não tinha ViVido nada tão empolgante.

Custa-me admiti-lo, por diVersos motiVos, mas é a Verdade. Eu, Camelia O'Brien, estou a trabalhar numa Verdadeira inVestigação de homicídio! É claro que não tem nada de oficial... e o meu colega é um potencial assassino procurado pela polícia de todo o país... *e que detesto.*

Mas, tirando isso, estou determinada. O Rory sabia que eu nunca Viraria costas a uma caça às pistas, e tinha razão.

Tensa, enVio uma mensagem ao Lou, para lhe perguntar onde está. Combinámos encontrar-nos às seis da tarde, nos corredores da faculdade, mas ele ainda não apareceu. Ou foi detido pela polícia quando Vinha para aqui, ou foi interpelado à entrada...

— Estou aqui — murmura uma VoZ suaVe no meu ouVido.

Estremeço, olhando por cima do ombro, e Vejo uma cabeça coberta com um boné preto. LeVanto-o o suficiente para me certificar de que é mesmo ele; imediatamente, um par de olhos penetrantes encontra os meus.

Tum, tum. Tum, tum.

BaiXo-lhe instintivamente o boné, quase à pressa, o que lhe arranca um grunhido de surpresa mais do que de dor. EnVergonho-me por o admitir, mas o meu coração teVe uma paragem ao Vê-lo.

As suas íris cor de aVelã estão hoje mais claras, quase da cor de mel das folhas de outono que cobrem as ruas da cidade.

Como se atreve ele a sair com um olhar assim?!

— Atrasaste-te.

— Lamento. Irei queiXar-me ao meu motorista — replica, reVirando os olhos.

Reparo que trocou noVamente de roupa. Está Vestido de laVado e tornou a pôr as argolas finas na orelha. Finalmente, Voltou a ser o Lou que conheço. De algum modo, é tranquilizador.

— Apressemos-nos. Toma, põe isto — digo, entregando-lhe um par de óculos de armação grossa e uma máscara cirúrgica.

Ele coloca tudo, sem se queixar, e, a seguir, aceita o cartão da biblioteca que lhe dou.

— Pedi-o emprestado a um amigo. Por isso, não o percas.

— Um amigo? — repete, arqueando uma sobrelha. — Fico com alguns ciúmes...

Ignoro-o, ordenando-lhe que ande de cabeça baixa, para não dar nas vistas. Não me sinto nada tranquila. O Lou nunca deveria ter voltado aqui, tão pouco tempo depois da sua evasão.

Caminhamos pelos corredores silenciosos, cautelosos. A nossa proximidade deixa-me arrepiada. Olho-o de soslaio, mas ele parece descontrado.

Passei anos a percorrer estes mesmos corredores, a rezar para não me cruzar com o Rory e com ele, a observá-lo discretamente por cima dos meus livros policiais.

Os nossos olhares cruzavam-se frequentemente.

Era sempre a primeira a desviar os olhos.

Hoje, ele está ao meu lado. É como se me atraísse a mim própria.

De repente, o sangue congela nas minhas veias. Petrificada, paro a meio do corredor. O Lou faz o mesmo, praguejando entredentes.

A polícia está aqui. A quatro metros de nós.

Quero voltar rapidamente para trás, mas fugir seria demasiado suspeito. É tarde de mais, os polícias vêm já na nossa direção. Estão acompanhados de uma professora, em plena conversa.

— Continua — sussurra o Lou, dando-me a mão. — Ri-te. Comporta-te como se nada fosse e vai correr tudo bem.

Sinto as palmas das mãos húmidas, mas o Lou aperta-me os dedos com os seus, para me tranquilizar. Não posso fazer outra coisa senão segui-lo, apesar do medo, estampando um sorriso nos lábios.

Ele está a tremer tanto como eu.

— ...tudo o que for necessário para vos ajudar — afirma a professora, ao passar ao nosso lado. — A escola também é responsável. Estamos a implementar um controlo à entrada e à saída das portas principais.

— Hoje, não descobrimos nada, mas existe sempre a possibilidade

de ele Vir refugiar-se aqui. Vamos colocar aqui agentes, de dia e de noite...

Merda. Presto atenção para ouvir o resto, mas, de repente, estão atrás de nós. O Lou puxa-me pelo braço, para entrarmos pela porta aberta de uma sala de aulas, a primeira que encontra.

— Porra — pragueja, fechando a porta. — Escapámos por um triz.

Tento acalmar o meu coração, de pé no meio da divisão. Percebo rapidamente de que é a sala de música. O local onde ele passava a maior parte do tempo... O espaço está deserto... ocupado apenas por um piano de cauda, cadeiras e atris.

— Não temos muito tempo — digo, depois de pigarrear. — Deveríamos ir andando.

— Pelo contrário. O melhor é esperarmos um pouco, para termos a certeza de que se foram embora — diz o Lou, dando a volta à sala, com uma expressão nostálgica. — Só voltarão amanhã.

Ele parece não ter medo de nada e isso enervava-me. Contudo, sei que não é bem assim. Ele disfarça bem, é só isso.

— Caraças, que saudades — murmura, passando a mão pela madeira de um Violino.

Quero dizer-lhe para não mexer em nada, que estamos com pressa, mas algo me detém. O seu olhar, talvez... ligeiramente nostálgico.

Sei que perguntas o torturam agora. *A sua carreira terminou? Quem irá querê-lo depois disto? Terá estragado tudo?*

— Diz-me o nome de uma música que ouças em *loop* — pede-me ele, pegando no arco.

— Não temos tempo para tocar. Alguém vai...

Nem sequer me dá ouvidos. O Lou apoia a queixeira do Violino sob o queixo e segura na cravelha do instrumento com uma mão. Está concentrado no que faz quando a crina toca finalmente nas cordas. Todo o meu corpo fica hirto ao reconhecer a melodia que enche a divisão.

Arcade, de Duncan Laurence.

Não seria capaz de descrever a cena que se desenrola diante de mim. Tenho a sensação de recuar cinco anos no tempo, mas, desta vez, não me escondo. Estou aqui, a contemplá-lo, como se tocasse especialmente para mim.

O seu corpo move-se ao ritmo dos seus braços. O seu sobrolho franze-se ligeiramente com o esforço, mas os seus lábios lutam por deixar escapar um sorriso. Quanto aos olhos, fecham-se por diversas vezes, como se quisesse sumir-se na sua música.

As notas ressoam nas paredes e no meu coração de cimento armado. A melodia é tão bonita, tão poderosa que me arrepia dos pés à cabeça.

Ele é magnífico. Magnético. Hipnotizante.

Contento-me em ficar ali, a olhá-lo, subjugada, apesar de todos os meus esforços para resistir ao seu apelo. Quando chega à ponte da música, sinto o meu coração a acelerar e os meus olhos a marejarem-se. Dir-se-ia que o Lou está enfeitiçado, em transe, noutro mundo.

As últimas notas morrem nos seus dedos. Quando baixa o Violino, o seu olhar volta a trespassar-me.

— É a primeira vez que choras ao ouvir-me tocar.

A sua voz soa demasiado alta na divisão. Sinto-me encurralada e não há coisa que mais deteste. Preciso de recuperar o controlo, pelo que enxugo as lágrimas e replico:

— É a primeira vez que tocas mais ou menos bem.

O Lou ri-se baixinho, trocista, com a cabeça inclinada para o lado.

— No entanto, continuavas a vir ver-me tocar. Eu via-te, embora julgasses que eras discreta.

Merda. Não sei como reagir sem confirmar o óbvio, pelo que prefiro calar-me. Quando estou prestes a mandá-lo passear, a porta abre-se nas minhas costas.

Fico hirta, em pânico. Ocorrem-me mil justificações, mas emudeço ao ver quem é.

O Julian.

Oh, não. Só faltava isto!

— Oh... Olá, Camélia — diz, surpreendido.

Dirijo-lhe um sorriso contrafeito. O Lou desapareceu e vejo-o escondido atrás de um pilar, à minha direita. Se o Julian der mais um passo, irá vê-lo... e, certamente, reconhecê-lo.

— Estou contente por te ver — diz o Julian, coçando a nuca. — Nos últimos tempos, não tivemos um minuto para nós.

Oh, não. Por favor, agora não.

— Infelizmente, tenho de ir...

— Não Vou alongar-me — interrompe-me, agarrando-me nas mãos.
— Queria pedir desculpa. Por... Tu sabes.

Coro com a intensidade do olhar do Lou, que não perde pitada da nossa conversa. Julgo que está na altura de o largar de uma vez por todas, ainda que não tivéssemos propriamente um relacionamento. Só fomos quatro vezes para a cama, para nos divertirmos.

— Julian...

— Entrei em pânico. Não imaginei que gostasses desse tipo de coisas e... fiquei surpreendido. Não estou a julgar-te! Cada um tem as suas fantasias.

Ó meu Deus, fazei com que ele se cale!

— Para de pedir desculpa — digo, dando-lhe palmadinhas na mão.

— Estraguei tudo, não é verdade? Se me deres uma oportunidade, posso tentar.

— Não, Julian, não é...

— Estive a ver alguns vídeos no TikTok sobre o assunto.

Massajo as têmporas, morta de vergonha. O Lou McAllister tinha mesmo de assistir a isto?

— Não me parece que seja necessário. Ouve, de qualquer modo, não somos...

— Faço questão! — interrompe-me novamente, o que me irrita bastante. — O estrangulamento enquanto se faz amor está a ficar cada vez mais na moda. Estou aberto a tudo.

O parvalhão disse-o mesmo em voz alta. Sinto-me ruborizar. É mais forte do que eu, o meu olhar encontra o do Lou. Fita-me, a sorrir, divertido e... vitorioso?

— Julian, tu e eu, acabou-se. Lamento.

Ele abre a boca, mas não me parece que esteja surpreendido. Limita-se a anuir, murmurando que compreende, e, a seguir, afasta-se sem dizer mais nada.

Fico com a sensação de que correu bem. Afinal, poderia ter sido pior.

— Ele parece simpático — começa o Lou, saindo do seu esconderijo.
— Fala sempre tanto, mesmo na cama? Compreendo que queiras despachá-lo.

— A propósito, tenho uma coisa para ti — digo, remexendo na

minha mala, antes de tirar de lá... um pirete.

O Lou desata a rir-se. Saio da sala, com uma expressão de indiferença, mas ele Vem atrás de mim e Zomba:

— A sério... Tu é que deVerias amordaçá-lo. Oh, e um conselho: não confies nos tipos que aprendem cenas seXuais no TikTok. Esta Geração Z surpreende-me cada VeZ mais...

— Desculpa. Esqueci-me de que estaVa a falar com um especialista em estrangulamento. É pena que não possa aconselhar-me com o Rory!

Tarde de mais, apercebo-me do meu erro. A «boca» de mau gosto soaVa melhor na minha cabeça, mas não teVe piada. Sinto uma pontada de remorso no coração quando o sorriso do Lou se desVanece.

Inclina a cabeça, com uma expressão taciturna e os maXilares contraídos. O sorriso frio que me mostra é aquele que mais detesto.

— *Touché.*

Não espera pela minha reação e, sem mais uma palaVra, começa a andar.



Há Vinte minutos que nenhum de nós abre a boca. DeVeria ter pedido logo desculpa, mas o meu orgulho refreou-me. Não lhe deVo nada, caraças!

Quando chegamos à biblioteca da uniVersidade, percorremos o tapete Vermelho em direção aos computadores, rodeados de pequenas estátuas de mármore: bustos de autores e poetas clássicos ingleses.

Procuro a localização do livro, contente por ninguém nos prestar atenção. O Lou Vem atrás de mim, com os ombros curvados, enquanto procuro a estante em questão.

S, de James Stuart...

Passo o dedo pelas prateleiras, em busca do célebre livro. O Lou faz o mesmo na estante em frente, com as costas coladas às minhas.

— Desapareceste.

Franzo o sobrolho, sem perceber.

— Como?

O Lou está de costas para mim, ainda um pouco carrancudo depois do que aconteceu há pouco. Movemo-nos como se fôssemos um só, os nossos corpos a roçarem um no outro deliciosamente. Pelo menos, não tenho de me confrontar com o seu olhar.

— Desapareceste durante um ano — repete, baixinho.

Paro, surpreendida com a sua pergunta subentendida.

— Apercebeste-te.

— De um dia para o outro, deixei de te ver. Como poderia não me aperceber?

Isto prova apenas que olhava para mim tal como eu suspeitava. Imagino a decepção, do Rory e dele, ao perceberem que teriam de arranjar uma nova vítima.

«Querias ver-te uma última vez.» Foi o que ele disse, não foi?

— Aposto que te aborreceste sem mim. Foi por isso que te juntaste à estúpida sociedade secreta deles?

— Eu não faço parte dessa parvoíce — diz, sem negar a sua existência. — Para onde foste?

— Fiz um intercâmbio universitário. Em França.

Segue-se um silêncio breve, durante o qual julgo que ele não irá insistir.

— É onde está sepultado Oscar Wilde — murmura, subitamente, como se falasse com os seus botões.

Fico surpreendida com o seu comentário, ele que prefere ouvir música a sentar-se para ler um livro.

— De facto, ele morreu em Paris. Não sabia que gostavas de Oscar Wilde.

Uma pausa.

— Nem por isso.

A secção é tão Vasta que percorremos Várias estantes. Quando consigo finalmente encontrar a localizaçãO teórica do liVro, sofro uma decepção. Não está lá.

— TalVeZ o tenham requisitado — afirma o Lou, antes de eu interpelar uma bibliotecária, para lhe perguntar.

Ela informa-nos de que o liVro que procuramos não pode ser requisitado, nem lido presencialmente. No entanto, é possível consultá-lo num dos computadores do rés do chão.

— E faça-me o faVor de tirar esse boné — acrescenta, secamente. — Um pouco de educação, está bem?

Lanço um olhar ansioso ao Lou, que hesita apenas durante um segundo antes de obedecer. O seu cabelo ondulado solta-se, liVre do que o prendia, e ele ajeita-o com a mão. Este gesto simples é suficiente para me faZer estremecer.

DesVio o olhar, enerVada. *Porque sinto apenas isto sempre que olho para ele?* Fúria.

— Achas que estamos a seguir o caminho errado?

Rory, Rory, Rory... Onde escondeste as tuas respostas?

TalVeZ o liVro não seja a pista. TalVeZ seja apenas o local. Toda a biblioteca. Começo a girar sobre mim própria, o olhar inquisidor, e procuro tudo e mais alguma coisa que possa ser útil: nas estantes, no chão, no teto...

Quando olho para o Lou, Vejo-o afastar os dois liVros entre os quais deVeria estar o de James Stuart.

— O que procuras?

— TalVeZ ele tenha deixado um bilhete, um enVelope, alguma coisa.

Ajudo-o, pegando num dos liVros, e abro-o apressadamente. Nada. Nem na encadernação, nem nas páginas. Nenhum enVelope, nada escrito a tinta num canto da capa. É um fiasco.

— Camélia...

LeVanto imediatamente a cabeça. O Lou tem o olhar pregado na estante, sem que os óculos consigam esconder a sua eXpressão impassível. Não percebo logo o que está a Ver. Ponho-me ao seu lado, o meu braço a roçar no dele.

Os seus dedos passam pela madeira da estante e é então que

compreendo.

A mensagem encontraVa-se debaixo dos livros, no local indicado desde o início... escrita a caneta na madeira.

Primeiro, sirvo para fazer salada. Segundo, sirvo para fazer salada. Terceiro, sirvo para fazer salada. Quarto, sirvo para fazer salada. Quinto, sirvo para fazer salada. Sexto, sirvo para fazer salada. Sétimo, sirvo para fazer salada. Oitavo, sirvo para fazer salada. Sou um escritor.

Uma charada. O Rory Veio até aqui para escreVer uma maldita charada na madeira de uma estante, entre dois livros poeirentos!

— Estás a sorrir — comenta o Lou. — É assustador.

Leio e releio a charada, uma e outra VeZ, e, a seguir, pego num caderno para a escreVer. Ando às Voltas com ela, em Vão.

— Ele não deiXou mais nada — afirma, sem conseguir disfarçar uma certa decepção na VoZ. — Está claramente a goZar connosco.

— DeVeria leVar-nos a algo. Um sítio, uma pessoa...

Apercebo-me demasiado tarde de que o Lou já não está a ouVir-me. Largou o livro que tinha na mão e dirigiu-se para a escadaria principal. Pego na minha mala, para ir atrás dele, perplexa. É uma boa notícia, não é? Estamos na pista certa!

— Que bicho te mordeu? — pergunto-lhe, depois de sairmos.

O Lou Voltou a pôr o boné e atravessa a alameda central, na escuridão do anoitecer. Olho em meu redor, desconfiada. Graças a Deus, poucos estudantes se sujeitam à temperatura fresca do outono.

A polícia desapareceu e não parece haVer ninguém a controlar os alunos que passam pelas portas principais.

— Temos uma noVa pista — insisto, tentando acompanhar o seu passo apressado. — DeVerias estar contente.

— «Contente»? — repete, com raiva.

Finalmente, para, de tal modo que choco contra o seu tronco e ele fulmina-me com o olhar. Há muito tempo que não lhe Via estes olhos... Furiosos. O seu sorriso detestável desapareceu *finalmente*, o que quase me faz rejubilar.

— Não, não estou «contente». O meu melhor amigo, o homem que amaVa, morreu. Para ti, isto é apenas um jogo, mas, para mim, é a minha Vida que está presa por um fio.

— Era o que querias.

— Eu sei. Mudei de ideias. Não tenho sequer a certeza de querer saber quem o fez — diz, abanando a cabeça. — Pois, quando não houver mais pistas, será o fim.

Ob. Agora, compreendo melhor. Esta investigação é uma maneira de se agarrar ao Rory. Está magoado. Apenas disfarça muito bem, nada mais. O seu sorriso e a sua atitude despreocupados não passam de uma fachada.

Ei-la, a sua dor.

Estampada nas suas feições, exposta. Sinto uma ponta de satisfação maldosa por ele estar a sofrer. Mas também uma sensação de privilégio por vê-lo sem artifícios, ao contrário dos outros.

— Ei... Lou...

Fita-me sem dizer nada, o olhar penetrante e os maxilares contraídos. Reprimo um arrepio agradável ao vê-lo assim e, a seguir, aproximo-me o suficiente para que me veja apenas a mim. O frio fustiga-me as faces geladas, mas sinto uma chama familiar a aquecer-me o peito.

— Não faça esse olhar a mais ninguém, ou viste?

Não sei o que me deu. Pelos Vistos, o Lou também não, pois limita-se a inclinar a cabeça.

— Sei o que quero em troca — digo, precipitadamente.

Começo a impacientar-me, pois tenho demasiado medo de que ele desista de tudo. Agora, estou demasiado envolvida, não posso perder esta oportunidade. O apelo da Vingança é demasiado tentador e não sou suficientemente bondosa ou forte para lhe resistir.

— Um favor — acabo por confessar. — Ainda não sei qual e, na verdade, isso não é muito importante. Quero apenas que fiques em dívida para comigo.

O Lou fita-me demoradamente e, a seguir, ri-se, trocista.

— Ah... Confesso que estou um pouco dececionado — suspira, e compreendo demasiado tarde que o enervei ainda mais. — És igual aos outros. Porque é que toda a gente tenta aproveitar-se de mim? Vou começar a acreditar que só sirvo para isso: para ser usado.

Ao ouvir estas palavras, o meu coração aperta-se, mas ignoro-o. Recuso-me a sentir empatia pelas pessoas que destruíram a minha confiança em mim e nos outros. Têm apenas o que merecem.

— Mas, ao contrário deles, eu não finjo ser tua amiga — replico, com desenhadura. — Nunca te apunhalarei pelas costas. Farei sempre pontaria ao coração, certificando-me de que estarás à espera disso.

O Lou suspira, pensativo. Ainda parece Zangado, mas também... curioso.

— Detestas-me assim tanto?

Detesto-te a ponto de vomitar.

Detesto-te a ponto de te querer só para mim.

Como fazer com que ele perceba? A Verdade é que estou despedaçada. Os meus pais gostam de mim, mas meteram água numa altura ou noutra. Porque, algures na minha infância, os seus reparos constantes me humilharam. Deram-me a entender que deveria ter Vergonha de «comer como uma porca», de ser pouco asseada por ainda fazer chichi na cama, de provocar os rapazes por usar saias demasiado curtas.

Tinha de reprimir os meus desejos, pois eram «feios e indignos de uma menina decente». Porque o sexo é «sujo e vergonhoso».

Durante toda a vida, receei o julgamento dos outros. Inconscientemente, procurei a humilhação, pois estava convencida de não merecer mais. Tinha até medo de ser feliz, medo de ser livre. Procurei fazer-me mal, envergonhar-me antes que os outros o fizessem no meu lugar.

Era um círculo vicioso.

Depois, apareceu o Rory... Claramente, não precisava dele. Conhecer os, a ele e ao seu grupo, fez-me perceber que eu só servia para isso.

Para ser denegrida.

Mas mudei. Uma manhã, há quatro anos, acordei e decidi queimar a minha máscara de masoquista. Jamais voltarei a pô-la.

— Na escola, parecias-me inatingível — digo, em vez disso. — Sabia que não conseguiria alcançar-te. Por isso, decidi que, se não podia subir mais do que tu... iria arrastar-te até mim, para a lama. *Aut inveniam viam aut faciam*.

O seu sorriso provoca-me novamente, mas ele anui.

— Se é o que desejas, podes sempre tentar. Não irei oferecer qualquer resistência.

Apetece-me diZer-lhe que não tem piada se ele não reagir. Prefiro aniquilá-lo quando ele luta com todas as suas forças, quando mantém a esperança até ao último momento, e que o único rosto que Veja quando tudo se desmoronar seja o meu.

Mas cada coisa a seu tempo.

— Negócio fechado — digo, em VeZ disso, com a mão estendida.

Pega nela sem parar de me fitar, os olhos a brilharem com um entusiasmo renovado. É nessa altura que a Vejo: a mancha de sangue na manga da sua camisola.

— Estás a sangrar.

O Lou leVanta a camisola, para inspecionar a ligadura, que parece limpa.

— Não. Aqui.

Pego-lhe no braço, para lhe mostrar a manga e lhe perguntar o que andou a faZer. Preciso que se mantenha viVo até ao fim desta história.

O Lou franZe o sobrolho, perpleXo.

— Esse sangue não é meu.

— Como assim?

— Há alguns dias que estou a dormir em casa dos CaVendishes...

— *O quê?* — exclamo, furiosa por ele ser tão idiota.

— ...e Vesti o que encontrei.

— Onde?

— Na diVisão secreta onde durmo — responde, com uma eXpressão subitamente séria.

Não digo nada, à espera de que continue, mas ele tem o olhar perdido no VaZio. Quase consigo Ver as engrenagens do seu cérebro a funcionarem diante dos meus olhos.

— É o que ele tinha Vestido naquela noite.

Fico hirta, o coração acelerado, e largo-lhe imediatamente a manga.

— O Rory? — sussurro, antes de perceber que não faZ sentido.

Desta VeZ, o Lou olha-me, abanando a cabeça. A sua eXpressão é sinistra.

— Não... O Alastair.

Naquela noite

RORY

1b01

A cabra não me poupou.

Desço a escada, a cambalear, e não só por ter bebido de mais. Dói-me a cabeça e a música não ajuda. Onde está o Lou? Tenho de falar com ele, dizer-lhe que acabei tudo com a Skye.

O meu coração quase salta para fora do peito, num misto de entusiasmo e de pavor, mas alguém me detém subitamente, pousando-me a mão no ombro.

— Rory?

O Alastair. Os olhos arregalados do meu irmão observam, estupefactos, o meu rosto. Não tenho tempo para ele, pelo que tento libertar-me. Infelizmente, o movimento deixa-me tonto e o Alastair insiste.

— Caraças. Que te aconteceu? Está tudo bem?

Não percebo de imediato o que quer dizer. Toca-me no cabelo e os seus dedos ficam manchados de sangue. Levo subitamente as mãos às têmporas, surpreendido, e apercebo-me de que tenho a cabeça a sangrar.

Rio-me baixinho, trocista e incrédulo. *Ab, sim, é verdade.*

— Não te aflijas. A Skye é doida, só isso.

O olhar do Alastair muda completamente. O amor que sente por aquela rapariga é tão evidente que até se torna patético. Abstenho-me de lhe dizer que a imagem que tem dela é apenas um produto da sua imaginação. Não existe.

— Mas tu escolheste-a — diz ele, com um tom algo irritado.

Sei que não gosta de que fale nas suas costas. O idiota sempre acreditou que poderia haver alguma coisa entre ambos. É claro que a Skye se está completamente nas tintas para o meu irmão.

No início, era divertido: tirar-lhe o que ele mais desejava. Mas confesso que se tornou enfadonho e uma obsessão, acima de qualquer

outra coisa.

Acima de tudo, fez-me perder o Lou.

Mas, principalmente, a Skye é uma chata a tempo inteiro.

— Sabes que mais? — digo, pousando-lhe uma mão no ombro e sorrindo abertamente. — É o teu dia de sorte. Ela é toda tua!

— Q... Quê?

— DeVerias tentar a tua sorte. Não tens muita piada, mas não deixas de ser rico: é aquilo que a Skye aprecia num homem em primeiro lugar. Pelo menos, tudo ficará em família e ela não irá estranhar.

O Alastair ruboriza-se de fúria e afasta o meu braço.

— Estás a dizer disparates. Não sei o que andaste a fazer, mas de certeza que deves ter um traumatismo craniano...

Quer pegar-me no braço e levar-me para a casa de banho, para tratar de mim, mas não me mexo.

Ele olha em redor, exasperado. Os convidados dançam ao ritmo da música, sem nos prestarem atenção.

— Não. Há muito tempo que já não estou interessado nela — mente, com uma determinação que não lhe conhecia. — Éramos adolescentes. Acabou-se.

— É pena.

Pergunta-me porquê, mas não lhe respondo. Em vez disso, dirijo-me para o jardim, para continuar a procurar.

— Por acaso viste o Lou?

O Alastair fica calado durante um momento, mas sei que me segue de perto para se certificar de que não caio para o lado.

— É por causa dele que te livras da Skye.

Não se trata de uma pergunta. Todos nós sabemos o que se passa entre mim e o Lou; de qualquer modo, eu nunca o escondi. Nem sequer à Skye, mas gostava que ela não comentasse o assunto.

Era mais fácil.

— Ama-lo? — insiste o meu irmão, de tal modo que suspiro e o encaro.

— Depende da tua definição do amor. Amo o Lou como Oscar amava Alfred: apaixonadamente, cegamente, com um sentimento que me sufoca. Amo-o mais do que alguma vez ele me amará, e sei que isso faz parte do meu destino. Esta resposta satisfaz-te?

O Alastair fita-me, sem saber o que responder, e parece-me surpreso. Neste momento, deve estar a aperceber-se de que não me conhece, de que nunca me conheceu Verdadeiramente.

Ah, pobre Alastair...

Faz-me pena. Longe Vão os tempos em que o julgava um rival. Compreendi rapidamente que, se quisesse algo que lhe pertencesse, me bastava estender o braço. De qualquer modo, ele nunca diz nada.

É quase demasiado fácil, de tal modo que, ao longo dos anos, se tornou sensaborão.

— Acho que estás enganado — diz, baixinho, como se se sentisse incomodado por ter esta conversa comigo. — O Lou só tem olhos para ti.

— Mentira. Bastou que eu virasse costas durante um segundo para que esse traidor me obrigasse a partilhar o seu coração. Não é muito agradável; não há muito espaço.

A porra da Camélia O'Brien.

Julgava que esse problema se resolvera há muito tempo, mas estava enganado. O Lou é do tipo fiel.

— Esta noite, não me apetece falar no assunto — digo, fazendo um gesto rápido com a mão. — É uma seca.

Foi assim que soube que a Skye não estava minimamente apaixonada por mim: não percebia como podia permitir que eu fosse para a cama com o Lou e fingir que não sabia.

Pessoalmente, sou incapaz de deixar que ele esteja com outra pessoa. Só de pensar nisso, fico louco de raiva. Mas sei também que é isso que torna tóxico o amor... O Lou não me merece.

Mas não tenciono dizer-lho.

Pelo contrário, conto ser egoísta até ao meu último suspiro.

— Não quero uma rapariga que esteja eternamente apaixonada por ti — admite subitamente o Alastair.

— Queres que te conte um segredo, meu irmão? — pergunto, aproximando-me dele, com um sorriso cruel nos lábios. — A Skye não está apaixonada por ninguém, a não ser por si própria. Far-te-á acreditar em mil maravilhas enquanto tiveres a riqueza que ela deseja.

Na verdade, não a levo a mal por isso. Seria preciso gostar dela para me importar.

Por outro lado, fui o primeiro a usá-la. Era assim que funcionava

entre nós, mas ela teve de estragar tudo com a ideia de se casar!

— Achas que é por isso que ela não te larga? — pergunta o Alastair, com um brilho renovado nos olhos, talvez de rancor. — Então, só a tens feito sofrer.

Quase desato a rir-me. Nunca fiz tal coisa. Ele subestima-a.

— Principalmente porque sei o seu segredinho obscuro.

Isto tem o condão de lhe chamar a atenção. Intrigado, arqueia uma sobancelha e, a seguir, pergunta-me a que segredo me refiro.

Bingo! Eu sabia que ele morderia o isco.

Como estamos rodeados de gente, inclino-me na sua direção, para lhe sussurrar a Verdade ao ouvido. Continuo a sorrir, e ainda mais quando vejo o choque a estampar-se no seu rosto.

Recuo para saborear a sua expressão, ansioso por saber quais serão as consequências, e pisco-lhe um olho.

— E há quem diga que sou o mais cruel de todos nós...

Dito isto, Volto a entrar em casa, à procura do Lou.

Desta vez, o Alastair não vem atrás de mim.

LOU

Outubro de 2022

E se o Alastair for o culpado?

Desde sexta-feira que o meu cérebro se recusa a descansar. A Camelia disse-me para ter calma, que não queria dizer nada, mas tive de despir a camisola à pressa, para não sufocar. De repente, fiquei sem conseguir respirar.

Não suportei a ideia de ter Vestida uma peça de roupa manchada de sangue do Rory.

— Vou interrogá-lo na segunda-feira — disse a Camelia, confiscando-me a camisola.

Regressei de *T-shirt* a casa dos CaVendishes. Depois de entrar à socapa, estava enregelado e ainda um pouco atordoado com a descoberta.

Passsei a noite seguinte a tentar recordar os acontecimentos daquela noite. Onde estava o Alastair quando o Rory subiu para o seu quarto? Lembro-me de o ver depois. Encontrou-me a vomitar no jardim e, a seguir, sugeriu-me que ficasse a dormir aqui.

Não queria que eu conduzisse naquele estado.

Ele estava preocupado, mas recusei. Fui-me embora e só me lembro da bagageira a abrir-se e dos olhos vítreos do Rory.

Já estou aqui.

Fica escondido. Não faças parvoíces.

Finalmente, a Camelia chegou! Levanto-me da minha cama improvisada, depois de limpar o meu ferimento recente, e encosto o ouvido à porta da divisão secreta. Nem um ruído. Ouvi os pais saírem, logo de manhã; vi que levavam muita bagagem, não regressarão tão cedo.

Em princípio, o Alastair ficou sozinho na mansão.

Aproveito o silêncio para empurrar a porta e sair, os sentidos em estado de alerta. A Camélia censurar-me-ia por arriscar, mas quero ouvir a conversa deles.

E se ele for perigoso? Se tentar agredir a Camélia por ter descoberto tudo, quero estar presente.

— Tenho algumas perguntas para vos fazer sobre o Rory — soa a voz dela, da sala de estar.

Avanço na direção do som da sua voz, em silêncio. Quando chego perto das portas entreabertas, permito-me espreitar discretamente.

A Camélia é convidada a sentar-se num dos sofás, enquanto o Alastair lhe serve um chá.

— Julgava que o assunto estava resolvido. O Lou foi considerado culpado, não foi?

Fico hirto, apanhado de surpresa. Não foi o Alastair quem falou. Reconheço esta voz... Desvio-me alguns centímetros, confirmando o que já sei: o Gideon também está presente.

O seu cabelo louro, meio comprido, está húmido, tem olheiras sob os olhos azuis e já está a beber uísque. São quatro da tarde.

— Não houve a possibilidade de encerrar o processo.

— Mas ele fugiu — insiste o Gideon. — Está tudo dito, não?

A Camélia deve pensar o mesmo que eu, pois inclina a cabeça para o lado, fitando-o: porque é que ele insiste tanto?

— Suponho que tenha tido medo.

Desta vez, foi o Alastair quem tomou a palavra. Esquiava-se do olhar de todos, perdido nos seus pensamentos. Parece abatido.

O Gideon franze o sobrolho, voltando-se para ele. A Camélia permanece calada, limitando-se a observá-lo até que um deles se descaia.

— Sei que já falaram com a polícia, mas podem repetir onde estavam quando o Rory berrou a todos que fossem embora?

A Camélia cruza as pernas, com uma postura muito profissional, e pega no seu caderno de sempre. Não parece nada assustada. Pelo contrário, parece... impaciente. Como se estivesse ansiosa por conseguir encurralá-lo.

Ela é mesmo meio louca, caramba.

Se não o fosse, não gostaria tanto dela.

— Fui atrás do Lou, para me certificar de que estava bem — começa o Alastair, com um tom impassível. — Não parecia encontrar-se no seu estado normal. Algo não batia certo.

— Estava drogado — interrompe a Camélia. — Sem que o soubesse, segundo disse.

— Só soubemos disso depois... Estava a Vomitar no jardim. Disse-lhe para passar aqui a noite, mas mandou-me passear.

— Então, deixaste-o ir-se embora e pegar no carro, sabendo que era perigoso? Que amizade tão estranha.

O Alastair emudece durante um longo momento. O Gideon beberica do seu copo, os olhos claros fixos na Camélia. Compreendo que já está embriagado, embora a experiência o ajude a disfarçar bem.

— Ninguém obriga o Lou a fazer seja o que for — defende-se simplesmente o Alastair.

Não deixa de ter razão. Embora, dadas as circunstâncias, tivesse preferido que me obrigasse a ficar naquela noite.

— E depois?

— Depois, regressei a casa, para dizer às pessoas para se irem embora e para darem uma ajuda a arrumar as coisas, antes de me ir deitar. Não voltei a ver o Rory. A porta do seu quarto estava fechada. Deduzi que quisesse estar sozinho.

Teoricamente, faz sentido. Sei que há testemunhas que podem confirmar tê-lo visto nessa altura, a expulsá-las da propriedade. Havia tanta gente... Como é que alguém pode ter matado o Rory e ter-se safado?

— E tu? — pergunta a Camélia, virando-se para o Gideon.

— Fui ao andar de cima, para o chamar à razão — resmungo. — Mas não me abriu a porta. Insultou-me, chamando-me todos os nomes e mais alguns. Acabei por desistir. Ajudei o Alastair a arrumar as coisas.

Portanto, tecnicamente, o Gideon foi a última pessoa a interagir com ele. Fito o seu rosto, desconfiado. *Não está a dizer tudo.*

A Camélia anui, em silêncio, e escreve qualquer coisa no seu caderno. Está de perfil em relação a mim, pelo que não consegue ver-me. Os rapazes estão sentados de cada um dos lados dela, noutros sofás.

— O Rory deixou cartas para todos nós — continua ela. — A Skye mostrou-me a dela. Posso ver as Vossas?

Os dois rapazes entreolham-se. O Alastair não parece surpreendido, mas o Gideon contrai os maxilares. O primeiro levanta-se e vai abrir uma gaveta no loulceiro. Estende um envelope à Camelia, encolhendo os ombros:

— Se isto puder ajudar-te.

A Camelia abre-o e retira de lá um papel. O conteúdo deve ser muito curto, pois volta a fechá-lo menos de cinco segundos depois. Quase consigo ver o seu cérebro a funcionar a mil à hora, do outro lado da divisão.

Quando ela o encara, o Gideon abana a cabeça.

— É pessoal — replica, acabando de beber o que tem no copo.

A Camelia sorri-lhe lentamente, para lhe responder que não faz mal, mas sei que está já a registar tudo na sua mente. O Gideon acaba de entrar para a sua lista de suspeitos, tal como para a minha.

— Tenho uma última pergunta — diz ela, quando o meu ritmo cardíaco acelera. — Uma testemunha informou-nos de que, nessa noite, as tuas roupas estavam manchadas de sangue. Principalmente, a tua camisola...

Fico imóvel, fitando o Alastair em busca de qualquer reação suspeita. Pestaneja ligeiramente, mas interpreto-o mais como surpresa do que como medo.

— Sangue — repete.

— Importas-te de no-la emprestar?

O Alastair olha-a, sem responder, e, a seguir, suspira.

— Não é preciso fazer testes. Não tenho nada a esconder. Sim, as minhas roupas estavam manchadas de sangue. E, sim, era do Rory.

— Que merda vem a ser essa? — murmura o Gideon. — Al?!

— Foi antes de ele desaparecer, antes até da Zaragata com o Lou. Encontrei-o a descer a escada... Estava a sangrar da cabeça.

A Camelia pergunta-lhe o que acontecera, mas o Alastair já está a olhar para o Vazio. Calculo que esteja a recordar a cena, provavelmente pela centésima vez desde aquela noite.

Por fim, levanta a cabeça na direção da Camelia.

— Não sei.

— Ele não te disse *nada*? — insiste a minha investigadora favorita, com um tom acusador.

— Não. Perguntei-lhe, mas o seu discurso foi incoerente. AndaVa como louco à procura do Lou.

Foi precisamente antes de ele me levar para a escada, para me beijar. Agora que penso nisso... Lembro-me de qualquer coisa. Quando toquei no cabelo do Rory, lembro-me de que estaVa húmido. Era algo tão pegajoso que julguei que fosse álcool.

Pelos Vistos, era sangue.

Ele ferira-se e não reparei... Na escuridão, não Vi o que estaVa mesmo diante de mim.

O que acontecera lá em cima? Se não foi o Alastair, quem foi?

— Obrigada pela ajuda de ambos — diz a Camelia, leVantando-se.

Merda. Recuo à pressa, sabendo que não conseguirei Voltar para o meu esconderijo sem ser Visto. Estugo o passo e subo a escada, para fugir para o primeiro andar. Ouço o Alastair replicar:

— Não te acompanho à porta. É ao fundo do corredor.

Escondo-me atrás de um pilar, ofegante. Subi a toda a Velocidade a intermináVel escadaria. Espero durante longos minutos, o tempo suficiente para ter a certeza de que a Camelia se foi embora e de que os rapazes não Vão Voltar para trás.

Eis que, de repente, Vislumbro uma figura a subir silenciosamente a escada. Fico imóVel, encurralado, até que me apercebo de que é a Camelia.

Manhosa!

A Camelia ainda não me Viu. Sobe os últimos degraus, mordendo os lábios, mal ousando respirar. É corajosa para inVestigar nas barbas do filho CaVendish, depois de ele ter corrido com ela!

Viro-me, encostando um ombro ao pilar, e cruZo os braços com uma postura impassíVel.

— Cuidado, Capuchinho Vermelho — sussurro, quando passa ao meu lado. — O Lobo deVora as raparigas demasiado curiosas.

Sobressalta-se de tal modo que tropeça no último degrau. Agarro-a por um triZ, com um braço à Volta da sua cintura e um dedo sobre os seus lábios, para a impedir de gritar.

Fita-me, com os olhos arregalados. Não creio que se aperceba disso, mas as suas mãos agarram-me desesperadamente. Seria capaz de me habituar.

— Tinhas assim tantas saudades minhas? — sussurro, largando-a com relutância.

Ela refaz-se do susto, com uma mão no peito. Tem as orelhas rosadas, o que me faz esboçar um sorriso.

— Não me Vou embora sem reVistar o quarto do Rory. Onde é?

Desde que Vim para aqui que penso faZer precisamente o mesmo, em busca de provas, de pistas ou de explicações. Mas cortei-me, pois continuo sem saber se sou suficientemente forte para enfrentar aquilo que corro o risco de encontrar.

Não me agrada muito a ideia de a Camelia entrar nesse santuário... mas é por uma boa causa.

— Anda.

Pego-lhe no pulso, fazendo-lhe sinal para ser discreta. Não podem ouvir o ruído dos nossos passos lá em baixo. Dirigimo-nos deVagar para o dito quarto e eu fecho a porta.

Encosto-me a ela, aValiando a reação da Camelia. Percebo logo que foi uma má ideia. Já me sinto a sufocar. Não me apetece estar aqui sem *ele...* nesta divisão que conheço de cor por nela ter estado tantas vezes.

Tento Ver o que a Camelia vê, com o olhar de um estranho. O meu olhar percorre as paredes cobertas de páginas rasgadas de livros e pedaços de papel; alguns são poemas escritos por mim. Vejo a sua cama desfeita, aquelas cobertas cinzentas sob as quais me sentia tão impaciente por suspirar na coVa do seu umbigo, e os livros empilhados no chão, sobre a lareira, em cima da sua secretária.

AdoraVa este quarto, mas agora parece-me frio e sem alma. Sem o Rory, não tem qualquer encanto.

— Não Vou tocar em nada — tranquiliza-me a Camelia, que se Virou para mim sem que me apercebesse.

— Faz o teu trabalho. Não quero saber.

Ela esboça um sorriso, pois sabe que é mentira. Agradeço que finja não perceber.

Fico a obserVá-la enquanto dá a Volta ao quarto, com as mãos atrás das costas para eVitar tocar em alguma coisa. É como se eu tivesse deixado de existir. Isso diVerte-me. Ela entrega-se de corpo e alma a esta investigação.

Sei que o faz, acima de tudo, para se Vingar de mim, mas estou

disposto a permiti-lo se tal significar que se faça justiça.

Se tal significar passar mais algum tempo a seu lado.

De repente, detém-se diante da secretária e fica imóvel. Aproximo-me, para ver aquilo que lhe chamou a atenção. Os seus dedos acariciam uma fotografia entre as páginas de um livro. Sinto uma pontada no coração ao ver o título do único romance de Oscar Wilde.

— É tão evidente.

— O quê? — sussurro, por cima do seu ombro.

Na fotografia instantânea, o Rory e eu temos 18 anos. Estou sentado num murete, de cigarro entre os lábios. Olho para a objetiva com uma expressão de enfado, como um adolescente rebelde que não gosta de ser fotografado.

O Rory está sentado ao meu lado, com o braço sobre os meus ombros. Com um grande sorriso nos lábios, aperta-me contra si, para me obrigar a tirar a fotografia. Lembro-me perfeitamente deste dia; tínhamos ido para a cama pela primeira vez no fim de semana anterior. Eu disfarçava bem, mas o meu coração estava louco de alegria e de esperança.

Tudo era perfeito. Obviamente, não durou muito.

— O amor entre Vocês os dois.

Abstenho-me de lhe dizer que o Rory não estava apaixonado, não verdadeiramente. Eu era a única pessoa que ele suportava, apenas isso.

— Por vezes, observava-vos — continua a Camélia, em voz baixa, de tal modo que me viro para ela. — Sempre me surpreendeu... o quanto estavam no vosso próprio mundo. Era como se existisse uma bolha transparente que vos separava dos outros. Ninguém conseguia lá entrar.

Já não estou a olhar para a fotografia. Estou a olhar para ela; o seu perfil, o nariz reto e os lábios carnudos, o maxilar delicado e as longas pestanas...

O cabelo dela incomoda-me. Quero afastá-lo e beijar o sinal que tem atrás da orelha. Nunca o tinha visto.

— Para onde ia um, o outro ia atrás.

Sorrio, distraído por um segundo.

— É verdade. Andava sempre atrás dele.

A Camélia franze o sobrolho e, a seguir, vira-se para mim. Os nossos

narizes quase se tocam, mas ela não parece aperceber-se. Sinto que uma onda de lava ardente me percorre perante a ideia de ela estar aqui, a um centímetro de mim, e tudo o que quero é...

— Tu? Não, refiro-me ao Rory.

— Como? — sussurro, surpreendido.

— Era ele... que andava atrás de ti. Sempre.

A sua frase surpreende-me tanto que fico mudo, a pestanejar. Era essa a imagem que transmitia a nossa dupla? *Impossível.*

O Rory era o líder, não eu.

— Não me sinto suficientemente à vontade para vasculhar — disse, então, a Camélia. — Vou-me embora.

Afasto-me para a deixar passar, mas, ao mesmo tempo, vejo o movimento do seu cotovelo e a pilha de livros em cima da secretária. Quero avisá-la, mas é tarde de mais: acerta-lhe.

Tudo se desmorona com um estrondo impossível de ignorar.

A Camélia fica hirta, com a boca muito aberta. Faço o mesmo, incapaz de me mexer. O Gideon e o Alastair não podem deixar de ter ouvido, estão precisamente por baixo de nós!

— Está aí alguém? — soa uma voz da escadaria.

A Camélia e eu fitamos a porta fechada, encurralados.

Merda.

CAMELIA

Outubro de 2022

Estou petrificada, incapaz de me mexer.

O Alastair Vai entrar a qualquer momento e encontrar-me no quarto do irmão, acompanhada do seu assassino...

Viro-me para o Lou, para lhe dizer para se esconder debaixo da cama, na altura em que as palavras me ficam presas na garganta. Não sei o que ele acionou, mas, de repente, a lareira abre-se, deixando à Vista um buraco mergulhado na escuridão.

Uma passagem secreta! Quero dizer-lhe que nunca irá convencer-me a esconder-me ali dentro, mas ele agarra-me na mão, sem me perguntar, e arrasta-me atrás de si.

— N... Não, eu...

A lareira cala as minhas palavras, fechando-se atrás de nós quando ouço o rangido da porta do quarto.

Não! Não consigo! Tenho de sair!

Sustenho a respiração, engolida pela escuridão total. O Lou tem o tronco colado ao meu peito, depois de, com o pânico, me ter encostado à parede. Não me mexo, com medo de fazer barulho, o coração a bater desenfreadamente. Fecho os olhos com muita força, embora seja inútil, e tento não gritar por socorro.

Está tudo bem. Respira, Camelia. Não vais tardar a sair daqui.

Sinto no nariz a respiração errática do Lou, o que prova que está muito perto de mim. Não me atrevo a dizer-lhe para recuar, enquanto o Alastair estiver do outro lado da parede. Pelo contrário, quero que se aproxime, que me toque, para me assegurar de que está tudo bem, de que não estou sozinha.

Tenho a sensação de ficar uma hora nesta posição, com o joelho do Lou entre as minhas pernas.

— Estás bem? — sussurra.

Esta pergunta simples provoca-me uma sucessão de arrepios nos

ombros. Não o Vejo, mas tenho a consciência de que está por todo o lado. Sinto-o com tanta força ao meu redor que é sufocante.

Abano a cabeça, prestes a desmaiar. O meu ritmo cardíaco acelera a cada segundo. Tenho dificuldade em manter os olhos abertos.

— Vou cair para o lado.

— O quê?! — sussurra fortemente, apertando-me mais o ombro.

— ReVista a casa — ouço diZer do outro lado da parede.

— Achas que é ela? Se for o fantasma do Rory, Vou baZar.

Reconheço as VoZes do Gideon e do Alastair. Sabem que sou eu. Tenho de sair, imediatamente!

— Não — responde o Alastair. — Acho que é *ele*.

Merda. Estraguei tudo. Suspeitam de que somos nós, ainda que estejam longe de imaginar que formamos uma dupla.

Por fim, Deus ouVe-me, pois a porta fecha-se à chaVe e as minhas pernas trémulas quase cedem. ProVaVelmente, se o Lou não me agarrasse com uma mão atrás da cabeça, teria desabado.

— Camelia, estás a ouVir-me?

— T... Tenho de sair... — consigo responder, apesar da respiração entrecortada.

Estou a sufocar. Se não respirar, Vou morrer. Isto estaVa planeado? Ele trouXe-me para aqui para me matar?

— Ele trancou-nos aqui — comenta o Lou.

Estou a diVagar. Sinto-me tão tonta que tenho de me agarrar a ele como a uma boia no meio de uma tempestade. É humilhante. Apetece-me morrer de Vergonha.

O Lou pousa-me uma mão na testa e, a seguir, nas faces. Não o Vejo, mas o seu calor enVolVe-me deliciosamente. É agradável.

— Estás toda transpirada... Camelia, o que se passa?

— Sou claustrofóbica — respondo, mantendo os olhos fechados.

O Lou pragueja entredentes. Com dificuldade, peço-lhe para reabrir a passagem, mas, de repente, a luZ do seu telemóVel cega-me.

— Camelia... — diZ, mantendo a mão no meu ombro. — Tenho uma má notícia, mas Vai resolVer-se, está bem?

Abano a cabeça, enquanto massajo o tórax. Vou descontrolar-me, sinto-o, está a acontecer.

— A lareira só se abre pelo lado de fora — confessa, fitando-me nos

olhos. — Não podemos Voltar para trás.

Uma pausa. *Ele está a gozar?!*

— Do outro lado, fica o quarto do Alastair. Também não podemos sair por lá sem sermos apanhados.

É mais forte do que eu e desato a chorar. É humilhante, mas incontrolável. Sinto-me a sufocar cada VeZ mais e tento que ele me solte, para fugir, não sei para onde, não me interessa. Não quero que me Veja assim. *Desesperada.*

— Camelia, tem calma — tranquiliza-me, envolvendo o meu rosto nas suas mãos. — Respira. Vai correr tudo bem. Estou aqui. Não estás encurralada, está bem?

O Lou ordena-me que não me meXa e larga-me apenas para dar alguns passos para a direita. Tento respirar por entre as lágrimas, com uma mão no peito, enquanto ele pega numa caixa de fósforos pousada em cima de um candelabro velho que está pendurado na parede.

Risca Vários e acende as três Velas.

Ver o seu rosto apaZigua-me durante alguns segundos. Detesto-me. Porque é que isto tinha de me acontecer aqui, hoje, *com ele?*

Vêm novamente à tona recordações que teria preferido enterrar para sempre. Desafiam-me num momento como este. Volto a ouvir o riso cruel do Rory atrás da porta, bem como o meu choro na dobra do cotoVelo. ReVejo a escuridão e o sangue nas minhas unhas por tanto esgrAvatar na porta, na esperança de que alguém me ouça.

— Vou morrer — murmuro, agachando-me, com a cabeça entre os joelhos. — Nunca ninguém me encontrará. Vou morrer de fome, soZinha, asfiXiada...

As paredes enclausuram-me, o túnel estreita-se cada VeZ mais, e sei que é apenas uma ilusão, *eu sei*, mas parece tão real...

De repente, sinto uma presença acima de mim.

Sinto braços a passarem sob as minhas axilas e a envolverem-me a cintura.

Sinto uma face quente e tranquilizadora a acariciar-me o pescoço.

Sinto o meu coração a acelerar de novo, mas, desta VeZ, por um outro motivo.

O Lou está a abraçar-me.

Quero debater-me e repeli-lo, juro, e creio que ele se apercebe disso,

pois murmura no meu cabelo: «Está tudo bem. Estás em segurança.» Inconscientemente, deixo-me ficar assim... Tremo entre os seus braços, com o queixo apoiado no seu ombro.

As suas mãos estão unidas no fundo das minhas costas e sinto a força e o vigor do seu corpo. Não me apetece libertar-me dele e, ao mesmo tempo, gostaria de fugir para tão longe quanto possível. *Estou tão frágil.*

— Conta até dez — sussurra.

Com alguma dificuldade, obedeço. É estúpido, pois julgava ter necessidade de que me dessem espaço, mas sentir algo palpável de encontro a mim ajuda-me a ancorar-me na realidade.

Respiro melhor. O momento dura uma eternidade, ou pelo menos é a sensação que tenho. A mão do Lou sobe ao longo da minha coluna, acariciando-me as costas em círculos lentos e hipnóticos.

Não sei por que motivo se dá ao trabalho de me tranquilizar.

Quero dizer-lhe para parar. Que isto não parece dele.

O seu comportamento perturba-me e detesto sentir-me à sua mercê. Prometi a mim própria que isso jamais voltaria a acontecer.

— Estás bem? — sussurra-me ao ouvido.

Assinto, sem dizer nada, e ele alivia um pouco o abraço. O seu rosto recua o suficiente para me olhar, uma das madeixas do seu cabelo emaranhada nas minhas.

— Ainda bem, pois julgo que teremos de passar aqui a noite, Sherlock.

Não me agrada nada a ideia, mas ele tem razão. Suponho que, entretanto, tenha anoitecido... Se os rapazes andam a revistar a casa, à nossa procura, o melhor é permanecermos escondidos durante algum tempo. E isso significa que, entretanto, é provável que o Alastair vá deitar-se.

— Não sabia que eras claustrofóbica...

E pronto, estragou tudo. Fulmino-o com o olhar, sem grande convicção, consciente de que as suas mãos estão pousadas nas minhas ancas.

— Claro.

Surpreendido, o Lou pestaneja. Pode ser bom ator, mas, pelos vistos, a minha memória é melhor do que a sua.

— Mas diverti-te muito dizer ao Rory e aos outros para me

trancarem na despensa das limpezas quando a escola fechava — digo, com um tom mordaz. — Tinha piada ou vir-me chorar do outro lado da porta? Ou vir-me suplicar que me deixasses sair? É verdade que, nessa época, estava disposta a tudo... Não tinha dignidade. Queria apenas que me deixassem em paz.

O Lou olha-me, sem perceber, com a boca entreaberta. Tenta falar, mas já comecei a descarregar e, agora, não consigo parar. Isto tem de sair. Fiquei ressentida com ele durante demasiado tempo e, ainda que tenha jurado a mim própria não me rebaixar e não lhe perguntar, acabou-se.

— Embora fosse menos demolidor do que as fotografias e os vídeos que forjavam de mim e que publicavam no Twitter ou em *sites* de pornografia. Isso... Confesso que isso era doloroso. Telefonavam-me a toda a hora, durante a noite. Perguntavam-me se eu chupava a troco de uma nota de dez libras. Estava a enlouquecer. Implorei ao meu pai para mudar de número, mas era difícil explicar-lhe sem lhe dizer a verdade. Por isso, tive de dizer que mo tinham roubado... Como se pudéssemos dar-nos ao luxo de comprar outro — acrescento, rindo-me secamente.

Tremo, mas não faço nada para enxugar as lágrimas de raiva que deslizam pelo meu rosto. Quero que ele saiba, que compreenda. Pelo que me fizeram passar... Não sei se algum dia serei capaz de lhe perdoar.

É por esta razão que detesto o efeito que ele tem em mim, quando não tenho cuidado.

— Camélia... — sussurra o Lou, com uma expressão genuinamente chocada. — Nunca fiz essas coisas.

— Acreditas mesmo que vou engolir essa mentira?

Ele olha-me, abanando a cabeça, sem palavras.

— É verdade. Ele fez mesmo isso?

Pela sua expressão, percebo que está a dizer a verdade. De repente, desato a rir-me perante o absurdo da situação. Durante todo este tempo, julguei que o Lou era a pessoa que instigava os meus tormentos, quando, afinal, não era ele?

— Claro — respondo, friamente. — E sentia sempre um prazer maldoso ao dizer que eras tu quem o mandava fazer o trabalho sujo.

Desta vez, julgo que o perdi. O Lou fica ajoelhado, durante um

longo momento. A olhar para o VaZio. Como se ele próprio tiVesse dificuldade em acreditar.

Parece que regresso à realidade, pois, de repente, não suporto tocar-lhe. LeVanto-me e encosto-me à parede. Longe dele.

— Lamento.

Fito-o com desconfiança. Posso estar a ser parVa, mas parece-me sincero. O Lou talVeZ não tiVesse ido tão longe... mas, no fundo, o que é que isso muda?

Foi ele quem começou. O Lou foi o primeiro a espalhar boatos a meu respeito. Foi ele quem me conVidou para ir ao cinema e me deiXou pendurada e, no dia seguinte, me humilhou diante de toda a gente.

— Não importa. Agora é tarde de mais.

Depois disto, ficamos calados. O Lou acaba por se sentar, encostado à parede diante de mim, com as pernas fletidas por falta de espaço, e fecha os olhos. O silêncio é ruidoso, demasiado para os meus ouVidos. Não posso acreditar que Vamos passar assim a noite, só os dois...

AproVeito para o obseRVar à Vontade. O meu olhar percorre a sua pele de alabastro, desde as maçãs do rosto até à maçã de Adão saliente. Mesmo com esta iluminação, é demasiado bonito.

Terá assinado um pacto com o Diabo? Será ele Dorian Gray, fadado a manter-se belo e joVem, enquanto o seu retrato sofre as consequências dos seus atos Vis?

— Agrada-te?

— O quê?

Abre os olhos, mergulhando-os diretamente nos meus.

— O que estás a contemplar tão intensamente.

Não respondo, apanhada em flagrante. Ele é sedutor e sabe disso, não é novidade. Afirmar o contrário apenas comproVaria a minha mentira.

— Já sabes.

— O quê?

— Que tens um rosto bonito — confesso, imaginando-me a tocar-lhe com a ponta dos dedos.

— Se soubesses... É ainda mais bonito laVado em lágrimas.

Está a proVocar-me. Com o Lou, tudo é um jogo. Nunca leVa nada a sério, e ainda menos os jogos de seduÇão. Pelo contrário: o seXo é uma

maneira de se defender quando se sente atacado.

Pessoalmente, considero que o sexo apouca as pessoas. Não quero que tenha qualquer tipo de domínio sobre mim.

Sou eu quem deve ter o controlo. *Sempre.*

— Uma resposta por uma pergunta? — sugiro subitamente, apanhando-o desprevenido.

Ele hesita, mas, como eu já calculava, a sua curiosidade impele-o a aceitar. Deixo-me deslizar pela parede e sento-me também, com as pernas fletidas debaixo do rabo.

— Estás arrependido?

— Estou — confessa, sem pestanejar. — Se pudesse recuar cinco anos no tempo... faria as coisas de outro modo. Sempre soube que o Rory era um pouco maldoso, mas só muito mais tarde, na faculdade, percebi o quanto era manipulador e cruel.

— Nessa altura, porque não te afastaste? Porque ficaste, apesar de tudo?

Ele fita-me e percebo que é para avaliar as minhas reações. Portanto, faço tudo para as disfarçar o melhor possível.

— Porque tinha medo de que a única pessoa que me amava deixasse de me amar.

O Lou parece ainda mais surpreendido do que eu com a confissão que acaba de fazer. Pestanejo perante aquilo que soa como uma libertação.

— Pessoalmente, não queria ser amada por alguém como ele.

O Lou abana a cabeça, como se eu não entendesse.

— Se fosse a única pessoa a amar-te, quererias. Sei que é estúpido e por isso nunca o verbalizei. Mas, apesar dos seus jogos, eu era o único que tinha uma espécie de controlo sobre o Rory. Era o único que o intrigava muito. Ele não queria dececionar-me e eu tomei isso por amor.

— Como assim?

— Era uma situação nova para mim. Que me amassem. Que me achassem interessante. Na época, teria feito tudo para que nunca deixasse de ser assim. Estava desesperado, com medo de que não voltasse a acontecer.

— Mas... Tens a tua família. Os teus pais.

O Lou fecha os olhos, a cabeça encostada à parede atrás de si.

— Os pais que nunca me telefonaram depois de ser preso?

— Nem sequer a tua mãe...? — sussurro, surpreendida.

— Aposto que o meu pai a proibiu de entrar em contacto comigo. E se há uma coisa que a minha mãe sabe fazer é manter o marido ao seu lado, quando sente que este está a escapar-lhe. Aliás, foi por esse motivo que me teve.

É... horrível. Limito-me a pensá-lo, obviamente. No entanto, o Lou parece perceber o meu olhar de pena.

Antes de continuar, parece hesitar durante alguns segundos:

— Quando era pequeno, ouvi dizer que havia crianças que podiam morrer por falta de amor. Crianças órfãs, principalmente, estavam destinadas a isso depois de passarem anos sem qualquer contacto afetivo... Eu tinha pais, mas, ainda assim, sentia-me órfão. A minha mãe nunca me pegou verdadeiramente ao colo — confessa, com um sorriso triste. — O meu pai não se apercebia sequer da minha presença. A primeira pessoa que me embalou foi a parteira que sugeriu o meu nome. Até isso eles se recusaram a dar-me.

Pronto, estou a sentir compaixão. Como poderia não sentir? Não consigo imaginar o que ele sente. Fui uma criança desejada e, embora os meus pais não sejam perfeitos, sempre me deram muito amor.

— O Rory foi a primeira pessoa a amar-me — suspira. — Foi o primeiro a dar-me a mão, o primeiro a abraçar-me. E apavorava-me a ideia de que, se ele desaparecesse, ninguém mais o faria...

...e ele morreria. Compreendo a sua linha de pensamento, ainda que seja completamente estúpida. Tento disfarçar a pena que sinto dele, mas é difícil.

— Ainda o amas?

Ele pondera demoradamente. Por fim, o Lou mostra-me um sorriso débil, enquanto a luz das Velas bruxuleia sobre o seu rosto.

— Suponho que a questão seja: será que o amei... ou amei a imagem que criei na minha mente?

LOU

Outubro de 2022

Quando abro os olhos, a Camelia ainda dorme. Está escuro, mas percebo-o logo pela sua respiração serena. Tem a cabeça pousada no meu ombro e noto que se aconchegou contra mim para se aquecer durante a noite. Não me mexo durante um longo momento, desfrutando do contacto.

Gostaria que passássemos aqui o dia, mas, infelizmente, sinto o instante exato em que ela acorda. Permaneço em silêncio, fingindo dormir.

«Merda», pragueja, afastando-se de mim, o que me faz sorrir.
Adorável.

— Lou, acorda — diz, abanando-me o ombro.

Espreguiço-me, bocejo e levanto-me a seguir a ela. Não faço ideia das horas, pois as baterias dos nossos telemóveis esgotaram-se durante a noite, mas tenho a certeza de que o Alastair saiu para ir trabalhar.

— Não se vê nada — queixa-se a Camelia.

Percebo que está a ficar novamente com medo, pelo que lhe pego na mão.

— Não me largues.

Por mais surpreendente que possa parecer, obedece sem refilar. Às cegas, conduz-nos até à outra extremidade do túnel, com os meus dedos entrelaçados nos seus.

Foi o Rory quem descobriu esta passagem. Não falou dela ao Alastair, pois gostava de poder espiá-lo sem que ele soubesse. Mas, com receio de que, um dia, o irmão Viesse a fazer o mesmo, teve o cuidado de impossibilitar a entrada no seu próprio quarto a partir do túnel.

— É aqui.

Encosto as mãos à porta e, a seguir, o ouvido. Do outro lado, silêncio absoluto. É o tudo ou nada.

Ainda assim, arrisco e rodo a maçaneta, empurrando com toda a

força. A porta secreta da estante abre-se, dando acesso ao quarto Vazio do Alastair.

A Camélia franze os olhos com o fluxo súbito de luz. Disfarço um sorriso, ao ver que tem o batom esborratado.

— Merda, vou chegar atrasada — diz, enquanto me observa a fechar a porta. — Não tenho tempo para ir a casa antes de ir trabalhar.

— Nas manhãs de terça-feira, não há ninguém aqui em casa. Se quiseres, podes tomar um banho...

— Não, obrigada. Apesar de ter a certeza de que se verá que não dormi em casa.

Olho-a, divertido, enquanto tenta ajeitar o cabelo.

— Não deixa de ser verdade...

Não replica, mas fulmina-me com o olhar. Saímos do quarto com toda a discrição, pois nunca se sabe. Ao chegarmos à porta da casa, a Camélia vira-se para mim, mas antecipo-me.

Aproximo-me e, com o polegar, limpo-lhe o batom esborratado ao redor da boca. Não protesta, com os olhos pregados nos meus. Se as coisas tivessem sido diferentes, teria baixado a cabeça e tomado os seus lábios.

— Não queremos que as pessoas fofoquem no escritório, pois não?

— Não seria a primeira vez — replica, com um sorriso trocista.

Fico ali espedaçado durante um longo momento depois de ela desaparecer.



Passo o dia deitado no chão da biblioteca, com o olhar fixo no teto. O Alastair desconfia de que estou aqui. Não me surpreende, mas deixa-me curioso. Quererá encontrar-me para me entregar à polícia... ou para me pedir explicações?

Não consigo saber o que pensa. Além disso, esqueci-me de perguntar à Camélia o que dizia a carta dele. Registo-o na minha

mente, para lhe perguntar logo à noite, quando ela chegar a casa.

Já estou bastante concentrado a tentar decifrar a charada da última pista. *Primeiro, sirvo para fazer salada. Segundo, sirvo para fazer salada. Terceiro, sirvo para fazer salada. Quarto, sirvo para fazer salada. Quinto, sirvo para fazer salada. Sexto, sirvo para fazer salada. Sétimo, sirvo para fazer salada. Oitavo, sirvo para fazer salada. Sou um escritor.*

A resposta é o nome de um escritor... Quem poderá ter o nome de uma salada?

Tento fazer uma lista das saladas que conheço, mas não é muito extensa.

De alface, de endívias, de canónigos... Já devem ter percebido que não é a coisa que mais como. Procuro na Internet, mas as minhas buscas também não chegam longe. Acrescento à lista os agriões e a chicória, sem grande esperança.

Também não sou um grande leitor, como muitos sabem. O Rory obrigava-me a ler prosa, mas eu preferia poesia.

A Camelia pergunta-me se descobri algo durante o dia.

Não, é a ti que cabe esse papel, e não a mim, *helluo librorums*.

Ah-ah. A sério. Como é possível que não gostes de ler? *In libris libertas*! (Eu também estudei Latim. Convencido.)

(Sensual.) Prefiro teatro e poesia. Shakespeare, Alexander Pope, John Keats...

Só homens. Interessante.

Reviro os olhos, embora ache piada. Sabia que ela o diria, pelo que já preparara a minha resposta:

Mas também Emily Dickinson, Safo, Sylvia Plath.

Posso ser um parvalhão, mas não sou a porra de um seXista. Faço disso um ponto de honra.

Nunca houve um romance que te agradasse? Não acredito.

Houve. Alice no País das Maravilhas. Gosto do absurdo do enredo. Julgo que
Lewis Carroll era um génio incompreendido.

Pouso o dedo em «enViar»... e, de repente, dá-se o clique. Não sei dizer como nem porquê, mas é óbvio. Arregalo os olhos e levanto-me, tão rapidamente que fico tonto.

O meu telemóvel vibra com a resposta da Camélia, mas estou demasiado absorvido pelo ritmo imparável dos meus pensamentos. Sem pensar, telefono-lhe, com o coração acelerado. O seu rosto perplexo surge no ecrã e a sua voz faz eco, como se estivesse escondida na casa de banho.

— Porque estás a ligar-me por FaceTime?

Porque prefiro ver a tua cara.

— Descobri — digo, sem conseguir esperar.

— Tenho uma reunião daqui a cinco...

— «Primeiro, sirvo para fazer salada. Segundo, sirvo para fazer salada. Terceiro, sirvo para fazer salada. Quarto, sirvo para fazer salada. Quinto, sirvo para fazer salada. Sexto, sirvo para fazer salada. Sétimo, sirvo para fazer salada. Oitavo, sirvo para fazer salada. Sou um escritor.» É Lewis Carroll!

A única resposta que obtenho é um silêncio cético. Como é possível que ela não entenda? Rio-me da facilidade da charada e explico, articulando as sílabas:

— *Les Huit Scaroles*io.

— Ooooooh...

Sou um génio!

— Se estou a perceber bem, a próxima pista está dentro de um livro de Lewis Carroll — diz ela, arregalando os olhos.

— Bingo.

Pergunto à Camélia a que horas tenciona ir para casa.

— Às 18h30. Porquê?

— Leva qualquer coisa para comer. Estarei à tua espera!

Ela abre a boca, mas desligo antes que recuse. Nem pensar em deixá-la procurar sem mim a próxima pista!

Pego num casaco e nos meus óculos falsos, e saio.

Ao fim da tarde, quando a Camelia chega a casa, já estou sentado na sua sala. Ao Ver-me, solta um grito de espanto, com a mão no coração.

— Porra! Já te disse para não Voltares a faZer isto! — berra, atirando-me à cara um dos seus sapatos de salto alto.

Apanho-o no ar, desfrutando do facto de a Ver a pôr-se à Vontade na

minha presença. Como se fôssemos um Velho casal. Seria capaz de me habituar a isto... Esperar que chegasse, para lhe tirar os sapatos e, a seguir, lhe massajar os pés. Obviamente, na minha mente, faria o mesmo com o seu Vestido.

— Demoraste-te imenso. Trouxeste comida?

As suas mãos VaZias comproVam que não trouXe. Ela cheira o ar, estupefacta com a situação.

— O que fizeste?

— Fiz bolinhos de canela para a sobremesa, mas não garanto que estejam bons...

— Lou, nunca te autorizei a entrares aqui quando estou ausente — replica, atirando a mala para cima do sofá. — Se fores apanhado em minha casa, estou tramada!

LeVanto-me, sem lhe diZer que dei uma Vista de olhos nos seus discos de Vinil e que, enquanto esperaVa, ouVi alguns álbuns de Billie Eilish.

— Garanto-te que tiVe muito cuidado. As pessoas julgam que sou um sem-abrigo — digo, retirando os meus óculos falsos. — O que é um pouco ofensiVo, na minha opinião...

— O que faZes aqui? — suspira a Camelia.

— EstaVa à tua espera, para Vasculharmos nos liVros.

Aliás, até pode agradecer-me, pois foi um autêntico calVário.

— Passei o dia a pensar nisso — diZ, despindo os *collants*. A sua fúria desVaneceu-se.

ObserVo o gesto, sem abrir a boca. Depois de se ter posto à Vontade, ajudo-a a abrir os últimos caiXotes. Procuro em primeiro lugar *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, mas fico surpreendido por não o encontrar.

— Está aqui! — eXclama a Camelia que, entretanto, se serViu de uma parte da minha sobremesa.

Vou para junto dela, no chão, curioso. Tem nas mãos a célebre obra, aberta no capítulo «Um Chá de Loucos». Há uma citação sublinhada com um marcador fluorescente.

— «Porque é que um corVo se parece com uma escriVaninha?»¹¹ — lê, em VoZ alta, com uma eXpressão pensatiVa. — Trata-se do enigma sem solução do Chapeleiro Louco.

Suspiro, dececionado. *Rory, detesto-te.* Este enigma não tem solução. O próprio LeWis Carroll o disse. A ideia consistia em apresentar um enigma para o qual ninguém conseguisse encontrar uma solução.

No entanto, quando os seus leitores insistiram, ele acabou por sugerir algo.

— «Porque consegue produZir algumas notas, embora não sejam muito claras; e porque nunca se põe a parte de trás Virada para a frente.¹²»

A Camelia olha-me, surpreendida e... *impressionada*? FaZ-me sorrir com um misto de timidez e de orgulho.

— Disse-te que sou fã dele.

— Ótimo, mas não faZ sentido nenhum.

— Na Verdade, faZ. Porque, para diZer «nunca», LeWis escreVeU «*nevar*» e não «*never*». InVertido, lê-se... *Raven*¹³.

A Camelia entreabre a boca para falar, mas não sai qualquer som. Seria isso que o Rory queria diZer? Não tenho a certeza. Há algo que não bate certo. «CorVo» não quer diZer nada, não nos leVa a lado nenhum. DeVe haVer uma outra coisa.

— O corVo não augura nada de muito bom — comenta a Camelia, mordendo o lábio. — É frequentemente associado à morte.

É a sua última frase que me dá uma ideia.

A morte.

O corvo.

Sem lhe eXplicar porquê, remeXo nos outros liVros, à procura de uma coletânea de poemas. Sei que estou certo. O Rory deiXou esta pista para mim, sei-o perfeitamente. A Camelia nunca conseguiria descobri-la sem mim, simplesmente porque está relacionada connosco.

— O que procuras? Ai... — engasga-se, com os olhos marejados de lágrimas. — Quantas colheres de canela é que puseste?

— DiZ ela que não trouXe jantar.

Dou-lhe um piparote na testa, sorrindo. As suas faces coram de fúria ou de Vergonha. Prepara-se para replicar, mas antecipo-me:

— Edgar Allan Poe escreVeU *O Corvo*. É um dos meus poemas faVoritos. O Rory sabia-o perfeitamente.

Já percebi que é nele que se encontra a próxima pista, e estou certo. Quando pego na coletânea, a minha mão treme um pouco. A Camelia

permanece calada, mas sinto que me fita.

Não me atrevo a abrir logo a obra. Tenho receio do que lá irei encontrar, pelo que observo a capa, contraindo os maxilares.

De todos os poemas, ele tinha de escolher este. A história de um homem que tenta, em vão, esquecer a morte da sua amada, Lenore.

— Este poema fala da devoção que não se desvanece — explico, baixinho, sem ousar olhá-la. — O narrador sente-se dividido entre o perverso desejo de esquecer... e o de recordar. Sente prazer em concentrar-se na sua perda.

Não consigo deixar de me identificar com estas palavras. Apetece-me virar a página, mas estou sempre a pensar nele. Isso faz-me sofrer, mas agrada-me. Porque preciso de me magoar, porque quero castigar-me, talvez...

— Abre-o — incentive-me ela, com ternura.

Obedeço. Não preciso de fazer muito, pois o livro abre-se sozinho numa página. Está lá um papel, dobrado ao meio, que abro com o coração acelerado.

Lou,

Foste sempre o mais puro de todos nós. Talvez tenha sido por isso que tentámos desesperadamente levar-te connosco para as trevas...

Para de te autoflagelar. Eu já não prestava muito antes de te conhecer. Acreditei verdadeiramente que poderias salvar-me... mas atribuí-te demasiada responsabilidade.

Releio Várias Vezes o seu bilhete, com as lágrimas a turvarem-me a Vista. Porra. É demasiado duro.

— Olha — murmura a Camélia, tirando-me o livro das mãos.

De facto, o número da página — 07 — está sublinhado com o seu maldito marcador azul fluorescente. Mas ele também acrescentou logo a seguir, a caneta, um 01.

— O que julgas que é?

— Um código.

A Camélia anui, o que significa que pensou o mesmo. Mas o código de quê? Talvez de um cofre... ou de um cacifo?

Tenho a sensação de que esta busca nunca terá fim. Para já, transtorna-me mais do que me ajuda a perceber quem foi o autor do crime.

— Se assim for, só pode estar na mansão Cavendish — diz ela, suspirando.

— A propósito, o que estava escrito na carta do Alastair?

A Camélia cruza as pernas e diz que era um enigma, para não variar. Tenho a impressão de que foi o que todos receberam, exceto ela e eu.

— «À volta de uma mesa redonda, estão seis pessoas. Todas elas afirmam que o seu vizinho da esquerda e o seu vizinho da direita são mentirosos. Os mentirosos mentem sempre e todos eles sabem a verdade sobre as seis pessoas. Quantos mentirosos se encontram à volta da mesa?»

Suspiro profundamente, aborrecido. Não entendo porque é que o Rory faz passar por uma coisa destas as pessoas que lhe eram mais próximas... Se sabia quem o fez, por que razão não disse nada, em vez de elaborar este conjunto de pistas?

É uma tortura.

— Porque não me deixou nada a mim?

A Camélia fita-me, com uma nova e surpreendente empatia estampada no rosto. Isso irrita-me, pois não quero que sinta pena de mim. Ao mesmo tempo, é a única coisa que pergunto a mim próprio, dia e noite.

— Sabes o que significa, não sabes?

Olho-a, em silêncio. Sei que ambos estamos a pensar o mesmo, mas alguém tem de o verbalizar.

— Se o Rory apenas deixou cartas para nós os cinco... não foi por acaso.

— Eu sei. Significa que o assassino é um de nós.

Desafiamo-nos com o olhar, em silêncio. Não me atrevera antes a falar-lhe no assunto, mas temos de nos render à evidência: o Rory está a gozar connosco. Envolveu-a para descobrir a verdade... e a pessoa

que o matou pertence ao nosso pequeno grupo.

Fui o primeiro a ser acusado. As provas jogam contra mim, mas tenho a certeza de estar inocente... Nunca teria feito algo assim, mesmo estando drogado.

E se um deles me armou propositadamente uma cilada?

— Vai ser difícil — diz a Camelia, com um suspiro. — Todos têm um móbil. Ainda que a Skye afirme que não sentia ciúmes do relacionamento que mantinha com o Rory, eu não sou parva. O Alastair foi sempre ofuscado pelo irmão e fiquei com a impressão de que estava apaixonado pela Skye. Quanto ao Gideon... não o conheço o suficiente, mas ontem pareceu-me muito suspeito.

A mim, também. Por isso, decidi passar a estar de olho nele. A Camelia pergunta-me que tipo de relação é que ele mantinha com o Rory.

— O Gideon foi o último a juntar-se ao nosso grupo. Não sei o que é que o Rory via nele... Sempre me pareceu diferente de nós.

— Está a estudar Comércio, não está?

— Sim... Quer ingressar na Política. Mas, há uns meses, o Rory mexeu os cordelinhos para ir trabalhar para a mesma empresa que ele.

A avaliar pela sua expressão, ela compreende aonde quero chegar.

— Obviamente, o Gideon não gostou. Embora tente escondê-lo, eu não sou parva. O Rory aparece de um dia para o outro, como sempre, e faz aquilo que melhor sabe fazer: sobrepor-se aos outros. Recebeu o prémio que o Gideon ambicionava há muito tempo...

A Camelia brinda-me com um sorriso maquiavélico, o que costuma fazer quando decifra um enigma complicado.

— Eis o seu móbil. Era o que o Rory mais provocava nas pessoas: uma inveja negra e sufocante. Imagino o Gideon a conter-se e a alimentar um rancor durante vários meses, à espera do momento certo para agir...

Tudo me leva a pensar o mesmo, mas gostaria de estar enganado. E se lutaram no andar de cima, antes de o Rory se cruzar com o Alastair, a sangrar?

— Por enquanto, vamos focar-nos nas pistas — diz a Camelia, levantando-se. — Não creio que possa voltar à mansão sem um motivo plausível, mas...

É interrompida pelo telemóvel, que vibra no chão. Vejo a mensagem antes de ela lhe pegar, pelo que nos olhamos, genuinamente surpreendidos.

— É a Skye.

— Eu vi.

— Está a organizar um baile de máscaras de «Não-Dia das Bruxas» para este fim de semana...

— Como todos os anos.

— ...e está a convidar-me.

Fico calado, mas sei que ela consegue ler-me os pensamentos. O facto de a Skye se aproximar da Camelia é suspeito. Ela sabe que é preciso manter por perto os inimigos, mais do que os amigos, e é o que está a fazer.

— Tem cuidado. Está a usar-te.

A Camelia encolhe um ombro, com um meio-sorriso trocista a deformar-lhe os lábios cor-de-rosa.

— É óbvio. Mas o que não sabe... é que também estou a usá-la.

De facto, a Skye acaba de nos dar a oportunidade com que sonháVamos: entrarmos incógnitos em casa dos CaVendishes!

LeVanto-me, pego-lhe delicadamente na mão e, a seguir, beijo-lhe as falanges, sorrindo também.

— Aposto que precisas de um par.

⁸ «Rato de biblioteca», em latim.

⁹ «Nos livros, a liberdade!», em latim.

¹⁰ A solução desta charada não tem tradução possível em português, pois a tradução literal seria «As Oito Escarolas», cuja fonética é muito diferente da do nome do escritor LeWis Carroll. A escarola é uma Variedade de alface. (NT)

¹¹ «Why is a raven like a Writing desk?», na Versão original.

¹² «Because it can produce a feW notes, tho they are Very flat; and it is neVar put With the Wrong end in front!», na Versão original.

¹³ «CorVo», em inglês.

CAMELIA

Outubro de 2022

Nunca fui a um baile.

TiVemos direito a uma festa de finalistas, na escola, mas não pus lá os pés. Nas redes sociais, Vi as fotografias da Skye de braço dado com o Rory, toda sorridente, e do Lou, de *smoking* preto e cigarro na boca. Lembro-me de pensar: «Parece agradávelVel.»

Nunca imaginei ser conVidada para um baile organizado por estas mesmas pessoas... e, ainda menos, ter a companhia do Lou McAllister.

Combinámos encontrar-nos diante da propriedade dos CaVendishes. Vou até lá soZinha, com o coração angustiado. Aconselhei-me com a Nolia e a Jasmine sobre a minha indumentária, pois não faZia ideia do que Vestir para ir a um baile do Dia das BruXas.

— Porque não optamos por um Visual inspirado na Morticia Addams? — sugeriu primeiro a Nolia, e a Jasmine pulou de entusiasmo.

Passei a hora seguinte a maquilhar-me, numa chamada por FaceTime, enquanto as meninas me contaVam como tinha sido o seu fim de semana de solteiras.

Saí atrasada do apartamento, agasalhada com um casacão escuro, tão comprido que me roça nos sapatos de salto-agulha. O meu Vestido é preto e justo, com uma racha a partir da anca, que deixA Vislumbrar uma perna leitosa.

A parte de cima é um corpete, mas optei por usar como acessório uma corrente de corpo prateada: fios de pérolas caem como teias sobre os meus seios, como se fossem um sutiã, unindo-se no centro com a forma de um grande diamante.

É uma joia que herdei da minha avó e que estimo muito, mas que nunca tiVe oportunidade de usar. Acrescentei um segundo acessório, à Volta da cintura, que me cai sobre as ancas, como um cinto de ligas.

Quando chego diante da mansão, já lá estão estacionados muitos carros. Pessoas riem-se e entram, de braço dado, todas elas disfarçadas

e mascaradas. Uma delas atrai-me logo a atenção.

Meu Deus.

Está sozinho, afastado, encostado ao capô de um automóvel. Uma mão num dos bolsos, a cabeça inclinada para o lado, para observar uma a uma as pessoas que entram. O Lou ainda não me viu, mas sei que é ele pela sensação que me causa.

Tem uma camisa branca manchada de sangue falso, uma gravata e calças pretas. Com a mão direita, faz girar um taco, o semblante impassível.

A sua indumentária é simples, mas a máscara faz-me estremecer tanto de horror como de desejo reprimido. É negra, com olhos em forma de cruz e uma boca cosida com *leds* vermelhos... como no filme *A Purga*.

É assustador.

— Promete-me que não matas ninguém esta noite — digo, encaminhando-me na sua direção.

Sem se mover, limita-se a virar a cabeça para mim. Não vejo o seu rosto por detrás da máscara, mas apercebo-me do movimento lento do seu queixo, ao observar-me dos pés à cabeça. Engulo em seco, reprimindo um arrepio.

Por fim, o Lou endireita-se e põe-me um braço à volta da cintura. Deveria impedi-lo, mas permaneço imóvel, mesmo quando me murmura ao ouvido:

— Com esse vestido, és tu quem vai matar-me.

Sorrio-lhe para não responder, a garganta seca. Sinto vergonha, mas este sentimento agrada-me: a noção de poder pô-lo de joelhos com tanta facilidade. De ser uma dessas raparigas tão aduladas na escola, quando eu fazia de tudo para ser invisível.

Hoje, o Lou McAllister olha *para mim*.

Retiro da bolsa o convite impresso e, a seguir, o meu batom cor de sangue. Não tive tempo para o aplicar antes de sair.

— É suposto seres...

— A mortícia. Sei que o cabelo ruivo estraga um pouco o conjunto.

Ele não replica, mas, a avaliar pelo olhar faminto que me dirige, não partilha da mesma opinião. Tanto melhor; a sua atração irá facilitar-me a vida.

A minha máscara oculta-me apenas metade do rosto, somente porque quis que os outros me reconhecessem. Inspirada em *O Fantasma da Ópera* ao estilo gótico, o seu metal negro molda-se ao meu nariz e faz-me olhos de gato. As joias de prata *art déco* condizem bem com o meu vestido.

— Deixa-me fazer isso.

O Lou tira-me o batom das mãos e, a seguir, aproxima-se e consigo cheirar o seu perfume. Não tenho tempo para protestar. O seu indicador e o seu polegar agarram-me carinhosamente o queixo, erguendo-o alguns milímetros.

Fito-o, lamentando não conseguir ver a sua expressão neste preciso momento. Estou convencida de que está concentrado enquanto aplica o batom na minha boca entreaberta.

Ninguém nunca fez por mim algo tão íntimo, nem sequer o Enzo.

— Tens uns lábios bonitos.

Isto é tão inesperado e, ao mesmo tempo, tão direto que me sinto corar. Não me agrada. Detesto que me faça gostar dele, quando é a última coisa que me apetece.

Não posso esquecer-me de quem ele é, apesar das suas palavras bonitas. Nada prova que é sincero, nem que não está a tentar iludir-me.

Tenho de apanhá-lo no seu próprio jogo. E se, para isso, tiver de usar os meus atributos físicos, que assim seja. Há muito tempo que perdi qualquer dignidade em relação a ele.

— Sim, já mo disseram.

O Lou detém-se por um instante e, a seguir, termina a tarefa. A sua maçã de Adão move-se rapidamente para cima e para baixo sob a pele fina do seu pescoço. Os meus olhos acompanham o movimento, hipnotizados.

— É à prova de água?

— Não sonhes demasiado... — Sorrio, empurrando-lhe o tronco com um dedo.

— Pelo menos, tentei.

Dito isto, guarda o batom na minha bolsa e oferece-me o braço. Aceito o seu gesto galante, com as pernas bambas. Graças à máscara que lhe tapa todo o rosto, o Lou passa despercebido. Contudo, o risco é enorme. À entrada, uma mulher verifica o meu convite e a minha

identificação. Apetece-me Vomitar.

Tenho medo de que o Lou seja apanhado a qualquer momento, mas o meu par disfarça bem.

— Não tens medo de que te reconheçam? — sussurro, enquanto ele nos conduz para o salão de baile.

— Tenho. É estúpido, mas quero continuar a confiar neles... No fundo, são meus amigos.

Encaro-o, estupefacta, mas ele limita-se a olhar em frente. A máscara não lhe oculta o cabelo nem a nuca, pelo que é aí que prego os olhos.

— Veremos qual dos três será o primeiro a chamar a polícia — acrescenta, carrancudo.

— És completamente louco. Estamos aqui para procurar um cofre...

— Não estou louco, estou desesperado — replica, e consigo ouvir-lhe na voz a tensão que tenta dissimular. — Se um deles quis que eu fosse acusado no seu lugar, ele ou ela deve estar danado por saber que ando à solta.

O Lou tem uma certa razão, embora o seu método me pareça demasiado drástico. Quero dizer-lho, mas entramos no salão de baile e as palavras morrem-me na língua.

Oh... Uau...

Nunca vi nada tão bonito. O teto é vasto, com elementos decorativos em estuque dourado e uma rosácea da qual pende um lustre de cristal.

O conjunto está assente sobre colunas gregas, ornamentadas com candelabros. Os meus saltos ressoam no soalho de madeira maciça.

— Qual é o plano? — pergunta o Lou, retirando da bandeja de um empregado um pequeno canapé de camarão.

Pensativa, observo os outros convidados, à procura da Skye.

— Presumo que já tenhas feito buscas.

Bem vistas as coisas, o Lou vive aqui. Calculo que, durante a noite e quando todos estão a dormir, saia das suas passagens secretas, para comer e fazer a sua vida.

— Sim. Não encontrei nada.

— E o quarto do Rory?

— Continua fechado à chave.

É lá que temos de procurar. Eu sabia-o desde o início. De certeza que

o Rory deiXou algo lá.

— Fica a entretê-los. Eu Vou procurar.

Ele encara-me e percebo a sua hesitação perante a ideia de ir cada um para seu lado. Infelizmente, é tarde de mais. Finalmente, Vejo a Skye, do outro lado do salão, a olhar para nós, lívida.

Sei que, apesar do disfarce, reconheceu imediatamente o Lou. O Gideon e o Alastair estão ao lado dela. O primeiro está furioso, o segundo está... diVertido?

Ele estava à nossa espera.

— Menina O'Brien, concede-me esta dança? — sugere o Lou, sem lhes prestar atenção.

Compreendo o que está a fazer. Quer proVocá-los, enlouquecê-los e aValiar a reação deles. Portanto, aceito, dando-lhe a mão, enquanto pousa o taco de baseball junto de uma parede.

O Lou Vai à frente e encaminha-nos para o centro do salão.

— Estão a olhar para nós? — sussurro, sem me atreVer a confirmá-lo.

O Lou encosta-se a mim, enVolVendo a minha cintura com o seu braço, e, de repente, os nossos narizes roçam um no outro. Já nada mais importa.

— Está toda a gente a olhar para nós, Camelia — murmura, guiando os meus passos. — E têm motivos para isso.

Engulo a salíva sem parar de fixar os seus olhos em forma de cruZes luminosas. Rodopiamos sobre nós próprios, o toque da sua mão a queimar-me a curVa dos rins.

— Uma resposta por uma pergunta — sugere, baixinho. — Em que estás a pensar neste preciso momento?

Nas tuas mãos a deslizarem pelo meu corpo.

— No jóquer.

Apesar da máscara, ouço-o a rir-se suaVemente e, a seguir, inclina-se e murmura-me ao ouvido:

— Não te aflijas. Já tenho uma ideia.

DeiXo os meus dedos percorrerem-lhe a nuca, deVagar, e depois penetrarem na linha do seu cabelo. O gesto proVoca-lhe um arrepio e um suspiro intensos.

Sorrio, entusiasmada com este novo desafio.

O Lou sente-se atraído por mim. Não sei desde quando nem até que ponto. Mas tenciono usá-lo como uma arma.

Só espero não ser apanhada no meu próprio esquema.

— Que tal fazermos um jogo? — sugiro, sentindo-me estranhamente ousada. — O primeiro a encontrar o cofre poderá pedir ao outro o que lhe apetercer. Não há jóquer, não há regras, Vale tudo.

O Lou não reage durante um longo momento, mas cinge-me com mais força. Sei que já imagina o que irá pedir-me se ganhar, pois está convencido da sua Vitória.

— É uma aposta perigosa para ti... mas aceito.

É o que ele julga, mas não sou eu que sou procurada em todo o país. E porque quero desarmá-lo completamente, pego na parte de baixo da sua máscara, para a levantar. Ela sobe o suficiente para deixar visíveis a sua boca e o seu nariz, como o Homem-Aranha quando a Mary Jane o beija pela primeira vez.

O meu coração bate furiosamente quando lhe beijo os lábios. É um beijo breve, demasiado breve, mas suficiente para o apanhar desprevenido. Quando vejo o meu batom na sua boca, não consigo deixar de corar.

Ele fica tenso, quando lhe sussurro ao ouvido:

— Boa sorte.

Dito isto, deixo-o plantado no meio do salão. Não preciso de olhar para trás para saber que os outros se precipitam na sua direção, para lhe pedirem explicações.

Ouçó a Skye a perguntar-lhe o que faz ali e esboço um sorriso. Perfeito. Isto irá atrasá-lo um pouco.

Aproveito para me esgueirar para o corredor e para me encaminhar para a escadaria. Quando vou para virar a esquina, uma voz detém-me:

— Vais a algum lado?

Sobressalto-me, apanhada em flagrante. É o Alastair, vestido com um *smoking* simples, que me olha friamente. Vejo que já desistiu da máscara, pois tem o rosto descoberto.

— À casa de banho — respondo, impassível.

Merda. Julguei que ele seria o primeiro a ter pressa em confrontar o Lou. Porque me seguiu?

— Não sabia que tu e o Lou eram tão chegados — diz, enfiando as

mãos nos bolsos.

— Não somos. Desprezo-o.

— É mentira, ainda que o desejasses.

Pestanejo, irritada por ele perceber tão bem o meu jogo. O Alastair desconcerta-me. É dele que me sinto mais próxima, pois sei o quanto sofreu por ser invisível. Nunca tive nada a apontar-lhe... a não ser o facto de se parecer com o demónio dos meus piores pesadelos. Contudo, é o suficiente.

Não me esqueço de que é um deles.

— Deves ter cuidado contigo — acrescenta, em voz baixa.

Estamos sozinhos no corredor. Ele aproxima-se e eu recuo um passo. Quando percebe que está a assustar-me, detém-se.

— Porquê? Porque ele matou o Rory?

— Ambos sabemos que o Lou não o matou — responde, para minha grande surpresa. — Amava-o demasiado.

Então porque é que o Alastair deixou o Lou a apodrecer na cadeia? Porque é que o abandonou cobardemente?

— Se está inocente, porque deveria ter cautela em relação a ele?

— Gosto de ti — confessa. — Não quero que te prejudiques. Adoro o Lou... mas ele é igual ao Rory. Tu e eu não somos dessa laia.

Fico calada, pois não sei o que dizer. Apetece-me agradecer-lhe, mas dizer-lhe também que não deve intrometer-se. Desde que sei a verdade sobre o assédio do Rory, e depois de passarmos tanto tempo juntos, dou por mim a detestar menos o Lou...

Receio que seja um erro.

— É simpático da tua parte, mas desnecessário. Não gosto assim tanto do Lou para ele ter a possibilidade de me magoar.

O Alastair anui. Acaba por virar costas, deixando-me sozinha no corredor sombrio. Mil e uma perguntas rodopiam na minha mente, mas, por enquanto, ponho-as de lado.

Tenho poucos minutos até que alguém chame a polícia.

LOU

Outubro de 2022

Estou a sonhar ou ela acabou realmente de me beijar?

Durou apenas um nanossegundo, mas foi o suficiente para me fraquejarem as pernas. Passei tanto tempo a desejá-la... a sentir ciúmes de todos os tipos a quem sorri na esquina de um corredor... como aquele idiota do outro dia, que ela despachou à minha frente.

Uma parte de mim morre de vontade de ir atrás dela, para a beijar como deve ser, mas já desapareceu.

Fica para depois.

O meu sorriso desvanece-se por detrás da máscara quando vejo os meus amigos a aproximarem-se. Apesar da ansiedade de ser reconhecido a qualquer momento pelos outros, adoro as suas expressões. De surpresa, de raiva... de medo.

Precisamente o que queria ver-lhes no rosto.

— O que... O que fazes aqui? — sibila a Skye, que é a primeira a chegar junto de mim no meio da multidão de dançarinos.

Tem um magnífico vestido ao estilo rococó, um chapéu de plumas e um leque de renda. Suponho que deva ser Maria Antonieta, a rainha de França que foi decapitada por deixar o seu povo morrer de fome.

Um simbolismo estranho.

— Estava com saudades Vossas — respondo, acariciando-lhe a face com o polegar.

Atrás dela, o Gideon fita-me com desprezo e em silêncio. O Alastair desapareceu subitamente. Suponho que não quisesse ver-me, e é compreensível.

— És completamente louco — continua a Skye, abanando a cabeça, incrédula. — Que bicho te mordeu para fugires?!

— A cadeia não é bem para mim — respondo, simplesmente. — As pessoas são tão ordinárias...

— Devias ir-te embora.

Olho para o Gideon, que finalmente abriu a boca. Sorrio, embora ele não veja.

— Porquê? Já chamaste os chuis, Gid? Espero que não tragam os cães... ou corres o risco de ir comigo.

O meu amigo contrai os maxilares, dando um passo em frente, mas a Skye detém-no. Ainda me custa pensar que, provavelmente, um deles seja culpado, mas a Camelia tem razão.

Não confio neles.

Todos temos um móbil, simplesmente porque nem o Rory nem nenhum de nós os três somos pessoas decentes.

— Olá.

Viro-me, espantado. O Alastair apareceu finalmente, com uma expressão impassível e as mãos enfiadas nos bolsos. Não está disfarçado, o que não me surpreende muito. Só a Skye é que iria organizar uma festa tão pouco tempo depois da morte de alguém.

O Alastair tem alguma decência.

— Olá.

— Vejo que trouxeste a tua advogada — continua — e, neste momento, ela está a revistar a mansão, em busca de provas. Qual é o teu plano?

Agora, já entendo. Ele desapareceu para ir atrás da Camelia.

— Eu sei. Fiz com que nos deixasse sozinhos durante um bocadinho, só isso.

Desculpa, Camelia. A Verdade é que não há cofres escondidos em casa dos Cavendishes. Sei disso, pois passei a noite anterior a vasculhar em toda a mansão. A pista que encontramos não é o código de um cofre.

Por outro lado, há uma outra coisa no quarto secreto sob a escadaria...

Mais um telemóvel.

— Ela está a meter o nariz onde não deve — comenta o Gideon e nós fitamo-lo, admirados.

Ele percebe que não deveria tê-lo dito, pois suspira e bebe um grande gole do seu copo.

— Tens medo de que encontre alguma coisa?

— Não tenho nada a esconder — resmunga.

Isso não é muito convincente.

— Para ser sincera, também não me agrada — acrescenta a Skye.

— A sério? Julguei que se tinham tornado grandes amigas... Afinal, foste tu quem a convidou.

Lança-me um olhar fulminante, mas não peço desculpa. Eu sabia que ela tinha outros objetivos em mente.

— Ela não é como nós.

— O quê, podre por dentro? — gracejo.

— Há muito tempo que o teu fraquinho de adolescente deveria ter-se desvanecido. É patético.

— Diz aquela que não conseguiu satisfazer o namorado...

Esbofeteia-me imediatamente, cortando-me abruptamente a palavra. Solto uma gargalhada forçada. Será que ela julga que consegue magoar-me? Levei um murro da Camélia há pouco tempo; isso, sim, foi doloroso.

E, no entanto, prefiro que tenha sido ela e não a Skye.

— Não matei o Rory — confesso, subitamente, ajeitando a minha máscara.

O Alastair fita-me, sem vacilar. Queria dizer-lho, mesmo que ele considere que não estou a dizer a verdade.

— Acredito em ti.

— A sério?

Ele anui, tenso. Sinto um alívio tão grande que seria capaz de o abraçar neste preciso momento. Mas não quero atrair a atenção dos outros convidados, pelo que apenas lhe pouse a mão no ombro.

— Então, vão ajudar-nos? — pergunto, encarando os outros. — A Camélia anda à procura de provas para me ilibar.

Observo atentamente as suas reações. Não quero que pensem que suspeito deles, pelo contrário. Vou fazê-los acreditar que estou do seu lado, que preciso da sua ajuda, para melhor os manipular.

Pedirei desculpa aos inocentes quando apanhar o traidor ou a traidora. Eles irão entender.

— Era o que eu estava a tentar fazer antes de te evadires — repreende-me a Skye, cruzando os braços sobre o peito. — Julgavas que estavas no *Prison Break*?

— Eu disse tudo o que sabia — continua o Alastair. — Cheguei a procurar a camisola manchada de sangue de que a Camélia falou, mas

não a encontrei. Desapareceu...

De repente, acontece algo surpreendente: ao meu lado, a Skye fica lívida e hirta. Encaro-a, curioso, mas ela recompõe-se e pergunta:

— Que camisola?

O Alastair evita o seu olhar, em silêncio. Não sei o que se está a passar, mas é estranho. Ambos sabem de algo que eu não sei.

— Têm pistas? — pergunta o Gideon, mudando de assunto.

Não tenciono dizer-lhes o que o Rory deixou atrás de si, porque é óbvio que ele não o desejava. Será o nosso segredo, meu e da Camélia...

— Por enquanto, nada de concreto, mas estamos a trabalhar nisso. Se se lembrarem de alguma coisa, avisem a Camélia.

— Presumo que o envolvimento dela seja um segredo? — pergunta o Alastair.

Assinto, fazendo-os prometer que não contarão a ninguém. De qualquer modo, se a polícia descobrir, sei que terá sido através de um deles.

Vou desaparecer antes que os chuis tenham provas para acusar a Camélia de cumplicidade. Ela está a pôr-se em perigo por mim.

— Gid, o que diz a tua carta?

Ele suspira, aborrecido. Não quer dizer-me, mas não me importo. Preciso de ter todas as chaves na mão para poder entender.

— Era um enigma estúpido. Não o memorizei.

— Da próxima vez que nos encontrarmos, traz a carta.

— Não me dê ordens. Isso acabou.

Não replico, pois, de repente, ele é interpelado por uma rapariga disfarçada de Amy Winehouse. A Skye permanece em silêncio, de braços cruzados. Todos nós percebemos que ele estava a referir-se ao Rory.

Sem ele, o nosso grupo continua sem líder.

É simultaneamente assustador e libertador.

— Não deverias ficar muito tempo aqui — aconselha-me o Alastair.

— De certeza que a polícia está a contar que apareças.

— Obrigado. Vamo-nos embora.

Aceno-lhes com o queixo, antes de me retirar. Preciso de ir ter com a Camélia, confessar-lhe que encontrei um telemóvel e, a seguir, implorar por mais um beijo, desta vez um beijo a sério.

Se estiver certo, o número que descobrimos é o código PIN do telemóvel.

Vou ao *buffet* buscar comida, empilhando num prato canapés de camarão para mim e, depois, canapés de Vegetais para a Camelia — lembro-me de que é Vegetariana.

Enfrento a multidão de convidados para a procurar na mansão: começo pelo escritório, passo pela biblioteca... Ninguém.

Então, desço a escada, onde alguns casais se beijam na penumbra, e entro no jardim de inverno. Repleto de todo o tipo de plantas, o interior está iluminado apenas pela lua cheia e por fios de luzes.

— Sherlock?

De repente, Vejo-a, de pé diante da Vidraça, entretida a contemplar o céu. Aproximo-me, com um prato em cada mão, e paro ao seu lado.

Não pestaneja nem uma vez, o que me leva a suspeitar de que me ouviu. Em que estará a pensar tão intensamente?

Levanto a minha máscara, o suficiente para a pousar na cabeça, e entrego-lhe um prato.

— Toma. Come.

— Sabias que não havia nada.

Faço uma careta, nem um pouco arrependido.

— Encontrei uma outra coisa igualmente interessante.

Ela encara-me, com os braços cruzados sobre o peito. Tenho de fazer um esforço para não olhar para o seu decote.

Porra, ela está divinal com este vestido.

O preto fica-lhe bem, principalmente em contraste com o seu cabelo flamejante. Apetece-me devorá-la.

— O quê?

— Aqui, não. As paredes têm olhos e ouvidos... — murmuro perto dela, para evitar que me ouçam. — Vamos embora?

A Camelia pestaneja, com as orelhas vermelhas, e anui, obediente. Coloco novamente a máscara no rosto, enquanto ela come alguns canapés de Vegetais. A seguir, Voltamos para o corredor principal. Estou prestes a dirigir-me para a saída, quando ouvimos gargalhadas vindas do salão de baile.

Uma rapariga arregala os olhos ao ver a Camelia e retém o riso antes de murmurar algo ao ouvido da amiga.

A minha acompanhante fica hirta, incomodada.

— É impressão minha ou as pessoas estão a olhar para mim? — pergunta-me, baixinho.

Tenho um mau pressentimento.

— Anda, vamos embora.

Quero pegar-lhe no braço e sair dali, mas ela afasta-me. Sigo-a até ao salão de baile, onde se ouvem vozes que reconheço. Principalmente uma.

O Rory?!

Fico petrificado, lívido, antes de estugar o passo. Quando percebo o que está a acontecer, sinto-me estúpido por me apressar como se... como se fosse vê-lo lá, no meio do salão, a rir-se. Tão estúpido.

Dito isto, é como se ele lá estivesse. Contraio os maxilares enquanto a Camélia olha para o vídeo projetado na parede em frente, diante de cerca de cinquenta pessoas. As luzes estão apagadas, mas consigo ver as suas faces rosadas e os punhos cerrados.

O vídeo mostra uma Camélia adolescente, ajoelhada no cimento, de cabeça baixa. A Skye e o Gideon, rindo à gargalhada, despejam o conteúdo de dois *Tupperwares* no seu cabelo.

O Rory está agachado diante da Camélia, com um sorriso cruel nos lábios.

O sorriso que mais detesto.

— Não sabes — diz, quando a Camélia levanta o queixo com um brilho mortífero nos olhos — que: «Quando querem castigar-nos, os deuses atendem as nossas preces¹⁴»?

O vídeo para na expressão sombria da Camélia e, de repente, a palavra «ASSASSINA» surge na tela. O salão enche-se de sussurros e todos os rostos se viram para nós.

Só a Camélia não viu o final, pois tapei-lhe os olhos para a impedir de continuar a ver. Ela treme ao meu lado, imóvel. *Porra.*

Uma raiva obscura e perigosa apodera-se de mim. Lembro-me das lágrimas da Camélia, na outra noite no túnel, e não me contenho.

— Fecha os olhos — rosno.

Atravesso a sala, a passos largos, obrigando a multidão a sair da frente, agarro nos fios do projetor e puxo-os com força. Cai tudo no chão, com um grande estrondo, pondo fim ao vídeo.

A Skye aparece de repente, com a boca entreaberta, mas aperto-lhe o braço.

— Foste tu quem fez isto?!

— Não! Juro — defende-se, tentando libertar-se.

Não acredito. É óbvio que foi ela. É o seu estilo.

— OXalá não tenhas sido — sibilo, aproximando-me do seu rosto, apesar da minha máscara. — Acredita que não queres testar os meus limites.

Ela fica tensa e eu fico radiante ao senti-la tremer nas minhas mãos.

— Como?

Aproximo-me o suficiente para lhe murmurar ao ouvido:

— Só porque não matei o Rory não significa que não tivesse sido capaz de o fazer. Deixa a Camelia em paz.

Isto fá-la calar-se. Solto-a quando Vejo o Alastair a fazer-me um sinal discreto. Chamei a atenção... Tudo o que não queria.

Procuro a Camelia, mas desapareceu. *Merda*. Os meus pés movem-se sozinhos e não tardo a começar a correr para a saída. Encontro-a no corredor, a sair à pressa.

— Camelia, espera!

Não para. Então, estendo a mão para lhe agarrar no pulso. Quando Vejo o seu rosto, parte-se-me o coração. Os seus lábios contraídos, os olhos marejados de lágrimas que se recusa a derramar e as faces coradas de raiva.

— Tu sabias? Ajudaste-os a fazer isto?

Sinto a sua pergunta como se fosse uma bofetada, mas não a levo a mal. É legítima. Gostaria de lhe dizer que é a primeira vez que Vejo este Vídeo... que é a primeira vez que Vejo o Rory a fazer isto e que o meu coração o detesta.

Quanto mais os dias passam, mais o meu amor vacila.

— Garanto-te que não.

— Odeio-os.

Eu também.

— Eu sei.

Como na outra noite na passagem secreta, apetece-me abraçá-la. Quero acariciar-lhe o cabelo e dizer-lhe que Vai correr tudo bem, que estou aqui, que Vou protegê-la, mas tenho medo de que me castre.

AproXimo-me, com os dedos ainda a enVolVer-lhe o pulso esguio, e retiro a minha máscara para poder fitá-la nos olhos.

O seu lábio inferior treme e, pela primeira VeZ desde que nos reencontrámos, Volta a ser a Camelia que conheci mais joVem: aterrorizada, magoada, perdida.

— E se eles estiVerem certos? E se... eu for masoquista? — diZ, baiXinho, fixando um ponto inVisível no meu peito. — E se, inconscientemente, procurar a posição de Vítima? E se... estiVer despedaçada? O Rory não está enganado, talVeZ eu não preste.

Fico calado durante um longo momento, simplesmente porque a culpa me sufoca. As suas palaVras chocam-me e magoam-me.

Sou responsável? Terei sido eu, mesmo sem querer, quem fez isto?

O meu pai foi o primeiro a diZê-lo: sirVo apenas para semear o caos e para destroçar as pessoas que amo. Ao Vir ao mundo, dei cabo da Vida da minha mãe, não consegui tornar-me um filho digno para o meu pai, o meu amor pelo Rory matou-o — literalmente — e o meu interesse pela Camelia só a tornou infeliz.

— Não estás despedaçada, Camelia.

Continua sem olhar para mim. Agarro-lhe no rosto com as minhas mãos, para a obrigar a encarar-me. Não consigo acreditar que está a deixar que eu lhe toque, depois de todo este tempo, depois de tudo o que fiz... Os meus dedos, manchados pelos meus pecados, não merecem entrar em contacto com as suas faces. Contudo...

— TalVeZ estejas um pouco danificada. Como toda a gente. Mas deitarias fora uma cháVena só por estar rachada?

A Camelia fita-me, em silêncio, e faço-lhe um sorriso tranquilizador. Não imagina o que está a acontecer na minha cabeça neste preciso momento.

A Verdade é que, se me sentia intrigado por aquela rapariga inteligente e solitária que se sentaVa ao meu lado na aula de Literatura... isso não é de todo comparáVel ao que agora ela proVoca em mim.

Não a conhecia. Dia após dia, reVela-se a mim e, sob cada camada, fico simultaneamente surpreendido e feliz por Ver o que lá encontro.

A Camelia O'Brien é ainda mais complexa do que eu julgaVa.

Quero-a. Quero-a tanto que acho que não consigo desistir dela.

E sei que é uma má ideia, sei que estou a sabotar-me, como com o

Rory, e que estas pessoas não me querem...

Mas Vou em frente. Porque se há aqui alguém que é masoquista, sou eu.

— Não tentaste ser uma Vítima — continuo, fazendo deslizar uma das minhas mãos até à sua nuca. — Os únicos culpados... são eles.

Sei que sou um dos que semearam a dúvida na sua mente, mesmo que não fosse essa a minha intenção. Muito pelo contrário. Tudo o que sempre quis foi protegê-la.

A Skye tem razão: a Camélia não é como nós.

Foi por isso que gostei dela assim que a Vi.

Inconscientemente, Vi nela uma saída.

A esperança de me tornar melhor.

— Apetece-me que sofram — sussurra, como se nem ousasse dizê-lo em voz alta.

Engulo em seco, involuntariamente atraído pela chama que a anima. Sei que não é a solução certa, que não deveríamos descer ao nível das parvoíces deles, mas não tenho a fama de fazer as escolhas certas.

— Então, fá-los rastejar aos teus pés.

O seu olhar ensombra-se, afastando as lágrimas, e, *caraças, apetece-me tanto devorar-lhe a boca.*

— E tu?

Os meus dedos acariciam-lhe a linha do cabelo na nuca, fazendo-a estremecer ligeiramente. Reparo que tem a pele do peito arrepiada.

— Terei todo o prazer em permitir que me uses — sussurro, enquanto os meus lábios lhe acariciam a face até à orelha.

Diz que sim. Usa-me, trai-me, parte-me o coração... Aceitarei tudo o que Vier dos deuses Vingativos, convencido de que a Camélia é fruto do meu carma.

— Eu...

Aproximo-me, a minha boca acima da sua, mas, de repente, a porta principal abre-se com estrondo. A Camélia e eu sobressaltamo-nos, espantados.

Ela é a primeira a ficar petrificada ao ver quem é.

Merda.

A polícia entra na mansão, armada, e não consigo mexer-me. Sei que vieram por minha causa, sabia que um dos meus amigos os chamaria e

esqueci-me de fugir.

Percebo imediatamente que o Vídeo da Camelia foi uma distração, uma maneira de garantir que eu ficaria.

Ele ou ela sabia que eu viria.

O meu ritmo cardíaco acelera enquanto a polícia percorre o corredor na nossa direção. Encaro a Camelia, disfarçando o medo, pego no telemóvel e meto-o na sua mão.

— Fica com isto. De certeza que tem pistas deixadas pelo Rory. Por isso, procura bem.

— Quê? — balbucia, em pânico. — Que...

— Diz-lhes que te obriguei, está bem? — continuo, enquanto os passos deles se aproximam perigosamente. — Não Vás Visitar-me. Seria suspeito. Manda lá a Charlotte. E tem cuidado com...

Não termino a minha frase.

De repente, a sua mão agarra-me na nuca, atraindo-me para si.

De repente, a sua boca pousa-se na minha e o meu tronco comprime-se contra o seu peito.

De repente, *a Camelia beija-me*. Os seus dedos puxam-me o rosto na sua direção, fazendo deslizar a minha máscara sobre os meus olhos, sem que os seus lábios se afastem dos meus.

Percebo imediatamente porque o faz. Quer esconder-me, distrair a polícia, fazer-nos parecer um casal bêbado na marmelada.

É dececionante... mas não tenciono perder a oportunidade.

Abraço-a pela cintura e encosto-a à parede, aprofundando o beijo com um gemido. Ela suspira de surpresa contra a minha boca e eu aproveito para enfiar a minha língua. *Finalmente.*

Todo o meu corpo estremece de excitação. O mundo à nossa volta desaparece e resta apenas ela, com este Vestido indecente, o cabelo a cheirar a lavanda e o batom com sabor a framboesa. Vou aproveitar ao máximo. Beijo-a como se fosse a primeira e a última vez, como se fosse o fim do mundo, como se precisasse disso para respirar.

Insiro um joelho entre as suas pernas, na racha do Vestido preto, e engulo o suspiro com que reage. Sinto-me aliviado por ela não ver os meus olhos agora, pois leria neles todas as verdades que tento desesperadamente esconder-lhe.

— Detenção por suspeita de homicídio — interrompe-nos um dos

polícias.

Preparo-me, com a testa encostada à da Camelia, os nossos lábios a roçarem-se. Fico à espera de que me arrebatem dela...

Mas ninguém me interpela. Ninguém me agarra nem me algema. A Camelia franze o sobrolho, as faces rosadas e as pupilas dilatadas.

Não me mexo, com medo de chamar a atenção, mas a minha cúmplice volta a colocar-me a máscara sobre os lábios com uma mão trémula. Aproveito para me virar, curioso. Fico surpreendido ao ver que ninguém nos presta atenção.

— Que estão a fazer? — pergunta o Gideon, escandalizado.

De facto, a polícia veio prender alguém, esta noite. Ao contrário do que julguei, não sou eu.

— Tem o direito de permanecer calada...

Fico imóvel, espantado, enquanto a polícia algema a Skye.

Naquela noite

RORY

00b12

Não me apetece estar aqui.

No entanto, finjo. Estou habituado a isso, embora ao longo dos anos se tenha tornado mais fastidioso do que qualquer outra coisa. No início, era engraçado. Manipular as pessoas, nunca lhes mostrar o meu Verdadeiro rosto...

Mas acho que lhe perdi o gosto. É uma seca.

Afasto-me da multidão, durante alguns minutos, subindo novamente a escadaria. Já me dói cabeça, talvez devesse deitar-me na minha cama durante cinco minutos.

— Feliz aniversário.

Olho para cima, surpreendido, e um enorme sorriso floresce nos meus lábios. O Lou está de pé no meio da escada que leva ao segundo andar, com as mãos nos bolsos, tão bonito quanto Pátroclo aos olhos de Aquiles.

— Não pensei que Viesses — digo, subindo até chegar junto dele. — Há algum tempo que pareces ter um prazer maldoso em me evitar...

Paro no degrau abaixo do seu, apreciando a diferença de altura. Há meses que não estava tão perto dele. Sinto que Volto a respirar.

Tive saudades dele.

— Nada me faria perder esta festa.

Sorrio, satisfeito com a sua resposta, e deixo cair a cabeça no seu peito firme. Aspiro o cheiro das suas roupas, o mesmo que permanece nas minhas almofadas.

A sua mão acaricia-me o cabelo, devagar. Saboreio esse toque, resistindo à vontade de abraçá-lo.

— Novidades? — pergunta o Lou.

— «Sozinho, Aquiles chora¹⁵» — murmuro, fechando os olhos.

Ouço-o suspirar, reconhecendo as palavras que se seguem ao desaparecimento de Pátroclo, o amado; *philtatos*¹⁶. É o que o Lou é para

mim, ainda que não o trate como tal.

LeVanto a cabeça para sugerir que Vamos dançar, não querendo estragar o ambiente com medo de que ele se vá embora. Mas, ao fazê-lo, a minha atenção é atraída para o fundo das escadas. O meu olhar cruza-se com o da Skye, que está mal escondida e a ouvir a nossa conversa.

Olha, olha. As coisas estão finalmente a ficar interessantes.

Sorrio e Volto a olhar para o Lou, esperando que a minha querida namorada fique a assistir à cena.

— Não paro de pensar em ti — digo, com uma voz doce.

O Lou revira os olhos, sem se impressionar.

— Não digas isso. Se a Skye te ouvisse...

— Não precisa de ouvir para saber — interrompo-o, subindo mais um degrau.

Os meus dedos roçam nos seus, enquanto estou ao seu lado. Não se desvia, olhando em frente. Gosto do modo como a sua maçã de Adão desliza pela garganta, pois apercebo-me de que está a fazer um grande esforço para não sucumbir aos seus impulsos.

— Danças comigo? — pergunto, beijando-o na coxa do pescoço.

Infelizmente, o Lou afasta-se de mim, suspirando.

— Preciso de mais uma bebida.

Vejo-o descer a escadaria, desapontado e um pouco impressionado, admito. É a primeira vez que resiste aos meus avanços. Estou a perdê-lo para sempre...

Sei que é tarde de mais, mas quero que esta noite seja perfeita. Quero ouvi-lo dizer que ainda me ama.

Subo os degraus, determinado. Sei que a Skye vem atrás de mim, antes mesmo de ouvir os seus saltos a baterem na madeira.

— Metes-me nojo.

Só no topo das escadas é que me agarra no pulso para me obrigar a encará-la. Olho-a com todo o desprezo de que sou capaz.

— Então, sabes qual é a sensação — replico, acariciando-lhe o queixo.

Não disse nada de especial, mas consegui magoá-la. Bate-me na mão, a tremer de raiva.

— Estou farta desta palhaçada — riposta. — Toda a gente se ri de

mim nas minhas costas, mas manteve a compostura. Por nós.

— Por ti, principalmente. Não te pedi nada. Na Verdade, rezaVa para que me deixasses e me poupasses a maçada de ser eu a fazê-lo. Mas tenho de admitir que és persistente.

Dá-me uma bofetada, mas limito-me a rir.

— É tudo o que consegues fazer? Bates como uma criança de cinco anos, minha querida.

Nenhuma lágrima lhe rola pelas faces, mas isso não me surpreende. Conheço-a o suficiente para saber que não está triste. Tem apenas o ego ferido. Há de recompor-se.

— Agora, já chega — diz a Skye, endireitando-se. — Podes ir para a cama com todos os tipos que te apetecer, Visto que é algo que não consigo proporcionar-te, mas não com ele. Com o Lou, não. Isso acaba hoje, ouviste?

Olho para ela, a sorrir, e não sei se estou surpreso com a sua estupidez ou fascinado com a sua segurança.

— És parva ou estás a fazer de propósito? — pergunto, articulando as sílabas como se falasse com um bebé. — Tu e eu, acabou-se.

Abre a boca, desconcertada.

— Q... Quê?

— Oh, por favor! — suspiro, irritado com as lágrimas que finalmente lhe marejam os olhos. — Não faças fitas. Estamos sozinhos aqui. Sabes perfeitamente que estou apaixonado pelo Lou.

Os seus pequenos punhos cerram-se e as lágrimas de crocodilo param imediatamente. Tenho de admitir que é talentosa. Infelizmente para ela, eu sou ainda mais manipulador.

— Faz o que quiseses, Rory. Ambos sabemos que, daqui a uma semana, Vais Voltar para mim.

— Não, não creio. Desta vez, é o fim.

Só quando o verbalizo é que me apercebo da Veracidade do que digo. DoraVante, não tenciono voltar atrás. É o Lou quem eu quero.

A Skye apercebe-se do mesmo, pois arregala um pouco os olhos.

— Espera... Estás a falar a sério?

Volto a suspirar, aborrecido. Isto começa a tornar-se enfadonho.

— Não te faças de surpreendida, sabias que iria acontecer.

— Depois de tudo aquilo por que passámos... largas-me assim?

Estivemos juntos durante oito anos! — exclama.

— Não foi por opção, garanto-te.

— Como?

— Não sabias? — Fico genuinamente surpreendido antes de lhe confessar: — Ganhei-te a jogar ao pedra, papel ou tesoura com o Alastair. Éramos jovens, palermas e eu queria tirar-lhe algo de que ele gostasse. Nada mais. Embora admita que a brincadeira durou um pouco de mais para o meu gosto...

A Skye fita-me em silêncio, atordoada. Devo confessar que a sua expressão me diverte... Sussurra qualquer coisa, baixando os olhos, mas não consigo ouvir muito bem.

— Quê?

— Não aceito — diz, mais alto.

Não sei o que dizer a isto. É a primeira vez que uma pessoa não aceita que a deixem. Mas suponho que não seja surpreendente vindo da Skye, que está habituada a controlar tudo.

Não fazia parte dos seus planos.

— Tenho a certeza de que vais encontrar um outro palerma qualquer — tranquilizo-a, dando-lhe palmadinhas na face. — Ou, então, terás de desenvencilhar-te como uma pessoa crescida para satisfazeres os teus pais, nem que tenhas de arranjar um quinquagenário ricoço.

Ela treme tanto de raiva contida que consigo ouvi-la a bater os dentes. Agora, detesta-me verdadeiramente. O suficiente para me deixar em paz, espero eu.

— Se me deixares — ameaça-me, com uma voz grave que não reconheço —, vou tornar a tua vida num inferno.

Sorrio-lhe, aproximando muito o meu rosto do seu, e sussurro:

— Azar o teu, pois já lá estou.

Dito isto, despenteio-lhe o cabelo, rindo-me, e viro-me para me ir embora. Desço apenas um degrau antes de sentir o golpe.

Nunca vires as costas aos teus inimigos.

Principalmente quando os levaste ao limite.

Tarde de mais. Fui parvo e a Skye empurra-me com violência, gritando de raiva. Dura apenas um segundo, pelo menos é a sensação que tenho. Desequilíbrio-me e caio desamparado.

Mergulho de cabeça nos degraus. Não tenho tempo para dizer «ai», tombo pela escada sem conseguir proteger o crânio. Sei que é tarde de mais, já sofreu danos.

Quando aterro finalmente, não consigo respirar. Não sinto nada durante longos segundos... e, de repente, a dor é intensa. *Porra.*

— Oh, meu Deus — ouço ao longe e, a seguir, o ruído de passos apressados.

A cabra empurrou-me mesmo pela escada abaixo!, praguejo interiormente. Admito que a subestimei. Desta vez, enfureceu-me a sério.

Ponho-me de pé, vacilante. Olho para a escada que acabei de descer e, sem querer, desato a rir-me. Nunca julguei que ela fosse capaz de fazer tal coisa!

A Skye está lívida quando estende a mão.

— Descul...

— Ei.

Detém-se, mortificada. Percebo que não tencionava fazê-lo, mas é tarde de mais.

Mergulho o meu olhar perverso no seu, o meu sorriso desapareceu de vez. Agora, ela está diante do monstro.

— Se não me deixares em paz, Vou contar à polícia que és uma assassina. Percebeste?

Ela abana a cabeça, o rosto lavado em lágrimas, e vê-la tão frágil deixa-me enjoadado. *Patético.*

— Não fiz de propósito, foi...

Aproximo-me dela, apreciando o medo estampado no seu rosto, e inclino-me para lhe murmurar algo ao ouvido.

— Não estou a falar desta noite.

Como eu calculava, ela fica imediatamente tensa. Quando me afasto, o seu rosto não tem qualquer expressão.

Não digo mais nada enquanto desço até ao rés do chão, movido por uma nova urgência.

Tenho de fugir.

E tenciono levar o Lou comigo.

¹⁵ *A Ilíada* (Homero, Livro I, XXIII-XXIV).

¹⁶ «O mais amado de todos», em grego.

CAMELIA

Outubro de 2022

— A Skye Hutcherson confessou.

Sobressalto-me ligeiramente, pois estaVa mergulhada nos meus pensamentos. A Charlotte está de pé diante da minha secretária, a acariciar a sua barriga arredondada. Nem a ouVi entrar. EstaVa muito concentrada a pensar em...

Ui. O melhor é esquecer.

— Viste-a? — pergunto, para me focar noutra coisa.

— Ainda não, mas o advogado dela é um ex-colega de turma. Naquela noite, uma testemunha filmou com o telemóvel. No Vídeo, Vemos a Skye e o Rory no topo das escadas... antes de ela o empurrar.

Por isso é que o Rory estava a sangrar quando se cruzou com o Alastair!

Abro a boca, demasiado espantada para disfarçar. Então... terá sido a Skye? Não que isso me surpreenda. Bem Vistas as coisas, tem todas as características para ser a principal suspeita. A namorada traída, ciumenta e interesseira que acaba de ser largada pelo namorado rico, mas infiel. Não deve ter aguentado a humilhação.

Conhecendo-a, tratou-se certamente de um acidente. Talvez o Rory suspeitasse dela porque previra a sua reação.

— O que confessou, ao certo?

— Que o empurrou — suspira a Charlotte. — Mas, segundo ela, o Rory levantou-se imediatamente. Verificaram duas vezes o seu alibi e continua válido. Já foi libertada.

E sabemos que é Verdade, pois temos provas de que, a seguir, o Rory lutou com o Lou. A Skye não o matou, pelo menos não naquele momento.

— Achas que voltou à carga, para terminar o que começara?

Estou profundamente convicta de que a Skye é cruel e perversa, mas não acredito que seja capaz de premeditar o assassinio de alguém, ainda menos o do Rory.

Julgo que foi um acidente, que ela não aguentou e que, quando Viu que perdera... ficou assustada. Terá querido silenciá-lo?

O Alastair sabia, percebo subitamente. Estou disposta a apostar. O Rory deve ter-lhe dito, mas ele afirmou ao Lou que não sabia. Por que motivo a protegeria, se era possível que tivesse matado o seu irmão?

— Alguma notícia do McAllister? A polícia anda às Voltas e obriga-me a pagar pela sua incompetência!

Estremeço involuntariamente ao ouvir este maldito nome.

A minha mente é invadida por um *tsunami* de imagens proibidas, mas reais. As suas mãos a pressionarem o meu corpo contra o seu, a sua língua a acariciar-me com ternura o contorno dos lábios, a sua respiração a fazer-me cócegas na orelha... e o raio do seu olhar carregado de desejo!

— Não. Como sabes, não éramos próximos.

Desculpa, Charlotte. Prometo compensar-te por isto.

— Bem... Hoje já trabalhaste o suficiente. Vai-te embora.

Faço uma careta, pois não é Verdade. Hoje, não fiz nada. Não foi por não tentar, mas a sensação dos lábios do Lou contra os meus não parou de me atormentar!

Fico enojada. Dececiona-me a rapidez com que me esqueço do traste que ele foi na escola. Serei assim tão fraca perante o sexo oposto?

Ou o Lou é a exceção?

— Vai para casa — insiste a Charlotte, com um tom seco que me provoca calafrios. — Nem penses em passar aqui o serão do teu aniversário.

Pestanejo antes de consultar o meu telemóvel, como se duvidasse dela.

8 de outubro. Ah, sim. Hoje é realmente o dia do meu aniversário. Faço 23 anos. Esqueci-me, mas prefiro não lhe dizer, pois é francamente patético.

— Está bem. Então, Vou andando.

A Charlotte pergunta-me se planeei sair para festejar e respondo que sim. A Verdade é que não tenho com quem comemorar. Isso também é triste.

Vou a pé para casa, apreciando o frio nas faces e a cor alaranjada das folhas molhadas nos passeios. Apercebo-me de que o meu telemóvel

estava no modo «Não incomodar» e, como tal, perdi várias mensagens e chamadas, principalmente dos meus pais e das minhas amigas.

Pai: Feliz aniversário, fofinha! Vens cá a casa em breve? Tenho uma coisinha para ti. Tem cuidado, não saias até muito tarde.

Mãe: Há vinte e três anos, dei à luz o bebé mais bonito do mundo, embora tenhas nascido com a ponta do pé colada à perna... A minha parteira tratou-te durante muito tempo por Frankenstein ahah. Feliz aniversário!

É com um sorriso grato que entro no meu apartamento mergulhado na escuridão. Estou exausta. Talvez devesse ter oferecido um bolo a mim própria, para o comer diante da nova adaptação de *Rebecca*...

— Feliz aniversário!

Solto um berro, paralisada pelo susto. Demoro alguns segundos a perceber que não há perigo algum.

As minhas três amigas estão na minha sala, rodeadas de balões no chão. A Jasmine segura num bolo de aniversário, enquanto a Nolia tenta desesperadamente manter as velas acesas com as mãos e a Lily me filma com o seu telemóvel, a sorrir. Uma música de aniversário soa nas minhas colunas, rapidamente interrompida por um anúncio do YouTube, de cera depilatória.

A cena é tão surreal que não consigo acreditar.

— Deves ter visto a tua cara! — exclama a Lily, a rir-se, aproximando o telemóvel como se fosse uma jornalista. — Estou muito contente por ter comprado a Viagem de ida e Volta OttaWa-Edimburgo para isto.

— Que... Que estão aqui a fazer?

— Achaste mesmo que iríamos deixar-te sozinha na noite em que fazes 23 anos? — pergunta a Jasmine, a sorrir e aproximando-se também.

Faço um esforço enorme para não chorar, mas sei que a Nolia repara. Repara sempre em tudo, principalmente no que me diz respeito. Abraça-me calorosamente e, a seguir, murmura:

— Vá lá, Cam, pede um desejo antes que comamos cera quente.

Fecho os olhos antes de apagar as velas e as minhas amigas

aplaudem. Acabam por me dar um grande abraço e, embora não chore, o meu coração está cheio de amor por elas.

Não posso acreditar que Viajaram até aqui só por minha causa.

— Adoro-Vos tanto — sussurro, rindo-me. — Obrigada.

Só agora me apercebo do quanto precisaVa disto. De não estar soZinha.

— Vai mudar de roupa. Não Vamos ficar aqui! — diZ a Jasmine, despindo-me o casaco.

Reparo que todas estão bem arranjadas, eXceto a Lily, que prefere morrer a descalçar os seus ténis.

— Vamos a uma discoteca — diZ, reVirando os olhos. — Como deves imaginar, a ideia não foi minha.

Na Verdade, não é de todo o seu estilo. Suspeito de que tenha sido a Jasmine, a nossa foliona boémia, a planear tudo isto. Aceito sem grande hesitação, claro.

Preciso de uma noite longe do Lou, longe do Rory e da investigação.

Pomos a conversa em dia, enquanto a Nolia me maquilha, a Lily come bolo e a Jasmine nos mostra como dança *twerk*¹⁷ ao som de uma música da Doja Cat.

O apartamento já está virado do avesso quando nos dirigimos para o centro da cidade, depois de a Lily me pôr uma tiara que diZ: «*Birthday Girl*». Começamos por tomar algumas bebidas no Ballie Ballerson, um bar em que podemos beber *cocktails* baratos, dançar ao som de *disco sound* e divertir-nos numa piscina de bolas fluorescentes.

Desconhecidos oferecem-me *shots*, mas partilho-os com as minhas amigas. Há muito tempo que não descontraiá assim! Faz bem.

— Trabalhas de mais — queixa-se a Lily, a vacilar.

— Olha quem fala! Tu é que passas os teus dias e as tuas noites no rinque de patinagem.

— Tenho sau...

Seguro-a, a rir-me, e ela deixa-se cair sobre o meu ombro para me dar um abraço. As suas faces estão muito Vermelhas. A Lily é a mais nova de nós e nunca aguentou bem o álcool. Note-se que a sua dieta rigorosa não permite o consumo de bebidas alcoólicas. A Isabella, a sua treinadora, Vai matá-la.

— Ei — interrompem-nos dois tipos, de cerveja na mão. — São

irmãs?

Aquele que falou olha insistentemente para a Lily, enquanto o amigo sorri à Jasmine. Ela revira os olhos até quase descolar a retina, e com razão: embora pertençam à mesma família, têm poucas semelhanças. Principalmente porque, depois de terminar o seu relacionamento, a Jasmine pintou o cabelo de louro platinado. Quanto à Lily, manteve o cabelo negro, cor de asa de corvo, e ainda bem; tem tudo que ver com ela.

— Somos primas — responde a Jasmine, com um tom que não convém à conversa. — E não, não fazemos programas a três.

— Que pena.

— Ui! Não, obrigada — replica a Lily, com uma expressão enojada.

— Um homem é o suficiente para nos decepcionar. Por isso, dois ao mesmo tempo...

Termina a frase vomitando nos sapatos. Fico boquiaberta, resistindo à vontade de desatar a rir-me. A Nolia é a primeira a reagir, aproximando-se da nossa amiga para a levar à casa de banho.

O tipo resmunga, mas a Jasmine sorri-lhe, orgulhosa, e faz-me sinal para as acompanhar. Acabamos por monopolizar a casa de banho, sentadas no chão em redor da Lily, que vomita as tripas.

A prima acaricia-lhe as costas, sossegando-a, enquanto a Nolia se aconchega a mim. Está mais linda do que nunca, embora ela diga sempre o contrário. Uma pele morena perfeita, uns olhos verdes que lhe valem tantos elogios, cabelo castanho e forte, bem como um corpo curvilíneo que tem o desplante de detestar.

— Também tenho saudades tuas — murmura, de encontro ao meu ombro.

Devolvo-lhe o abraço, apaziguada pelo seu toque, e agradeço:

— Como se não tivesses irmãs suficientes para te fazer companhia na Vossa casa enorme em Neuilly.

Faz um sorriso triste. A Nolia pertence a uma família muito rica. É a filha mais nova e a menina dos olhos do pai. Apesar disso, suspeito de que o fim do seu relacionamento com o Enzo lhe tenha deixado uma ferida aberta no coração.

— Pareces cansada — digo-lhe, com o meu braço sobre os seus ombros. — Continuas triste? Sabes... Por causa do outro traste.

Não conversámos muito sobre o assunto desde que o deixou, embora nos tenhamos conhecido por seu intermédio. Ele também me traiu. Se há alguém que sabe aquilo por que ela passou, sou eu.

— Não. Era um parvalhão.

Está a esconder-me alguma coisa. Consigo senti-lo. A Nolia é o tipo de pessoa que guarda tudo para si, para não incomodar os outros; é a «mãe» do nosso grupo, a mais responsável e pura de todas nós.

Não suporto vê-la sofrer em silêncio.

— Tens a certeza?

Hesita, olhando para as outras, e anui. Não insisto, respeitando a sua privacidade. Quando estiver preparada, há de contar-me.

A Lily recupera imediatamente a boa-disposição depois de vomitar as cinco bebidas anteriores. Sugere que façamos uma ronda pelas discotecas e concordamos.

Dançamos até às quatro da manhã. Quando voltamos para o apartamento, estou ligeiramente bêbada e a Lily meio a dormir às costas da sua querida prima.

— Já não há bolo?! — pergunta a Jasmine, indignada, quando fecho a porta do apartamento. — Tenho fome, preciso de qualquer coisa para enospar toda esta tequila.

— Juro que só comi um quarto — defende-se a Lily. — Está bem, talvez metade. Só isso!

Ao ver o prato vazio, franzo o sobrolho. Restam apenas migalhas. Contenho um arrepio ao pensar que deve ter passado por aqui um ratinho...

Um rato enorme chamado Lou McAllister.

Uma nota para mais tarde: repreendê-lo por ter comido o *meu* bolo de aniversário.

— De qualquer modo, não tenho forças para comer — digo, bocejando e tapando a boca com a mão. — Vamos deitar-nos.

Julgo que podemos ser duas na minha cama e as outras ficam no sofá-cama.

— Vou buscar cobertores e pijamas.

Deixo cair os sapatos no chão, começando a despir o vestido e deixando-o na cintura, e abro a porta do meu quarto.

Acendo a luz e remexo no armário, com os braços carregados.

— Camelia! — chama-me a Nolia da entrada do meu quarto. — Ficas chateada se a Lily Vomitar no teu sofá?

— Muito — respondo, Virando-me para a encarar. — *Oh, meu Deus!*

Quase desmaio ao Ver o Lou escondido atrás da porta aberta do meu quarto, com um dedo nos lábios.

— Assim tanto? — graceja a Nolia, dando um passo em frente.

Precipito-me para a impedir de continuar a aVançar, ciente de que estou meio despida.

— EstaVa a brincar — respondo, levando-a de Volta para a sala. — Importam-se de dormir aqui as três? Há que tempos que não laVo os meus lençóis e incomoda-me que uma de Vocês durma neles... Também costumo comer na cama. DeVe haVer migalhas.

A Nolia faZ uma careta de nojo, aceitando ficar no sofá com as outras. Dou-lhes cobertores e, a seguir, agradeço-lhes esta noite de folia.

— Tu mereces — replica a Jasmine, sorrindo.

Sinto uma ponta de culpa no coração quando Volto para o meu quarto e fecho a porta. O Lou está sentado na minha cama, a saborear uma fatia do *meu* bolo num prato pequeno.

— Está delicioso — diz, com a boca cheia.

Tapo-lhe a boca com as duas mãos, para o impedir de falar, antes de me lembrar que não nos Vemos desde *O Beijo*.

Espero que compreenda que não significou nada, que foi apenas uma artimanha. *Para o proteger*.

— A sério? — sussurro, fulminando-o com o olhar. — Não sei, não tiVe oportunidade de proVar!

Então, ele para de comer, deixando as minhas mãos onde estão, e leVanta o prato na minha direcção.

— És serVida? — murmura, os seus lábios suaVes a moVerem-se contra a palma da minha mão.

— Estás a oferecer-me as tuas sobras? És muito amável.

— Se preferires, tenho certeza de que ainda podes sentir o sabor na minha língua — replica, com um sorriso diVertido. — É mais o teu género, não é?

Que grande palerma.

— Sabes que mais? Esta noite, não tenho forças para isto. Ganhaste

este assalto.

Suspiro, deixando-me cair ao seu lado, demasiado bêbada para ter coragem para me envolver com ele em disputas verbais. De repente, lembro-me de que tenho o Vestido despido até às ancas, pelo que escondo o peito com as mãos.

Isto fá-lo rir-se, mesmo que não estivesse a mirar-me.

— Sabes que não é nada que nunca tenha visto, certo?

— O que sei é que nunca vi *as minbas*.

— Uma das coisas que mais lamento... — murmura, baixinho.

— Infelizmente para ti, é algo que não vai acontecer. Vira-te.

Ele obedece sem questionar, pousando o prato no chão. Aproveito para despir completamente o Vestido e vestir um pijama decente e não muito sensual, ou seja, uma *T-shirt* dos Guns N' Roses muito comprida e um par de *leggings* pretas.

— Já te disse para não vires sem avisar. Será que não me ouvês?

— Não sabia que estavas acompanhada — replica, voltando a encarar-me. — Quando cheguei, o apartamento estava vazio. Quis ir-me embora, mas... tinha fome.

Faz uma careta, com uma expressão desolada que não me convence de todo. A seguir, olha para o que tenho no alto da cabeça.

— É o teu aniversário? Teria julgado que eras uma pequena Escorpião e não uma Balança.

— O meu ascendente é Escorpião...

O sorriso rasga-se.

— Porque não estou surpreendido?

— Aposto que tu és Sagitário... ou Gémeos.

— Tenho medo de perguntar porquê.

— O Ted Bundy era Sagitário, bem como o George Chapman, o Alton Coleman... Em suma, muitos assassinos em série.

O Lou continua a sorrir, o que prova que não se rala nada.

— Para tua informação, sou Caranguejo. Como... a Meryl Streep — afirma, com orgulho. — Toda gente adora a Meryl Streep. Quando era mais novo, estava apaixonado pela Donna Sheridan.

— E eu pelo Pierce Brosnan. Cada um tem as suas manias.

Não sei porque estou a entrar no jogo dele. O Lou e eu não somos amigos! Pigarreio para pôr fim à conversa e levanto as mãos para

retirar a tiara que ainda tenho na cabeça.

Mas esta fica emaranhada no meu cabelo e gemo de dor. Só a mim.

— Deixa-me fazê-lo — murmura o Lou.

Viro-me ligeiramente e ele apoia um joelho dobrado sobre a minha cama e aproxima-se das minhas costas. Sinto a sua respiração na minha nuca descoberta e, de repente, a recordação do nosso beijo regressa em força à minha memória.

«*Não estás despedaçada, Camélia.*» Por mais que tente esquecê-las, as suas palavras ficaram impressas no meu coração.

— Feliz aniversário — sussurra, com os dedos mergulhados no meu cabelo.

Olho para o espelho do meu toucador, diante de nós, e a Visão é suficiente para me excitar. O Lou está concentrado na sua tarefa, com o corpo quase encostado ao meu, e os seus dedos provocam-me choques elétricos na espinha. O ambiente é estranho. É tarde, estamos sozinhos e o meu candeeiro ilumina apenas metade do quarto.

É... íntimo.

— Obrigada — agradeço, quando ele consegue finalmente soltar o objeto.

No entanto, não se afasta. As suas mãos permanecem no meu cabelo quando levanta a cabeça e os nossos olhares se cruzam no espelho. O meu coração dá um salto mortal para trás...

Isto não me agrada. E, no entanto, desde o baile, há uma vozinha que me assombra dia e noite: *E se eu aproveitasse?* Bem vistas as coisas, foi ele quem começou. Há cinco anos, aproveitava-se da minha atração por ele para me humilhar.

Porque não há de ser a minha vez?

— Não me olhes assim — sussurra, o que soa mais como uma súplica do que como uma ordem.

— Porquê?

— Posso ficar confuso.

Fica confuso, Lou.

Mas, se te partir o coração, não te queixes.

— Estiveste a beber? — pergunta-me subitamente, fazendo deslizar os dedos pela minha coluna.

Não me sinto confiante para abrir a boca e, por isso, anuo. Ele

esboça um sorriso, mas julgo vislumbrar um brilho de decepção no seu olhar.

— Que pena.

No segundo seguinte, afasta-se de mim e continua:

— Procuraste no telemóvel?

Qual telemóvel? Demoro um pouco a perceber do que está a falar. Esqueci-me completamente! Fiquei tão espantada quando cheguei a casa que não me lembrei de dar uma Vista de olhos.

— Ainda não.

Ele arqueia uma sobrancelha, com uma expressão interrogativa.

E se o fizéssemos agora?

É tarde e não estamos sozinhos, mas a curiosidade consome-me, e o Lou não poderá sair enquanto as minhas amigas não estiverem a dormir profundamente.

Por isso, Vou buscar o telemóvel, com a adrenalina a disparar nas minhas Veias. O Lou senta-se no meio da minha cama, a olhar por cima do meu ombro.

Com os dedos trémulos, insiro o código PIN: 0107.

— Pergunto-me o que significará.

O Lou fica em silêncio durante um segundo, antes de responder com um tom impassível:

— É a minha data de nascimento.

Olho-o, surpreendida, mas o telemóvel desbloqueia-se. O Lou estava certo, era mesmo o código do dispositivo.

— Nem sei por onde começar...

— Experimenta a galeria de imagens — sugere o Lou, com curiosidade.

Ouçõ na sua VoZ que está tão assustado quanto eu. Com medo do que Vamos encontrar, tal como a cada nova pista.

Abro a galeria, que contém inúmeras fotografias e Vídeos. Clico aleatoriamente num deles, diminuindo o Volume para não alertar as minhas amigas.

O que Vemos deixa-me sem fôlego.

¹⁷ O *twerk* é um estilo de dança caracterizado por movimentos dos quadris e por agachamentos. (NT)

LOU

Outubro de 2022

Depois de Vasculharmos no telemóvel do Rory, ofegantes, a Camelia e eu... adormecemos. Sou o primeiro a acordar, com uma perna meio de fora da cama, enquanto a minha parceira ocupa todo o espaço. Murmura durante o sono, com a *T-shirt* ligeiramente repuxada acima da barriga, e dou por mim a sorrir como um palerma.

Tiro algumas fotografias pouco lisonjeiras, para um dia poder chantageá-la, e saio com peZinhos de lá. Abro a porta muito deVagar, para me certificar de que as suas amigas estão ferradas a dormir. Dou uma espreitadela e, a seguir, uma segunda... O caminho está livre.

Mas, quando dou um passo em frente, ouço a porta da casa de banho a abrir-se. Detenho-me, pronto a retroceder, mas é tarde de mais.

Os nossos olhares encontram-se.

Merda. Eram três, e não duas.

A cena dura apenas um nanossegundo. Percebo imediatamente pela sua eXpressão que sabe quem sou.

No segundo seguinte, desata a berrar.

Reajo rapidamente, precipitando-me para ela para lhe tapar a boca. O medo inunda-lhe os olhos e ela procura soltar-se. Tento diZer-lhe que está tudo bem, mas...

— Larga-a! — grita alguém, atirando um Vaso contra as minhas costas.

Ai. Gemo de dor, afrouXando o meu aperto, enquanto uma terceira pessoa me dá um pontapé nos tomates com mais força do que eu esperava.

— Jasmine, chama a polícia!

— Parem! — berra a Camelia, ao sair do quarto, de olhos arregalados com o que vê. — Jasmine, larga esse telemóvel! Lily, baixa os punhos! Ele não é perigoso.

Cerro os dentes para disfarçar a dor, mas é óbvio que perdi o

combate. Obviamente, a rapariga de cabelos escuros queria acabar com a minha capacidade de procriar.

A Camelia aproxima-se para se certificar de que estou vivo e, a seguir, suspira.

— Cam, é *ele*!

— Eu sei. O Lou está comigo.

A amiga, aquela que berrou primeiro, olha para a Camelia, a tremer de medo e... traição? Finalmente, levanto-me, o que as leva a afastarem-se ainda mais de mim. Reparo que não largaram o telemóvel e a morena de sutiã desportivo fulmina-me com o olhar, os punhos erguidos diante do rosto como se estivesse num combate de boxe.

— Calma, Muhammad Ali — digo, fazendo uma careta.

— Camelia, deves-nos uma explicação.

Ela anui e explica. Permaneço de pé, num canto da sala, de braços cruzados e com uma expressão aborrecida. As raparigas sentaram-se no sofá, boquiabertas com o que a Camelia lhes conta. Não me agrada o facto de elas saberem. Mais cúmplices implicam mais hipóteses de ser apanhado. Mas suponho que a culpa seja minha...

— Estás completamente doida — sussurra a pugilista, quando a minha advogada conclui a sua breve explicação. — Cam, este tipo é procurado em todo o país!

E lança-me um olhar ameaçador, pronta a atacar se for necessário.

— A Lily tem razão — diz a loura, ignorando completamente a minha presença. — Tens noção do que fizeste? Nolia, diz alguma coisa.

— Ele está inocente — tranquiliza-as a Camelia. — Exerço esta profissão para defender este tipo de clientes, certo?

Arqueio uma sobranceira na direção dela, embora ela não me preste qualquer atenção.

— E se fores apanhada? — pergunta a Nolia, com um semblante preocupado, mas também de censura. — Sabes perfeitamente os riscos que corres.

— Direi que ele me obrigou. Consigo chorar de propósito.

Deixo escapar uma gargalhada divertida. Não estou ofendido, pelo contrário. Estou aliviado por ela ter pensado em tudo. A minha Sherlock é uma pessoa cheia de recursos e surpresas.

— Camelia, posso dar-te uma palavrinha? — interVenho, leVantando a mão, o que me Vale três pares de olhares frios. — *A sós.*

Estremeço inVoluntariamente. À primeira Vista não parecem, mas são intimidantes.

A Camelia pede desculpa às amigas e promete não demorar. Saímos para as escadas do prédio, fechando a porta da rua.

— Isto é um problema. Quando se Vão embora?

— Hoje — responde, fechando os olhos, cansada. — Não Vão dizer nada.

Permaneço em silêncio. Sinto-me cético, principalmente depois de Ver a reação das suas amigas, mas decido confiar nela. Foi o que sempre fiz até agora.

— O que fazemos com os Vídeos? — pergunta.

Antes de cair nos braços de Morfeu, a Camelia aconselhou-me a enViá-los anonimamente para a polícia e deixar que se desenVencilhem com eles. ObVviamente, trata-se de um grande trunfo. Pergunto-me o que o Rory estaria a pensar quando reuniu estas provas.

O telemóvel secreto está repleto de provas, sobre todos nós, mas principalmente sobre eles. São apenas fotografias e Vídeos incriminatórios em que aparecemos, durante anos. O Gideon e a Skye, nomeadamente, pagariam caro para o terem na mão.

Entregar tudo à polícia seria um desperdício. O Rory entregou-no-lo por um motivo: é uma oportunidade. Um meio de pressão.

Uma carta secreta.

— Temos de a jogar de modo inteligente.

Suspiro ao lembrar-me de tudo o que Vimos: o Gideon a aspirar linha de coca após linha de coca na mesa da sala, ainda bêbado da noite anterior. A Skye a atormentar uma pobre rapariga, sempre a mesma, mergulhando-lhe a cabeça na retrete da uniVersidade, chicoteando-a com os olhos Vendados, roubando-lhe as roupas no Vestiário, e por aí fora. Há também Vídeos do Rory comigo em momentos íntimos... Às VeZes, sabia que ele estaVa a filmar e não me ralaVa. Era o Rory, confiaVa nele. EntusiasmaVa-me ficar com recordações. EnViaVa-lhe tudo e mais alguma coisa, mesmo sozinho na minha cama.

Outras VeZes, em contrapartida... É óbVio que não pediu a minha opinião. *Cabrão.*

É claro que apaguei esses Vídeos, um a um, antes de dormir.

— Esta rapariga... — sussurra a Camelia, com um tom sombrio. — Lembro-me dela. Quem é?

Demorei alguns segundos, mas acabei por reconhecê-la também.

— É membro da Quill & Snake. Creio que se chama Colleen.

— Pertences a essa coisa? — pergunta com reprovação a Camelia, com a testa franzida.

Abano a cabeça e explico que nunca quis juntar-me à seita académica deles. Os McAllisters foram os fundadores, bem como os CaVendishes e os Hutchersons, pelo que o Rory e a Skye eram os sucessores óbvios. Eu não estava interessado.

— O que fazem lá?

Não me apetece contar-lhe, embora perceba, pelo seu olhar irritado, que já o imagina. A sociedade secreta da Universidade de Edimburgo foi criada inicialmente para permitir que os seus membros — todos eles ricos e instruídos — se entreasudassem, ascendessem na sociedade. A maior parte deles tornou-se milionária e outros converteram-se em políticos muito poderosos.

Mas todos sabem o preço a pagar por esse tipo de privilégio. Eu nunca quis saber, mas ouvi algumas conversas entre o Rory, a Skye e o Gideon.

A Verdade é que todos os anos escolhem uma nova vítima: alguém de um estrato social inferior ao seu, desesperado, disposto a tudo para ser um deles. Essa pessoa tem de sofrer uma prática intensa para ter a esperança de se juntar à sua clique... e tirar partido dos seus contactos.

— Nada de muito interessante — comento.

Uma noite, depois de fazermos amor, o Rory e eu estávamos a comer na sua enorme cama, a nossa pele ainda a palpitar de sensações, quando ele disse: «E se convidasse a Camelia para se juntar à Quill & Snake?»

Respondi-lhe que não tinha piada e ele riu-se e disse que não estava a brincar. Então, agarrei-lhe com firmeza no queixo, o que não o impressionou. Não me reconheci quando o ameacei.

«Não faças esse jogo comigo», rosnei. Os seus olhos brilharam de curiosidade e divertimento, mas concordou em deixá-la em paz se eu parasse de escrever poemas ridículos sobre ela. Não fiquei surpreso ao perceber que ele o sabia. Apanhara-o muitas vezes a

Vasculhar nas minhas coisas, em busca de provas.

Precisava constantemente de se tranquilizar... mas acabava sempre por ficar decepcionado.

O ciúme sufocava-o. Era o que alimentava o seu ódio pela Camélia.

Naquela noite, Vi-o queimar na lareira os meus cadernos. Nunca mais escrevi uma linha sobre ela. Guardava tudo na minha mente, porque era o único sítio na Terra ao qual o Rory não tinha acesso.

— Tenho de ir para casa.

A Camélia anui, em silêncio. Parece querer dizer algo, mas contém-se. Por fim, ouço-a murmurar como uma má perdedora:

— Foste tu quem encontrou o telemóvel, pelo que ganhaste a nossa aposta. Suponho que tenhas direito a um pedido...

O meu sorriso de predador volta a surgir e, de repente, o meu olhar detém-se na sua boca inchada pelo sono. Ainda me lembro do sabor da sua língua, do som dos seus suspiros, da sua vida da sua pele...

Ontem, se não estivesse bêbada, também a teria beijado.

— Agora que falas nisso, tenho uma ideia...

Inclino-me para ela, as suas costas de encontro à porta. Os meus lábios estão a um milímetro de distância dos seus quando me agarra no cabelo para me afastar. Com a cabeça puxada para trás, presa na sua mão, fito-a com os olhos semicerrados.

— Mantém a tua boca nojenta longe do meu rosto — sussurra, apesar de ter as faces em brasa.

Está a corar. Que ternura.

Rio-me baixinho, com a língua contra o céu da boca, antes de me mostrar melindrado.

— Não tens mesmo piada nenhuma... Julguei que tínhamos finalmente passado de «Inimigos» a «Amantes» ou, pelo menos, a «Inimigos e Amigos Coloridos». Sendo tu uma pessoa que lê muito, deveria saber que toda a gente adora isso.

— Não tens qualquer dignidade?

— Para quê? — replico, baixando a cabeça na sua direção. — De qualquer modo, já sou o brinquedo de toda a gente.

É Verdade. De que serve manter a minha dignidade, quando todos se esforçam por espezinhá-la? Se tenho de ser manipulado, prefiro sê-lo pela Camélia.

Inclino-me, submisso, esfregando o meu cabelo na coVa do seu pescoço. Ouço o seu coração palpar no peito quando os meus lábios se fecham sobre a sua claVícula num beijo solitário.

— Usa-me o quanto quiseses — sussurro, contra a sua pele.

Ela fica calada durante um longo momento, mas, pelo menos, não se afasta. Quando leVanto a cabeça, a Camelia replica:

— Tem cuidado, Lou... Porque Vou faZê-lo.

Faço-lhe um sorriso irresistíVel, desafiando-a.

— Então, não me deceções.

FranZe o sobrolho, perplexa. Acreditará Verdadeiramente que só ela é perturbada nesta dupla que formamos, contra todas as probabilidades? A Camelia pode negar o quanto quiser, mas somos mais parecidos do que ela gostaria.

Está prestes a Voltar a entrar em casa, abrindo a porta, mas agarro-lhe no braço uma última VeZ. O meu rosto está muito prÓximo do seu, quando pergunto:

— Foste sincera no que disseste?

— O quê?

— Que acreditas que estou inocente.

Pode parecer-lhe uma parVoíce, mas é muito importante para mim. Quero que saiba que eu nunca seria capaZ de faZer tal coisa.

— Disse-o para as tranquilizar — murmura.

Tenho o desplante de ficar dececionado, admito. Solto-lhe o braço, mas insisto:

— Então, realmente não importa? Que seja um assassino.

— Disseste que não o eras.

— E tu disseste que não acreditaVas em mim. Que te estaVas nas tintas.

Ela permanece em silêncio durante alguns segundos, com um semblante sério. Vejo-a debater-se interiormente e é um suplício. Sei que é difícil para ela, sei que não quer Voltar a confiar em mim, mas eu adoraria que me desse uma oportunidade...

De repente, o seu olhar torna-se vulneráVel quando sussurra:

— Menti.

CAMELIA

Outubro de 2022

As minhas amigas foram-se finalmente embora, obrigando-me a prometer que terei cuidado. Sinto que a Nolia, em particular, está Zangada comigo. Está preocupada, porque sabe melhor do que ninguém o que o Lou e o seu bando significam para mim.

Esta manhã, a caminho da faculdade, eXploro um pouco mais o telemóvel do Rory. Já fiz uma cópia, com o Lou, dos Vídeos que conseguimos encontrar, mas nenhum deles nos leVa à próxima pista — se eXistir.

Encontro alguns lembretes básicos, mas nada de muito suspeito. Quando abro o Instagram, o dispositiVo fica inatiVo durante um momento. A aplicação está associada a uma conta, mas não é a do Rory.

Uma conta secreta!

Porque não me lembrei de procurar aqui primeiro? O perfil não tem fotografia, mas o meu coração para de bater quando leio a biografia:

«Tenho saudades tuas.»

Estou conVencida de que se trata de uma mensagem para o Lou; para mim não é, certamente. ReViro os olhos, irritada, percorrendo as fotografias da conta em questão. Não há *selfies*. É um perfil dedicado a fotografias de paisagens urbanas e são apenas seis. Não tenho sequer a certeza de que todas tenham sido tiradas na Escócia.

ObserVo-as, mas nenhuma tem legenda. O perfil também não tem seguidores, nem segue outros perfis.

A minha pesquisa é interrompida por uma mensagem do Lou.

Já tenho o conteúdo da carta entregue ao Gideon.

Com ela, Vem a fotografia de uma carta, na qual está escrito: «Quando me têm, as pessoas querem partilhar-me. Mas, se me partilham, deiXo de eXistir. Quem sou?»

Entendo o enigma no momento em que o Lou me escreve:

Um segredo!

Admito que este era fácil. Tão fácil que me deixa desconfiada. Então, o Gideon tem um segredo... Um segredo que, pelos Vistos, o Rory conhecia. Será que o Gideon o matou por causa disso?

Pergunto ao Lou por que motivo o Gideon lhe deu a carta se conhecia o seu conteúdo.

Não foi ele quem ma deu, recusou-se. Foi o Alastair quem me contou o enigma.

E se matou o Rory porque este descobriu algo sobre ele?

O Lou não responde imediatamente, mas sei que está a ponderar a questão. Talvez o Rory estivesse a chantageá-lo, ameaçando revelar tudo. O Gideon fartou-se... Então, agiu.

De repente, lembro-me de algo que não me tinha sequer passado pela cabeça.

Alguém te serviu uma bebida naquela noite?

Já não me lembro... Porquê?

E se foi o Gideon quem te drogou? Imaginemos: ele vai ter com o Rory, discutem no carro sobre o tal segredo que o Rory conhece, mas ele ameaça subitamente revelar tudo, não sei por que motivo.

Então, o Gideon decide agir naquela noite. Mas não quer ser apanhado...

... Então, precisa de um culpado. Quem melhor do que tu, o amante rejeitado e com a reputação de ser diabólico?

A minha teoria faz sentido, até um pouco de mais. O Gideon é toxicodependente, sabe onde arranjar drogas duras. Bastava-lhe pôr

alguma no copo do Lou para que este se tornasse o culpado perfeito.

Foi também o Gideon quem desapareceu para ir ter com o Rory ao quarto, para o «chamar à razão» depois do seu ataque de fúria. Estranhamente, ninguém sabe o que aconteceu depois disso.

De repente, o Lou liga-me por FaceTime. Resmungo ao aperceber-me demasiado tarde de que estou a ajeitar o cabelo, para ficar bonita.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Vou para um corredor, para ficar sozinha, e atendo a chamada, mas a única coisa que Vejo no ecrã é um teto branco.

— Ele foi o último a Ver o Rory ViVo — digo, de rompante.

— *Porra* — diZ uma VoZ.

De repente, surge um rosto Visto de baixo... bem como um tronco nu. Percebo que o Lou pousou o telemóvel em cima de um móvel e que acabou de sair do banho. Olha-se ao espelho, enquanto seca o cabelo húmido com uma toalha.

Não consigo Ver mais do que o seu tronco esculpido em V, mas espero que tenha Vestido pelo menos uns *boxers*.

— Então, isso significaria que a Skye está realmente inocente — replica, pegando no telemóvel à altura do peito. — O Alastair sabia da discussão. Ele encobriu-a.

O sangue crepita de entusiasmo nas minhas Veias. E se eu tiVer acabado de deslindar o caso, antes mesmo de chegarmos ao final da investigação imaginada pelo Rory?

— Temos de descobrir o que o Gideon está a esconder agora.

Sou capaz de apostar que tem que Ver com a Quill & Snake. A Skye pareceu preocupada quando a questioneei e o Lou confirmou a história da Colleen. O Rory não nos deixou estes Vídeos sem um motivo... Contêm uma mensagem.

Nem que seja para proVar o assédio deles, preciso de procurar essa rapariga e incentivá-la a testemunhar contra eles. Tenho de a conhecer.

O único problema: ninguém sabe o que se passa naquela organização, eXceto os seus membros, e a única coisa que sei é o nome dessa rapariga.

TalVeZ seja uma loucura, um disparate, uma imprudência e perigoso... Mas, de repente, ocorre-me algo.

— Tenho de desligar — digo, com um tom comedido.

— Tens um dia atarefado?

— Vou inVestigar no terreno.

O Lou franZe-me o sobrolho, com a escoVa de dentes entre os lábios. Ainda tem algumas gotas de água no cabelo negro.

— O que queres diZer com isso?

Desligo antes que compreenda e, a seguir, retiro da mala o célebre cartão de Visita. Com os dedos trémulos, marco o número desconhecido e enVio uma fotografia do cartão, com a resposta: «Júlio César».

Não sei se é o que procuram, mas Vale a pena tentar. Após o enVio, passo Vários minutos à espera, com uma ansiedade paralisante.

Com o Rory morto e a Skye em prisão preVentiva, quem tomou as rédeas desta sociedade secreta?

Estou a caminho da minha primeira aula da tarde quando recebo uma resposta. O meu coração fica prestes a implodir quando leio: «St. Leonard's Hall. Amanhã, às 22h00.»



Vestindo umas calças de ganga e uma camisola de lã, dirijo-me para a residência St. Leonard's Hall, pouco antes das dez horas da noite.

A noite do Dia das Bruxas.

As ruas já estão mergulhadas na escuridão, o que as torna sinistras e pouco tranquilizadoras. O edifício de estilo aristocrático também não ajuda, com as suas torres com guaritas a projetarem uma sombra

ameaçadora no passeio.

Uma atmosfera perfeita para um 31 de outubro!

Antes de vir, bebi um copo de vinho, nem que fosse para me dar um pouco de coragem. Não faço ideia daquilo em que estou a meter-me.

Tenho o telemóvel escondido no sutiã, pronta a filmar tudo o que acontecer esta noite.

Não sei o que esperar, mas, quando Vejo uma figura desconhecida a aproximar-se, prometo a mim mesma que irei até ao fim... aconteça o que acontecer.

Uma segunda pessoa destaca-se da paisagem e, de repente, Vejo-me acompanhada de dois homens com os rostos cobertos... com máscaras do filme *Gritos*. Estou com medo, mas não mostro.

— O teu cartão. Vieste sozinha? — pergunta o primeiro.

Anuo e entrego o meu cartão de convite, enquanto o segundo se aproxima e me ordena que levante os braços. Obedeço, incomodada. Apalpa-me, com o rosto demasiado perto do meu. Julgo que Vai desistir, mas, de repente, detém-se.

— Os telemóveis são proibidos — diz, estendendo a mão. — Dá-mo.

Tento argumentar, mas o outro abana categoricamente a cabeça.

— Devolvemos-to no fim.

Isto não me agrada nada. Vou mesmo seguir dois desconhecidos, à noite, sem maneira de pedir ajuda se algo correr mal?

Pelos Vistos, Vou, pois entrego-lhes o meu *iPhone*. No segundo seguinte, Vendam-me os olhos com um lenço de seda. O meu coração martela-me o peito, mas mando-o parar. *Vai correr tudo bem.*

Com a mão no braço de um dos dois homens, sigo-os às cegas. Ao contrário do que esperava, não entramos na residência. Dirigimo-nos para um carro, no qual me fazem entrar. Todos os meus outros sentidos estão apurados e julgo sentir o cheiro de cânabis. Fumam e riem-se.

Uma terceira pessoa conduz. Estou sentada na parte de trás, entalada entre duas figuras corpulentas. Não me sinto nada segura, mas não dou parte de fraca.

Cerca de dez minutos depois, chegamos ao nosso destino. Ao sair, sinto o cheiro de erva e da natureza, desorientada.

Onde estamos?

LeVam-me para junto de outras pessoas. Não as Vejo, mas ouço a sua respiração apreensiva.

— Sejam Bem-Vindas e Bem-Vindos — ergue-se uma VoZ masculina. — Em primeiro lugar: parabéns! Cada um de Vós foi selecionado para participar nos testes de admissão. Vamos começar por faZer-Vos assinar um acordo de confidencialidade. O que irá acontecer aqui e esta noite nunca deVerá ser relatado. A ninguém.

Merda. Não estaVa a contar com isto. Alguém nos retira as Vendas e, de repente, consigo Ver o que se passa. Estamos longe do centro da cidade. Reconheço o Holyrood Park, escondido nas encostas e nas rochas íngremes de Arthur's Seat.

O meu olhar detém-se numa outra rapariga e em dois rapazes, os três em fila à minha direita. Diante de nós, estão quinze figuras, todas elas de máscara, uma Visão eXtremamente intimidante. Rabisco uma assinatura improVisada no papel que me dão e, a seguir, aguardo em silêncio. Tento perceber se conheço algum deles, mas em Vão.

O Gideon estará aqui? Não, ou eXcluir-me-ia imediatamente.

— Todos Vocês foram escolhidos criteriosamente, seja pela Vossa posição social ou pela Vossa inteligência — diZ o líder, que Veste uma *sweatshirt* preta. — Mas, este ano, apenas um se juntará a nós, o mais perseVerante. Queremos ter a certeza de que querem mesmo este lugar. Têm de ser fortes e estar dispostos a tudo... Caso contrário, Vão-se embora já.

Nenhum de nós se meXe, o que parece satisfazê-los. O meu olhar detém-se na única mulher que está com eles e pergunto-me se será a Colleen.

— Ótimo. Então... Que comece a festa!

O que acontece a seguir supera todos os meus piores pesadelos. JulgaVa que o Rory tinha sido cruel comigo no passado, mas o que fez não é nada comparado com o que estou a presenciar esta noite.

Pedem-nos para nos despiamos. Estão seis graus, mas, ainda assim, obedeço, ficando em cuecas e de camisola de alças. Estou ajoelhada na erVa fria, quando me interrogam pormenorizadamente sobre as minhas eXperiências seXuais.

Ao meu lado, a rapariga de cabelo castanho, cortado a direito, tem

de simular uma felação com um Vibrador. Já me sinto arrependida da minha decisão, mas os quinze pares de olhos impedem-me de dizer o que quer que seja. Tenho medo das consequências se me insurgir. *Se decidir ir-me embora, o que me farão?*

O rapaz, que está no fim da fila, abana a cabeça quando lhe pedem para comer alimentos estragados, o que lhe vale insultos escritos a marcador indelével na testa. Apesar de tudo, acaba por o fazer, não conseguindo conter o Vômito uma vez ou duas. O cheiro agoniza-me.

— Agora, Vão formar pares.

Amarram-nos dois a dois, costas contra costas, e fico com a rapariga que se encontra à minha direita. Então, julgo que iremos fazer uma corrida de obstáculos...

— Vamos fazer uma pequena caminhada noturna — diz o líder, e consigo ouvir o sorriso na sua voz. — É proibido cair. Se caírem, serão obrigados a beber uma mistura especial... à base de larvas e peixes mortos.

Estremeço de horror e nojo. Isto está a ir longe de mais. Não pensei que chegassem a este extremo, mas foi uma estupidez da minha parte, principalmente conhecendo o Rory.

A Colleen suportou tudo isto? Espero, pelo menos, que as práticas terminem quando alguém se torna membro...

A minha parceira começa a caminhar e demoro algum tempo a acompanhar o seu ritmo. Ela treme de frio, apenas de cuecas.

— Como te chamas? — sussurro, na escuridão.

— Jenna.

Certifico-me de que ninguém está a prestar-nos atenção e continuo a sussurrar:

— Estás bem? É tão humilhante...

— Claro. Acho que estamos com sorte. No ano passado, correu o rumor de que pediram que esfregassem urtigas nos genitais e imitassem cenas de filmes pornográficos. Foi tudo filmado.

Os meus olhos arregalam-se com o seu tom calmo ao descrever-me tais atrocidades. Por que raio estariam essas pessoas dispostas a suportar tais humilhações? Não consigo entender.

Estou prestes a fazer uma outra pergunta quando ouço o par atrás de mim a tropeçar. Paramos, ofegantes. O líder agarra no cabelo do rapaz

que caiu e baiXa-se para lhe diZer:

— Vais ser o primeiro, Campeão. E não deixes nem uma gota, ouViste?

O colega aproXima-se, com um copo Vermelho na mão, e abre subitamente a braguilha.

— Espera, Vou mijar lá para dentro. Vai ajudar-te a esquecer o sabor do peiXe morto.

Fico líVida enquanto urina no copo, diante de todos nós, antes de o entregar ao rapaZ. Este começa a chorar em silêncio, o que me parte o coração. Isto não é normal. Ele não quer fazê-lo, não podem obrigá-lo!

— Vá lá, abre beeeem a boca...

O homem força-o a entreabrir os lábios, enquanto um outro o agarra pelos braços. É de mais para mim. Não consigo continuar a assistir à cena, pelo que me precipito para dar um pontapé no copo, que Voa para a erVa.

— Ele disse que não!

Todos os rostos de máscara se Viram subitamente na minha direção. Cai um silêncio de morte. Entendo o erro que acabei de cometer, mas está fora de questão permanecer calada. Não Valeria mais do que eles.

Não serei cúmplice, nem cobarde.

— Como?

— Já não tem piada. Não podem obrigá-lo.

O líder retira a máscara, muito deVagar, e sorri-me. Tem o cabelo penteado para trás e os seus olhos são tão escuros que parecem negros. O facto de não ter medo de reVelar a sua identidade não me deixa tranquila...

— És a Camelia, não és? É muito simpático da tua parte ofereceres-te para o faZeres por ele.

— Quê? — sussurro, recuando instintivamente.

— Ou preferes leVar com ele na tua cara bonita?

Quero fugir, mas a rapariga agarrada a mim empata-me. De repente, duas pessoas cortam as cordas que nos amarram e agarram-me pelos ombros. Debato-me, mas eles têm muita força. Sou obrigada a ajoelhar-me no chão.

Alguém me desgrenha Violentemente o cabelo e eu estou demasiado concentrada a tentar proteger-me do próximo ataque. De repente,

metade dos membros cerca-me e insulta-me, aos gritos.

Protejo-me o melhor que consigo, de cabeça baixa, enquanto me borrifam com óleo, todos os tipos de molho, ovos e farinha. Julgo que até consigo sentir álcool a encharcar-me a camisola de alças branca.

Não fixo sequer os nomes humilhantes que me gritam, tento apenas não engolir nada ou não abrir os olhos. PuXam-me o cabelo.

Sinto-me uma merda. Apetece-me chorar, gritar, isolar-me num canto do meu quarto e nunca mais sair de lá.

Tento dissociar a minha mente da cena que se desenrola. Penso em tudo e mais alguma coisa, desde que me leve para longe dali.

ProVaVelmente, é por esse motivo que não entendo imediatamente o que está a acontecer. Mas, de repente, empurram-me com tanta Violência que caio de lado.

Abro os olhos e Vejo o líder a levar um murro forte no rosto. Desaba ao meu lado, com um ruído surdo. O agressor agarra-o pelo colarinho e bate-lhe furiosamente.

Também usa máscara, mas é diferente das outras.

É igual à do meu par no baile do Dia das BruXas. Percebo logo que é o Lou.

E não Veio sozinho, pois reconheço o Alastair, que não está muito longe e lhe grita para parar. São precisos quatro para o segurar. O seu adversário geme de dor, sem conseguir levantar-se, a boca a sangrar.

— Se Voltar a Ver a tua cara nojenta, Miyoshi, fica o conselho: fuge.

O Lou cospe ao lado dele para reforçar as suas palavras e, de repente, olha para mim. Estou ciente da minha figura vergonhosa: gelada e seminua, coberta de substâncias estranhas, provavelmente lavada em lágrimas.

Odeio que ele me veja neste estado. *Frágil.*

— Estás bem? — murmura, agachando-se ao meu lado. — Caraças! O que é que te aconteceu?

Estou demasiado abalada pelo sucedido para conseguir articular uma palavra. Ele deve ter percebido, pois despe a camisola e a *T-shirt* para me vestir. Não digo nada quando coloca os braços sob as minhas pernas e me pega ao colo.

— Vamos para casa.

Limito-me a fechar os olhos, a cabeça encostada ao seu peito

tranquiliZador.

LOU

Novembro de 2022

Passo a noite a olhar para a Camelia a dormir, receando que desapareça de repente.

Depois de a trazer de volta ao apartamento, tomou um banho demorado. Aproveitei para me acalmar no seu sofá, com os dedos desfeitos. Quis falar com ela quando saiu da casa de banho, de pijama, mas ela ignorou a minha presença.

A Camelia foi dormir sem dizer uma palavra. As únicas que murmurou antes de cair num sono profundo foram:

— Obrigada. Por teres ido.

Não me pões na rua, pelo que fiquei.

Quando o Alastair recebeu uma chamada do Marcus, um membro da organização, a dizer que uma tal Camelia O'Brien se juntara à sessão de integração... julguei que o meu coração ia parar de bater. Corri o mais depressa que consegui, mas não foi o suficiente.

O que estava ela lá a fazer, para começar?

— Para com isso.

Pestanejo, surpreendido por ela estar acordada. São seis horas da manhã e o sol está apenas a começar a nascer.

— O quê? — sussurro, encarando-a em cima da cama.

— De te fingires preocupado.

Não estou a fingir. Nunca o fiz em relação a ti, a não ser fingir detestar-te.

— Queres falar?

— Não. Poderia ter sido pior. E sou mais forte do que julgas — acrescenta a Camelia, endireitando-se, com os olhos ainda avermelhados.

— Nunca pensei o contrário.

Entrego-lhe o seu telemóvel, que consegui reaver graças ao Alastair. Ela inspeciona-o, dececionada por não ter conseguido filmar ou gravar nada. Quero perguntar-lhe se está bem, mas ela levanta-se e começa a

Vestir-se.

— Vais a algum sítio?

— Vamos a casa dos CaVendishes — responde, virando-me as costas.

— Quero saber quem é essa rapariga, a Colleen. Se era o herdeiro da Quill & Snake, o Rory devia ter uma lista dos membros.

Parece determinada. Acredito nela quando diz que está bem, embora suspeite de que os acontecimentos de ontem devam ter despertado más recordações.

Prometo a mim próprio que Vou falar com o Alastair sobre a organização e as praXes que não deveriam sequer ser praticadas.

— Vens, ou não? — pergunta a Camelia, calçando os sapatos de salto alto.



Graças a Deus, o Alastair tem aulas até às seis, o que nos dá tempo para inspecionar a casa de cima a baixo, se necessário durante todo o dia. Não sei ao certo o que procuramos, mas a minha advogada parece julgar que o segredo do Gideon tem algo que ver com a sociedade secreta.

Observe a Camélia a entrar no enorme escritório do Rory,

inVoluntariamente impressionada. Há um enorme quadro da família atrás da poltrona de couro preto e, de ambos os lados, estantes cheias de livros.

A secretária é a mesma desde a última VeZ que Vi o Rory sentado diante dela: grande e enVerniZada, de mogno, iluminada por um candeeiro de estilo *Tiffany*.

O cheiro também é o mesmo, uma mistura de papel e pó.

— Por mais que pense nas cartas da Skye e do Alastair, não consigo chegar a uma conclusão — suspira a Camelia, enquanto admira os livros, antes de citar: — «Não consegues Ver-me, nem sentir o meu cheiro, nem ouVir-me e, ainda menos, lutar contra mim, pelo que sou sempre fatal para ti. Quem sou?»

Desta VeZ, a Camelia encara-me. Usa um *blazer* curto e cinZento, a combinar com uma saia traVada, e uma graVata preta sobre uma camisa branca. As suas botas de camurça e cano alto chegam perigosamente às suas coXas torneadas, seguindo precisamente o caminho com que as minhas mãos sonham...

— A Verdade? — alVitro, aproXimando-me.

Fico do outro lado da secretária, a fitá-la. Algo mudou entre nós nos últimos dias. Não sei o quê ou o que desencadeou esta mudança. TalVeZ o nosso primeiro beijo... ou o facto de ter ido socorrê-la ontem.

Ardo tanto de desejo por ela.

Como é que ela não percebe?

— Conseguimos ouVir a Verdade — replica, abrindo as gaVetas da secretária. — Também conseguimos vê-la.

ObserVo-a a retirar dossiês atrás de dossiês, concentrada.

— Mas é sempre fatal, não é?

Arqueia uma sobranceira e reajo com um sorriso. Era suposto ser uma piada, nada mais, mas a Camelia contrai os maXilares como se eu tiVesse tocado num ponto neVrálgico.

— Não faço ideia. Ainda não tiVe oportunidade de a ouVir da tua boca — balbucia, antes de Voltar a focar-se nos documentos confidenciais do Rory.

— Julgo que encontrei qualquer coisa! Colleen, Colleen, Colleen...

Fico surpreso com o seu comentário e, admito, um pouco ofendido. Estou-me nas tintas para a Colleen, quero que conVersemos

sobre isso, sobre nós, sobre o que está a acontecer e o que não podemos continuar a ignorar.

Saliento que, desde o início da investigação, fui sempre sincero e aberto com ela.

— Podes perguntar-me tudo o que quiseres, Camelia.

— *Jackpot!* — exclama. — Colleen Davies, estudante do terceiro ano de Literatura. Foi rápido...

— Camelia, *estou a falar contigo.*

— Posso realmente perguntar-te tudo o que quiser? — pergunta, pouco convencida. — Muito bem. Então, fala-me do teu pai.

Fico imóvel como uma estátua, disfarçando o meu espanto. Que bicho lhe mordeu, de repente?

— Não vejo o que isso tem que ver com a investigação...

— Uma resposta por uma pergunta, então?

Está com azar, porque hoje não me apetece desabafar. No entanto, como o meu orgulho me impede de ser o primeiro a recuar, permito-me sugerir algo que certamente recusará.

— Mmh... — Faço uma careta, apoiando as mãos na secretária. — Desta vez, parece-me demasiado fácil, não? E se apimentássemos um pouco o nosso jogo?

— Mais uma aposta?

— Não. Digamos... uma resposta por cada peça de roupa retirada?

Diga-se, em seu favor, que permanece impassível. Fico surpreendido e um pouco preocupado ao vê-la ponderar a minha proposta. Julguei que me mandaria passear, como de costume, e, por mim, tudo bem. Não quero falar do meu pai, muito menos com ela.

Mas, como sempre, subestimei-a.

— Está bem. Mas é bom que as tuas respostas correspondam à minha curiosidade — avisa-me.

Suspiro interiormente, sem nunca revelar a minha decepção. Dito isto... Oferece-me uma oportunidade de a conhecer melhor. O melhor é aproveitar!

Observo-a enquanto pensa na melhor forma de formular as perguntas, porque cada uma delas se tornou preciosa. Admito que isso me diverte um pouco.

— Disseste que nunca soubeste o que era o amor antes do Rory.

Porque é que o teu pai te odeia?

Ai. Pelos Vistos, ataca diretamente a jugular. Não Vou perguntar-lhe como sabe disso, pois é do conhecimento geral.

DeVo diZer-lhe a Verdade? Que o meu pai não ama ninguém?

— Porque eXisto, suponho eu. Ele nunca me quis e culpou-me por eXistir antes mesmo de nascer.

Não é fácil para mim falar sobre este assunto, embora o diga com um sorriso diVertido nos lábios. Foi algo que aprendi a fazer desde muito cedo: esconder os meus pontos fracos. Herdei dele essa incapacidade de eXprimir o que sinto; a única coisa que ele me ensinou, ainda que sem intenção.

Por isso, ajo como se nada me afetasse e recorro ao humor sempre que algo me atinge. É mais fácil.

— Sentiste isso como uma injustiça. Como se ele não te desse uma oportunidade.

Ao diZer isto, fita-me intensamente e percebo que não se trata de uma pergunta. Não replico, mas ela já o esperaVa. Não insiste e, em VeZ disso, Vejo-a retirar a graVata e atirá-la para o chão. Os seus moVimentos são deliberadamente lentos e o seu olhar é ardente.

Está a testar os meus limites. A Camelia percebeu finalmente que gosto dela e decidiu aproVeitar-se disso.

Mantenho o meu sorriso brincalhão, mas pergunto-me por quanto tempo. Ela contorna a secretária, roçando o seu ombro no meu, e Vai sentar-se na poltrona de couro do Rory.

O meu olhar acompanha o moVimento das suas pernas a cruzarem-se. Ela é majestosa.

— Já foi Violento contigo?

Desta VeZ, tenho dificuldade em manter o sorriso.

DesVio o olhar para que não leia a Verdade nos meus olhos. Como responder a esta pergunta? EXistem tantas maneiras de se ser Violento... Ele era Violento com a sua frieza e a sua indiferença. Era Violento com os seus insultos e os seus olhares desdenhosos. Foi Violento quando, tinha eu 13 anos, me fraturou duas costelas, depois de dar comigo a masturbar-me com uma fotografia minha e do Rory.

— Sim. Posso escolher a próxima peça de roupa que Vai cair aos teus pés?

Não me responde, pelo que aproveito para me aproximar com um passo de predador.

— Melhor ainda... Posso tirar-ta?

Estou diante dela, paciente. Percebo que não lhe agrada ter de me encarar. Então, a Camélia estica a perna na minha direção e compreendo sem que ela tenha de abrir a boca.

Não paro de a fitar enquanto me sento no chão, agarrando-lhe na barriga da perna, fazendo deslizar delicadamente as minhas mãos pela sua perna, com o nariz a roçar no material macio das suas botas altas.

Os meus dedos encontram o fecho de correr e abrem-no com uma lentidão cruel. Beijo-lhe o joelho, só porque posso. A sua pele é suave e sedosa.

Dá-me vontade de subir até o meu rosto desaparecer debaixo da sua saia... *mas uma coisa de cada vez.*

A bota cai ao meu lado. O ar está carregado de uma eletricidade nova. A Camélia olha-me de cima, com os lábios entreabertos e a respiração irregular.

Pergunto-me se o jogo a excita tanto como a mim.

— Porque é que o fizeste?

A sua nova pergunta surpreende-me, quando não deveria. Estou mais espantado por ela ter aguentado tanto tempo sem a fazer. Sei qual é a pergunta sem que ela precise de ser mais clara: porque é que espalhei boatos a seu respeito, na escola? Porque é que deiXei de lhe falar de um dia para o outro? Porque é que a conVidei para ir ao cinema e, depois, a deiXei pendurada?

Se lhe confessar tudo... Irá acreditar em mim?

— Jóquer.

Franze o sobrolho, aborrecida, mas eu sorrio. De repente, o seu pé sobe pela minha coxa... até pousar entre as minhas pernas. Faço um esgar, com um misto de surpresa e de prazer.

— Isso não vale, Sherlock...

— Responde-me.

Não recuo, julgando-me mais forte do que isso, mas o seu pé começa a acariciar-me e estou tramado. *Caraças.* O meu sexo já está duro e molhado devido ao seu toque, o que é humilhante.

Abro a boca para lhe dizer que não vai conseguir levar-me assim,

mas os dedos do seu pé massajam a protuberância debaixo das minhas calças e o seu olhar detém-se no mesmo sítio. E isso dá cabo de mim.

Gemo suavemente, as minhas mãos a envolverem-lhe a barriga das pernas, e deixo cair a testa no seu joelho. Fecho os olhos durante alguns segundos para não ter um orgasmo e fazer uma figura ainda mais ridícula.

É a primeira vez que me masturbam assim.

— Mais devagar... — sussurro.

Ela obedece quase imediatamente. Olho para cima, a minha face encostada à sua perna, e sorrio perante a sua expressão.

As suas faces estão tão coradas como as minhas, uma prova de que gosta de sentir a minha ereção a aumentar sob os dedos do seu pé. Pela primeira vez, a Camelia tem o poder... e parece gostar dele. É engraçado, porque comigo aconteceu sempre o contrário, mas não me importo de me submeter a ela.

Pelo contrário, excita-me. Quero dar-lhe tudo, até a minha dignidade.

— Responde, Lou. Porquê?

— Porque, naquela manhã, quando te empurrei sem querer e os teus livros se espalharam no chão, o meu olhar cruzou-se com o do Rory... E percebi que ele sabia.

A Camelia franze o sobrolho, intrigada. Estou prestes a dizer-lhe que já chega quando começa a abrir o único fecho do *blazer*. Este cai no chão, ao meu lado.

— Que sabia o quê? — murmura.

E lá vamos nós. Agora, não consigo parar, não quando me implora silenciosamente que seja sincero. Se quero o seu perdão, se quero que acredite em mim, tenho de mostrar-me vulnerável... e dizer a verdade.

— Que eu olhava para ti.

Tum, tum. Tum, tum.

— E como te olhava.

A sua boca abre-se de espanto, mas não diz nada. No entanto, consigo adivinhar todas as perguntas que rodopiam na sua mente. Julga que estou a fazer troça dela, que é um pretexto para a fazer cair na minha rede.

— Não entendo.

— O Rory percebeu que eu gostava de ti, Camelia — suspiro, sem parar de a fitar. — Naquele momento, o seu olhar... assustou-me. Então, mudei de ideias. Porque sabia do que ele era capaz.

Esta é a Verdade genuína, mesmo que ela decida não acreditar.

— Então... Fizeste tudo aquilo porque gostavas de mim — diz, rindo-se secamente. — Acreditas mesmo que Vou engolir isso?

— Eu sei, é uma estupidez. Foi claramente um erro. Julguei que, se lhe provasse que não estava interessado em ti, ele iria parar. Até curti com outras raparigas para o dissuadir, mas...

— A Ariana — recorda-se. — No entanto, ele não a atormentou.

Ela não entende. Estará a fingir que não compreende o óbvio ou a tentar fazer-me confessar?

— Porque eu não olhava para ela do mesmo modo que olhava *para ti*.

Vejo o medo a inundar-lhe os olhos: principalmente, o medo de acreditar em mim e de ser enganada. Ainda não confia em mim. Ela tem razão: eu deveria ter enfrentado a fúria do Rory em vez de me submeter como um cobarde.

Em vez disso, obriguei a Camelia a sofrer comigo.

— Sei que isso não desculpa nada e não o disse para me perdoares — digo, inclinando a cabeça para o lado. — Estou apenas a responder à tua pergunta.

Apetece-me dizer-lhe que estou arrependido, que fui egoísta, que preferi sobreviver a salvá-la, que foi quando a vi pela primeira vez que esperei que o Rory não fosse o único capaz de me amar.

Quis que fosse minha ao primeiro olhar.

— Faz-me outra pergunta, Camelia — murmuro, envolvendo-lhe com as mãos o pé que continua pousado na minha ereção.

Engole em seco, deixando-me fazê-lo, ainda abalada pela minha confissão, mas permanece em silêncio. Aproveito então para despir a camisola, puxando-a pela cabeça e ficando de tronco nu.

— Muito bem. Agora é a minha vez: deixas-me tocar-te mais?

Prefiro ter a certeza de que concorda, principalmente depois do que aconteceu ontem. A Camelia observa as linhas do meu tronco e, a seguir, anui lentamente.

Depois de tantos anos a imaginar-me a fazer com ela este tipo de

coisas, os meus sonhos estão finalmente a realizar-se. Porque, por mais que a Camelia me odeie, o corpo dela reage lindamente ao meu.

— DiZ-me o que queres — digo, com uma VoZ graVe e eXcitada. — És tu quem decide. Se quiseres que implore, imploro. Se quiseres que rasteje, rastejo. Se quiseres sentar-te na minha cara, sem...

— Caraças, cala-te — replica, pousando uma mão nos meus lábios.

Está a corar, é adorável.

— Se quiseres que me cale, tens de manter a minha boca ocupada.

Solto-lhe o pé e agarro-lhe na mão. As suas faces coram ainda mais quando meto na boca os seus dedos indicador e médio. Lambo-os lentamente, fazendo girar a minha língua entre eles.

Não paro de a fitar. Nem mesmo quando começo a chupar, com as pontas dos seus dedos a formarem um alto na parte interior da minha face.

O seu peito sobe e desce ao ritmo da sua respiração irregular, reVelando a sua eXcitação.

— Sabe o que mais detesto em ti?

Não se apercebe de que acabou de desperdiçar uma pergunta, mas eu apercebo-me.

— Não — respondo, descalçando-lhe a segunda bota, com a sua perna apoiada no meu ombro. — DiZ-me.

— Os teus olhos — confessa, com um esgar de nojo. — Sempre me irritaram. Não quero Vê-los.

Não duVido de que pense assim, embora tenha a certeza de que os odeia porque os ama demasiado, e isso irrita-a.

— Não queres Vê-los?

A Camelia abana a cabeça e eu endireito-me o suficiente para a erguer nos meus braços. Agarra-se aos meus ombros, estupefacta, enquanto a sento em cima da secretária.

— Então, Vou escondê-los... — sussurro, enquanto me sento na cadeira.

Pouso as mãos nas suas coXas, para lhe abrir as pernas e, a seguir, enfio a cabeça debaixo da sua saia traVada. Os seus dedos contraem-se no meu cabelo, que ela puXa ligeiramente.

Os meus lábios beijam-lhe a parte interior das coXas, até às cuecas, que beijo também. Ouço-a suspirar acima de mim e isso faZ-me sorrir.

ProVoco-a com a língua, com as minhas mãos crispadas nas suas pernas macias. As suas roupas atrapalham-me. Quero-a nua sob as minhas mãos, sob a minha boca, sob a minha...

— FaZ-me outra pergunta — repito, leVantando a cabeça, com o cabelo desgrenhado.

A Camelia tenta recuperar o fôlego antes de diZer, num tom que não consegue manter neutro:

— Porque é que recorres sempre ao seXo como mecanismo de defesa? — censura-me, deiXando-me puXar-lhe as cuecas. — GostaVa de saber.

Sorrio-lhe, esperando que isso a distraia. Duas perguntas, duas peças de roupa. Estou com sorte.

— E tu? Porque é que deixas que um homem que odeias te toque?

FranZe o sobrolho, aborrecida, mas não tenta despir-me mais.

— Porque achas que é difícil para mim entregar o meu corpo? — Sorri, prendendo-me a cintura com as pernas. — Há muito tempo que percebi que me desejas. Se quiseses, posso ser tua...

— Mas?

— Mas Vou tornar o teu maior desejo uma maldição — sussurra, contra a minha boca. — Vou humilhar-te como me humilhaste, Vou faZer com que sofras por teres o meu corpo, mas nunca o meu coração.

Espertinha. Sorrio, diVertido, inclinando-me para ela, com as mãos apoiadas na secretária. Ela sente necessidade de Voltar a controlar a situação depois da minha pequena confissão e eu compreendo.

— Não é muito inteligente aVisares-me de antemão, pois não?

— Essa parte é a melhor — replica, arqueando uma sobrancelha confiante. — Vais saber... e, ainda assim, não conseguirás eVitar atirar-te de cabeça.

Olho para ela, diVidido entre o coração e a razão. DeVeria ir-me embora, Virar costas e nunca mais Voltar a falar com ela. A Camelia é perigosa. Menos do que o Rory, mas é capaZ de magoar ainda mais.

Mas, aparentemente, está certa... Por mais que me aVise, sinto ainda mais Vontade de continuar.

— Estou ansioso por isso — murmuro, contra o seu queiXo.

Ela atira a cabeça para trás e lambo-lhe aVidamente o pescoço. A sua camisa continua abotoada, mas permanece bem-comportado.

A Camelia segue-me com os olhos, contorcendo-se simultaneamente de desejo e de apreensão. Não tem muito espaço, pois está rodeada de livros e de objetos decorativos caros, mas sem importância.

— Se for preciso, parte tudo — digo, beijando-lhe o baixo-ventre. — De qualquer modo, é tudo meu. Não hesites em atirar tudo para o chão para ficares mais à vontade...

Não lhe dou tempo para responder. Beijo-lhe o clitóris, o que provoca um primeiro arrepio. Apetece-me ir com calma, mas a excitação está no auge.

Tenho de fazer um esforço tremendo para me controlar quando passo a língua entre os seus lábios molhados. Há muito tempo que não toco numa mulher... mas a Camelia é diferente.

É a minha maior fantasia inconfessada. E, finalmente, ela é minha. Tenho de fazer bem as coisas, não me precipitar, saborear cada segundo.

As suas reações excitam-me ainda mais. Devoro-a sem contenção, enquanto a sua mão acaricia os seus seios e ela morde os lábios para não fazer barulho.

— Sabes... — sussurro, entre duas lambidelas. — Não te censuraria por brincares com a minha atração por ti, Camelia, ou até com o meu coração. Mereço-o. Mas, se entrares neste tipo de jogo, prefiro avisar-te.

A minha língua penetra-a e o meu dedo acaricia-lhe o clitóris com um movimento circular. A Camelia rompe finalmente o silêncio, gemendo. A sua pélvis acaba por se mover contra a minha boca, implorando por mais, mas esforço-me por não ser demasiado rápido.

— Porque posso ficar confuso — acrescento, penetrando-a com dois dedos. — E, nessa altura, farei as coisas tão bem que não terás outra hipótese senão sucumbir.

— Porra... — pragueja, baixinho. — Lou, eu...

Quando acelero o ritmo, a Camelia tenta agarrar-se a algo, em vão. Estica o braço e faz voar o candeeiro que se encontrava ao lado da sua cabeça. O objeto cai no chão, mas nem ela nem eu prestamos atenção. Todo o meu corpo está em brasa. O seu corpo descomposto diante de mim é a visão mais resplandecente que já tive o prazer de contemplar.

— Eu... Eu Vou... Espera... Não! — exclama, tentando afastar o meu rosto.

Não tenho tempo para perceber que o seu orgasmo explode de encontro à minha boca: literalmente. Fico surpreso durante um segundo, mas é tão sensual que lambro o seu néctar com a língua.

A Camélia tem um longo orgasmo, com o braço a tapar-lhe os olhos, enquanto a limpo com a boca. Quando me endireito, a minha advogada está em silêncio.

Agarro-a pela cintura para a sentar, o seu peito contra o meu peito, mas ela recusa-se a abrir os olhos.

— Camélia... Olha para mim.

É a primeira vez que faço uma rapariga ejacular e é tremendamente excitante. Ela não devia envergonhar-se.

Com o polegar, acaricio-lhe a face rosada e, a seguir, agarro-lhe na nuca para a beijar na boca. Ela deixa que o faça e isso surpreende-me. O Rory recusa-se sempre a beijar-me depois de uma felação, pelo que eu esperava que ela me impedisse.

Mas a Camélia é a primeira a abrir a boca para juntar a sua língua à minha. Beijamo-nos demoradamente, em silêncio, até que finalmente se afasta.

— Lou...

— Mmh?

Olha finalmente para mim, com uma expressão séria apesar das faces vermelhas como tomates. Tenho dificuldade em perceber se está furiosa ou se quer arrancar-me a roupa.

— Para de sorrir — diz, pousando uma mão sobre a minha boca.

Faço precisamente o contrário, afastando dois dos seus dedos para poder responder-lhe:

— Nunca.

CAMELIA

Novembro de 2022

— Foste para a cama com ele.

Engasgo-me com a minha sopa perante o olhar de censura da Nolia no ecrã do meu telemóvel. Sabia que ela iria aperceber-se perfeitamente do meu jogo e foi por isso que não atendi as suas chamadas nos últimos dois dias. Não me apetece Ver a decepção no seu olhar, nem o julgamento, pelo que me faço de inocente:

— De que estás a falar?

— Sucumbiste, está escrito na tua cara de culpada — responde, calmamente. — Estou enganada?

Sinto as faces a arderem de culpa e Vergonha, por conta daquela tarde no escritório do Rory. A sensação da sua boca entre as minhas coxas, a intensidade do seu olhar quando me chupou os dedos entre os seus lábios, a indecência do seu sorriso quando limpou o canto da boca a seguir ao meu orgasmo...

— Ele só me lambeu.

A Nolia suspira, como se dissesse: «Começa sempre assim.»

— *Só?* Vais cair na esparrela, Camelia.

Este simples comentário é suficiente para me irritar, pois receio que tenha razão. Nas últimas semanas, tornei-me mais branda com ele. Descobri-lhe muitas qualidades... e também muitas Vulnerabilidades...

«Queria ver-te uma última vez.»

E se ele estivesse a dizer a Verdade? Nunca me teria passado pela cabeça que o Lou pudesse amar-me cinco anos antes, mas parecia sincero. Foi só nesse preciso momento que entendi as palavras do Rory, quando escreveu: «Aliás, é uma das duas coisas que temos em comum.»

Ao longo de todo este tempo, a explicação estava diante dos meus olhos.

O Rory e eu éramos muito diferentes. A única coisa que selou os nossos destinos... foi o Lou McAllister.

— Faz parte do meu plano — tranquilizo a Nolia, enquanto levanto a mesa. — É um ponto fraco que posso explorar e se, ao mesmo tempo, me der prazer...

— Que plano?

— O meu plano de Vingança.

A Nolia fita-me em silêncio, pensativa. Não é do género de julgar a vida das pessoas, muito menos a das amigas. Mas suponho que seja mais forte do que ela, pois diz:

— Estás obcecada por ele, Camelia. Não é saudável.

— É difer...

— Ninguém vai tão longe por alguém que odeia — acrescenta. — Acho que estás a tapar o sol com a peneira e, quando perceberes, será doloroso.

Quero negar qualquer acusação, mas não consigo.

A Verdade... que me apavora... é que começo a perceber que o Lou não é o homem cruel que eu imaginava. Foi cobarde, é Verdade, e não sei se algum dia serei capaz de lhe perdoar. Mas tenho vergonha de admitir que compreendo os seus motivos.

O Lou também não teve uma vida fácil. Queria proteger-se, de modo egoísta. Proteger-me também, de certa forma.

— Achas que as pessoas podem mudar?

A Nolia fita-me, com uma expressão compadecida.

— Não.

Fico surpreendida com a resposta da minha amiga, apesar de tão otimista. Pensei que ponderaria mais antes de se pronunciar.

— Então, na tua opinião, não existe redenção? Nunca?

No entanto, o Lou parece genuinamente arrependido.

— Suponho que sim. Mas custa-me acreditar — admite, em voz baixa.

É uma pergunta que faço com muita frequência a mim própria. Os meus ressentimentos levam-me a acreditar no pior, mas o Lou dá-me vontade de pensar que as pessoas podem mudar. Quero que o meu perdão signifique algo.

— Sou da opinião que, se alguém te enganar, é capaz de voltar a fazê-lo — diz a Nolia, olhando tristemente para o vazio. — Já não acredito em desculpas nem em promessas.

Ab... Agora, compreendo melhor. Refere-se ao EnZo, esse sacana de primeira. A Nolia não me disse realmente porque o deiXou, mas consigo adivinhar facilmente. DeVe tê-lo apanhado mais uma VeZ e decidiu que era de mais.

— Perdoei uma VeZ, pensando que toda gente pode errar, mas fiz mal. Não me apetece passar a Vida a questionar se a pessoa que amo Vai tornar a cometer erros.

Refliito demoradamente sobre estas palaVras, um pouco deprimida. Também é possível que o Lou esteja a tentar manipular-me para alcançar os seus objetivos. Preciso de ter cuidado, de ficar de pé atrás.

— O que é que ele te fez? — sussurro, subitamente.

Ela sorri, mas consigo Vê-la a enXugar discretamente uma lágrima no canto do olho.

— Sinto demasiada Vergonha para contar.

Porra. Gostaria de a abraçar, para a consolar, e lamento não estar em Paris.

— Tem cuidado contigo, está bem? — diZ-me.

TranquiliZo-a, dizendo-lhe que o meu coração é uma coutada. Ninguém pode entrar na fortaleza sem a minha autorização. Mesmo que o Lou arranhe a porta, Volte a usar as baZucas e tente forçar a fechadura... Não irá resultar.



Estou a dirigir-me a pé para a faculdade quando recebo uma mensagem. Inicialmente julgo que é do Lou, mas depressa percebo que vem de um número desconhecido...

...e o seu conteúdo basta para me fazer parar no meio da passadeira.

Estás a chegar lá.

Não entro logo em pânico. Respondo, perguntando quem é, e a resposta chega quase automaticamente:

Para de bisbilhotar ou serás a próxima.

Fico sem fôlego e as minhas mãos começam a tremer. A pessoa com quem estou a falar matou o Rory... não há dúvida alguma. E anda a espiar-me. Sabe o que estou a fazer. Quer certificar-se de que não me aproximo demasiado.

Pela primeira vez na vida, sinto o coração apertado por um medo obscuro e paralisante.

Essa pessoa estará a vigiar-me neste momento?

Ergo o olhar, em pânico, quando soa uma buzina e, de repente, sou violentamente puxada para trás. Um carro passa a alta velocidade, não me acertando por uma unha negra, e grito por causa do toque desconhecido que me aperta o braço.

— Que bicho te mordeu?!

Reconheço a voz do Lou, antes de ver a sua expressão preocupada. Tem o boné e um blusão de cabedal, para tentar manter-se incógnito. A sua mão está tensa sobre mim, como se tivesse medo de me soltar.

— Ias sendo atropelada! — repreende-me. — Estás bem?

Começo por dar um passo atrás. *E se fosse ele?* Afasto-o antes de me convencer de que é impossível. Foi ele quem pediu a minha ajuda, já decidi acreditar que está inocente.

— Estava distraída... — explico, num sussurro, perscrutando as redondezas. — Que fazes aqui?

Não responde, mas vejo na sua mão o saco de pastelaria. Alguns transeuntes fitam-nos e alguns franzem o sobrolho para o Lou, o que não é bom sinal.

— É melhor ires. Não é seguro...

— Não me vou embora enquanto não me disseres o que se passa — replica, com firmeza.

— Vais atrair as atenções.

— Então, acompanho-te — diz o Lou, tentando seguir-me, mas detenho-o, pousando-lhe uma mão no coração.

Fico surpreendida com os sentimentos que me assaltam ao vê-lo.

Apetece-me tocar-lhe, fazê-lo sorrir, despi-lo... *Isto é mau.*

Em VeZ disso, crio alguma distância entre nós e replico:

— Não. Ligo-te mais tarde.

Não lhe dou tempo para me responder e sigo o meu caminho. *O que foi isto?! Quem é esta pessoa? E se eu estiver realmente em perigo? Será que Vale mesmo a pena?*

Quando chego ao escritório de advogados, o sorriso radioso da Charlotte desVanece-se.

— Estás doente? Estás tão pálida.

— Ontem à noite, comi qualquer coisa que me caiu mal — invento, pousando as minhas coisas em cima da minha secretária.

Vejo uma pasta de cartão ao lado do meu computador e sei que não fui eu quem a deixou ali. Reconheço o nome de um colega no *post-it* que a acompanha e o meu coração dá um pulo.

Recentemente, pedi uma Verificação dos antecedentes de todo o grupo do RorY: o que todos já sabem, mas também (e principalmente) o que estão a tentar esconder.

— A reunião das dez horas foi antecipada — avisa-me a Charlotte, antes de desaparecer.

Anuo, sem realmente a ouvir. Sento-me e abro a pasta, a arder de curiosidade. Os perfis do Alastair e da Skye não contêm nada de novo, já sei tudo. Perco o ânimo, até que me debruço sobre o ficheiro acerca do Gideon... e fico pasmada.

Será que o Lou sabe disto? Não creio, ou ter-me-ia contado. Mando-lhe uma mensagem, com o coração acelerado:

Descobri o segredo do Gideon!

O Lou não me responde imediatamente. O meu cérebro começa a fervilhar, não sei o que isto representa para a nossa investigação, mas uma coisa é certa: o RorY sabia.

TalVeZ até seja o motivo por que discutiram naquela noite.

??? — pergunta o Lou. Vou para lhe contar tudo, quando o meu telemóvel vibra com uma nova mensagem... do desconhecido.

Estás a brincar com o fogo, Camelia.

Os meus dedos detêm-se acima do ecrã. Olho em todas as direções, mas estou sozinha no meu gabinete. Sinto vontade de vomitar. Aterrorizada, revisto toda a divisão à procura de câmaras.

De certeza que alguém anda a espiar-me. Há quanto tempo? Vou enlouquecer.

Quando percebo que estou enganada, pego novamente no telemóvel e envio uma última mensagem ao Lou:

O meu telemóvel foi hackeado. Alguém lê as nossas conversas.

Estás bem?!

Sim. Encontramo-nos daqui a 10 minutos na primeira pista.

Espero que entenda que irei esperá-lo em Calton Hill. Não obtenho resposta, mas sei que leu a minha mensagem. Então, pego no meu cachecol e no meu casaco e preparo-me para sair. No corredor, cruzo-me com a minha mentora.

— Charlotte... Peço imensa desculpa, mas acho que estou com uma intoxicação alimentar — minto.

Como já calculava, ela manda-me para casa, obrigando-me a descansar durante o dia. Apanho o autocarro, sem parar de observar as redondezas. Tenho medo de estar a ser seguida. E se eu nos conduziße a uma cilada?

Durante o trajeto, recebo outras SMS perturbadoras, às quais não respondo.

Deverias ter cuidado. Até Ícaro queimou as asas ao aproximar-se demasiado do Sol.

Acabo por decidir bloquear o número e desligar o telemóvel. A minha ansiedade é tanta que os meus joelhos tremem enquanto subo a famosa colina.

O Lou já está à minha espera, vestido como antes. Quando me vê, a

sua expressão é séria.

— O que é que se passa?

Abro a boca para lhe explicar, mas, subitamente, o pânico e o *stress* diminuem e as lágrimas vêm-me aos olhos. O Lou põe uma mão atrás da minha cabeça, para me encostar ao seu peito.

— Está tudo bem, Camélia.

— A pessoa que fez isto... anda a espiar-nos — digo, baixinho. — Sabe o que estamos a fazer.

Sinto o Lou a ficar tenso, em silêncio. Depois de o desligar, enfiei o telemóvel no fundo da minha mala, para o caso de alguém estar a escutar-nos.

— Essa pessoa enviou-me mensagens ameaçadoras.

— Porra — pragueja, no meu cabelo. — Está a ir longe de mais. Precisas de ter cuidado.

Recuo, incomodada com esta proximidade repentina. Explico-lhe o que aconteceu esta manhã e, a seguir, no escritório.

— O que descobriste? — pergunta, intrigado.

Engulo em seco, olhando em redor, cautelosa.

— O Gideon é um impostor.

Naquela noite

RORY

19b46

Os meus amigos estão a organizar uma festa-surpresa para o meu aniversário.

Não era suposto sabê-lo, pelo que disfarço quando o Gideon se oferece para me dar boleia até à mansão. Isto diverte-me, pois é óbvio que não quer festejar comigo esta noite. É fácil de perceber, foi antipático durante todo o dia.

Não sem motivo, claro.

— Porque é que fizeste isto? — pergunta-me, no carro.

Finjo-me inocente, é muito mais engraçado assim. O Gideon é um miserável e sempre foi. É estúpido, inculto, desinteressante. Aceitei-o no nosso grupo só porque é rico.

Mas, desde que descobri o seu segredinho, enoja-me mais do que qualquer outra coisa. Teve o desprazer de me enganar.

— De que estás a falar?

— Sabes perfeitamente — resmunga, apertando furiosamente o Volante.

Inclino a cabeça para o lado, divertido. Já estará bêbado? Aposto que foi buscar algo à sua gaveta mágica, no escritório.

— Roubaste a minha promoção...

— Não roubei nada de ninguém — replico, calmamente. — Nem sequer preciso de o fazer, sabes? Não tenho culpa de que tudo me caia no colo, como que por magia.

— Tu...

— Não — interrompo-o, antes que termine a frase. — Tu é que és mentiroso, e não eu.

Ele permanece em silêncio, mas consigo sentir as ondas de raiva que o percorrem. O Gideon sempre gostou de lutar. Uma coisa é certa: o rapaz tem dificuldade em gerir a raiva. Percebo que está a conter-se. Felizmente para mim, pois sei que não estou à altura da sua massa

muscular.

— Trabalhei muito para chegar até aqui...

— Fui eu quem te arranjou este emprego. Para de te Vangloriar.

Ele sabe perfeitamente que a Verdade é esta. O Gideon não é nada nem ninguém. Cometi o erro de querer ajudá-lo, pois é o propósito da nossa sociedade secreta: subir na Vida graças à entreajuda.

Foi obviamente um erro.

Sempre soube que o Gideon me invejava, que me odia tanto quanto me admirava, e isso agradava-me. Foi também por esse motivo que quis que trabalhássemos juntos, para que isso o consumisse ainda mais. Para que ele se comparasse, para que me visse em ação e se perguntasse por que razão nunca consegue superar-me.

— Cabrão — pragueja o Gideon, entredentes, o que me surpreende.

— Como?

— Fiz tudo o que querias — diz, levantando a voz. — Não abri o bico, fiz o teu trabalho sujo, menti à Skye sobre as tuas traições, para te encobrir, mas continuas a tratar-me como se fosse lixo!

— Pareces estar a dizer que fizeste tudo isso por pura lealdade e bondade — replico enquanto me rio, incrédulo. — Mas foi só para comprar o meu silêncio. Prometi-te que não diria nada e cumpri a promessa.

Isto parece irritá-lo ainda mais. O Gideon não consegue entender a natureza exata das suas emoções, mas posso facilmente compreender o que sente: humilhação.

Tem Vergonha. Não suporta que o rebaixe e está a chegar ao seu limite. É delicioso observar. Apetece-me vê-lo a afundar-se.

— Precisas que te recordem qual é o teu lugar, Gid. Não pertences a este mundo... Admito que tentaste integrar-te, mas é flagrante.

É a pura Verdade. Não fiquei tão surpreendido quanto esperava, quando descobri que nos mentia desde o início.

O Gideon não é rico. Nem a sua família.

É apenas um órfão miserável e Violento, que tenta misturar-se com as pessoas de bem, como nós. Cometi o erro de deixá-lo acreditar que isso era possível. Por ter tentado enganar-me, merece ser um pouco humilhado.

— Sabes que mais? Estou farto — rosna, estacionando diante da

mansão. — Não passas de um parValhão.

A sério?

— É a Vida. Obrigado pela tua colaboração, Gid.

Saio do carro também, caminhando calmamente. Obviamente, o meu objetivo é levá-lo ao limite e está a resultar. Tenho aquilo a que se chama um dom.

— Podes contar a toda a gente, estou-me borrifando! Estou farto de ser Vítima do teu assédio de menino rico.

— Ambos sabemos que isso não é Verdade. Se eu abrir a boca, ficas sem nada. E é por isso que me obedeces à risca. Para de ladrar, está bem?

— Acabou-se, Rory. Vai-te foder.

Encolho os ombros, com um ar de indiferença. Sei que ele não pensa assim. Vai arrepende-se rapidamente e Voltar, de língua de fora; como todos os outros.

— Muito bem. Volta para o teu pardieiro e morre de *overdose*, drogado.

No segundo seguinte, agarra-me no colarinho e o seu hálito a álcool bafeja-me o rosto, enquanto grita:

— Estás a abusar! Continua assim e alguém Vai acabar por te enfiar uma bala na cabeça!

Desato a rir-me, ao que ele reage atirando-me ao chão. Caio parcialmente sobre a escada do alpendre, divertido com a sua fúria. Abusei? Estou bastante dececionado. Julguei que ele se aguentaria durante mais tempo, mas, pelos Vistos, o Gideon é realmente um atrasado mental.

— Pelo menos, sei que não serás tu.

O Gideon detém-se, de costas Viradas para mim. Sacudo a sujidade do meu casaco e, em seguida, passo-lhe à frente, pousando-lhe uma mão no ombro. Não se mexe enquanto lhe murmuro ao ouvido:

— Não tens tomates para isso.

Nesse momento, a porta da mansão abre-se e surge uma Skye radiosa.

— Feliz aniversário! — grita, sorrindo, com um bolo na mão.

A multidão atrás dela canta em coro e Vejo o meu irmão e o Lou na primeira fila. O meu humor melhora imediatamente.

Beijo a Skye na boca, apago as Velas e faço uma cara surpreendida quando digo:

— Uau, não estava à espera disto. Obrigado a todos.

O Gideon passa rapidamente por mim, de punhos cerrados, e dirige-se ao bar para se servir de uma bebida. A Skye franze o sobrolho, apesar do sorriso hipócrita estampado nos lábios.

— O que aconteceu desta vez?

O meu olhar cruza-se com o do Lou, ao longe, que ergue a sua taça de champanhe para me saudar. O meu sorriso rasga-se mais, o coração repleto de um calor familiar.

— Sinto que Vai ser um serão interessante, só isso.

LOU

Novembro de 2022

O Gideon passou a Vida a mentir-nos.

Não pertence a uma família rica. Os pais abandonaram-no quando era bebé, pois a mãe era deficiente e fisicamente incapaz de cuidar dele. Com apenas 22 meses, já fora entregue a uma família de acolhimento. Quando a Camelia me contou, não acreditei nela.

— Alguma vez foste a casa dele? — perguntou-me, logo a seguir.

Fiquei calado, abismado com esta nova descoberta. Não, nunca; aliás, nenhum de nós. Dizia que os pais eram sérios, mas a verdade é que vive num pardieiro e está cheio de dívidas.

Porque é que não disse nada?, pergunto-me constantemente.

— Suponho que quisesse sobreviver, como todos nós — sussurrou a Camelia, encolhendo os ombros. — Queria pertencer ao vosso grupo, para subir na vida, mas o Rory nunca o teria aceiteado como ele era.

Na verdade, o Rory deve ter descoberto, não sei como. Provavelmente, confrontou o Gideon, mas não creio que tenha ficado aborrecido. O Rory é mais cruel do que isso.

Teve de o humilhar.

Sabia perfeitamente como o fazer: dando às pessoas a impressão de que não valem nada. Deve ter feito troça dele, ou até ameaçado contar tudo. Teria o Gideon chegado ao ponto de matar para silenciar o Rory?

— Por enquanto, a Skye e o Gideon são ambos suspeitos — concluiu a Camelia, olhando para o Vazio.

Acabámos por ir para um café decrepito, no fundo de um beco com pouco movimento, para prepararmos o nosso próximo passo. A Camelia começou a pensar em formas de provar a culpa de um deles, em vão.

— E se lhes armássemos uma cilada?

Fitou-me, curiosa. Aproximei-me dela, com os braços cruzados sobre a mesa entre nós.

— E se usássemos o telemóvel como isco? — sugiro, pegando no

dispositivo. —Dizemos-lhes onde está e o que contém... e esperamos para Ver quem tenta roubá-lo.

— Esqueceste-te do meu *stalker*. Se andar a espiar-nos, saberá que estamos à espera dele.

Pondero durante alguns segundos, preocupado com essa pessoa que a ameaça e que Vigia cada movimento seu. E se for perigosa?

— Melhor ainda: não lhes dizemos nada... mas certificamo-nos de que o teu *stalker* nos ouve falar sobre o assunto. De certeza que há de aparecer. E, nessa altura, Veremos qual dos três é.

Ela anui, sorrindo, e batemos na palma da mão um do outro, para selar o acordo. A adrenalina corre-me nas Veias quando penso na descoberta do culpado. O medo, também.

Porque não sei se sou suficientemente forte para aguentar a Verdade.



A operação está em curso. Prometi à Camelia que ficaria escondido algures, no caso de o nosso *stalker*-possível-assassino também andar a espiar-me, mas é mais forte do que eu.

Ontem à noite, assim que cheguei a casa, enviei à Camelia um SMS «falso», na esperança de que o nosso caro *hacker* lesse toda a conversa.

Esconde bem o telemóvel. Contém provas que não podemos dar-nos ao luxo de perder.

Como combinado, a Camelia respondeu imediatamente:

Escondi-o numa caixa debaixo do meu sofá. Tens a certeza de que não deveríamos enviá-lo à polícia?

Haveremos de o fazer. Vamos esperar mais um pouco.

Atraí-lo a casa da Camelia é arriscado, mas é também a solução mais credível. Disse-lhe que se mantivesse longe do seu apartamento durante o dia, e eu ficarei todas as noites diante da sua casa, para garantir que o nosso assassino/a nossa assassina não faz nenhuma asneira.

Hoje, ela está na faculdade, mas entrei para comer qualquer coisa. Estou a andar de um lado para o outro diante da janela, quando ouço barulho na fechadura da porta.

Sei logo que não é a Camelia.

Porra, porra, porra!

Precipito-me para o quarto, parcialmente escondido pela porta entreaberta. O meu coração bate descompassadamente, tenho as mãos suadas, sinto vontade de vomitar.

Ouço a porta a abrir-se lentamente e, a seguir, a fechar-se. Segue-se um silêncio e percebo que ele ou ela se interroga acerca do lugar por onde começar sem deixar vestígios da sua vinda.

Movo-me ligeiramente, na esperança de vislumbrar o que está a acontecer. Fico tenso ao ver uma figura vestida de preto a andar na sala. Usa calças e uma *sweatshirt*, e uma máscara que lhe esconde o rosto.

As roupas são tão largas que não sei dizer se é um homem ou uma mulher.

Vejo a pessoa a inclinar-se na direção do sofá e, a seguir, a meter a mão debaixo dele. É o momento que escolho para sair do quarto e dizer:

— Andas à procura de alguma coisa?

O *stalker* sobressalta-se, espantado, e encara-me. Tem o reflexo

imediatO de se leVantar para fugir, mas sou mais rápido. Corro e atiro-me para cima dele, antes que consiga pôr a mão na maçaneta da porta.

Grunhe de dor ao embater no chão.

— Mostra a cara, parValhão — cuspo, tentando retirar-lhe a máscara.

DesVia o rosto enquanto se debate feroZmente, o que só intensifica a minha raiva.

A pessoa que está debaixo de mim matou o Rory, porra! Não posso deixá-la fugir.

Estou em posição de Vantagem, pelo que aproveito para o agarrar pela camisola, mas ele dá-me uma cabeçada, que me faz soltá-lo. Caio de lado, atordoado, o que lhe dá tempo para se levantar.

Agarro-lhe no pé para evitar que fuja, mas ele usa-o para me bater com força no rosto. Caio, perdido de dores, com as mãos no nariz.

Sei que não consigo levantar-me e ir atrás dele, mas, ainda assim, sibilo:

— Se lhe tocares num cabelo, Vou perseguir-te sem descanso.

Isto fá-lo deter-se. A sua cabeça vira-se ligeiramente para mim, como se estivesse a ouvir-me. Tusso, ajoelhando-me, a sangrar do meu nariz ferido.

— Deixa a Camelia em paz — acrescento, cuspindo no chão e com um olhar ameaçador. — Não queiras saber do que sou capaz quando já não tenho nada a perder.

Nem sei com quem estou a falar. Com o Alastair, a Skye ou o Gideon? Em todo o caso, prefiro avisá-los. É perigoso, porque ele ou ela sabe agora qual é o meu pior ponto fraco... mas, acima de tudo, queria distraí-lo para ter tempo para me recompor.

LeVanto-me subitamente, pronto a atacar, mas o *stalker* devia estar a contar com isso, pois corre para a escada. Vou atrás dele, descendo os degraus a toda Velocidade. Ele é rápido.

Demasiado rápido.

Atravessa a estrada diante dos transeuntes espantados e eu Vou para o seguir, mas apercebo-me demasiado tarde de que o semáforo está Verde. Embato contra a parte lateral de um carro e sou projetado a dois metros de distância. O impacto é tão repentino e Violento que dura apenas um segundo. Rebolo no chão sem conseguir levantar-me.

Porra. Dói-me o corpo todo, mas compreendo que tiVe sorte. O carro não ia depressa. Olho para cima, para procurar o meu *stalker*, mas desapareceu.

Desato a praguejar, de olhos fechados. Eu tinha-o apanhado! EstaVa prestes a descobrir quem era, prestes a dominá-lo, e escapou-se-me por entre os dedos.

— Senhor! — eXclama uma mulher de cabelo encaracolado e com uma eXpressão de pânico. — Oh, meu Deus, está bem?! EstaVa Verde, juro!

Só agora reparo que se juntou à minha Volta um pequeno grupo de pessoas. Merda. Onde está o meu boné?! DeiXei-o no apartamento, obVviamente. O meu rosto está completamente eXposto.

— Estou a pedir ajuda — acrescenta alguém, com o telemóVel no ouvido. — Bom dia, houVe...

— Não!

Estendo o braço para o deter, o que parece surpreendê-los a todos. Estou perdido de dores, mas, apesar disso, sorrio-lhes e tranquilizo-os:

— Está tudo bem. Não preciso de uma ambulância. Já passei por coisas piores.

— Mas o senhor tem...

— Já Vos disse que está tudo bem — repito, com mais firmeza.

Baixo a cabeça ao afastar-me, odiando os olhares inquisidores. Perguntam-me se tenho a certeza, preocupam-se com o sangue que escorre do meu nariz, mas acabo por me ir embora, estugando o passo.

Não posso Voltar a casa da Camelia, é um risco enorme para ela se eu for apanhado. Por isso, opto por regressar à mansão pelas ruas mais desertas, a coXear e apenas com uma coisa em mente:

A Camelia vai matar-me.



— Uau... Que te aconteceu? — pergunta o Alastair, de olhos arregalados.

Queria avaliar a sua reação ao ver-me aparecer assim, mas fico dececionado. O Alastair agarra-me no braço para que eu entre rapidamente e, a seguir, observa o estado do meu rosto com uma careta estupefacta.

— Não me digas que foi a Camelia que te fez isso.

— Seria bem capaz, mas não. — Suspiro, seguindo-o até à casa de banho do rés do chão.

TalVeZ seja tolo por confiar nele... mas estou conVencido de que o Alastair não é culpado. Em primeiro lugar, porque não tenho proVas contra ele, ao contrário do que acontece com a Skye e o Gideon, mas também porque o Alastair não é um desportista. O Rory jogaVa ténis e o Gideon Vai Várias VeZes por semana ao ginásio; o Alastair prefere jogar Xadrez e escreVer no seu canto.

Ora, a pessoa com quem acabei de lutar tem obVviamente o hábito de treinar os seus músculos. Lembro-me do Gideon, uma e outra VeZ. Porque um toXicodependente pobre e com o ego ferido não conhece limites.

— Vais eXplicar-me ou nem por isso? — pergunta o Alastair, enquanto pega no estojo de primeiros socorros.

— Não olhei para a esquerda antes de atraVessar — respondo, fazendo-lhe um sorriso parVo.

— Estás a goZar?

— De todo.

O Al solta uma gargalhada nerVosa. DeixO-o tratar o meu nariZ. Os seus dedos são surpreendentemente quentes. É estúpido, mas sinto-me à vontade. Quase me sinto culpado por tê-lo considerado suspeito.

Conheço-o desde criança.

DeVeria confiar nele.

É por isso que tiro o telemóVel do bolso e lhe mostro o ecrã:

— Isto diZ-te alguma coisa?

O Alastair recua para Ver melhor e, a seguir, pega no dispositivo. Fito-o, com paciência e curiosidade, enquanto vê a conta secreta do Rory no Instagram.

— Não. Esta conta é tua? — pergunta, arqueando uma sobrançelha.

Abano a cabeça e pergunto-lhe se nota alguma coisa. Não sei se deVo contar-lhe a Verdade... Prometi à Camelia que não falaria a ninguém sobre as pistas, à cautela.

O Alastair senta-se ao meu lado, concentrado. Abre Várias fotografias na conta secreta do irmão no Instagram e obserVa-as durante longos segundos, sem dizer nada.

— Procuras algo em particular?

— Uma pista. Como se fosse uma caça ao tesouro, percebes?

Ele anui, inclinando a cabeça para o lado. Olho-o enquanto observa o ecrã que exibe o perfil em questão. Após aquilo que me parece ser uma eternidade, a sua boca abre-se num «Oh!» surpreendido.

— O que é? — pergunto.

— Julgo... que forma uma palavra.

Franzo o sobrolho, tentando perceber o que vê, mas em vão. Por fim, aponta para as seis fotografias, uma a seguir à outra, desde a mais recente à mais antiga.

— Cada paisagem tem uma forma particular... que compõe uma letra. Ou estou louco?

Olho de mais perto, completamente confuso. A primeira é da fachada de um edifício, com um escadote duplo no centro. A minha Visão demora Vários segundos a ajustar-se àquilo que o Alastair vê.

— É um A! — exclamo, em voz baixa.

Não fico imediatamente convencido, mas continuamos a decodificar as fotografias seguintes, e é óbvio que o Alastair tem razão.

A mensagem codificada está escondida nas fotografias.

Depois de compreendermos a última imagem, temos uma palavra com seis letras.

— Al pant — diz o Alastair, em voz alta. — O que é que isso significa?

Não significa nada, o problema é esse. O meu entusiasmo diminui quase de imediato, o que não passa despercebido ao meu amigo. Recomponho-me rapidamente, recusando-me a dizer-lhe do que realmente se trata.

— Obrigado pela tua ajuda. Vou deitar-me, estou morto.

Ele parece surpreendido, mas não insiste. Levanta-se, pega numa compressa e pressiona-a suavemente no meu nariz.

— Toma. Leva isto. E, para a próxima, olha antes de atravessares.

Prometo, não sem antes esboçar um sorriso divertido, e vou para o meu quarto secreto. Uma vez sozinho, envio uma mensagem para o novo número que a Camélia comprou para si. Pelo menos, este não foi hackeado.

Começa pelas más.

O nosso stalker apareceu em tua casa, como prevíamos, mas deixei-o fugir.

A sua resposta não é imediata. Aproveito para levantar a camisola diante do espelho, fazendo caretas de dor. Não fico surpreendido ao ver um enorme hematoma roxo, quase negro, a surgir ao longo das minhas costelas. Pelo menos, o meu ferimento da facada cicatrizou bem.

De repente, o meu telemóvel vibra... e é a Camelia a ligar-me por FaceTime. *Merda.*

— Que raio estavas a fazer em minha casa para con... — exclama, antes de ver o meu rosto e de se calar, cansada. — Tens mesmo um dom especial para fazer com que as pessoas te batam, hã?

Suspira, abanando a cabeça, mas limito-me a sorrir.

— É um dom como outro qualquer.

— O que aconteceu?

— Tivemos um ligeiro desaguisado — digo, calmamente. — Estou bem, não te preocupes.

— Não estava preocupada.

Ora, claro. Continua a pensar assim, Sherlock, talvez te convenças disso.

— E as boas notícias?

— Deslindei a última pista. As fotos do Instagram formam uma palavra: ALPANT.

Obviamente, não menciono o facto de o Alastair me ter ajudado. Ela não precisa de saber.

— És um génio!

— Eu sei. O único problema é que não quer dizer nada...

— Quer, sim — interrompe-me, com os olhos a brilharem de entusiasmo. — É um anagrama!

De facto, não me lembrei disso. Puxo pela cabeça para tentar decifrar a palavra, mas a Camelia é mais rápida do que eu.

— Planta. A próxima pista está numa planta!

CAMELIA

Novembro de 2022

O Lou Vasculhou no jardim de inverno da mansão dos Cavendishes, em Vão. Ainda assim, estou certa de que descobrimos algo. Passo o dia de hoje a pensar e estou tão absorta que não ouço o professor a fazer-me uma pergunta a meio da aula.

Durante o intervalo para o almoço, sento-me no pátio para enviar uma mensagem ao Lou:

Pode não ser uma planta verdadeira.

Que mais poderia ser?

Suspiro, com o cérebro em polvorosa. Tantas coisas!

Um quadro, talvez. Os pais do Rory têm um Monet, certo?

Passam-se alguns minutos. Suponho que ele esteja a revirar tudo, de alto a baixo. Puxo pela cabeça. Poderá ser a capa de um livro, o motivo decorativo de um prato de porcelana, não faço ideia.

Um candeeiro, por acaso?

Não tenho tempo para responder, pois o telemóvel vibra novamente.

Oh, caracas. Camelia!

Arregalo os olhos ao receber a fotografia que ele acabou de tirar: há, de facto, um candeeiro, com a forma de uma árvore florida, pousado na coluna da escadaria, no primeiro andar. Como é que me escapou?!

Não é um candeeiro, imagino?

Não. É uma câmara de vigilância.

Solto um sopro de espanto. O Lou informa-me de que Vai enViar-me o Vídeo assim que o passar para o computador, pelo que fico à espera. Fico em pulgas durante mais de uma hora e até me esqueço de comer o meu *poke* de Vegetais.

É quando estou prestes a entrar na sala de aulas que recebo a sua resposta.

O vídeo começa no dia do seu aniversário...

Não quero perguntar-lhe o que é óbVio, pois imagino que já esteja a ser suficientemente duro para ele: o Rory sabia o que iria acontecer-lhe. O que não entendo é porque deiXou que acontecesse.

«Vais querer Ver isto», acrescenta o Lou, aneXando o Vídeo. As minhas mãos tremem quando retiro os auriculares da mala. A porta da sala de aulas fecha-se, mas não me ralo. Afasto-me, para ficar soZinha num corredor, ofegante... e pressiono o «PLAY».

A câmara mostra o rés do chão e os degraus da escadaria até ao primeiro andar. Começa com o Rory e o Lou a meio da escada, precisamente no momento em que o Lou desce para se ir embora sem olhar para trás. O Rory Vira-se para o Ver afastar-se, parecendo desiludido.

Vejo-o a subir os degraus, quando, de repente, a Skye Vai atrás dele e lhe agarra no pulso. Discutem sobre o seu relacionamento, que está a chegar ao fim, e percebo que pouco importa o que se passou antes com o Lou, pois a Skye assistiu a tudo.

Esbofeteia-o uma VeZ, mas ele limita-se a rir-se dela. Não consigo ouVir bem o que dizem um ao outro, pois a câmara está demasiado longe.

Permaneço imóVel, na eXpectatiVa, enquanto o Rory acaba tudo com ela, de uma VeZ por todas. A Skye parece chocada. Recusa-se a aceitar.

Já sei que é agora que Vai empurrá-lo pela escadaria abaiXo, o que

não me impede de conter uma respiração interdita, quando ela o faz.

— Se não me deixares em paz, Vou contar à polícia que és uma assassina. Percebeste?

A Skye tenta justificar-se, mas é interrompida pelo Rory, que lhe sussurra:

— Não estou a falar desta noite.

Sem querer, deixo cair o telemóvel, gelada da cabeça aos pés. Estremeço de horror, chocada. Que quer o Rory dizer com isso? Estará a insinuar que a Skye... já matou alguém?

Ou talvez seja a nossa suspeita e ele sabia que ela estava a tentar assassiná-lo.

O Rory sabia o que iria acontecer, previu a intenção dela.

Eu até diria... que ele fez tudo para que isso acontecesse. É estranho, não é?

O Lou não responde, mas sei perfeitamente o que está a pensar. Não faz qualquer sentido e sinto-me frustradíssima. Mas a reação da Skye a este comentário prova-me que o Rory não está a mentir.

Ela esconde algo grave. E não consigo deixar de pensar que tem que ver com a rapariga que atormentou... a Colleen. Preciso de falar com ela.

«Estás na faculdade?», pergunta o Lou, mas não perco tempo a responder.

Com as mãos suadas, dirijo-me para o segundo andar, o espaço dos alunos de Humanidades. Percorri muitas vezes os corredores, esperando cruzar-me com ela, mas foi em vão. Estou a perder a esperança.

É então que passo pela sala do grupo de colóquios e encontro o Nate, com quem já falei antes.

— Oh, olá, Camelia — diz-me, sorrindo. — Em que posso ser útil? Por favor, diz-me que queres juntar-te a nós.

Implora-me com o olhar, mas faço uma expressão de pena.

— Infelizmente, não. Não mudei de ideias. Desculpa.

— Eu tentei.

Como todos os anos, abstenho-me de dizer. aguardo que o último aluno

arrume as suas coisas e saia da sala, pouco à vontade. Por fim, aproXimo-me da secretária, enquanto ele limpa o quadro com um apagador.

— Sei que Vai parecer estranho, mas... por acaso, conheces a Colleen Davies?

O Nate fica subitamente tenso, o que me deixa imediatamente alerta. Não consigo Ver-lhe o rosto, mas os seus ombros contraídos reVelam o suficiente.

— A Colleen? Sim, pertence ao grupo de colóquios. Não sabia que se conheciam.

Encara-me, ajeitando os óculos no nariz.

— Mais ou menos... Não tenho notícias dela, pelo que estou preocupada. Podes dar-lhe o meu número de telemóvel?

Isto não é totalmente falso, para ser sincera. Há Vários meses que ninguém a Vê e, por mais que pesquise nas suas redes sociais, ela não publica nada. E até lhe enViei uma mensagem priVada, que ficou sem resposta até agora.

— Não comentas com ninguém, mas... a Colleen não Vai Voltar.

O Nate sussurrou, mas, ainda assim, estremeço de apreensão. Pergunto-lhe o que quer diZer e a sua eXpressão ensombra-se.

— Ela faleceu.

Fico boquiaberta diante dele, sem palaVras. Sinto calafrios a percorrerem-me o corpo e o meu cérebro é incapaz de formar um pensamento coerente.

Não é possível, recuso-me a acreditar...

— Como? — balbucio, desajeitadamente.

— Suicídio.

Fecho os olhos e cerro os punhos, com o coração na boca. No fundo, eu já sabia. Era óbvio.

— Os pais não queriam que se falasse no assunto, pelo que inVentaram a história da mudança.

A Colleen, inteligente e radiosa, ansiosa por traVar noVas amizades, não aguentou o assédio de que era alvo. O do Rory, da Skye e dos outros.

A culpa é deles. Mataram-na.

— Eu... Eu preciso de sair...

Não consigo respirar. Saio a correr da sala sufocante. Só quando desço a escada da uniVersidade, a cambalear e esbarrando em algumas pessoas, é que sinto as lágrimas a inundarem-me o rosto.

Porque a Colleen poderia ter sido eu.

Era eu.

Sei tudo por que passou. EstiVe no seu lugar. TalVeZ apenas tenha tido a sorte de estar mais bem rodeada. Consegui fugir no momento certo. A sua única fuga foi a morte.

A que ponto chegaram, para a levar a tomar aquela decisão?

O meu telemóvel sobressalente toca no meu bolso, mas ignoro-o. Sinto que Vou Vomitar. Apresso-me a empurrar as portas pesadas do edifício, com o peito apertado. Assim que saio, curVo-me para Vomitar... mas não sai nada.

Sinto uma mão na nuca, a afastar-me o cabelo para trás.

— Mesmo a tempo.

Encaro o Lou, que me olha com uma eXpressão indulgente. Neste momento, odeio-o tanto. Odeio-o por estar presente quando é preciso. Odeio-o por ser uma das pessoas que me fizeram mal. Odeio-o por me faZer sentir coisas que eu não deVeria sentir. Odeio-o por não ter feito nada e, por causa disso, a Colleen morreu.

É por isso que o empurro com tanta força que se desequilibra.

— Não me toques.

— Cam...? — sussurra, sem compreender.

Fulmino-o com o olhar, cheia de rancor. A VoZ falha-me quando digo:

— A culpa por ela ter morrido é tua. Tua e dos teus amigos!

— De que estás a falar? — sussurra o Lou, olhando para as pessoas à nossa Volta. — É melhor irmos para outro sítio...

Vai para me pegar na mão, mas afasto-o Vigorosamente. Em VeZ disso, encaminho-me a passos largos para a saída, na direção do meu carro. Tenho de ir para casa, onde já não estou sequer em segurança.

Cometi demasiados erros. Não deVeria ter-me metido nesta história... Não era um problema meu e tiVe de me enVolVer.

— Camelia, espera. — O Lou alcança-me quando chego ao passeio.

— Quem é que morreu?

— A Colleen. A rapariga que a Skye e os outros assediaram.

Abre a boca, espantado. A seguir, pragueja entredentes.

— Não estás em condições de conduzir. Dá-me as chaves.

O Lou tira-as das minhas mãos e, depois, faz-me sinal para entrar no carro. Obedeço, mas só porque não sei o que fazer agora. Enxugo as minhas lágrimas enquanto ele arranca. Pergunta-me como é que sei disso e, então, conto-lhe. O Lou fica calado durante algum tempo.

— Lamento muito.

— Ela não era apenas alvo das práticas da sociedade secreta. A Skye assediou-a fora da sociedade e foi isso que a levou ao suicídio. O Rory sabia. Também a chantageava. Se calhar... Era esse o segredo do Gideon.

O Lou franze a testa, com o olhar focado na estrada.

— Achas que o Gideon e a Skye estão de conluio?

— Faria sentido. Ambos são suspeitos e o Gideon também aparece nos vídeos que encontramos. E se o Rory foi longe de mais? — sugiro, encarando-o com determinação. — Prometeu manter o segredo que tinham, mas, quando a Skye se recusou a deixar que terminasse o relacionamento, ele fartou-se.

— A Skye julgou que estava a ameaçá-la de revelar o segredo deles — continua o Lou. — Então, foi ter com o Gideon para o avisar e decidiram agir naquela noite.

— Para se certificarem de que não se ficaria a saber.

Fitamo-nos em silêncio. No carro, o ambiente é pesado. Esta teoria é válida, ainda que ambos continuem a ter um álibi sólido.

O Lou estaciona diante da minha casa e tira a chave da ignição. Nenhum de nós se mexe durante um longo momento.

— É preciso ir à polícia — murmuro, lentamente. — Dar-lhes tudo o que temos e deixá-los fazer o seu trabalho. Isto está a tornar-se demasiado grave, demasiado pesado... Não tenho arcaboço.

— Sabes perfeitamente que isso não chega. Vão rir-se de nós e mandar-me de volta para a cadeia.

É verdade. Mas não sei o que fazer neste momento. Não esperava que fosse tão difícil. Tenho a sensação de andar em círculos, de confiar nas pessoas erradas e o facto de saber que há alguém a espiar-me não ajuda nada. Sei que nunca mais vou conseguir dormir.

— Queres que fique contigo, esta noite? — sussurra o Lou, afastando

uma madeixa do meu cabelo.

Parece que me leu os pensamentos. A sua ternura súbita faz o meu coração bater mais depressa, mas também me exaspera.

— Não faças isso — suplico-lhe, cansada.

— O quê?

— Isso... Preocupares-te comigo.

Silêncio. O Lou solta o meu cabelo e pousa a mão no encosto de cabeça do meu banco. O seu sorriso é triste.

— Não tenho o direito?

— Não parece teu.

Estou a repeli-lo, mas só quero que suba comigo.

Uma vez mais, o meu coração atraiçoa a minha razão. Odeio-o ou, pelo menos, quero continuar a odiá-lo, mas também gostaria que me beijasse e me dissesse que Vai correr tudo bem. Terei sequer o direito de desejar tal coisa?

Bem vistas as coisas, é a mim que odeio.

— Podes tentar proibir-me — diz ele, por fim.

— Não preciso de ti, Lou.

— Mas eu preciso de ti.

Franzo o sobrolho, pois não estava à espera disto. De repente, o Lou aproxima-se e encosta o rosto à coxa do meu pescoço. Fecho os olhos, desfrutando da sensação da sua respiração na minha pele.

— Preciso que me toques para eu não morrer — sussurra, antes de me beijar o ombro.

— Não sou o Rory...

— Eu sei.

Sobe lentamente até ao meu queixo e beija-o com paixão.

— Nunca irei substituí-lo.

— Não é isso que te peço.

Quando a sua boca paira sobre a minha, puxo-lhe o cabelo para o obrigar a olhar para mim. As suas pupilas já estão dilatadas, um reflexo perfeito das minhas.

— Eu uso-te — insisto, apesar da excitação que me cresce na barriga. — Para te magoar.

O seu sorriso é o mais bonito que já vi.

Ambos sabemos que já perdi este jogo.

— Então, faz o teu melhor, Camelia.

Desta VeZ, não o afasto. Ele roça nos meus lábios, deVagar, repetidamente, como se quisesse conVencer-me.

— Mostra-me a tua língua — suplica-me, com um sussurro.

Obedeço e, de repente, sinto a sua a acariciar-me languidamente. É tão sensual que tenho de lhe agarrar na nuca, para o obrigar a beijar-me a sério. As suas mãos entrelaçam-se nas minhas costas, apertando-me contra o seu peito, enquanto as nossas bocas se juntam.

— DiZ-me para te montar — murmura, entre dois beijos. — Deixo-te magoares-me o quanto quiseses, enquanto me deixares estar aqui para ti.

Como resistir a esta proposta?

LOU

Novembro de 2022

Um dia, o Rory perguntou-me: «O que é que Vês na Camelia?»

Não soube o que responder. Cinco anos depois, a resposta à pergunta dele fulmina-me enquanto a beijo diante da sua casa.

Ela faz-me sentir que mereço melhor.

Até agora, toda a gente me usou como se eu fosse um fantoche. Mas a Camelia Viu-me. O meu Verdadeiro eu. Fez-me querer algo melhor para mim.

É um sentimento novo, ainda melhor do que o amor que julgava ter pelo Rory, e é tão excitante que me Viciou.

Quero-a para mim e só para mim, sempre.

Desta vez, nada me fará recuar.

CAMELIA

Novembro de 2022

Ir para a cama com o Lou não é boa ideia.

Mas como «erro» parece ser a minha palaVra faVorita, aVanço sem olhar para trás.

Subimos até à minha casa num frenesim surdo e cego, colados um ao outro, as nossas bocas unidas num beijo intermináVel. Tenho o corpo em brasa quando fecho a porta com um pontapé.

Não penso sequer na inVestigaçãO. Neste momento, só o meu desejo importa e desejo-o. Tanto que sinto as coXas a tremerem.

— A tua cama — murmura no meu pescoço.

Abano a cabeça, as minhas mãos puXam a sua camisola, para lha despir. Nem pensar em Voltar a leVar o Lou McAllister para a minha cama. É um espaço sagrado. O sofá serVe perfeitamente.

De repente, fica de tronco nu, pois a sua *T-shirt* desapareceu juntamente com o resto. Pestanejo ao Ver o hematoma enorme e quase negro ao longo das suas costelas. Passo leVemente os meus dedos frios pela contusão e os seus abdominais contraem-se com o meu toque.

— Quem feZ isto? — sussurro, sem conseguir disfarçar a minha raíVa.

O Lou acaricia-me os lábios com as pontas dos dedos, muito deVagar, e sorri.

— Não te preocupes. Nunca irá doer-me tanto quanto as coisas que podes diZer-me com esses lábios bonitos...

O seu comentário surpreende-me. Sempre julguei que o Lou era insensível. A sua indiferença lendária costumaVa irritar-me, já naquela época. Nada parecia afetá-lo. Acabei por odiar aquele sorriso que mostraVa a todos.

O que me oferece agora é diferente.

É sincero.

Não sei o que me deu, mas dou-lhe um beijo terno na boca. Os seus

olhos arregalam-se e fica imóvel. Julgo que consegui surpreendê-lo.

É estranho, pois passei a minha Vida no papel de Vítima. A permitir que os outros me humilhassem. À procura de parceiros seXuais dominadores.

Com o Lou, é diferente. Quero assumir a liderança. Quero vê-lo de joelhos diante de mim, quero que me adore, que me Venere...

— Camélia... — sussurra, desapertando o cinto do meu Vestido-casaco.

Permaneço imóvel, com a minha face a roçar na sua. O cinto cai ruidosamente no chão.

— Perdoaste-me...? Pelo menos, um pouco.

Impede-me de lhe Ver o rosto enquanto as suas mãos me desabotoam pouco a pouco o Vestido. O meu coração acelera, dividido entre o orgulho e o desejo.

Este último torna-me escrava do primeiro, como acontece muitas vezes.

Perdoei o Lou? Tenho medo de responder a esta pergunta. Porque quero continuar a odiá-lo. Se o odiar, é mais fácil. Embora uma parte de mim queira acreditar que mudou, que nunca quis tudo o que aconteceu, que não é igual ao Rory e aos outros...

— Por favor — suplica, num sussurro e beijando-me na clavícula.

— Não sei se consigo fazer isto se não me tiVeres perdoado.

— Disseste que não estavas à espera do meu perdão.

— Menti.

Sei no meu âmago que já lhe perdoei.

Mas não posso ser sincera, com receio de que se aproveite disso. De que fique em vantagem. De que volte a dececionar-me. *Nunca mais serei fraca.*

— Sabes qual é o teu problema? — pergunta, enquanto desabotoa o último botão do meu Vestido. — Achas que isto continua a ser um jogo.

Fico tão ressentida com o seu comentário que não consigo disfarçar.

— Porque foi só a isso que tu e os teus amigos me habituaram. Não espero outra coisa de ti, Lou.

Desta vez, levanta a cabeça para me encarar. Pestaneja perante a sua expressão. Nunca o vi tão sério. O arrependimento e a tristeza estão

muito claramente estampados nas suas feições.

— Não estou a jogar, Camélia. A única coisa que estou a pôr em jogo é o meu coração. Se quiseres, fica com ele e não mo deVolvas... Nunca precisei dele.

Não consigo respirar. Por algum motivo estranho, tenho vontade de chorar. Nunca ninguém me disse tal coisa... e tenho a infelicidade de querer acreditar.

Ele também dizia ao Rory este tipo de coisas?

O Lou beija a linha do meu maxilar e, a seguir, lambe-me o interior da orelha.

— Sempre foi teu, desde a primeira VeZ que te Vi.

Estremeço tão Violentemente que fico constrangida. *Ele acabou de confessar?* As suas mãos deslizam pelos meus braços nus, enquanto a sua boca volta para a minha. Deixo-o beijar-me, com ternura no início, depois mais fogueiramente.

Quando termina o nosso beijo, o seu polegar esgueira-se por entre os meus lábios. O meu olhar cruza-se com o seu e estou ciente das minhas faces em brasa, mas deixo-o continuar. Com o outro braço a enVolver-me a cintura, acaricia-me a língua com ponta do dedo e fá-lo penetrar cada VeZ mais.

Abro um pouco mais a boca, recusando-me a baixar os olhos. Ele desVia o olhar para observar o movimento do seu polegar entre os meus lábios e... o Lou McAllister cora.

Uma maré de desejo líquido inunda-me a barriga.

Quero que ele volte a fazê-lo.

Por isso, fecho a boca em torno do seu dedo e uso a língua para o chupar.

O Lou franze o sobrolho, eXpirando dolorosamente.

— Tens preserVatiVos? — pergunta, com uma VoZ rouca.

Deixo-o soZinho durante um instante, para ir Vasculhar na minha mesa de cabeceira. Graças a Deus, restam três! Pego em todos eles antes de atirar os meus sapatos de salto alto para um canto do quarto. Estou apenas com a roupa interior e agradeço a mim própria por, de manhã, ter optado por Vestir um dos meus conjuntos de *lingerie* mais bonitos.

Quando Volto para a sala, o Lou também está de *boxers*. Ao Ver-me,

passa a mão pelo cabelo e consigo Ver de soslaio a sua ereção.

Mira-me da cabeça aos pés. Vê-lo engolir em seco causa-me uma profunda satisfação. Foi a reação que imaginei quando comprei este conjunto de renda preta transparente.

— És tão perfeita — sussurra, pousando as mãos nas minhas ancas. — Quero que te sentes em cima de mim.

Não me dá tempo para responder. Deita-se no sofá, de barriga para cima, e puXa-me para si. É com o coração acelerado que dou por mim sentada, atravessada sobre o seu corpo, de costas para ele.

Oh, caracas. Ele não vai...

As suas mãos demoram-se nas minhas ancas e os seus dentes mordiscam-me uma nádega. Inclino-me instintivamente para a frente, a arder de excitação. Os seus dedos introduzem-se por baixo da renda da minha tanga e fazem-na deslizar pelas minhas pernas.

Ajudo-o a despir-ma, ofegante. Decido fazer o mesmo e puXar para baixo o elástico dos seus *boxers*. Abro o invólucro do primeiro preservativo e coloco-o na ponta do seu pénis.

A seguir, enVolvo-o com a boca e começo a desenrolar o preservativo... introduzindo todo o seu seXo na minha garganta.

— Oh, porra... — geme ele, estremecendo debaixo de mim.

As suas mãos apertam as minhas nádegas. Recuo, com os olhos marejados. Nunca fui muito arrojada no que toca ao seXo, mas o Lou tem o dom de me fazer sentir confiante. Sinto-me bonita e sensual.

Quero pôr-lhe a cabeça a andar à roda.

LeVo novamente aos lábios a ponta do seu pénis, lambendo-a a toda a volta. Nesse momento, sinto a sua boca na minha carne. Lá, onde me proVocara suavemente na primeira vez, hoje não me poupa.

Percebo facilmente que adora isto.

— É ainda melhor do que na minha imaginação — sussurra, lambendo-me no sítio que me põe louca.

Quero perguntar-lhe quantas vezes imaginou esta cena, sozinho na sua cama, mas de repente chupa-me o clítoris e *oh, caracas!*

O meu gemido vibra contra o seu seXo, arrancando-lhe um grunhido. O meu corpo está em brasa. O meu coração bate tão depressa que até me dói, comprimindo ao máximo o meu peito. Sinto o prazer a crescer, pois não consigo ficar em silêncio.

Chupo-o com mais força enquanto ele me devora, repetindo que sou muito bonita, que estou muito molhada e o quanto é bom também para ele.

A pressão torna-se mais forte e estou a atingir o clímax, sinto-o, mas tenho medo de me vir novamente na sua boca e... *Tarde de mais*. Fico tensa, encolho os dedos dos pés e deixo explodir o meu orgasmo, gritando.

— Quero Ver a tua cara — diz o Lou, obrigando-me a virar-me.

Obedeço, ainda ébria do meu orgasmo. Não foi o suficiente. Sinto comichão no meu sexo, preciso de tê-lo dentro de mim e imediatamente. Curvo-me para beijar a nódoa negra que lhe pinta o abdómen, mas ele agarra-me nas faces e pressiona os seus lábios contra os meus.

— Farei de tudo para que me perdoes, demore o tempo que demorar — sussurra, despertando-me o sutiã. — Ouviste?

A sua boca fecha-se à volta do meu mamilo e não aguento mais. MoVo-me para a frente e para trás sobre a sua ereção, impaciente. Adeus, dignidade. Um animal apoderou-se subitamente do meu corpo. Perdi todo o controlo.

— Posso? — murmura, batendo suavemente com o seu sexo no meu.

Assinto, não me sentindo confiante para abrir a boca. É humilhante, mas gosto da proximidade do seu rosto contra o meu peito nu, enquanto me agarra nas ancas e entra em mim

muito

suaVemente.

Enfio as mãos no seu cabelo, com a boca entreaberta. *Oh, caraças...* Passou muito tempo. Esta posição não é a ideal, mas ele entra muito devagar para que eu me adapte ao seu tamanho.

A sua testa cai sobre o meu peito, a sua boca roça na minha pele. Está ofegante, tal como eu, e o seu sorriso desapareceu. Gosto do seu semblante neste momento: como se estivesse em sofrimento.

MoVo a minha pélvis para que me penetre mais fundo, mas as suas mãos detêm-me.

— Espera — sussurra, de olhos fechados, com uma expressão dolorosa. — Mais devagar. Dá-me dois segundos.

— Não deVeria ser eu a diZer isso?

— Gostaria de não faZer má figura e aguentar mais de três minutos. Por faVor.

Obedeço e espero pacientemente, beijando-o na boca. Quando começa a moVer-se lentamente para a frente e para trás, agarro com mais força nos seus ombros. As minhas pernas enVolvem-lhe a cintura e a sua língua lambe a pele entre os meus seios.

Gosto que as nossas peles estejam totalmente em contacto. Os nossos corpos encaiXam-se perfeitamente, não deiXando qualquer espaço entre nós. Se eu soubesse, há cinco anos, que acabaríamos assim!

— Porra, Cam... É tão bom... — geme, com as mãos a subirem ao longo das minhas costas nuas.

Ele tem razão. Nunca gostei de ficar por cima, pois obriga a um grande esforço, mas também porque tenho sempre Vergonha de não saber o que faZer. De não ter jeito para isto. Mas, afinal, esta posição agrada-me...

O Lou olha-me, e *lá está o seu maldito sorriso arrogante.*

— Gostas?

Fico tão surpreendida com a intensidade do seu olhar que o meu seXo se contrai à Volta do seu. Ele geme, franZindo a testa, mas sem perder o sorriso arrogante.

— Acho que sim...

Não o deiXo terminar a frase. Numa tentatiVa urgente de esconder o seu olhar indecoroso, pego na primeira coisa que tenho à mão e tapo-lhe os olhos.

O meu sutiã.

— Camelia...?

Ardem-me tanto as faces que tenho medo de pegar fogo. Como pode olhar-me assim?! Só a ideia de que possa usar este olhar com outras pessoas põe-me doente.

Tenho de me recompor antes que Veja no meu rosto o que desperta em mim.

— É o tipo de coisas de que gostas? — pergunta, sem tentar retirar a peça de roupa que lhe serve de Venda.

O seu sorriso permanece, mais proVocador do que antes. Pouso uma mão aberta no seu peito e empurro-o contra o sofá. Cai de costas,

suspirando.

— Ah, estou a perceber. Gostas de dominar — diZ, acariciando-me as coXas. — Habitualmente, é a mim que cabe esse papel, mas tenho de admitir que é muito eXcitante.

— Nunca te calas?

Ri-se suaVemente, enquanto a minha pélVis ondula ao ritmo dos seus impulsos. Pego na sua *T-shirt*, que está caída no chão, e enfio-lha na boca para que fique calado.

O Lou aceita a sua sorte sem protestar. Monto-o ao meu ritmo, procurando o ângulo que mais me agrada. Ao mesmo tempo, as minhas mãos eXploram o seu tronco, desde a contusão até aos mamilos, que leVo aos lábios.

É uma delícia vê-lo a corar. Ouço-o gemer cada VeZ mais, apesar da mordça. Os seus mamilos são sensíVeis, muito mais do que os meus. *Adoro.*

Quando me endireito e me apoio nas suas pernas, ele usa a língua para se liVrar da *T-shirt* que lhe enche a boca.

— Oh, sim... — geme, acelerando o ritmo. — Porra...

Sinto-o a crescer dentro de mim, inVestindo cada VeZ mais dentro da minha barriga.

— Desculpa, Camelia — diZ o Lou, retirando o sutiã que lhe tapa os olhos. — Não tenho nada contra este tipo de prática... mas tenho de registar esta imagem na minha memória, para a posteridade.

Meu Deus. O meu olhar cruZa-se com o seu, ardente, enquanto me agarra pela cintura para me penetrar com mais força. Vacilo, quase caindo para o lado deVido à sua força. Ele apercebe-se e agarra-me nos pulsos para apoiar as minhas mãos nos seus peitorais.

— Camelia... Ah, Camelia...

Gemo, pronta a chegar ao clímaX. *Estou a sonhar ou excita-me imenso ele repetir o meu nome?*

— Para... Por faVor, não...

— Porquê?

— Vou...

— Camelia... — repete, como se fosse uma ladainha. — Gostas que diga o teu nome? Sempre que o digo, apertas-me ainda mais.

Quero gritar-lhe que cale a boca, que é humilhante, mas continua a

repetir o meu nome enquanto me acaricia o clitóris com os dedos molhados. Muito rapidamente, o orgasmo arrebatava-me como se fosse um *tsunami*.

Pouco depois, é a vez do Lou, precisamente quando se endireita para me beijar na boca. Abraço-o com todas as minhas forças, o coração prestes a explodir e fecho os olhos para me recompor das minhas emoções.

— Camélia?

O Lou afasta uma madeixa do meu cabelo, ainda dentro de mim.

— Acho que é tarde de mais — murmura, beijando-me ternamente na face.

Abro novamente as pálpebras, encontrando o seu olhar surpreendentemente doce e sério. Suspira, pousando a face no meu peito, e diz:

— Estou a ficar confuso.

LOU

Novembro de 2022

Quando abro os olhos, a Camelia ainda está a dormir sobre o meu peito.

O seu sofá é estreito para nós os dois, pelo que está deitada, atravessada em cima de mim, com as pernas nuas entrelaçadas nas minhas. O cabelo solto cai-lhe em ondas pelas costas e a sua mão repousa ternamente sobre minha barriga.

Fito-a a dormir, com a sua respiração tranquila na minha clavícula, apreciando o calor da sua pele encostada à minha. Ontem à noite, foi a primeira a adormecer e não tive coragem de a levar para a cama.

Ainda assim, consegui pegar numa manta para tapar os nossos corpos suados.

E agora, o que vai acontecer? Foi a pergunta que me assombrou durante toda a noite. Irá acordar arrependida do que aconteceu entre nós? Irá evitar-me pelo facto de me ter confessado, por assim dizer?

Acaricio-lhe o cabelo enquanto espero que acorde, pensativo. Precisamos também de conversar sobre o que fazer em relação à Skye e ao Gideon...

É evidente que o culpado é um deles, ou até os dois. E o Rory sabia-o. Foi o que tentou dizer-nos nas cartas.

«Não consegues ver-me, nem sentir o meu cheiro, nem ouvir-me e, ainda menos, lutar contra mim, pelo que sou sempre fatal para ti. Quem sou?»

É o que está escrito na carta da Skye, mas ainda por esclarecer. Mas há um detalhe que continua a perturbar-me: como sabia o Rory que estavam a tentar matá-lo? Isso significa que o ou os culpados já tinham tentado fazê-lo.

Como? Se nada disse até agora, foi porque não podia. Teria receio de que não acreditassem nele? Talvez... pois não dispunha de provas concretas.

— E se ele montou esta investigação para podermos obter provas?
— murmuro, baixinho.

A Camelia contorce-se de encontro a mim, esfregando o nariz na coxa do meu pescoço. Afasto uma madeixa de cabelo que está colada aos seus lábios, enquanto os seus olhos tremelicam.

— Espero que não tencionasses chegar a horas às aulas — digo, com um sorriso lastimoso.

Ela esfrega os olhos, para se orientar. A sua mão permanece na minha barriga, o seu joelho entre as minhas coxas.

É uma sensação tão boa que nunca me fartarei dela.

Acho que posso agradecer ao Rory por isto.

Por me permitir Voltar a estar com ela, por termos mais uma oportunidade. Não sei se era o objetivo dele, mas gosto de acreditar que me deu este último presente.

— Que horas são? — murmura a Camelia.

— Já passa um pouco das dez.

Resmunga antes de se levantar. Faço o mesmo, dando-lhe um beijo no ombro. Por mais surpreendente que possa parecer, não se esquivava.

— Vou tomar um banho.

Fico deitado no seu sofá durante longos segundos, custando-me acreditar que esta deusa se tenha disposto a fazer amor com um bandalho como eu.

Mas uma vozinha põe-me na ordem.

Esta foi a parte mais fácil, Watson.

Agora, começa a parte mais difícil: fazê-la apaixonar-se por mim.



— Fizeste o pequeno-almoço? — pergunta a Camelia, sentando-se à mesa, com o cabelo ainda molhado do banho.

Sirvo-lhe os ovos mexidos, bem como as torradas com abacate. A Camelia fita-me com uma expressão de dúvida, o que leva a crer que não confia em mim.

— Tenho muitos defeitos...

— Arrogante, egoísta, impulsivo — enumera a Camélia, contando pelos dedos.

— ...mas sou um amante atencioso — concluo, com um sorriso. — Há testemunhas para o comprovar.

Arqueia uma sobranceira trocista, mas não replica. Ainda não sei se prefere fingir que nada aconteceu, se está arrependida ou se me odeia um pouco menos agora.

De qualquer modo, não há dúvida alguma de que gostou do que fizemos a noite passada.

Três vezes.

— Ai — resmunga, cuspiando num guardanapo os ovos mexidos. — O que é isto?!

— Nunca disse que era bom cozinheiro...

— Pelo menos, sei que, se quisesse matar-me, optarias por me envenenar.

Sorrio, divertido, mas, de repente, caio em mim. Fico paralisado diante dela, de olhos arregalados.

Oh, meu Deus... Sim, é isso!

A Camélia pergunta-me se estou bem, mas não consigo responder-lhe.

— «Não consegues ver-me, nem sentir o meu cheiro, nem ouvir-me e, ainda menos, lutar contra mim, pelo que sou sempre fatal para ti. Quem sou?»

Ela franze o sobrolho e eu acrescento estupidamente:

— Veneno.

A Camélia abre a boca, chocada. Agora, tudo faz sentido. Foi assim que o Rory soube que alguém estava a tentar matá-lo!

— Descobriu que alguém estava a envenená-lo... — murmura a Camélia.

— ...mas não sabia quem.

— Sabia que estava condenado. Suspeitava de que o ou os culpados tentariam ser mais rápidos...

— ...então, tentou avisar-nos, à cautela.

A Camélia e eu olhamos um para o outro, sem palavras. Por isso é que ele envolveu a Camélia nesta história: por ser advogada. Saberia que tentariam acusar-me do crime deles? Estaria a tentar proteger-me?

Rory, seu idiota. Porque não me contaste?

— Achas que sabia que iria morrer naquela noite? — pergunta Camelia, a olhar para o Vazio.

Quanto mais penso nisso, mais óbvio se torna. Quando o Rory disse à Skye, na escada, «Não estou a falar desta noite», talvez não estivesse a referir-se à Colleen.

Estava a referir-se ao facto de ela andar a envenená-lo.

Sem sequer se aperceber, a Skye levou demasiado a sério o seu papel de Lady Macbeth...

Ficou assustada quando percebeu que ele sabia e, então, avisou o Gideon. Foi ele o último a vê-lo com vida.

— Mas porquê? — insiste a Camelia, perplexa. — Consigo entender que alguém mate acidentalmente, durante uma discussão. Mas se o envenenaram... foi premeditado. Porquê fazê-lo? A Skye era sua namorada!

— Ele chantageava-os. Aos dois.

A Skye pode ter sido sua namorada, mas nunca o amou. Gostava do que ele podia proporcionar-lhe... Mas sentiu que estava a perdê-lo. O Rory ia trocá-la por mim e ela sabia disso. Sabia também que outra pessoa poderia dar-lhe aquilo que queria, alguém que a amava genuinamente e que era suficientemente tolo para realizar todos os seus desejos.

O Alastair Cavendish.

— Com as cartas, os vídeos e a câmara de vigilância, temos com que os denunciar — diz a Camelia, determinada.

Não é o suficiente para provar que mataram o Rory naquela noite, mas, pelo menos, serão detidos. Não posso dizer à polícia que o Gideon me drogou para me incriminar, mas confio na Camelia.

— Preciso de me encontrar imediatamente com a Charlotte — diz, levantando-se à pressa. — Ela vai pedir um mandado de prisão, bem como uma segunda autópsia, mais detalhada.

Fito-a enquanto calça as botas, apressada, e envolve o cabelo despenteado com o seu cachecol espesso. Parece muito empolgada. Não o levou a mal, pois sei que andamos a investigar por motivos diferentes.

Ela fá-lo por curiosidade; é um desafio.

Para mim... É descobrir que os meus únicos amigos mataram o

homem que julguei ter amado durante toda a Vida.

Desta VeZ, não estou com disposição para gracejar. A Camelia deve tê-lo percebido, porque se detém subitamente diante da porta.

Aceno com a mão, desejando-lhe boa sorte. Não parece ser suficiente, porque Volta para trás. Fico tenso, surpreso com o seu passo decidido.

A sua mão agarra-me no queixo, erguendo-o o suficiente para que eu possa olhá-la nos olhos. Tem as faces rosadas e os lábios franzidos, como se já se arrependesse do que Vai dizer.

— Onde foi parar o teu maldito sorriso?

— Julgava que não gostavas dele...

A Camelia parece dividida entre duas reações. É fascinante.

Por fim, diz:

— Prefiro esse sorriso à cara que estás a fazer agora.

— Que cara estou a fazer, Camelia?

Silêncio.

— Uma cara triste — sussurra, franzindo a testa.

Isto é tão surpreendente que não contenho um meio-sorriso, que parece tranquilizá-la um pouco. Está prestes a sair quando lhe puxo pelo cachecol, para a beijar na boca.

— Tem cuidado contigo.

Surpreendida, a Camelia pestaneja e cora. Ainda não sabe, mas também começa a ficar confusa. Gosta de mim, ainda que dê cabo dela admiti-lo. É por isso que não tenciono desistir.

— Vai tomar banho, tresandas a sexo — diz, afastando-se.

Depois de ela sair, levanto a mesa, laço a louça e tomo banho. Cheiro o seu frasco de champô antes de o usar, curioso. É engraçado, cheira exatamente como ela.

Volto para a casa dos Cavendishes por ruas desertas, de cabeça baixa. Receio que as nossas provas não sejam suficientemente conclusivas para incriminar a Skye e o Gideon. Gostaria de os confrontar... mas podem denunciar-me se se sentirem em perigo. A Camelia ficaria em apuros.

Deveria evitar estar com ela. Creio também que, depois disso, a mansão deixe de ser um local seguro. Onde Vou dormir com este frio?

Ao chegar a casa dos Cavendishes, recebo uma mensagem da

Camelia.

Viste bem se não havia outras pistas na câmara de vigilância?

Confirmo que é o único Vídeo que contém. Ela insiste: «E o candeeiro?» Por isso, tiro-lhe uma fotografia, cansado. EnVio-lha precisamente quando o Alastair aparece, com as mãos nos bolsos das calças.

— Passaste a noite fora?

Parece estar a censurar-me, mas sorri-me tranquilamente. Sei que não aproVa o meu relacionamento com a Camelia, mas não tenciono escondê-lo.

Nunca mais.

— Ela deVe ter mudado de ideias em relação a ti — acrescenta, aproXimando-se. — Tenho a certeza de que pediste desculpa por nós.

— Alguém tinha de o faZer.

Tenho de lhe diZer. Tenho de o aVisar de que a rapariga que amou durante tanto tempo assassinou o seu irmão gémeo. Abro a boca para o faZer, mas as palaVras ficam presas na minha garganta. *É tão difícil.*

— Alastair, preciso de falar contigo...

— É sobre a Skye e o Gideon?

Olho-o, boquiaberto. Como é que ele sabe? Cerra os dentes, faZendo-me um sorriso frio.

— O Morrison acaba de me aVisar de que foi solicitado um mandado de prisão para eles. Suponho que tenhas feito algo nesse sentido.

— Espera aí. O Morrison? — repito, boquiaberto. — Como...

O Alastair reVira os olhos perante o meu espanto.

— Quem é que achas que arranjou o teu primeiro adVogado?

O Alastair? Julguei que tiVesse sido o meu pai, mas obVviamente enganei-me. Os meus pais abandonaram-me realmente.

— Se foste tu, isso significa que acreditaste desde o início que eu estaVa inocente...

— ObVviamente. Tentei ajudar-te, mas não podia permitir que os meus pais Viessem a saber... Odeiam-te.

Na Verdade, não posso censurá-los. Sorri-lhe, grato por ter, pelo menos, um aliado, além da Camelia. Mas o meu sorriso desVanece-se

assim que me recordo da gravidade da situação.

— Envenenaram-no, Al.

O Alastair não reage. Limita-se a olhar-me e apercebo-me de que tem dificuldade em acreditar em mim. Bem vistas as coisas, porque haveria de acreditar no homem que foi encontrado com o corpo do irmão escondido na bagageira?

— Tens a certeza do que estás a dizer?

— Tenho provas. O Rory andava a chantageá-los, sabia que ia morrer e foi por isso que deixou enigmas nas nossas cartas...

— O que diz a tua?

— Nada — respondo, fazendo uma careta. — Está em branco.

— Tens a certeza?

Olho-o, sem compreender. O Alastair parece pensativo durante um momento.

— Não quero acreditar que seja verdade... mas confio no Rory. E eras a única pessoa de quem gostava. Custa-me acreditar que não te tenha deixado nada.

É exatamente o que penso há semanas, mas prefiro fazer o meu luto do que agarrar-me a essa esperança.

— Aconselho-te a não ficares muito tempo aqui — suspira o Alastair. — A ser verdade o que dizes, a Skye e o Gideon vão chibar-se e a polícia virá revistar a mansão.

Anuo e ele aperta-me o ombro antes de se ir embora. Apresso-me a voltar para o meu quarto secreto, para arrumar tudo, fazendo o possível por apagar todos os vestígios da minha presença.

Quando estou de saída, o meu olhar detém-se na carta. Fito-a, sem me mexer, com o coração dorido. Por fim, abro-a para voltar a lê-la, uma e outra vez.

«Teu, com devoção e amor.

Rory.»

Porque escreveu no canto inferior direito e não no meio? Faz-me lembrar os bilhetes marotos que deixava espalhados em minha casa... Sempre que me visitava, o Rory ia-se embora depois de esconder algures uma mensagem de amor. Dava-me gosto vasculhar tudo, curioso por saber o que escrevera.

Um dia, o meu pai encontrou um. Cheguei à faculdade com um olho

negro. O Rory parecia furioso. Depois disso, não Voltou a arriscar, pelo que passou a escrever todos os seus bilhetes com...

— Oh...

Que idiota.

Como não me lembrei disto? Quando receava que alguém encontrasse as nossas mensagens secretas, o Rory usava tinta invisível. Assim, o papel parecia estar em branco.

RemeXo nos bolsos à procura do meu isqueiro, com as mãos trémulas. Agora, tenho a certeza de que me deixou uma mensagem secreta.

O meu coração lateja nos meus ouvidos, enquanto passo a chama sob o papel. A mensagem Vai aparecendo.

Lou,

Todos os grandes amores sofrem uma tragédia e chegou a nossa vez; mas ter-vos conhecido, ter-vos amado tão profundamente, ter-vos tido durante uma parte da minha vida, a única parte que agora considero magnífica, basta-me. Não existem palavras para descrever a minha paixão, mas apenas vós podeis compreender-me. As nossas almas foram feitas uma para a outra e, conhecendo a vossa através do amor, a minha superou mil males, entendeu a perfeição e penetrou na essência divina das coisas.

A dor, quando vem, não pode durar para sempre; é certo que um dia voltaremos a encontrar-nos e, ainda que o meu rosto tenha assumido a máscara da tristeza, que o meu corpo se tenha exaurido com a solidão, vós e só vós reconhecereis a alma que se tornou mais bela por ter conhecido a vossa, a alma do artista que encontrou em vós o seu ideal, a do apaixonado pela beleza a quem aparecesteis como um ser sem falhas, como um ser perfeito.¹⁸

Estremeço, ao reconhecer as palavras poéticas escritas ao amor de Oscar Wilde, o único. As lágrimas vêm-me aos olhos, mas contendo-as o melhor que consigo.

O meu telefone vibra na mesa ao meu lado e o meu olhar detém-se na mensagem da Camélia:

A Skye e o Gideon foram detidos. A Skye confessou sob pressão.

Agora, as lágrimas deslizam-me pelas faces. Acabou-se.

Confessaram. Conseguimos. Agora, Vai ficar tudo bem.

Entretanto, os meus olhos percorrem as últimas frases do Rory no papel e fico hirto. Estou tão desconcertado que me queimo com o isqueiro, que me cai das mãos. O papel Volta a ficar em branco e olho para a parede, sem saber o que fazer.

As últimas palaVras do Rory rodopiam na minha mente, perVersas.

Lembra-te de que não podes confiar em ninguém... Nem sequer na Camélia.

Onde estava ela, na noite em que morri?

¹⁸ EXcerto da carta de amor de Oscar Wilde ao Lorde Alfred Douglas.

CAMELIA

Novembro de 2022

Bingo!

Ampliei demoradamente a fotografia que o Lou me enviou, sem saber o que significava. Precisei de trinta minutos para descobrir.

A próxima pista não está *no* candeeiro, *é* o candeeiro. Já vi esta árvore florida... Num quadro pendurado na parede do grande anfiteatro da faculdade. É onde estou agora, com o coração acelerado.

Subo a uma cadeira, aproveitando estar sozinha, e passo a mão na parte de trás do quadro. Os meus dedos tocam em algo e contenho um grito de Vitória quando retiro um envelope... dirigido a mim.

Esta pista é para mim e apenas para mim. Sei-o porque é o anfiteatro onde me refugio para ler ou almoçar. Perdi a conta aos minutos que passei a contemplar este quadro durante os meus intervalos para o almoço. *Ele também sabia disso?*

Suponho que sim. Afinal, são camélias.

Abro apressadamente o envelope, que contém um papel assinado pelo Rory.

O meu sorriso desvanece-se imediatamente.

Cara Camelia,

*Irritaste-me desde a primeira vez que te vi. Não sei
porque... Talvez porque, desde que chegaste, o coração do
Lou deixou de me pertencer.*

*Agora, é todo teu. Se não o fizeres feliz, voltarei
para te assombrar!*

*Esta carta assinala o fim da minha caça ao
tesouro. Suponho que estivesses à espera de respostas...*

A verdade é que nem eu sei.

Desenvencilha-te.

A minha respiração acelera à medida que compreendo. Rio-me alto, primeiro ligeiramente, depois cada vez mais alto. Rio-me até às lágrimas.

Tudo não passou de mais um jogo. Ele queria divertir-se, fazer troça de mim uma última vez.

Esta busca nunca fez sentido.

Rasgo furiosamente a carta, as faces a arderem de humilhação.

Uma VoZinha tenta lembrar-me de que os culpados foram presos, mas depois surge uma outra, mais alta.

Se «a confiança do inocente é o melhor trunfo do mentiroso»¹⁹... *não estarei a enganar-me?*

¹⁹ Citação de Stephen King.

Naquela noite

RORY

2h11

O meu plano Vai por água abaixo.

Não era suposto ser assim, repito incessantemente para mim próprio, enquanto Vou sozinho para o meu quarto. Detesto que as coisas não corram como planeei. A culpa é minha, fraquejei quando Vi o Lou. Como sempre. Ele é o meu ponto fraco.

Engulo de uma vez o resto da minha bebida, como se precisasse de ficar ainda mais bêbedo. Abro as janelas de sacada e observo os meus convidados da Varanda, que continuam a festejar como se nada tivesse acontecido.

Suponho que a Skye tenha acalmado os ânimos. O Lou desapareceu.

O meu coração estremece de esperança quando ouço baterem à porta. Viro a cabeça, pronto a pedir desculpa se for preciso, mas quem entra é o Gideon.

Resmungo enquanto me sirvo de mais um pouco de uísque.

— Vieste pregar-me um sermão? — gracejo, sem sequer olhar para ele. — Julgo que, esta noite, te disse tudo o que penso de ti, não? Até parece que não te bastou.

Quero que me deixe em paz. Ele é o pior dos quatro: mentiroso e inculto, tudo o que detesto neste mundo. É verdade que também sou mentiroso, mas, pelo menos, consigo olhar para um mapa e indicar o meu país.

— Foste tu quem drogou o Lou? — pergunto, perigosamente.

Não precisa de me responder, já sei a verdade. Obviamente, foi ele. A questão é: porquê?

— Foi a Skye quem te pediu para o fazeres? Ela tem jeito para pressionar as pessoas para que façam o seu trabalho sujo. Até me surpreende que não tenha tentado vencer o meu irmão...

A Skye, a minha linda namorada, potencialmente assassina. A rapariga que anda a envenenar-me há meses. Não tinha a certeza de

que fosse ela, admito que hesitei, mas, há pouco, comproVei-o.

— Julguei que agiria esta noite, agora que foi apanhada...

De repente, sinto um arrepio gélido. Como se tiVesse um mau pressentimento. O quarto está demasiado silencioso e uma VoZ na minha mente grita: *Judas!*

Sorrio, incrédulo, antes de me rir baiXinho.

— ...A menos que te tenha mandado faZer o resto — digo, bebericando um último gole.

Estou de costas para ele, preparado para qualquer eVentualidade. DeVeria ter desconfiado. A Skye não é suficientemente corajosa para faZer tal coisa. O Gideon é um rato disposto a faZer o que for preciso para sobreViVer e eu sei demasiadas coisas que podem aniquilá-lo.

— Também tu, hem? — Rio-me, trocista. — Pelos Vistos... Esta noite, sou o homem a abater.

Viro-me, a sorrir. O Gideon está mesmo atrás de mim, as feições deformadas pela raiVa e pela loucura. Não sou suficientemente rápido para me esquivar do golpe quando me empurra Violentamente para trás.

Agarro-me por um triZ ao corrimão e o meu copo estilhaça-se lá em baiXo, no terraço.

Ele tentou empurrar-me da varanda.

Abro a boca para gritar, mas ele pressiona a mão contra o meu rosto e puXa-me para si, escondendo-me dos outros.

— Desculpa — rosna, atirando-me ao chão. — Mas és tu ou eu.

Debato-me furiosamente, mas o Gideon ergue o rosto, mantendo-o fora do meu alcance. As suas mãos agarram num candelabro e, com um ímpeto assustador, bate-me com ele na cabeça.

Julgo que perco instantaneamente os sentidos, nem que seja por alguns segundos, e cuspo sangue no chão. Caraças, é ainda mais doloroso do que a escada...

Nem pensar em deixar-me morrer às mãos deste idiota. É humilhante.

Preciso, pelo menos, de o arranhar, de lhe puXar o cabelo, de faZer qualquer coisa para que o seu ADN fique debaixo das minhas unhas. Quero que este sacana Vá para a cadeia, onde já deVeria estar há muito tempo.

Finco com força os dedos nas mãos que me apertam o pescoço. O

Gideon geme de dor, mas sinto-me a ficar sem oxigénio.

— Cão... nojento... — cuspo, entredentes.

É mesmo assim que Vou morrer? Se soubesse, teria deixado que fosse o Lou a estrangular-me. É o último rosto que quero Ver antes de sucumbir.

— Oh, meu Deus!

De repente, o Gideon e eu imobilizamo-nos. As suas mãos soltam-me enquanto olha para a porta, branco como um lençol. No início, julgo que estou a salvo, com a esperança a inundar-me os pulmões enquanto tusso, até que Vislumbro a Skye à porta.

Bestial. Os meus dois assassinos no mesmo sítio!

— Que estás a fazer?! — sussurra, perto do Gideon.

Aproveito para me levantar, com dificuldade. Não tenciono ficar aqui a ouvir a discussão sobre como me hão de matar, muito obrigado.

— Ele sabe tudo. Não temos alternativa!

— Está bem, mas... *Aqui?* Agora? — guincha a Skye, enquanto inspeciona o corredor.

O Gideon agarra-me pela camisola, mas é tarde de mais. Peguei na garrafa de uísque, de Vidro, e dou-lhe com ela na cabeça. A Skye solta um grito de espanto, enquanto o Gideon cambaleia, encharcado, e cai de joelhos.

Só agora noto que tenho as mãos trémulas. Olho para a Skye, que está a barrar-me o caminho, e ergo a garrafa partida.

— Sai da frente.

Não reconheço a minha própria voz, lúgubre e grave. A Skye desvia-se para me deixar passar, lavada em lágrimas. Murmura desculpas, mas não lhe dou ouvidos. Apresso-me a descer as escadas, com o coração a latejar nos ouvidos.

Estou em perigo.

É uma tolice, pois eu já sabia. Soube-o no minuto em que o médico me disse que eu estava doente. Sabia-o quando fiz o meu testamento, quando elaborei a caça às pistas, mas também quando entrei em casa esta noite.

Julguei tê-lo aceitado. Julguei que poderia permitir que o fizessem e partir de cabeça erguida.

Só que agora é real e assusta-me.

Pela primeira VeZ na Vida, estou apaVorado.

Compreendo por que raZão muitas pessoas tentam eXpiar os seus pecados antes de morrerem: a ideia de ser julgado é suficiente para faZer ajoelhar um homem. Eu poderia faZer o mesmo, mas sei que nenhuma absolvição me salVará.

Preciso de encontrar o Lou. Ele saberá o que faZer. Vamos resolVer isto juntos. Desta VeZ, tenho proVas. Não quero morrer.

Precipito-me para o eXterior e pego no meu telemóVel para lhe ligar. Não tenho muito tempo até que a Skye e o Gideon Venham à minha procura, para concluir a tarefa. Sabemos os três que não podem deixarme fugir.

Lou, onde estás?!

LOU

Novembro de 2022

Onde estava ela, na noite em que morri?

A Skye confessou ter envenenado o Rory.

Onde estava ela, na noite em que morri?

Acusou imediatamente o Gideon de ser seu cúmplice, mas recusa-se a falar daquela noite ou do seu envolvimento na morte do Rory. Segundo a Charlotte, o seu alibi está a ser verificado uma segunda vez.

Onde estava ela, na noite em que morri?

Apesar de tudo, é uma vitória para nós, pelo que a Camélia me convidou para ir festejar a sua casa. Evitámo-nos durante alguns dias, principalmente por medo de que a Skye e o Gideon nos denunciassem por estarmos de conluio.

— Chegaste.

A Camélia abre a porta e fico sem fôlego durante um segundo. Olha para mim. Tem um vestido traçado de cor creme, o cabelo preso numa coroa de tranças.

Está linda.

Onde estava ela, na noite em que morri?

O meu elogio fica preso na traqueia e o meu mau humor regressa rapidamente. Lutei contra a dúvida que me atormenta depois de ler as palavras do Rory, em Vão.

— É a primeira vez que esperas que te convide a entrar — diz, com um sorriso provocador. — O que se passa contigo?

Entro sem responder, tenso. Passei os últimos dias dividido entre o facto de sentir saudades da Camélia e a ideia de não poder confiar nela.

Porque é que o Rory me deixou esta mensagem? Porque envolveu a Camélia, se não confia nela? Não faz qualquer sentido.

Recuso-me a acreditar que ela tenha alguma coisa que ver com isto. É impossível. Desde o início que a Camélia só me ajudou, quando nada a obrigava a fazê-lo.

Ou terá tentado semear a discórdia, para que não suspeitassem de si?

— ...mas o Alastair recusou-se a falar com eles — continua, atarefando-se na cozinha.

Mal a ouço. O apartamento está quase mergulhado na escuridão da noite, iluminado apenas por candeeiros de mesa de cabeceira e algumas Velas.

O ambiente é romântico, mas não consigo desfrutar dele. Sento-me à mesa, posta especialmente para nós os dois. Desde quando é que ela gosta de mim o suficiente para organizar um jantar à luz de Velas?

E se eu for estúpido a ponto de estar completamente cego?

Afinal, a Camélia avisou-me desde o início. Nunca escondeu os seus sentimentos em relação a mim: quer Vingança, magoar-me, Ver-me na mó de baixo.

Também nunca demonstrou empatia pela morte do Rory. Pelo contrário, deu-me a entender que ele o merecia. A Camélia tem o móbil mais óbvio.

R. J. Ellory disse: «Quando escolhemos a Vingança, o melhor é cavar duas sepulturas.» E se a Camélia tivesse cavado a do Rory e a minha, para nos castigar pelos seus tormentos?

O meu olhar ergue-se para a minha advogada, enquanto esta abre uma garrafa de Vinho tinto, e dói-me o coração.

Voltei a apaixonar-me por alguém que faz troça de mim?

Sem pensar duas vezes, enfio discretamente na manga a faca de mesa... e exibo o meu melhor sorriso.

Esta noite, o jogo acaba de vez. Não consigo engolir nem mais uma mentira.

— Cheira bem.

— Para de mentir — diz, sentando-se diante de mim. — De qualquer modo, não pode ser pior do que os teus dotes culinários.

— Pareces alegre, esta noite.

O meu comentário provoca-lhe um olhar surpreendido e, a seguir, encolhe os ombros.

— Conseguimos prender os Vilões, certo?

— Diz-me tu.

Franze o sobrolho, sem perceber, mas não diz nada. Olho para a carne Vermelha no meu prato, pensativo. Não quero permitir que o

Rory se imiscua na minha cabeça, mas é mais forte do que eu. *E se estiver envenenada?*

Os acontecimentos recentes ensinaram-me que não posso confiar em ninguém, nem sequer nas pessoas com quem cresci.

Não tenho ninguém com quem possa contar. Julgava estupidamente que tinha a Camelia, mas já não tenho a certeza.

— Não comes? Prova e diz-me se está bom.

Inclino a cabeça e, a seguir, faço um sorriso insinuante, enquanto estendo o garfo na sua direção.

— Primeiro, as senhoras.

A Camelia faz uma pausa, fitando-me, com uma sobancelha arqueada.

— Caso te tenhas esquecido, sou Vegetariana.

Por fim, corta lentamente a sua lasanha de beringela enquanto a observo.

O coração ameaça saltar-me do peito. Engole uma garfada e, a seguir, faz-me sinal para que faça o mesmo.

— Uma resposta por uma pergunta? — sugiro, cruzando os braços sobre a mesa.

A Camelia mastiga enquanto olha para mim e anui com desconfiança. Continuo a sorrir, apesar da apreensão que me dá a volta ao estômago.

— Odeias-me a ponto de te vingares?

Vejo a mudança na sua expressão. A Camelia contrai os maxilares, sem desviar o olhar. Por fim, a sua resposta chega como uma sentença de morte:

— Sim.

Não fico à espera de que faça a sua pergunta.

— Já me mentiste?

— ...Sim.

Solto um suspiro trémulo, com os punhos cerrados sobre as coxas. Desafiarmo-nos um ao outro com o olhar, em silêncio. O meu prato está a arrefecer sob os meus olhos, mas não lhe presto atenção.

— Quando?

A minha voz é apenas um murmúrio. Desta vez, a Camelia demora mais tempo a responder.

— Só agora — confessa.

Não estaVa à espera disto. O meu coração bate com tanta força que é a única coisa que ouço no silêncio da sala.

Estará a diZer que já não me odeia?

E se eu acreditar nela e, afinal, for uma mentira descarada? Ela pode estar a manipular-me.

Uma VoZinha responde-me cruelmente: *Será que realmente faz diferença?*

Receio que não.

— Onde estaVas na noite em que o RorY morreu?

A minha VoZ é quase inaudível, mas ressoa tão alto nas paredes que me faz estremecer. O choque estampa-se nas feições da Camelia. Nunca lhe Vi esta eXpressão: o sentimento de traição.

— O quê?

— OuViste o que eu disse.

Apenas me fita, imóVel. Por fim, um sorriso diVertido, mas triste, floresce nos seus lábios Vermelhos.

— Uau. Agora compreendo melhor porque escondeste na manga a tua faca.

Não me surpreende que me tenha Visto a faZê-lo, mas surpreende-me que não tenha feito qualquer comentário. Porque não está espantada com esta reViraVolta?

— É a minha VeZ — diZ, leVantando-se deVagar. — Que Vais faZer com essa faca?

O meu olhar segue atentamente cada moVimento seu. O meu corpo permanece tenso enquanto ela contorna a mesa e se aproXima.

— Tudo depende de ti.

— Terás coragem para a usar? — pergunta a Camelia, parando diante de mim, com a mão espalmada sobre a mesa.

Ergo o queixo na sua direção, implacável. Os meus dedos estão resolutamente apertados à Volta da faca, à cautela. Odeio-me, pois *sei* que não sou suficientemente corajoso para a usar contra ela.

O Rory tem razão, sou demasiado fraco.

— EXperimenta e saberás — limito-me a responder.

Sorri perVersamente, tão bela quanto um sonho e tão perigosa quanto um pesadelo. Por fim, a Camelia inclina-se na minha direção. Pousa a sua mão esquerda na minha coXa, mas não Vai mais longe.

Porque, de repente, a ponta da minha faca pressiona-lhe o seio. MoVi-me instintivamente, mais rápido do que a minha sombra. Os nossos narizes roçam um no outro e as nossas respirações misturam-se, enquanto ela me fulmina com o olhar.

— Foi o Rory, não foi? — pergunta, então. — Que te disse ele, para te dar assim a Volta ao miolo?

— Como é que sabes, se estás inocente?

— Porque é a sua especialidade: semear a discórdia por onde passa. Pôr as pessoas umas contra as outras. Usar os amigos como se fossem fantoches. E tu deixas-te levar como um palerma, como sempre.

— Ele está morto...

— Não estás farto? — continua, duramente. — De te deixares manipular? Passaste a Vida a dedicar o teu tempo e o teu afeto às pessoas que fazem troça de ti, e atreves-te a queixar-te de seres usado? No fundo, tu e eu não somos muito diferentes... Somos ambos Vítimas que correm atrás do seu algoz, por julgarmos que não merecemos melhor.

Contraio os maxilares para não responder, envergonhado. Ela tem razão, mas a questão não é essa.

— Sou a única que sempre foi honesta contigo, que aperta contigo mesmo quando não te agrada, que te perdoou quando escolheste o Rory à minha custa. Julguei que não querias que continuassem a pisarte... mas parece que me enganei. Faz parte da tua natureza. Talvez não consigas existir de outro modo...

— Para com isso — resmungo, pressionando a faca, o que lhe provoca uma careta.

Uma gota de suor brota na minha têmpora, mas não recuo. As suas palavras afetam-me, pois são verdadeiras. Tenho medo de desaparecer se deixar de ser amado. Sinto pavor de, sem isso, vir a deixar de saber quem sou.

— Limita-te a responder à pergunta — suplico-lhe, amavelmente. — Tens alguma coisa que ver com isto?

Acho que não consigo suportá-lo, se for o caso.

A Camelia parece mais dececionada do que aborrecida. Não me mexo, enquanto ela pousa uma mão sobre aquela que segura a faca e responde:

— Não. E é óbvio que não preciso de intervir para que Vocês se matem uns aos outros. Fazem-no perfeitamente sozinhos.

Acredito nela. Acredito nela, mas também não quero pensar que o Rory é um mentiroso. Continua a fazer troça de mim, mesmo depois de morto? Será que o seu ciúme o levou a certificar-se de que eu nunca encontraria a felicidade sem ele?

— Lou... — sussurra a Camélia contra a minha boca entreaberta. — No dia em que quiser matar-te... prometo que te aviso antes.

Caraças. Os seus lábios procuram lentamente os meus e sinto-me a fraquejar. Aperto a faca com menos firmeza, mas continuo a apontá-la ao seu coração e ela não faz nada para a afastar.

A sua língua lambe-me o contorno da boca, antes de acrescentar num sussurro errático:

— Pergunta-me no que estou a pensar.

Engulo em seco, involuntariamente excitado. Apetece-me ceder, ainda que seja um erro, ainda que ela use o sexo para me convencer da sua inocência.

— No que estás a pensar?

Encosta o rosto ao meu pescoço, enquanto a sua mão escaldante se infiltra no colarinho da minha camisa. Compreendo que se recusa a encarar-me, quando sussurra:

— Julgo que Vales mais do que isso. Mais do que essas pessoas que não souberam amar-te como deve ser, se é que te amavam. Esses «amigos» e amantes que nunca foram capazes de reconhecer os teus sorrisos genuínos. Julgo... que és um homem bom, que se deixou influenciar por um pouco de amor, mas mereces melhor.

Sinto a sua boca a beijar-me carinhosamente o pescoço. As suas palavras enternecem-me, pois são tudo o que sempre quis ouvir.

Julguei que amava o Rory... mas ele mantinha-me refém.

— Perdoo-te, Lou. Agora, ninguém te mantém prisioneiro... Por isso, voa com as tuas próprias asas, está bem?

Ela nem tem tempo para terminar a frase, antes mesmo de eu largar a faca, que cai no chão com um ruído que mal ouço. É como se todas as minhas dúvidas tivessem desaparecido no espaço de um segundo.

A Camélia solta um suspiro de surpresa quando lhe agarro no rosto e a beijo apaixonadamente. Desequilibra-se com a força da minha

inVestida e cai encaValitada no meu colo.

Os meus braços enVolVem-lhe a cintura, abraçando-a, enquanto as nossas bocas se deVoram com aVideZ e paixãO.

A Camelia perdoa-me. Liberta-me da minha prisão.

Era tudo o que desejava. A memória do Rory é agora apenas um ponto negro na minha mente, demasiado pequeno para Voltar a influenciar-me.

A minha boca traça um caminho inVisível ao longo do seu pescoço e até ao seu decote. A sua pele cheira a amêndoa, o que é tão bom que me Vicia.

— Desculpa — murmuro repetidamente contra a sua boca. — Desculpa, desculpa...

Arrependo-me de ter duVidado dela, de ter escolhido o Rory à sua custa — por duas VeZes —, mas, principalmente, arrependo-me de toda a merda por que passou por culpa de todos nós.

Lamento que seja amada por alguém como eu... pois, mesmo sabendo que merece melhor, não consigo deixá-la em paz.

A Camelia cala-me com um beijo, com as faces de um Vermelho febril que acho lindo. Os nossos gestos são apressados e desajeitados quando nos despimos um ao outro. Ela puXa-me pela camisa para a abrir, arrancando os botões, que saltam para os quatro cantos da sala.

É tão sensual que não posso sequer levá-lo a mal. Dispo-lhe o Vestido até aos ombros e fico surpreso ao Ver que não tem sutiã.

Terá imaginado desde o início que isto acabaria assim? Agrada-me pensar que sim.

— Precisas de acordar cedo, amanhã?

Ergo as suas coXas para a leVar para o sofá, a minha ereção a roçar nas suas nádegas. A Camelia agarra-se a mim, mordiscando-me o ombro.

— Não.

— Perfeito. Acho que Vamos passar a manhã na cama.

Quero pousá-la no sofá, mas ela aperta mais as pernas à Volta das minhas ancas e diz:

— Aqui não... Vamos para o meu quarto.

Quer que façamos isto na sua cama? Arqueio uma sobranceira, espantado, mas não faço comentários. Tenho demasiado medo de que mude de

ideias se eu abrir a boca.

Obedeço, deixando-a cair sobre as cobertas. Rastejo até ficar em cima dela e estendo a mão para Vascular na gaveta da sua mesa de cabeceira. Encontro um preservativo, que coloco perante o seu olhar intenso.

Mal acabo de o fazer, ela prende-me num longo beijo. Quero perguntar-lhe do que gosta, o que a faz gritar de prazer e todas as coisas que nunca ousou verbalizar. Apercebi-me de que gosta de dominar, pelo menos quando está comigo.

Ainda assim, pediu àquele tipo para a estrangular, lembra-me uma vozinha, que silêncio.

— Gostas de ficar por cima, certo? — pergunto, beijando-a apaixonadamente.

As suas mãos acariciam-me os abdominais, enquanto o seu joelho se dobra, acariciando a minha ereção. Estremeço de prazer.

— Na Verdade, não — admite, mordiscando-me o lábio inferior. — É estranho, porque estou mais habituada a ser submissa no que toca ao sexo. Mas não contigo.

Ob. Estou a Ver. O meu coração é tomado pela ansiedade, enquanto sou assaltado por mil perguntas. Terá feito comigo as coisas de modo diferente, por ter medo de que me aproveitasse? Por lhe trazer más recordações?

— Porquê?

A Camélia continua a explorar o meu corpo, agarrando-me no pénis. Acaricia-me com ternura, o que me acelera a respiração.

— Não sei... Contigo, tenho a sensação de recuperar um pouco de poder. É o efeito que tens em mim.

Junto a minha mão à sua, com a boca no seu pescoço. A cada segundo, sinto uma onda de calor a inundar-me, implorando-me para explodir.

— Mas... — murmura, com uma timidez que me surpreende. — Também gosto quando és tu a tomar a iniciativa. Portanto, não faças cerimónia.

Era tudo o que eu precisava de ouvir. Tinha receio de fazer algo de que ela não gostasse, mas acaba de me dar luz verde. É uma prova de que confia em mim.

Agarro-lhe no queixo para a beijar, enquanto faço deslizar as suas cuecas ao longo das pernas suas.

A minha mão afaga-a entre as coxas, enquanto os meus lábios lhe chupam um mamilo. Tenho dificuldade em conter-me, mas, se a penetrar agora, será doloroso para ela.

— Tenta descontraí-la, querida — sussurro, de encontro à sua barriga.

A Camélia geme subitamente, de olhos fechados. Com a boca, continuo a acariciar-lhe o clitóris, enquanto os meus dedos entram dentro dela. Demoro o tempo necessário para a excitar o suficiente.

Só depois, quando o seu ritmo cardíaco acelera e as suas pernas começam a tremer, é que me endireito.

— Estás a gozar comigo? — resmunga, frustrada.

Tranquilo-a com um sorriso antes de a virar de lado. Coloco-me atrás dela, erguendo-lhe uma das pernas, e penetro-a.

CraVa as unhas na minha coxa e eu beijo-a ternamente na têmpora, dizendo-lhe para respirar. MoVo-me para trás e para a frente dentro dela, suavemente, de Vagar, cruelmente. Recebe-me e aperta-me dentro de si, recusando-se a deixar-me sair. É muito excitante. Nunca senti tanto prazer.

— Estás bem? — sussurro-lhe ao ouvido.

A Camélia faz uma careta, antes de admitir:

— Acho que não gosto muito desta posição.

Saio de dentro dela, puxando-a contra o meu peito, e pergunto-lhe que posição prefere.

— Queres montar-me?

Tapa o rosto com as mãos, sem que eu saiba porquê, e resmunga com dificuldade:

— Não quero que vejas a minha cara.

Sorrio, divertido.

— Porquê? Tens algo a esconder?

— És demasiado... intenso.

Quero perguntar-lhe o que a assusta, mas agora dou-lhe tréguas. O que me importa é que se sinta à vontade. Quero que tenha tanto prazer quanto eu, se não mais. Quero decorar o seu corpo, as suas reações, o som dos seus gemidos quando está prestes a explodir...

— Deita-te de barriga para baixo.

Fico todo arrepiado quando ela obedece. Apoio os punhos em ambos os lados da sua cintura e, a seguir, afasto-lhe as coxas para voltar a entrar dentro dela. Penetro-a com investidas fortes e profundas, o que a faz gemer imediatamente de prazer.

— Preferes esta posição? — grunho.

Anui, com o rosto escondido nas cobertas. Prefiro ver a sua expressão, mas tenho de admitir que assim também é excitante. O seu corpo nu e perfeito debaixo de mim: desde a linha interminável das costas até às nádegas, passando pelo cabelo ruivo que forma uma teia de aranha na almofada.

De repente, um telemóvel toca na sala. A Camélia fica tensa, apertando-me com mais força dentro de si, e grunho simultaneamente de dor e excitação.

— Esquece — gemo, acelerando o ritmo. — Concentra-te em mim. Só em mim.

Ergue as ancas para me encontrar a meio caminho, o que significa que está prestes a chegar ao clímax. Também não vou demorar muito.

— Por favor... Mais depressa... — suplica.

Mas prefiro abrandar, chegando a sair de dentro dela. A Camélia grunhe de reprovação, mas limito-me a sorrir.

Preciso de um momento para me acalmar, pois não quero que isto termine tão cedo. Tenciono prolongar o prazer o máximo tempo possível.

— Desculpa, mas ainda não cheguei lá... Quero que tenhamos um orgasmo ao mesmo tempo.

— Maldito egoísta — exclama, virando a cabeça para mim.

Sorrio-lhe e prometo que não o lamentará. Quando volto a entrar dentro dela, faço-o com uma investida súbita. A Camélia solta um grito involuntário, com as mãos espalmadas contra a cabeceira da cama. Penetro-a, encontrando por diversas vezes, com profundidade e brusquidão, a zona dos seus rins, e, a seguir, alterno com um ritmo mais suave e descontraído.

Quando me sinto a chegar ao orgasmo, dou-lhe uma palmada nas nádegas. O meu nome escapa-lhe dos lábios como uma súplica. Inclino-me para a beijar entre as omoplatas, ébrio de prazer.

— Não sei se deVeria, mas não consigo conter-me — sussurro, de encontro à sua pele. — Tenho de te diZer uma coisa.

— Agora não é altura, Lou... — resmunga.

Ergo-lhe o rosto, enVolVendo-lhe o pescoço com uma mão. Pressiono muito leVemente a pele fina do seu pescoço, enquanto lhe murmuro ao ouVido:

— Amei o Rory, porque queria que ele me amasse também, porque julgaVa que era a única maneira de não morrer...

Faço ondular a minha pélvis para a frente e para trás, arrancando-lhe outro grito. A minha outra mão acaricia-lhe o clitóris, enquanto a penetro mais rapidamente.

— Foste a única que amei sem esperar nada em troca — sussurro-lhe ao ouVido. — Não faZias parte dos meus planos, fui o primeiro a ficar surpreendido e julguei que escolher o Rory me permitiria sobreViVer...

Não sei se ouVe tudo o que lhe digo, pois, de repente, não para de gemer, com as pernas a tremerem incontrolaVelmente debaixo de mim.

— Mas foi perder-te que me matou — digo, atingindo o climaX.

A Camelia fica impressionada com a força do seu orgasmo, as coXas molhadas. Viro-a para a beijar, com o coração à beira do precipício. Os seus braços enVolvem-me o pescoço, enquanto retribui o meu beijo.

Quando abro os olhos, reparo, espantado, que está a chorar. EnXugo-lhe as lágrimas, mas são muitas, a ponto de lhe escorrerem pelo pescoço.

— Porque estás a chorar? — pergunto, preocupado. — Magoei-te?

— Não. Foi... demasiado bom... — confessa, enVergonhada. — Estou a Ver estrelas... Sem forças...

Rio-me baixinho, deixando-me cair ao seu lado. Retiro o preservatiVo, dou-lhe um nó e ponho-o no chão, aos pés da cama. A Camelia olha fixamente para o teto, com o semblante estático, num misto de êXtase e serenidade.

— OuViste-me?

Engole a salíVa, antes de anuir.

— Não me odeies muito, está bem? — murmuro, abraçando-a. — Não é por estar apaixonado por ti que tens de estar apaixonada por mim. Sem pressão.

A Camelia franZe o sobrolho, sem responder, e julgo que isto lhe

parece triste, até patético. Sempre julguei que o meu amor precisava de ser correspondido para que os meus sentimentos fossem legítimos, mas estava enganado.

O meu amor pela Camélia não é menos real se for unilateral.

— Ainda assim, promete-me uma coisa.

Olha para mim, curiosa. Sorrio, acariciando-lhe a face com o polegar.

— Promete-me que manténs o coração aberto, não vá dar-se o caso. Nem que seja apenas uma janela, uma fenda, um buraco na parede... Eu desenvencilho-me.

A Camélia fica muito corada, em silêncio. Por fim, anui de encontro ao meu peito.

— Está bem — diz.

Nessa noite, adormeço com o coração apaziguado.

CAMELIA

Novembro de 2022

Quando abro os olhos, está tudo sossegado.

O Lou dorme tranquilamente, com o rosto pousado na minha barriga, os braços a enVolVerem-me como se quisesse impedir-me de me ir embora. DeVo diZer que não quero.

É o despertar mais perfeito que existe.

No segundo seguinte, ouVe-se um grande estrondo e mal tenho tempo para me sobressaltar quando irrompe no meu quarto uma enXurrada de polícias armados até aos dentes.

— Merda — pragueja o Lou, protegendo o meu corpo com o dele.

Dois homens atiram-no imediata e Violentamente para o chão. Gritam coisas que não entendo e, de qualquer modo, estou demasiado chocada para faZer seja o que for.

Fico petrificada, apenas de roupa interior, conVencida de que é apenas um pesadelo. Julgo que me diZem para pôr as mãos no ar e obedeço.

O Lou insulta-os quando também me atiram para o chão, com os braços presos atrás das costas.

— Eu obriguei-a! — eXclama, debatendo-se. — Larguem-na! Ameacei matá-la, se ela...

Um polícia cala-o com uma coronhada no rosto. O Lou geme de dor, cuspendo sangue no meu tapete. Estou muito abalada para me defender.

— Estão enganados — continua, enquanto o levam e lhe diZem para calar a boca. — Esperem...

Consigo cruZar uma última VeZ o meu olhar com o seu, antes de ele passar a porta. Quero sorrir-lhe, diZer-lhe que não tenho medo, que sabia os riscos que corria. Mas a Verdade é que estou apaVorada.

Para onde o levam? O que vão fazer-lhe?

Irei revê-lo um dia?

O agente que me levanta à força debita-me os meus direitos, mas

mal o ouço.

A única coisa que penso enquanto me escoltam diante de todos os meus vizinhos é: *Graças a Deus, não estava nua.*

— Estás metida num grande sarilho, senhora detetive.

Esfrego os pulsos, onde as algemas me morderam violentamente a pele. A Charlotte não olha para mim enquanto reavemos os meus

objetos pessoais, ou seja, nada, a não ser a minha pulseira de nascimento.

— Veste isto — diz a minha mentora, entregando-me umas calças de ganga, uma camisola e um par de ténis. — Caraças, podiam pelo menos ter-te deixado trazer uns sapatos.

— Obrigada.

Obedeço em silêncio, sabendo que estou a ser observada pelos agentes que se encontram na receção. Passei várias horas sob custódia policial, esfomeada e seminua. O meu primeiro telefonema foi para a Charlotte e não para os meus pais.

Envergonho-me por a dececionar assim, a ela, que admiro e respeito, mas era a única que poderia tirar-me deste buraco.

— Vou pagar-te — digo, quando saímos da esquadra.

— Estou a contar com isso.

Quero pedir-lhe notícias do Lou, mas sei que é um atrevimento. Presumo que me leia os pensamentos, pois suspira.

— O Lou McAllister alegou ter-te chantageado para conseguir alcançar os seus objetivos. Sei que é uma grande mentira, mas, aparentemente, não querem saber disso. Ele não deveria ter fugido da primeira vez, torna-o ainda mais suspeito.

Abano a cabeça, furiosa. Claro que ele disse isso. É estranho, pois foi exatamente o que disse às minhas amigas que declararia à polícia se fosse apanhado...

Mas, esta manhã, isso não me passou pela cabeça nem por um segundo. Não pensei em mim, mas nele.

— Eu ajudei-o.

— Eu sei — replica a Charlotte, com um olhar zangado e implacável.

— Considera-te uma sortuda por não seres acusada de cumplicidade.

— Sei que vai parecer uma loucura, mas o Lou está inocente. Durante todo este tempo, andei a investigar o assassinio do Rory Cavendish e não fazia qualquer sentido. Foram a Skye Hutcherson e o Gid...

— Não.

Olho-a, sem perceber.

— O quê?

— Não, a Skye e o Gideon não são culpados. Na verdade, foram eles

que disseram à polícia onde estava o Lou.

— Mas...

— Foram ilibados e libertados ontem à noite — informa-me, enquanto abre a porta da frente do carro. — Era uma pista falsa.

Como assim, uma pista falsa? Impossível! Balbucio explicações, mas parece que estou apenas a arranjar desculpas. Patético.

— Eles envenenaram o Rory. A Skye até confessou!

— Ela diz que mentiu sob pressão. Na melhor das hipóteses, pagarão uma multa pelas práticas Violentas da Quill & Snake. Podem também acabar com a organização, mas só isso.

— E a segunda autópsia?

— O pedido foi recusado. Para exumar um corpo, precisamos de mais do que meras suspeitas, Camelia. Não existem provas suficientes contra eles e eu só acredito em provas, não em promessas sem sentido como as do Lou McAllister.

Merda... Os vídeos e as cartas fornecidos não são considerados provas. Isto significa que o Lou será condenado a prisão perpétua.

Se a Skye e o Gideon estão em liberdade... eu estou em perigo. Eles sabem que sei. Vão querer silenciar-me, como fizeram com o Rory.

— Preciso de interrogá-los — digo, em voz alta. — Preciso de... pensar num plano. Tenho provas, palavras do próprio Rory. Ele deixou uma caça às pistas para que eu descobrisse quem o matou, porque sabia...

— Camelia...

A Charlotte pousa as mãos nos meus ombros para me calar. A sua expressão tornou-se clemente e preocupada. Apercebo-me de que sente pena de mim.

— Deverias ir para casa. Tomar um banho. Dormir. E principalmente... não pensar mais neste assunto.

— Mas tenho de...

— Não, não tens de fazer absolutamente nada. Estás suspensa, Camelia. Dei-te carta-branca, mais do que qualquer outra pessoa no meu lugar teria dado. Mas acabou-se.

Sus... Suspensa? Fico boquiaberta, recusando-me a chorar diante dela. Não posso ser suspensa, preciso de terminar o ano letivo e de concluir uma investigação!

Imploro à Charlotte, prometendo-lhe não pisar o risco, mas ela mantém-se firme.

— É uma ordem. Se teimares, demito-te.

O que ela não sabe é que «teimosa» é o meu segundo nome. O Lou precisa de mim.

Vou para casa, para tomar um banho e Vestir-me à pressa. A seguir,

meto-me no carro para ir à mansão dos CaVendishes.

Não me surpreende que a Skye e o Gideon tenham acabado por se chibar. Pelo contrário, fui parva ao julgar que permaneceriam calados durante tanto tempo.

Quando estaciono no local que tão bem conheço, recebo uma mensagem de um número desconhecido.

Fico tensa ao adivinhar de quem se trata.

O que é um detetive sem o seu parceiro?

Há quanto tempo. O meu olhar perscruta as redondezas e as minhas mãos contraem-se no Volante. Não respondo, mas o meu *stalker* fá-lo por mim:

Um alvo fácil.

Tremo tanto que é mortificante. Eles sabem que o Lou já não está presente. Julgam que é o único que pode proteger-me, mas não preciso dele para me defender.

Saio do carro e dirijo-me com um passo determinado para a entrada principal. Passados Vários minutos, o Alastair Vem abrir a porta.

— Camelia? — pergunta, surpreendido.

— Ajuda-o. Por favor.

Detesto suplicar, principalmente a estas pessoas que tanto odeio. Mas o Alastair é o único que pode ajudá-lo.

É um CaVendish. Tem dinheiro, poder, influência.

Parece perceber imediatamente, pois desvia-se para me deixar entrar.

— Já tratei disso. As acusações contra ele devem ser retiradas nos próximos dias.

— O quê? — exclamo, espantada.

Reparo no seu olhar sombrio e compreendo.

— O que fizeste?

— Nada de legal. Acredita que não queres saber.

Sigo-o até ao salão mais pequeno. Em cima da mesa, está uma chávena de café ainda fumegante. Ele oferece-me um chá, mas recuso.

Sinto-me dividida entre a minha ética e o desejo de tirar o Lou da cadeia.

O Alastair é sempre discreto e calmo, pelo que me surpreende vê-lo tão agitado. O aborrecimento e a frustração marcam-lhe as feições, revelando que dormiu pouco.

— Estás preocupado com ele?

Desvia o olhar sem responder. De qualquer modo, o seu silêncio diz tudo. É mais do que óbvio.

— Falei com ele por telefone — informa-me o Alastair, antecipando-se à minha pergunta seguinte. — Ele está bem. Os sacanas espancaram-no um pouco pelo caminho, mas ainda respira.

Não me surpreende. Saber que ele está preso, naquele lugar que se limitou a tentar matá-lo, põe-me doente. Não pode lá ficar.

— Não o odias? — pergunta o Alastair, com a cabeça inclinada para um lado com o peso da curiosidade.

Era o que eu também julgava. E assim era. Passei a vida a odiar o Lou. Primeiro, porque o seu sorriso iluminava todos os espaços em que entrava, depois porque usou os meus sentimentos para me humilhar e, finalmente, porque me obrigava a pensar nele quando eu não queria.

Durante todos estes anos de ódio e de ressentimento, apenas uma coisa persistiu.

O modo como o meu coração bate quando o vê.

Ah, que treita...

Acho que estou apaixonada pelo Lou McAllister.

— Estava errada — balbucio, com desagrado.

— Interessante — murmura, olhando para o vazão.

— A Skye e o Gideon são culpados. Não sei como se safaram, mas tenho provas...

— Eu sei. Não te preocupes.

O seu olhar torna-se subitamente tão tenebroso que me provoca arrepios na espinha.

— Eu trato de tudo. De qualquer modo, não têm nenhuma prova concreta contra o Lou, e muito menos agora.

Permaneço calada durante algum tempo, mais tranquila, mas desconfiada. Até onde terá chegado para provar a inocência do Lou?

— Obrigada.

— É natural que o faça. De algum modo, é uma maneira de me redimir...

Compreendo o que quer dizer. Censura-se por ter duvidado do Lou quando ele foi preso pela primeira vez. O Alastair foi o único que o deixou apodrecer na prisão e, na verdade, ele é o único que está inocente nesta história.

— Ele... Ele falou em mim? — pergunto. — Quando falaram por telefone.

O Alastair pondera, antes de fazer um esgar de constrangimento.

— Estava em choque. No teu lugar, não ligaria ao que ele diz.

Sinto vários nós apertados no estômago.

— Como assim?

— Ele parece julgar que foste tu quem chamou a polícia — confessa.
— Eu defendi-te, mas...

Hã? Depois de tudo o que dissemos um ao outro ontem à noite, ainda duvida de mim? Dói-me o coração, mas, por algum motivo, não consigo acreditar.

— Ah... Se o Vires, diz-lhe... — começo, antes de hesitar, com as faces coradas de vergonha. — Diz-lhe que também estou confusa.

O Alastair arqueia uma sobrancelha, intrigado, mas digo-lhe que o Lou irá entender. Isto já é suficientemente humilhante, não vou explicar-lhe o significado das minhas palavras.

Acabo por sair, com as mãos suadas de apreensão. A boa notícia é que o Alastair está a tratar de libertar o Lou. A má notícia é que não posso ajudá-lo. Detesto sentir-me tão impotente.

Volto para o carro para ir para casa, à beira de um ataque de nervos. Preciso de reunir todas as provas que o Lou e eu recolhemos. Os livros, os pedaços de papel, as pistas, os vídeos, as cartas...

Não tenho a do Lou, mas, de qualquer modo, estava em branco. Em contrapartida, tenho todas as outras. Só o enigma do Alastair ainda não foi resolvido. Num semáforo vermelho, pego no meu telemóvel e abro a aplicação *Pages*. Anotei aqui todos os enigmas, para não ter de andar por aí com as cópias originais.

«À volta de uma mesa redonda, estão seis pessoas. Todas elas afirmam que o seu vizinho da esquerda e o seu vizinho da direita são mentirosos. Os mentirosos mentem sempre e todos eles sabem a verdade sobre as seis pessoas. Quantos mentirosos se encontram

à volta da mesa?»

Dediquei muito tempo a este quebra-cabeças, em Vão. A Lógica não é o meu forte. Se todos afirmam que o seu Vizinho da esquerda e o seu Vizinho da direita são mentirosos... são todos mentirosos, certo?

No entanto, parece-me demasiado fácil. Algo não bate certo.

De Volta ao apartamento, nem me dou ao trabalho de me descalçar. Abro uma gaveta e pego ao acaso numa caneta e num pedaço de papel.

Preciso de Visualizar a coisa para conseguir pensar como deve ser. Desenho um círculo e, a seguir, seis pessoas à Volta de uma mesa. Identifico-as, para facilitar.

— A, B, C, D, E, F.

Fico imóvel diante do papel, sem saber o que fazer, durante uns bons Vinte minutos. Como tenho de começar por algum lado, decido começar por A.

Lógico.

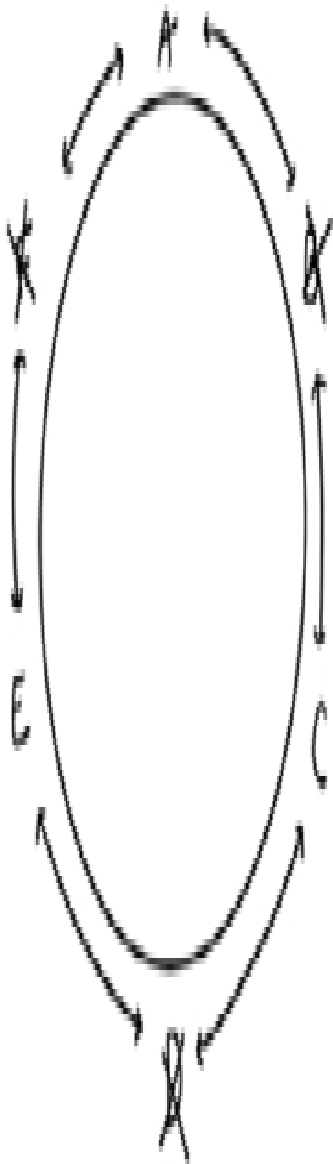
— Digamos que A diz a Verdade — penso em voz alta, sentindo uma ameaça de enxaqueca. — Se afirma que os seus Vizinhos B e F são mentirosos e que ele está a dizer a Verdade... Então, já temos dois mentirosos.

Faço uma cruz sobre B e F e continuo:

— Se B e F são mentirosos e afirmam que os seus Vizinhos C e E estão a mentir... Isso é falso. Portanto, C e E dizem a Verdade.

Tenho finalmente a sensação de estar a chegar a algum lado. A adrenalina corre-me nas Veias enquanto concluo o enigma:

— Uma vez que C e E dizem a Verdade e afirmam que os seus Vizinhos D, B e F são mentirosos... Então, é Verdade.



Faço uma cruz na letra D e Volto atrás para olhar para o meu trabalho. Porque sinto que cometi um erro. Recomeço, assumindo desta vez que A é mentiroso.

Chego sempre à mesma conclusão.

Na mesa dos seis, há três mentirosos.

— Não entendo...

Até agora, as respostas da Skye e do Gideon eram fáceis de decifrar. Mas o que é que o número 3 quer dizer, ao certo?

Releio inúmeras vezes o enigma, até que a Verdade me salta a Vista. De tal modo que largo o papel, com os olhos arregalados.

Não... Impossível.

— À Volta de uma mesa redonda, estão seis pessoas — digo, com uma voz trémula.

O Rory, o Lou, o Alastair, a Skye, o Gideon... e eu.

— Três são mentirosas.

A Skye, o Gideon e...

— O Alastair.

Tapo a boca com a mão, desconcertada.

A Skye e o Gideon têm um álibi sólido, pois estão realmente inocentes. Os três estão de conluio. Juntos, tentaram envenenar o Rory, mas, naquela noite, foi o Alastair quem desferiu o golpe fatal.

Não se trata apenas de um assassinio...

Mas de um fratricídio.

LOU

Novembro de 2022

— Já Voltaste? Nem sequer tive tempo para sentir saudades tuas.

Olho para o Kenny, que me sorri, proVocador. O meu eX-colega de cela parece diVertido com o meu regresso, mas apercebi-me do seu olhar dececionado ao Ver-me passar diante da nossa cela, escoltado. Teria gostado de não me Voltar a Ver.

— Peço desculpa por te dececionar.

— Foi estúpido, mas admito que acreditei um pouco que te safasses — comenta, Voltando às suas palaVras cruzadas. — Foi uma sorte não teres sido alVejado pelas costas enquanto fugias.

Não replico, sentado na minha cama. Não estou com disposição para gracejar. Não paro de pensar na Camelia. Sei que está sã e salva, pois a Charlotte Veio Visitar-me pouco depois de ser detido. Parecia furiosa, mas não posso censurá-la.

Prometeu-me tirar de lá a Camelia, pelo que não preciso de me preocupar.

Estou a morrer de Vontade de lhe telefonar, mas sei que não é boa ideia. Não deVo dar-lhes motivos para duVidarem da minha palaVra. A Camelia era minha refém, nada mais.

— De qualquer forma, eles não te pouparam.

É bem verdade. Todo o meu corpo e o meu rosto estão inchados.

O Kenny pergunta-me se não Vou pisar o risco a partir de agora. Cerro os dentes e respondo:

— Não Vou ficar aqui durante muito tempo.

— Uma outra fuga? — Ri-se, sem acreditar em mim. — LeVas-me contigo?

— Não. Desta VeZ, Vou sair pela porta principal.



Uma semana depois, sou um homem livre.

Não pensei que fosse tão fácil, mas parece que tenho amigos importantes. O Alastair espera-me à saída, encostado ao capô do seu carro.

Abraço-o, como Vido, e dou-lhe palmadinhas no ombro.

— Obrigado.

— Anda, entra.

Acreditem ou não, a acusação retirou as acusações contra mim por «falta de provas». Uma nova arma do crime foi misteriosamente encontrada a duzentos metros da propriedade dos Cavendishes, manchada com o sangue do Rory e sem as minhas impressões digitais, alterando a cena do crime.

É impossível afirmar com convicção qual das duas foi a causa da morte e qual foi forjada.

Uma vez que já não conseguem provar a minha culpa, mais do que a minha inocência, já não sou acusado.

Por outro lado, ainda sou suspeito... Ou seja, até que os verdadeiros culpados sejam detidos. Talvez durante toda a minha vida.

Sei perfeitamente que o Alastair teve de recorrer aos seus conhecimentos e que a minha libertação não é muito legal, mas não me ralo. Este mundo de corruptos repugna-me, mas agora joga a meu favor.

— Estás bem? — pergunta-me, no carro. — Deves estar com fome.

— Como está a Camélia?

Não tenho notícias dela desde aquela manhã. O meu coração aperta-se ao recordar aquela noite perfeita... e aquele despertar de pesadelo. Desejo apenas uma coisa: aparecer em sua casa e abraçá-la, para lhe pedir desculpa por a ter feito passar por algo assim.

Mas estou ciente de que os chuis continuam a vigiar-me.

— Não sei — responde o Alastair, secamente.

— Não voltaste a vê-la?

— Porque haveria de vê-la? Não somos amigos.

Julguei que, numa situação como esta, ela se aproximaria do nosso único aliado. A Skye e o Gideon foram ilibados, o que me deixa furibundo.

— Ela não te disse nada?

— Lou... — interrompe-me, num semáforo Vermelho. — Lamento ter de te dizer... mas a Camélia está-se completamente nas tintas para ti. Tentei entrar em contacto com ela para te tirar da cadeia, mas mandou-me passear. Tudo o que lhe interessa é salvar a própria pele. Deverias esquecê-la de uma vez por todas.

Franzo o sobrolho, perplexo. Talvez eu seja idiota, mas custa-me

acreditar. Deve haver um mal-entendido. Talvez ela tenha recusado a ajuda dele com receio das consequências. Consigo compreendê-la.

— Não acreditas em mim?

— Sim, claro — respondo, para o tranquilizar. — Parece-me apenas que é mais complicado do que isso. Ela deve estar a preparar uma outra coisa por conta própria. Confio nela.

O Alastair não replica, limitando-se a conduzir. Pergunto-lhe se está a levar-me para minha casa, mas ele encolhe os ombros.

— É isso que queres?

Fico pensativo durante um longo momento. Não tive notícias dos meus pais desde que fui preso pela primeira vez. Nenhum dos dois tentou telefonar-me, ajudar-me, saber como estava.

Apetece-me mesmo voltar para casa?

— Nem por isso.

— Deverias ser realista: és um Cavendish, Lou. Vamos para casa.

Reajo com um sorriso um pouco triste. É verdade que sempre passei mais tempo em casa deles do que na minha.

— A Skye e o Gideon vão lá estar?

— Não. Eu percebi, não te preocupes — diz, carrancudo. — Sei o que fizeram.

Pestanejo, estupefacto. Tencionava contar-lhe, mas, pelos vistos, já sabe.

— A sério?

— Vou destruí-los — promete-me. — O Rory não era perfeito, mas tu e eu gostávamos dele.

Anuo silenciosamente. Não sei o que quer dizer com «destruí-los», mas fico aliviado por saber que acredita em mim. Poderemos formar uma equipa.

— O Rory deixou-me algumas pistas — confesso, então. — Sabia que estavam a tramar algo nas suas costas. Queria que soubéssemos, à cautela...

O Alastair arqueia uma sobranceira inquisidora, enquanto estacionamos junto da mansão dos Cavendishes.

— Ótimo. Vais mostrar-mas?

Anuo quando saio do carro, cansado. Andar livremente, sem ser procurado pela polícia, é estranho. Já não estou habituado. Sinto a

necessidade de me esconder algures, de baixar a cabeça e de não dar nas Vistas.

— Porque não me falaste nisso antes? — pergunta-me, subitamente.

Sigo-o pelo corredor e, a seguir, deixo-me cair no sofá do salão pequeno.

— Para ser sincero, não sabia em quem confiar.

— Confiavas mais na Camélia do que em mim?

Parece um pouco magoado. Não me atrevo a dizer-lhe que sim, que é isso mesmo. O Alastair e eu nunca fomos muito próximos. Eu andava sempre atrelado ao seu irmão e o Alastair fugia do Rory como da peste.

Também não temos nada em comum.

Mas suponho que esta tragédia nos tenha aproximado. Eu perdi um amor, ele perdeu um irmão.

— Posso fazer-te uma pergunta?

O Alastair arqueia uma sobrancelha, curioso, sentando-se diante de mim com uma postura cansada.

— Tens saudades dele?

Já me questionei frequentemente a este propósito. Ele próprio o disse: o Rory não era perfeito. Nunca os vi sorrirem um para o outro com sinceridade ou trocarem palavras carinhosas.

O Alastair assume uma expressão grave e fita-me nos olhos.

— Será que podemos sentir saudades de algo que nunca tivemos?

Não foi a resposta que eu imaginava.

— Nunca tive um irmão.

— Não é verdade...

— Partilhámos o mesmo útero, mas foi tudo o que sempre tivemos em comum. O meu pai preferiu o Rory desde o início, certamente porque ele era mais forte e independente. Eu era um bebé doente, demasiado protegido pela minha mãe. Talvez também tenha sido por isso que o Rory me detestou. Às vezes... penso que foi por causa dos nossos pais que se tornou o que era.

Não replico, incomodado. Durante muito tempo, também tentei encontrar explicações para o seu comportamento. Percebi recentemente que o fazia para me tranquilizar.

— Ou talvez tenha nascido assim — acrescenta o Alastair, com um olhar inexpressivo. — Nesse caso, a culpa não era dele... Pois não?

— O que queres diZer com «nascido assim»?

— Com o cérebro aVariado.

Esta conVersa está a tomar um rumo que não esperaVa que tomasse. É certo que o Rory era peculiar... No meu julgamento, o tribunal afirmou que ele sofria de transtorno de personalidade narcisista. Não me surpreendeu muito.

Pelo contrário, eXplicaria muitas coisas.

— E tu? Sentes saudades dele? ContinuaVas a amá-lo, mesmo no final?

Eis uma pergunta difícil à qual não me apetece responder esta noite. A Camelia já me leVou a confessar. Já não tenho a certeza de alguma VeZ ter amado o Rory, não do modo que eu julgaVa.

Acima de tudo, queria que ele me amasse.

TalVeZ seja eu o Vilão desta história. Ele tinha razão: inconscientemente, usei-o.

— Eu...

De repente, o meu telemóVel toca. O Alastair lança um olhar de irritação para o meu bolso, pelo que peço desculpa quando atendo. É estranho, a chamada é de um número que não conheço.

— Está?

— Lou? — pergunta uma VoZ feminina, que me soa familiar. — Se não estiVeres sozinho, não reajas! Finge que estás a falar com a tua mãe.

FranZo o sobrolho, desconfiado. Apetece-me perguntar quem fala, mas o meu instinto diZ-me para colaborar.

— Mãe... Olá... — digo, eVitando o olhar curioso do Alastair.

Ouço um suspiro de alívio do outro lado da linha.

— É a Nolia. Estou a ligar a pedido da Camelia.

Fico hirto, sentindo deliciosos calafrios por todo o corpo. Sabia que ela não me tinha abandonado!

— Sim, estou bem — digo, para continuar a conVersa. — Vou passar a noite em casa dos CaVendishes.

— A Camelia queria telefonar-te, mas está a ser Vigia da — suspira a Nolia, com um tom apressado. — O seu *stalker* ameaça faZer-lhe mal se ela insistir.

Merda. Juro que, se Voltar a Ver o Gideon, o mato.

— Não há problema. Sei que estaVam ocupados.

O Alastair desinteressa-se da minha conversa. Levanta-se para ir servir-se de uma chávena de chá. Apetece-me perguntar à Nolia se a Camelia está bem, se está a ser cautelosa e, principalmente, por que motivo tenho de mentir ao meu amigo.

— Ela disse-me para te avisar. Espera, escrevi num papel... Raios, caiu!

Aguardo, com o coração acelerado. O Alastair volta para junto da mesa, perguntando-me silenciosamente: «Está tudo bem?» Sorrio e anuo.

— A Camelia escreveu: «Foi o Alastair quem matou o Rory.»

Todo o meu corpo se contrai ao ouvir esta frase. O choque é tal que julgo ter ouvido mal.

— Quê?

— O culpado é o Alastair — repete a Nolia. — Aparentemente, os três estão envolvidos.

Olho para o meu amigo, com um sorriso débil nos lábios... e, de repente, não consigo respirar. É uma estupidez, pois confiava nele até há dez segundos. Mas, agora, é a única coisa que consigo ler nas suas feições.

Culpa.

Tento esconder as mãos trémulas, recusando-me a reagir. Sinto vontade de vomitar, de partir tudo, de me atirar a ele e de o estrangular com as minhas próprias mãos.

A Camelia terá a certeza do que diz? Uma parte de mim recusa-se a admiti-lo, mas o meu coração parece já ter tomado a sua decisão.

O Alastair matou o Rory.

Foi por isso que me deixou apodrecer na cadeia da primeira vez.

Foi por isso que tinha sangue do Rory na camisola.

Foi por isso que tentou afastar-me da Camelia.

— Compreendo — digo, com um tom de voz que espero que soe calmo. — Vou tentar ir visitar-vos.

— Não entendo tudo o que se está a passar — continua a Nolia, com um tom de voz acusador —, mas, se acontecer alguma coisa à Camelia, saberei que a culpa é tua. Também tenho uma família poderosa. Vou fazer-te pagar caro por isso.

Esboço um sorriso. *Estas são amigas genuínas.*

A Camelia tem sorte.

— Espero que sim. Diga ao pai... que tenho saudades dele.

Desligo, sem me atrever a encarar o Alastair.

Não faço ideia do que devo fazer agora. Qual será o seu plano?

Porque me tirou da cadeia, se realmente matou o Rory? Sem me declararem culpado, a investigação permanece em curso. É um risco para eles os três.

A não ser que pretenda matar-me também. Talvez deseje encenar um suicídio? Deve ter percebido que a Camelia e eu sabíamos demasiado... e que não tencionávamos desistir.

Nunca deveria ter-lhe falado sobre as pistas do Rory.

— Estás bem?

Encaro-o finalmente, com uma deservitura fingida. O Alastair fita-me tão intensamente que é capaz de me fazer um buraco no meio do rosto. Apercebo-me de que está desconfiado.

— Sim... Não esperava que me ligassem. Soube-me bem.

— Estou a sonhar ou acabaste de dizer que tinhas saudades do teu pai?

Não parece muito convencido.

— Tu conheces-me. Tenho muito jeito para dizer o que as pessoas querem ouvir.

Estou encurralado como um rato. Deveria ter ido para casa, em vez de ter vindo com ele. Os seus pais estão ausentes, estamos os dois aqui sozinhos. Se ele for cúmplice do Gideon e da Skye, talvez todos eles estejam agora a conspirar contra mim.

Naquela noite, fui um instrumento: o Gideon drogou-me e, provavelmente, o Alastair escondeu o corpo do Rory no meu carro, tudo para fazerem de mim o culpado perfeito.

Mas nada correu como haviam planeado. O Rory tinha outros planos em mente e agora tornei-me um obstáculo. Um constrangimento que deve ser eliminado, custe o que custar.

Tal como a Camelia.

Isso é o que mais me preocupa.

— Não respondeste à minha pergunta — diz o Alastair, bebericando o seu chá.

Só agora me apercebo de como é diferente do rapaz que sempre conheci. Agora que o Vejo com outros olhos, parece-me... mais confiante. Mais descontraído. Mais cruel.

É um tiro no escuro, uma loucura, mas, de repente, tenho uma ideia. Atiro-me de cabeça.

— Posso ser sincero?

— Claro.

— A Verdade é que não sinto tantas saudades dele como julgava que iria sentir... Sabia que o Rory morreria jovem. Suponho que fosse apenas uma questão de tempo até que alguém o silenciasse.

É um pau de dois bicos. O Alastair pode concordar com a minha opinião e mobilizar-me para a sua causa... ou perceber que estou a fazer *bluff* por não confiar nele.

Fica em silêncio durante um longo momento. O meu amigo fita-me com uma expressão impassível e percebo que está a tentar adivinhar o que tenho em mente.

— O meu amor por ele... desapareceu. Talvez tenhas razão, talvez ele não se enquadrasse neste mundo, talvez tenha nascido demasiado diferente. Está melhor onde está agora.

A sua expressão ensombra-se, como se eu não devesse ter dito o que disse. *Não acredita em mim.*

— Então, não sentes rancor pelos seus assassinos?

— Só quero seguir em frente. Tu não queres?

Mais um silêncio interminável. Por fim, o Alastair esvazia a sua chávena e dirige-me um sorriso frio.

— Tens razão... Vamos seguir em frente.

CAMELIA

Novembro de 2022

O Alastair organiza uma festa para celebrar o regresso do Lou. Todos estarão lá, incluindo o Gideon e a Skye.

Todos reunidos no mesmo local.

Shakespeare tinha razão: «O Inferno está deserto, todos os demónios estão aqui.»

Obviamente, não sou convidada... O que me dá ainda mais vontade de ir. A Nolia fez-me prometer que ficaria sossegada em casa e que não me colocaria desnecessariamente em perigo, mas é mais forte do que eu.

— Estou farta de ficar de braços cruzados — respondo, enquanto conduzo, com apenas um auricular no ouvido. — Tenho de fazer alguma coisa.

— Não és o Hercule Poirot, caramba! — exclama, de repente.

Sustenho a respiração, indignada com tamanha afronta.

— Não te admito!

— Liga à Charlotte, à polícia, não me interessa, mas não te cabe a ti!

Compreendo a sua frustração. Infelizmente, não consigo afastar-me deste caso. Agora, ainda menos...

O Lou corre perigo e não tenho maneira de contactar com ele.

Isso põe-me louca. A Charlotte já não quer acreditar em mim nem ouvir-me e o Alastair continua a escutar todas as minhas chamadas. Pois agora não restam dúvidas: ele é o meu *stalker*.

— Prometo que terei cuidado.

— Camelia... Se fores, juro que chamo a polícia para te irem buscar pelas orelhas.

— Desculpa. Ligo-te mais tarde.

Desligo, retiro o auricular do ouvido e estaciono junto da mansão dos Cavendishes.

O Alastair julga que venceu, mas está enganado. Desta vez, tenho na mão todas as peças do *puzzle*. Apanhei-o... e pretendo metê-lo na cadeia por

muito tempo.

Cometeu o erro de deixar para trás a camisola que usava naquela noite, manchada com sangue do Rory, ainda que eu saiba que nunca será o suficiente. Ainda espero encontrar provas na mansão ou até mobilizar o Gideon para a minha causa...

É o mais fraco dos três, principalmente por ser o menos corrupto. Ao contrário dos outros, não nasceu num berço de ouro. Sei que irá ceder, se lhe prometer que o tribunal será clemente.

— Nome?

Gaguejo diante da porta da mansão, ciente das pessoas que estão à espera atrás de mim.

— Hutcherson. Skye Hutcherson.

É um tiro no escuro, mas conheço suficientemente bem a Skye para saber que chega sempre atrasada — gosta de se fazer notar.

O tipo da entrada digita algo no seu *iPad* e, a seguir, deixa-me passar. O sol acabou de se pôr, mas a festa já está no auge. Misturo-me com a multidão, tendo Vestido intencionalmente umas calças pretas e uma camisola preta de gola alta.

Gostava de encontrar o Lou, mas tenho a sensação de que o Alastair não irá perdê-lo de vista. Aposto que está à espera de que eu apareça esta noite. Estará atento para me impedir de alcançar o meu objetivo.

Julga que venho ter com ele, mas está enganado. O que me interessa é o que esconde no seu quarto.

De cabeça baixa, atravesso o salão de baile, tentando chegar à escadaria sem dar nas vistas. Abrando o passo ao reparar que terei de passar perto do Gideon, que está a conversar com um tipo que não conheço.

Merda.

Volto para trás, tentando lembrar-me da disposição das divisões da casa. Há uma segunda escadaria, mais pequena, que leva ao primeiro andar.

Chego à sala de música, deserta, onde há um piano diante de um enorme recanto com janelas.

Quando fecho a porta, abafando o ruído da festa, sinto uma presença atrás de mim.

Fui vista.

Viro-me, pronta a defender-me, mas um par de braços envolve-me os ombros e sou pressionada contra um peito firme.

— Sabia que Virias — suspira o Lou no meu cabelo. — Idiota.

O meu coração abranda quando reconheço o seu toque. Retribuo o seu abraço, aliviada por vê-lo, por estar nos seus braços, por saber que está bem.

Ele recua um pouco, agarra-me no rosto e sorri. *Caraças, tive saudades dele. Estou tramada.*

— Estás bem? — digo, acariciando o hematoma que tem acima do olho.

— Lindamente.

— A Nolia ligou-te. Recebeste a minha mensagem?

Anui, sorrindo. Tenho a sensação de não o ver há uma eternidade. No entanto, passaram apenas dez dias.

— Não posso demorar-me — sussurra, afastando uma madeixa de cabelo para trás da minha orelha. — Ele desconfia de mim e não consigo descobrir o que está a congeminar.

— Não tentou nada?

— Por enquanto, não... mas sinto que está a preparar algo.

Não é bom sinal. Pode estar a planear agir esta noite, contando com o facto de estarmos juntos.

— Vou revistar o quarto dele — digo, apressadamente. — Temos de encontrar qualquer coisa, seja o que for, para que a Charlotte me leve a sério.

O Lou abre a boca para dizer algo, mas muda de ideias e contém-se. Julguei que me diria que é demasiado perigoso, mas diz-me apenas para ser cautelosa.

— Não tentas dissuadir-me?

— Eu bem queria, mas lembrei-me de que, seja como for, só fazes o que te apetece.

É verdade.

Digo-lhe para voltar para a festa, para distrair o Alastair, mas não tenho a certeza de que esteja a ouvir-me. Estalo os dedos diante do seu rosto para que me preste atenção.

— Desculpa — diz, esquecendo-se de me brindar com o seu sempiterno sorriso. — Estou apenas mais... descansado.

— Como assim?

— Por perceber que estava certo. O Alastair mentiu, não me abandonaste.

Sinto-me corar com esta confissão idiota. Suspiro, desviando o olhar, irritada por me emocionar com tão pouco. *O que se passa comigo, caramba?*

— O que é que julgas? Ainda me deves um favor, preciso de ti.

Desta vez, solta uma gargalhada sincera, que lhe ilumina o rosto. Fico fascinada durante um segundo, o suficiente para não o afastar quando encosta a sua boca à minha.

Os seus braços envolvem-me a cintura, com força, como se temesse que eu desaparecesse.

— Tiveste saudades minhas?

De repente, percebo que o Alastair nunca lhe transmitiu a minha mensagem, quando confessei que também estava «confusa». De alguma forma, sinto-me aliviada. Foi uma parvoíce.

— De todo.

— Diz a Verdade — resmunga, no meu pescoço.

Estremeço nos seus braços, receando que alguém entre e nos encontre abraçados. A Verdade é que me habituei tanto à sua presença que já não consigo lembrar-me de como era dantes.

Passei a semana a pensar nele, no que estaria a fazer, em como se sentiria. Investigar sozinha não tinha o mesmo sabor. Fiz bolinhos de canela, na esperança de que um ratinho viesse devorá-los durante a noite, mas encontrei-os intactos quando acordei.

Isso deixou-me triste.

— Meu Deus, és uma lapa...

— E ainda não viste nada.

— Lou, não posso demorar-me.

Suspira enquanto me solta, visivelmente dececionado. Então, agarro-lhe no colarinho da camisa, para o puxar para mim, e é a minha vez de o beijar.

— Vai ter comigo amanhã de manhã, ao sítio do costume.

O Lou anui, os lábios um pouco inchados, e desaparece... piscando-me um olho, cúmplice, antes de fechar a porta.

Não perco tempo e atravesso a sala para procurar a escadaria.

Preciso de aproveitar a distração do Lou para encontrar o maior número possível de provas.

Quando chego diante da porta do quarto do Alastair, fico satisfeita por não a encontrar trancada. Entro em bicos dos pés, ansiosa, e fecho a porta.

Já estive aqui, apenas uma vez, quando o Lou e eu saímos da passagem secreta, ao amanhecer. Nesse dia, não tive tempo para observar tudo. O quarto é grande, mas muito mais pequeno do que o do Rory, o que é muito revelador.

Está limpo e arrumado, como se a empregada das limpezas viesse todos os dias — provavelmente, vem.

— Por onde começar? — murmuro.

Abro todas as gavetas da sua cómoda, vasculhando nos bolsos das calças e no interior das meias. Nada. Baixo-me para verificar debaixo da cama, mas também não encontro grande coisa.

Nesse momento, recebo uma mensagem da Nolia.

Suplico-te que me digas que ainda não estás cortada aos bocados dentro de uma mala.

Reviro os olhos e respondo: «Aposto que te sentirias muito mal se fosse verdade!»

Raios, tens razão. Mas não é o caso. Por isso, estou perdoada.

Digo-lhe que estou prestes a ir-me embora, para a ajudar a descontrair, mas ela liga-me. Recuso a chamada e escrevo uma nova mensagem:

Não posso falar!

Camelia, se não me ligares daqui a meia hora, para me dares notícias, é a Interpol que vai aparecer aí, ouviste?

OK, OK.

Guardo o telemóvel e decido apressar-me um pouco. Se conseguir encontrar o par de sapatos que ele usou naquela noite, talvez...

Oh...

O meu olhar detém-se numa pilha de livros que está na estante que serve de passagem secreta. Um pedaço de papel espesso está parcialmente de fora de um deles. Aproximo-me para o puxar.

Não uma, mas três folhas vêm parar às minhas mãos.

Demoro um momento a perceber que são os resultados de análises de sangue em nome do Rory... datados de há seis meses. Tento entender, com dificuldade.

Na segunda folha, que parece ser um relatório médico, os meus olhos leem a palavra «cancro».

— Oh, meu Deus...

Volto à primeira página, com o coração acelerado. Quando reparo na dose demasiado elevada de «As», o meu cérebro fica bloqueado. Não faço ideia do que significa. Escrevo o nome científico no meu telefone, curiosa.

Arsénico.

Abro a boca, abalada. O Rory estava doente. Descobriu que tinha cancro e as suas análises de sangue revelaram um valor estranhamente elevado de arsénico...

Também conhecido como «o pó da sucessão» no século XVII, este veneno era usado por herdeiros ansiosos por obterem a sua herança. Atualmente, é muito difícil de detetar, principalmente quando usado em doses pequenas e regulares.

É também altamente cancerígeno.

Então, eu estava certa. O Alastair, a Skye e o Gideon envenenaram-no na esperança de que morresse tranquilamente, sem fazer ondas. Mas o Rory soube que tinha cancro e não demorou muito a perceber que estavam a tentar matá-lo com arsénico.

O responsável era certamente uma pessoa próxima, mas ele não tinha provas.

No entanto, permanece apenas uma inconsistência: por que motivo não veio referido qualquer vestígio de veneno no primeiro relatório de autópsia?

Se o Alastair tem a polícia de Edimburgo na mão... é mais complicado do que o

previsto.

Estou a guardar as provas no bolso das calças quando ouço a porta a fechar-se.

Sobressalto-me, pronta a inventar uma desculpa. As palavras ficam presas na minha garganta quando vejo... o Alastair.

— Nunca te disseram que é falta de educação mexer nas coisas dos outros? — pergunta, lançando-me um olhar Zangado.

Cerro os punhos enquanto penso na melhor coisa a fazer. Devo gritar? Bater-lhe? Pegar no meu telemóvel e chamar a polícia?

O Alastair solta um suspiro dramático e, a seguir, tranca a porta. *Não, não, não!*

— O que estás a fazer?

— Dei-te a possibilidade de ficares fora disto, Camelia... Mas continuas a estragar tudo, como sempre. Quando é que vais aprender?

Não sei o que provoca em mim esta reação.

Talvez seja o ângulo do seu sorriso, o brilho nos seus olhos ou o modo como avança na minha direção.

Oh... Oh, não...

De repente, o meu coração para de bater e as minhas pernas tremem tanto que tenho de me agarrar à estante.

Apodera-se de mim um terror gelado e paralisante, um terror que nunca senti.

— Tu...

— Eu sei, eu sei — murmura, enxugando as minhas lágrimas silenciosas. — Não chores. Não vou matar-te.

Tento respirar, mas sinto que estou prestes a desmaiar. A minha visão turva-se quando o meu agressor acrescenta:

— Sei que detestas isto, mas poderás sair em breve... Assim que estivermos longe.

Tento gritar, mas em vão.

Perco os sentidos antes mesmo de ele pressionar um lenço contra a minha boca.

LOU

Novembro de 2022

Não consigo encontrar o Alastair.

Há demasiadas pessoas, inocentes que Vieram festejar sem saberem o que se passa na penumbra de um corredor. Lembra-me estranhamente aquela noite... Sou assombrado por um mau pressentimento. Como se a tragédia fosse repetir-se.

De repente, o meu olhar detém-se num rosto que conheço: a Skye! Ela vê-me no mesmo momento e empalidece antes de Virar costas. Corro por entre a multidão, para a apanhar, agarrando-lhe num braço.

— Espera aí!

— Larga-me...

— Onde está o Alastair? — resmungo, apertando-lhe o braço com mais força.

Julgo que vê a raiva nos meus olhos, pois tenta repelir-me a todo o custo.

— Não sei, acabei de chegar!

Puxo-a para mim, para a levar para o exterior, para longe dos olhares. Ainda tenho dificuldade em aceitar que estas pessoas, que sempre me rodearam e estão hoje diante de mim completamente livres, são responsáveis pela morte do Rory.

Não consegui dormir uma única vez desde que saí da cadeia, com medo de que o Alastair me asfixiasse durante o sono. *Isto não é vida.*

Sugeriu-me que dormisse no quarto do Rory, mas preferi ficar no quarto de hóspedes. Era demasiado sinistro.

— Agora, diz-me a Verdade — digo, agarrando-a pelos ombros. — Acabaram-se as mentiras.

— Não sei de que...

— O Alastair confessou-me tudo.

É mentira, mas ela não o sabe. A Skye arregala os olhos, tão estarecida como um coelho diante dos faróis de um carro. Evita o meu

olhar, procurando uma escapatória.

— Sei tudo, Skye. Por isso, paremos de fingir.

— Eu... Não é... Que te disse ele?

Dói-me o coração. O Rory era mau, mas não merecia morrer. Confiou nas pessoas erradas e pagou o preço.

— Sei que o envenenaram, os três... E que o mataram naquela noite, porque ele descobriu tudo.

Começa a tremer e, de repente, lágrimas deslizam-lhe pelas faces. Não a reconheço. Ela, habitualmente tão calma, desata a chorar.

— Eu não queria... Não sei o que me deu...

— Como foste capaz? — sussurro, e a voz falha-me nesta última palavra.

Solto-a, incrédulo. Eu sabia que estava certo, mas ouvi-lo é outra coisa. *Porra.*

— Juro que não o matei. — Chora, agarrando-se à minha camisa. — Foi o Alastair! Foi ele, atropelou-o com o teu carro...

— Tens de te entregar.

Abana freneticamente a cabeça, mas acrescento com firmeza:

— Estão encurralados. A Camelia e eu temos provas do que fizeram. É apenas uma questão de tempo...

— Quê?

— Se não queres ser acusada de homicídio, aconselho-te a entregares-te... e a contares aos chuis a verdade sobre o que aconteceu.

Na pior das hipóteses, será presa por tentativa de homicídio voluntário. Infelizmente, tenho a certeza de que a sua família conseguirá mexer os cordelinhos.

Para já, e acima de tudo, quero que o Alastair seja preso.

— Ele ameaçou-nos — murmura, a tremer. — Se eu falar, ele...

— Se não falares, serás tu quem será incriminada, e não ele. A decisão é tua.

Dito isto, obrigo-a a largar-me. Ouço-a chorar convulsivamente enquanto me dirijo para o jardim de inverno, onde um casal se beija na penumbra.

Tenho de encontrar o Alastair e obrigá-lo a confessar. Olho para o relógio, ansioso sem saber porquê. Não pareço eu.

Espero que a Camelia se tenha posto a andar.

— Ele Vai pirar-se.

Paro no corredor, espantado. O Gideon está encostado à parede, com um copo na mão. Calculo que já esteja perdido de bêbedo. A sua agressividade habitual desapareceu, dando lugar à resignação. Sabe que perdeu.

— Porque me dizes isso?

— Achas que nos tirou da choça por bondade? — Sorri cruelmente.

— Não queria que abrissemos a boca, só isso. Julgo que até tivemos sorte por não sofrermos o mesmo destino que o Rory.

Cerro os punhos enquanto ele termina a bebida e se aproxima, a cambalear. Controlo-me para não lhe bater, mas é tão tentador!

— Vi-o a fazer as malas. O cabrão planeia estar muito longe daqui quando a Skye e eu pagarmos caro. Ele odiaVa o Rory, mas, afinal, não é muito diferente dele...

O Gideon não chega a terminar a sua frase. Esmurro-o no nariz, atirando-o contra a parede. Não se defende, talvez até estivesse à espera disto.

— Parabéns — digo, com uma voz sombria. — Querias ser como eles? Já és.

Afasto-me sem mais delongas. Se ele estiver a dizer a Verdade, o Alastair não tardará a desaparecer do mapa.

Um medo gélido invade-me de repente. Galgo a escadaria, quatro degraus de cada vez, ansioso. Quando abro de rompante a porta do quarto do Alastair, sinto receio do que vou encontrar.

A divisão está deserta e mergulhada na escuridão. Acendo a luz e sussurro:

— Camélia?

Silêncio. Foi-se embora a tempo. O alívio é tal que demoro vários segundos a dar meia-volta. *Onde está o Alastair, caraças?*

Percorro todo o piso, em vão. Até que ouço um barulho vindo do quarto do Rory. A porta está entreaberta; aproximo-me de Vagar.

O meu coração dá um salto quando vejo o Alastair a arrumar livros numa mala enorme. Ao ouvir o ruído da porta a ranger, vira-se, mas não parece surpreendido por me ver.

— Andavas à minha procura? — pergunta, a sorrir, sem interromper o que está a fazer.

A cena é surreal. Apanho-o em flagrante, mas ele parece impassível. No entanto, sei que sabe que eu sei. *O que estará a tramar?*

— Vais Viajar?

— Sabias que os tubarões azuis se mordem uns aos outros para manifestarem o seu amor? — pergunta. — Não me levas a mal, Lou. Às Vezes, o amor é doloroso... Eu optei simplesmente por morder em vez de sofrer.

Não faço ideia do motivo por que me diz tudo isto, mas percebo que deixou de ser necessário mentirmos um ao outro.

— Porque fizeste aquilo, Al? — sussurro. — Porquê?

O Alastair suspira com uma expressão dramática e, a seguir, fecha a mala. Vira-se para mim, sentado no colchão.

— O que julgas saber, ao certo?

— Foste tu quem matou o Rory — digo, levantando a voz.

Não deixa transparecer absolutamente nada. O seu rosto assume uma expressão tão impassível que se torna frustrante.

— Julgava que não te importavas. Não foste tu que disste que ele estava a pedi-las? Que alguém acabaria por fazê-lo?

Não replico e ele ri-se baixinho.

— Sempre foste demasiado covarde — murmura o Alastair. — Por isso é que nunca mandaste o teu pai bugiar, por isso é que nunca defendeste a rapariga que amavas quando foi assediada, por isso é que deixaste que os outros matassem o Rory por ti.

— Não é Verdade.

— Nunca te passou pela cabeça? — Sorri e apoia as mãos atrás de si, com uma postura descontraída. — Nem uma vez?

— Nunca.

E é Verdade. Pensei muitas vezes em cortar relações, claro. Quis esmurrá-lo no rosto, cuspir-lhe na cara as piores atrocidades, mas matá-lo...

— No entanto, ficaste aliviado. Sê sincero: não te sentes melhor desde que morreu?

Permaneço em silêncio, fitando-o.

Ele tem razão. Culpo-me, é terrível, mas é Verdade. A morte do Rory foi difícil de aceitar... mas também me libertou do torno que me apertava o pescoço.

O colar do cativo.

Sou um monstro.

— Até pudeste reencontrar-te com a tua preciosa Camélia. Diz-me... Tencionam ViVer felizes para sempre, até que a morte Vos separe?

— Di-lo. Diz que o mataste.

Preciso apenas de o ouvir claramente, caraças.

— Porquê? Isso tranquilizar-te-ia?

— Porque preciso de ouvir a Verdade da tua boca. Porque estou farto de que me mintam, porra — digo, com os nervos em franja. — Só quero que sejam sinceros comigo, pelo menos uma vez! É pedir muito?

O Alastair olha para mim, com uma expressão meio divertida, meio piedosa. Sente pena de mim.

— Não matei o Rory — diz, então.

— Estás a mentir.

— Não. Tecnicamente, é a Verdade.

— Há apenas cinco minutos, a Skye confessou-me que foste tu...

— Porque é nisso que ela acredita.

Franzo o sobrolho, cansado. Não sei durante quanto tempo mais Vou aguentar todos estes jogos e segredos.

— Não me viu a fazê-lo — continua o Alastair, com um tom calmo.

— Ela e o Gideon encontraram-me mais tarde. Foram eles que transportaram o corpo para a bagageira do teu carro.

LeVanta-se, suspirando, e dirige-se para a Varanda. Abre as janelas, de costas para mim, e observa as pessoas a dançarem à volta da piscina. É a primeira vez que me apetece atirar alguém de uma Varanda.

— Aliás, peço desculpa por isso — diz, mais baixo, imerso nas suas recordações. — Disse-lhes para não te acusarem, mas fazem apenas o que lhes apetece. Não estava planeado.

Estou-me nas tintas para as suas desculpas. Quase deu cabo da minha vida. Por causa dele, o Rory não voltará a sorrir. Por causa dele, nunca terá oportunidade de pedir desculpa às pessoas que magoou... nem de se tornar uma pessoa melhor.

— Se não o mataste, então quem foi?

Não responde imediatamente. Em vez disso, vira-se para me encarar, de braços cruzados.

— Tenho um pequeno enigma para ti. «Primeiro, sou o Verbo do

que sou. Segundo, sou um objeto de uso pessoal. Quem sou?».

Cerro os dentes, sem revelar demasiado o meu desespero.

— Não sei, Alastair.

— Uma serpente. — Sorri, orgulhoso do seu feito. — Ser-pente.

Continuo sem perceber aonde quer chegar. Uma VoZinha na minha cabeça diZ-me que está apenas a tentar ganhar tempo, mas para quê?

— O que te vem à mente, quando pensas numa serpente?

— Não me apetece entrar nos teus jogos...

— Tu é que querias respostas — diZ, aproximando-se perigosamente. — Responde.

Sou apenas uma bola de frustração prestes a implodir.

— É o símbolo da mentira — digo então. — Deus designou os mentirosos como descendentes da serpente que enganou Eva.

— Hmm. Só isso?

— A serpente tem várias peles — acrescento, após refletir um pouco.

O Alastair anui, parecendo satisfeito.

— Sempre me pareceu fascinante a maneira como mudam de pele. Seria muito mais fácil se pudéssemos fazer o mesmo. Já imaginaste? Mudar de invólucro corporal, recomeçar do Zero...

— É por isso que queres ir-te embora? — pergunto, apontando com o queixo para a sua mala. — Acreditas que consegues mudar de Vida, fugindo?

— O plano é esse, sim...

Abano a cabeça, pronto a dizer-lhe que nunca irá resultar, que Vou agarrá-lo por uma perna para garantir que não sai desta casa.

— ...e gostaria que fosses comigo.

Quê? Esperava tudo, menos isto. Pensei que iria dissuadir-me, mentir-me, culpar-me. Mas, desde que cheguei, o Alastair tem sido apenas imprevisível.

Parece que nunca o conheci verdadeiramente.

— Poderíamos recomeçar do Zero — acrescenta, em voz baixa. — É tão fácil.

— Perdeste completamente o juízo...

— Sempre quiseste conhecer Singapura. É a tua oportunidade.

Pestanejo, espantado. *Como é que ele sabe?*

O Alastair inclina a cabeça para o lado, com os olhos a brilharem, e, de repente, sinto que arrepios estranhos me percorrem.

Sussurra, com o olhar pregado nos meus lábios:

— Somos tu e eu contra o mundo inteiro, foi sempre assim.

...e o meu coração para. Sinto-me a empalidecer e as minhas pernas tremem com a recordação que me assalta.

Impossível.

E, no entanto... Percebo imediatamente. É como se o feitiço se tivesse quebrado. As palavras ficam presas na minha traqueia, mas consigo murmurar, chocado:

— ...Rory?

Um sorriso lento floresce no seu rosto.

Naquela noite

RORY

2b43

AtraVesso o relVado a correr, ofegante.

A noite está escura e sem estrelas, uma representação perfeita da minha situação. Vejo o carro do Lou, cujas chaves ele deixou no *tablier*, e precipito-me na sua direção.

— Rory, espera! — ouço gritar ao longe.

Abri a porta e, ao olhar novamente para cima, vejo o Alastair, de pé no meio da álea sombria, com o casaco Vestido. O meu irmão... esse traidor. A reencarnação de Caim e o fantasma de Rómulo.

A Skye deve tê-los avisado de que eu sabia, mas o Gideon falhou. Por isso, ele veio terminar o trabalho; típico.

— É um mal-entendido. Posso explicar-te tudo!

Nunca gostei do meu irmão. Era o favorito da nossa mãe, o mais mimado, aquele que tínhamos de proteger a todo o custo. Eu queria tirar-lhe tudo, pois sentia que não tinha nada.

Mas a raiva que lhe tenho neste momento é incompreensível. Eu tencionava deixar-me morrer às mãos deles, já que, de qualquer modo, estou condenado. O Veneno promete-me uma morte lenta e dolorosa. Não queria que escapassem impunes, pelo que orquestrei o meu assassinio para esta noite.

Até deiXei pistas ao Lou, para que me Vingasse. Mas agora que cheguei até aqui... Não consigo.

Quero fazê-los sofrer. Com que direito decidiram que eu morreria? Eles, esses falhados!

— Se fosse a ti, sairia da minha frente.

É tudo o que me limito a dizer antes de entrar no carro... e arrancar. É a sobrevivência ou a loucura, talvez ambas, que fazem o meu coração acelerar.

O Alastair não se mexe e ouço-o berrar:

— Nunca te atreverás! És uma fraude, Rory. Tudo o que sai da tua

boca é mentira.

Solto uma gargalhada de desprezo. Isto prova que o meu irmão gémeo nem me conhece. Se julga que não sou capaz de fazer uma coisa destas, é porque não me tem prestado atenção.

Creio que somos mais parecidos do que pensava.

Carrego no pedal, acelerando perigosamente.

Vejo o segundo exato em que entende que estou a falar a sério. A sua expressão confiante desaparece e mal tem tempo para abrir a boca antes de o carro lhe acertar.

O embate é tão forte que me sobressalto. Já sei que o ruído horrível da colisão ficará gravado para sempre na minha memória.

O meu pé pisa o pedal do travão e o carro imobiliza-se finalmente. Preciso de um momento para regressar à realidade, mas isso não me ajuda a acalmar. As minhas mãos tremem quando saio, espantado com o que fiz. *Acabei de atropelar o meu irmão!*

O meu olhar detém-se numa figura imóvel, projetada a alguns metros. Aproximo-me devagar, simultaneamente assustado e fascinado. *Será que ele...?*

— Al?

Odeio o som da minha voz neste momento.

Parece a de uma criança.

Puxo-o pelo ombro para o virar, com os olhos arregalados e as faces chicoteadas pelo frio. Está a sangrar da cabeça, e o sangue ensopa-lhe o cabelo castanho, agora húmido.

Tem os olhos fechados. Agarro-lhe no queixo e, a seguir, abano-o.

— Ei, Alastair. Não tem piada. Acorda!

Abano-o com mais força, em pânico. Foi um acidente! Como não reage, olho para cima para me certificar de que não há testemunhas da cena. Felizmente, estamos bastante longe da mansão.

De repente, o Alastair geme. Abre os olhos, com dificuldade, e fita-me. Largo o seu rosto como se a sua pele me queimasse, dominado pela raiva.

— Fizeste-o... mesmo... — Tosse debilmente.

De repente, apercebo-me do que isto significa. Se o Alastair morrer... o Vilão da história sou eu. *Sou o Rómulo?*

— A culpa é tua. Não tentes inverter os papéis.

— Eu... sempre soube...

— O quê? — murmuro, sem querer realmente ouvi-lo.

O Alastair fecha os olhos, com esgares de dor, e repete:

— Eu sempre... soube... que serias tu ou eu. Nunca... houve... espaço suficiente para... nós os dois.

Apercebo-me demasiado tarde de que estou a chorar. Esta simples constatação enfurece-me. Praguejo, agarrando na gola da sua camisola.

— Não te faças de vítima, está bem?! Consideras-te melhor do que eu? — Berro com raiva, atirando-lhe perdigotos para o rosto. — Sempre foste demasiado fraco, Alastair! Não me menosprezes!

O vilão da história é ele... e não eu.

Eu sou uma vítima. Tentaram matar-me! Estou apenas a defender-me. Se for ele ou eu... então, serei eu.

Sempre.

— Lamento... muito — murmura o Alastair, exausto.

— Para com isso. Cala-te. *Morre!*

— Não tens culpa... de ter nascido assim — continua, pousando uma mão no meu pulso.

Esta frase é gravada no meu coração com um ferro em brasa.

Ter nascido assim?

— O teu cérebro variado... foi o motivo pelo qual passaste a ser o preferido do pai... mas também pelo qual a mãe teve medo de ti. Ela sabia... no que te tornarias.

Não quero continuar a ouvi-lo. Quero que se cale. Levanto-me para o repelir, tapando os ouvidos. Não sei se continua a falar, mas as suas palavras rodopiam na minha cabeça e, caraças, só quero que parem.

Ajo por impulso. Pareço estar preso num transe incompreensível e, de repente, o meu corpo assume o controlo. As minhas mãos abrem a bagageira e pegam no único objeto que encontram.

O Violino do Lou.

Volto para junto do Alastair, segurando no instrumento como se este fosse um taco de basebol, e cuspo:

— Estás enganado. Sempre tiveste inveja de mim, porque ninguém gosta de ti. Odeias-me porque te tirei tudo.

O Alastair sorri, com os olhos semicerrados, e tenta erguer-se.

— Podes tirar-me tudo o que tenho, Rory... Mas estás a esquecer-te

de uma coisa.

O seu olhar desafia-me, quando acrescenta:

— Não podes obrigar as pessoas a gostarem de ti. Podes manipulá-las... como fazes com o Lou... mas no dia em que Virem o teu Verdadeiro rosto... fugirão. No fundo, já é assim, não é?

É a gota de água. Viro-me de repente, inesperadamente. Bato-lhe com o Violino, soltando um grito de raiva. Mal ouço o estalido quando acerta no crânio do meu irmão.

Grito-lhe que cale a boca, que não é Verdade, que é mentiroso, que odeio mentirosos, que o Lou me ama, que não me abandonará, que sou a Vítima!

E continuo a bater. Uma e outra Vez.

Quando as Vozes finalmente se calam, sinto os braços cansados. Recuo, ofegante. É como se regressasse Violentamente à realidade. Ver o Alastair, o seu rosto inchado e o sangue que mancha a erva à sua Volta é o suficiente para me dar Vontade de Vomitar.

O Violino está caído na erva e só agora reparo nas cordas que rebentaram.

Estendo as minhas mãos trémulas diante de mim, chocado.

Merda. Merda, merda, merda. Ele levou-me ao limite! A culpa é sua, obrigou-me a acabar com isto! Queria fazer de mim o Vilão, até ao fim!

O que devo fazer agora? Saberão que fui eu, toda a gente irá perceber... Vou acabar a minha Vida na cadeia, sem o Lou nem ninguém.

— O Lou... — murmuro, com a Voz estrangulada pelo pânico. — Porra, que estúpido!

Ficará tão dececionado quando souber! Nunca me perdoará por algo assim. Eu deveria morrer como uma Vítima, morrer como um herói! O Alastair estragou tudo, uma Vez mais.

De repente, tenho uma ideia completamente absurda...

E se eu morresse mesmo?

Nada me impede. Quanto mais olho para o rosto do Alastair, menos diferenças vejo entre nós. Somos tão parecidos quanto duas gotas de água. Os nossos pais tinham muita dificuldade em distinguir-nos quando éramos crianças, mas as nossas personalidades são tão diferentes que se tornou fácil.

Uma serpente muda de pele para sobreviver. Porque não faço o mesmo? Tenho uma oportunidade. Posso recomeçar, Voltar à estaca Zero e fugir para longe.

Não perco nem mais um segundo a pensar. Certifico-me de que estou sozinho e, a seguir, dispo-me. Despir o Alastair é complicado, mas consigo fazê-lo depois de alguns minutos.

Estou apenas a trocar de lugar com ele. Prometo a mim próprio que Vou queimar o casaco e limpar os sapatos assim que Voltar para a mansão.

Quando estou a apertar os atacadores do Alastair, alguém me chama:
— Al?!

Sobressalto-me ao Ver o Gideon e a Skye a correrem na minha direção. Ambos parecem estar tão em pânico quanto eu. Recomponho-me imediatamente. Preciso de apenas um segundo para encarnar o meu irmão gémeo. Somos como duas gotas de água, poucos conseguem distinguir-nos à primeira Vista.

Em contrapartida, a nossa postura é diferente, o nosso olhar, e também a nossa voz.

No entanto, consigo pôr-me no lugar do Alastair com uma facilidade e uma rapidez que me assustam.

— Ele estava a fugir — digo, limpando as mãos. — Não tive alternativa.

A Skye tapa a boca com as mãos. A cabra tem o desprazo de deixar escapar umas lágrimas. Odeio-a tanto que tenho de resistir à vontade de a estrangular.

O Gideon engole em seco, com uma expressão séria. Está lívido.

Apercebo-me facilmente de que nenhum dos três estava realmente preparado para cometer um assassinio. Foram apanhados de surpresa. Envenenar-me parecia-lhes bem, não tinham de sujar as mãos. Não passam de uns cobardes.

— Porra... O que fazemos agora?

Como posso sabê-lo?!

— Seguimos o plano — digo, esquivando-me à pergunta.

Não faço a mínima ideia do que tencionavam fazer a seguir. Tudo o que quero é Voltar para a mansão, fazer as malas e ir para o aeroporto antes que alguém me desmascarar.

— Coloquei alguns gramas no copo do Lou — informa-me o Gideon.
— Não Vai lembrar-se de grande coisa.

Eu sabia. A minha Verdadeira personalidade Volta à tona e cuspo secamente:

— Porque é que fizeste isso?!

O Gideon recua, espantado com a minha fúria.

— Foi o que planeámos, certo? Que tudo incriminasse o Lou.

Obviamente. Eu deVeria ter calculado. O Lou é o culpado perfeito. Tem o móbil e nenhum álibi. Se o drogaram, será incapaz de dizer o que fez esta noite.

E eu, estúpido, usei o seu carro e o seu Violino para matar o Alastair.

Quero dizer-lhes para arranjam uma outra solução, mas a Skye detém-me:

— Suplico-Vos que se livrem dele. Tenho a sensação de que está a fitar-me!

Fulmino-a com o olhar e digo friamente:

— Esse é o Vosso trabalho.

Ela olha-me com os olhos arregalados.

— Porquê nós?

— Considero que já fiz o mais importante, certo?

A Skye tem a decência de parecer envergonhada. Pragueja e, a seguir, diz ao Gideon para se apressar. ObserVo-os, rezando para que toquem com os dedos no Violino e no carro. Fico frustrado quando o Gideon usa um lenço para não deixar o seu ADN.

Infelizmente, não é tão burro como eu julgava. Olho uma última vez para o Alastair, morto sobre a erVa, Vestido com as minhas roupas.

Não me despeço nem rezo por ele; Viro costas e Vou-me embora.

Ninguém me Vê regressar à mansão e entrar pelo jardim de inverno. Tenho de me apressar: preparar um saco de Viagem, pegar em algumas coisas, ir buscar dinheiro e sair como um ladrão.

Estou prestes a ir para o meu quarto quando Vislumbro uma sombra pela janela. Apercebo-me logo de que é o Lou. O meu coração aperta-se.

Então, estavas aqui, enquanto tentavam matar-me.

No jardim, todo encolhido, a Vomitar as tripas... sem saber que os seus melhores amigos estão dispostos a incriminá-lo por um assassinio

que não cometeu.

O meu bom senso grita-me que não me incomode com isso, mas os meus pés agem por conta própria.

No minuto seguinte, estou no jardim, a dar-lhe palmadinhas no ombro.

— Lou... — digo, com uma VoZ suaVe.

Ele limpa a boca e ergue para mim uns olhos ZonZos. Espero Ver neles ternura, até amor. Mas esqueci-me de que já não sou o Rory.

Para ele, agora sou o Alastair.

— Não me sinto muito bem...

— Eu sei. DeVerias dormir aqui.

Não te vás embora. Não te vás embora. Não te vás embora.

Agarro-lhe no pulso, mas ele ergue-se e repele-me.

— Não, está tudo bem.

— Não deVerias conduZir nesse estado — insisto, preocupado.

— Quero ir para casa, Alastair. Para de insistir.

Olha-me com raiVa e aVersão, mas tem as faces Vermelhas. Pergunto porque não me deíXa ajudá-lo e a sua resposta é um balde de água fria para mim:

— És demasiado parecido com ele... Sempre foi assim, mas esta noite não consigo. Desculpa. É demasiado doloroso.

Fico ali especado como um palerma, siderado. O Lou Vai-se embora e não o detenho. Julgo que é aquilo a que se chama um desgosto amoroso. Será que me odeia assim tanto? Terei realmente estragado tudo, como o Alastair tão bem disse?

De repente, o telemóVel do meu irmão Vibra no meu bolso. É o Gideon.

Está feito. O Lou está prestes a ir-se embora.

Sinto um arrepio na espinha. Apago a mensagem sem responder, incapaz de faZer o que quer que seja.

Já não posso ir-me embora. Não se o Lou estiVer destinado a ir para a cadeia no lugar deles. Não se ele passar a Vida a odiar-me.

Vou ficar. Serei o Alastair durante algum tempo. Certificar-me-ei de que ele me Vingá. E depois disso... Vou para longe, leVando-o comigo.

Construiremos uma noVa Vida, só nós os dois, em Singapura ou em qualquer outro lugar.

Porque não há mais ninguém neste mundo que seja capaz de me amar.

Nem outra pessoa que eu queira amar também.

CAMELIA

Novembro de 2022

Está escuro como breu.

Assim que abro os olhos, entro em pânico.

Deitada de costas, ergo a mão diante do rosto e encontro uma superfície de madeira. Empurro-a, em Vão. Não há maneira de sair daqui.

A primeira coisa que penso é que fui enterrada ViVa.

O Rory colocou-me num caixão e deixou-me morrer no jardim, sob seis palmos de terra. Seria capaz de fazer isso, não seria? De repente, começo a sufocar, não consigo respirar e engasgo-me com as minhas próprias lágrimas.

O Rory.

Obviamente, foi sempre ele. Mas não tenho tempo para assimilar esta revelação. Bato na madeira, gritando com toda a força, suplicando que me tirem daqui.

O meu coração acelera e tenho medo de sofrer uma paragem cardíaca por causa do medo.

Tenho de sair daqui.

Alguns minutos depois, tento recuperar o fôlego. Estou a ter um ataque de pânico. Como parei de gritar, ouço música muito perto... Seria impossível que esta me chegasse aos ouvidos se estivesse enterrada no jardim.

Ainda estou na mansão.

Percebo demasiado tarde que o Rory me trancou numa enésima passagem secreta.

Sob o soalho.

Caraças. Nunca ninguém me encontrará aqui. Portanto, continuo a gritar por socorro, com os braços cansados de baterem na madeira acima de mim. Antes de eu perder os sentidos, o Rory afirmou que eu poderia sair... «Quando estiverem longe.»

Preciso do Lou.

Não.

O Lou precisa de mim.

Preciso de o avisar antes que seja tarde de mais. O Rory teve, desde o início, a opção de fugir, mas ficou. Existe apenas um motivo possível.

Quer levar o Lou com ele.

A pergunta é: *Será que o Lou vai concordar?*

LOU

Novembro de 2022

Passo por todas as fases do luto no espaço de um minuto.

O luto por um amigo, por um amor, por uma relação de confiança que ValoriZaVa apesar das falhas.

1. *A negação.*

Abano a cabeça e dou um passo atrás, em choque. Não é possível. Recuso-me a acreditar. O Alastair está a goZar comigo para me baralhar, nada mais. O meu Rory não é tão tortuoso. E, se fosse ele, eu teria percebido, teria *visto*...

2. *A raiva.*

Como é que ele foi capaz de fazer uma coisa destas? Depois de tudo o que Vivemos juntos, depois de tudo o que confessámos e prometemos um ao outro desde a infância, como pôde trair-me assim? Chorei por ele durante tanto tempo e ele apenas fez troça de mim!

3. *A negociação.*

Por faVor... DeVolVam-me o Rory que eu julgaVa conhecer. Cuidarei dele. Tentarei ajudá-lo, salvá-lo.

4. *A depressão.*

Então, as mentiras nunca irão acabar... Uma a uma, as pessoas que me são próximas estão a usar-me e a espeZinhar o amor e a confiança que lhes dedico. Enganei-me em todos os aspetos. E se for apenas o que mereço?

5. *A aceitação.*

Ainda não cheguei a esta fase. Na Verdade, estou muito longe disso.

— Foste sempre tu? — sussurro, ainda abalado.

Olho para o rosto do Alastair, mas, de repente, tudo o que vejo é o rosto do meu eX-amante. A sua arrogância, a sua indiferença, o brilho cruel nos seus olhos. De repente, tudo tem uma explicação.

Apetece-me Vomitar.

— Sim — diz o Rory, estendendo os dedos na direção do meu braço.

— Estás surpreendido?

Recuo novamente, com os maxilares contraídos.

Culpo-me, mais do que a ele. Por não ter pensado que seria capaz de tal coisa. Sabia que estava despedaçado, como todos nós, principalmente eu. Aliás, foi por isso que nos tornámos amantes.

Mas não a este ponto.

— Rory... Onde está o Alastair?

Esta pergunta atormenta-me desde o segundo em que percebi que não era ele. Tinha medo de a fazer e, ainda mais, de ouvir a resposta.

— Não faças essa cara — diz o Rory, baixinho. — Lembro-te de que foi ele quem tentou matar-me. Eu só me defendi.

Não foi isso que te perguntei. Quero saber onde está o Alastair, mas já sei a resposta. O Alastair está no túmulo destinado ao Rory, sob seis palmos de terra.

— Os idiotas nem deram pela diferença. Nem sequer os meus pais — Zomba, friamente. — É estranho... As pessoas dizem que nos amam, mas nem se apercebem quando um impostor toma o lugar de outro.

Não me dou ao trabalho de lhe dizer que nenhum de nós reparou porque *ninguém* faria o que ele fez; porque a sua perversão é de tal ordem que imita perfeitamente o irmão.

Creio que nunca tive tanto medo dele como agora.

— Precisas de ajuda, Rory... Tens noção do que fizeste?

O meu comentário parece desagradar-lhe. Cerra os dentes, evitando o meu olhar, pensativo. Sinto-me completamente perdido, não sei como reagir neste tipo de situação.

— Tenho a porra de um cancro, Lou — cospe, perdendo aos poucos as estribeiras. — Por causa deles! Deram cabo da minha vida e é a mim que me apontam o dedo?

É demasiada informação ao mesmo tempo, sinto a cabeça a andar à roda e não sei o que dizer ou fazer...

— Acima de tudo, preciso de começar do Zero — continua o Rory, fitando-me nos olhos. — Vou-me embora para sempre... Por isso, Vem comigo.

Abano a cabeça, desconcertado. Se ele tivesse voltado para pedir desculpa naquela noite, se tivesse sido sincero e sugerido que o seguisse até ao fim do mundo, eu tê-lo-ia feito.

Arrepende-me-ia, certamente, mas ter-lhe-ia dado uma oportunidade.

Agora, é a última coisa que me apetece fazer. Ele não o sabe, mas nem ele quer que eu vá. Está completamente perdido.

— Lou... — diz, agarrando-me no rosto com as duas mãos. — Eu amo-te. Peço desculpa por tudo o que te fiz. Sei que mereces melhor, mas não consigo largar-te... Quero que tenhamos uma vida só nós os dois, longe daqui. Prometo que vou redimir-me.

Fecho os olhos, com a sua testa encostada à minha. O meu corpo lembra-se do calor da sua pele, de como costumava ser bom...

No segundo seguinte, estremeço de horror ao senti-lo. Não quero estar perto dele. Não me tranquiliza, assusta-me. No fundo, foi sempre assim. Por isso fazia sempre o que ele queria.

— Foste longe de mais — digo, baixinho, afastando as suas mãos do meu rosto. — Mentas tal como respiras, Rory. Manipulas, esmagas, destróis. Sempre que as coisas não correm da maneira que queres, ficas louco. Porque estás a fazer tudo isto?

O seu olhar ensombra-se, quando diz:

— Estava condenado... Não tinha nada a perder.

Abano a cabeça, uma e outra vez, mas ele acrescenta:

— Quero que o mundo inteiro sofra. Porque não entendo por que razão devo ser o único a passar mal.

— É *disso* que estou a falar. A nossa relação baseava-se numa ilusão, nos nossos defeitos... Mas estás enganado: o amor não deve ser doloroso.

Só o silêncio me responde. O Rory fita-me com raiva e, a seguir, muito rapidamente, com enfado. Arqueia uma sobrancelha sarcástica, como se estivesse a fazer troça de mim.

— Desde quando é que o Lou McAllister se tornou num especialista nesta matéria?

Não replico. Recuso-me a morder o anzol. Sei perfeitamente no que ele se torna quando se sente magoado; ataca-nos, usando contra nós os nossos piores pontos fracos.

— O que sabes sobre o amor? — insiste, ao aperceber-se de que não entro no seu jogo. — Os teus próprios pais nunca te amaram. Quando nos conhecemos, estavas tão desesperado por obter um pouco de

atenção! Bastava um sorriso para me dedicares toda a adoração... Mas isso era dantes. Certo?

Não está enganado. É doloroso admiti-lo, mas é Verdade.

— O ser humano nunca se sente satisfeito com o que tem, pelo que quiseste mais... cada vez mais... E agora, isso já não é o suficiente.

— Não preciso de alguém que me ame por piedade ou egoísmo, Rory. Lamento ter colocado demasiada responsabilidade sobre os teus ombros... Claramente, queria que me amasses pelas razões erradas.

— Porra, estou-me nas tintas para o teu pedido de desculpas. És igual aos outros!

Anuo, aceitando a crítica. Suponho que seja: inconscientemente, também o usei, como os outros.

O Rory agarra-se ao cabelo, com os nervos em franja. Quero chamá-lo à razão, dizer-lhe para se entregar à polícia, para lhes contar tudo, mas ele adianta-se:

— Estou curioso: no que é que julgas que se baseia a tua relação com a Camélia?

O meu coração estremece ao ouvir este nome. Não me agrada ouvir da sua boca, nem que esteja na sua mente. Quero que ela esteja longe disto, muito longe.

— Na sinceridade. Ainda que tenhas tentado que eu duvidasse dela.

O Rory ri-se, mas consigo ver a raiva a deformar-lhe as feições.

— Surpreendes-me. Aposto que foste muito sincero enquanto a fod...

Agarro-o pelo colarinho e encosto-o à parede, o que interrompe a sua frase. O meu melhor amigo sorri, satisfeito por me ver reagir; *finalmente*.

— Não sei que feitiço é que essa rapariga te lançou há cinco anos... mas nunca mais foste o mesmo — recrimina-me. — De repente, o grande Lou McAllister encontrara a musa de todas as suas músicas.

Quero dizer-lhe que foi a primeira a ser sincera comigo, que não brincou com os meus sentimentos, que me mostrou que eu merecia melhor.

Faz-me sorrir. Genuinamente, agora. Não é o sorriso que exibo a todos para esconder as minhas feridas.

A nossa relação não é perfeita e começou de forma errada, mas

apetece-me lutar para mudar, para me tornar melhor e, um dia, merecê-la.

— Ela nunca irá conhecer-te como eu te conheço — suspira o Rory.
— Sou o único capaz de aceitar os teus piores defeitos, Lou... Porque somos iguais, quer isso te agrade quer não.

A ideia de que ele tem razão assusta-me, mas decido não permitir que as suas palavras me afetem. Considero que a Camélia já viu do que sou capaz... Viu os meus piores defeitos... e, ainda assim, ficou.

Mesmo na escuridão, sorriu, continuando a avançar.

Mesmo quando a repelia, ela volta.

Mostrou-me que eu também merecia ser amado.

— Adeus, Rory.

Um esgar de predador floresce no seu rosto. Largo-o, decidindo não ficar mais tempo neste lugar maldito. Quando chego à porta, o Rory pergunta-me:

— Vais-te embora... sem a tua parceira?

A minha mão imobiliza-se sobre a maçaneta. Viro-me devagar, com receio de perceber o que está a insinuar.

— Cruzámo-nos há bocado. A pobrezinha ficou tão abalada que desmaiou — continua, revirando os olhos. — Patética.

É mais uma mentira. Está a provocar-me, quer manter-me mais tempo junto dele. É apenas uma manobra de diversão. A Camélia voltou para casa e está tranquilamente à espera de que vá ter com ela ao início da manhã.

Certo?

Pego no meu telemóvel e ligo para o seu número, com o meu olhar fixo no do Rory. De repente, ouve-se um toque familiar. O meu coração contorce-se de dor quando vejo o Rory a retirar um objeto do bolso.

Atende a chamada, levando o telemóvel ao ouvido, e sorri.

— Estou?

Todo o meu corpo treme com um misto de raiva e pânico. Durante todo este tempo... estive a conversar com ele, enquanto a Camélia corria perigo?!

Sei que, se der um passo em frente, sou capaz de o matar com as minhas próprias mãos.

— Rory, o que é que fizeste?

— Ela está bem — tranquiliza-me. — Não sou um assassino.

— AssassinaSTE selvaticamente o teu irmão gémeo.

— Foi em legítima defesa!

Ao dizê-lo, exalta-se. Apercebo-me com facilidade de que é nisso que acredita. Está convencido de que é a vítima desta história. O Rory está mais perturbado do que eu julga.

— Onde está ela? — rosno, cerrando os punhos.

O Rory reflete, em silêncio, como se hesitasse entre dizer-mo ou manter o *suspense*.

— Que tal jogarmos um último jogo, tu e eu?

Praguejo, louco de raiva. Jogos, sempre jogos!

— Não tens alternativa. Se recusares, podes ir para casa... Mas tenho a sensação de que a Camélia não vai aguentar muito mais.

Não sei onde ela está, mas acredito no Rory quando diz que está sã e salva.

No entanto, não me garantiu por quanto tempo.

— Está bem. Qual é o teu jogo?

O Rory aproxima-se novamente e pousa a mão sobre o meu coração.

— Vamos jogar às escondidas.

De nada adianta fazê-lo. Ambos o sabemos. É apenas uma jogada da sua mente tortuosa e cruel. Detesta perder, pelo que prolonga o jogo até ganhar... ou até que o seu adversário se declare vencido.

— É simples: a Camélia está escondida algures nesta casa. Tens de a encontrar.

Não vale a pena perguntar-lhe o que tenho a ganhar, pois é óbvio: encontrar a Camélia. A verdadeira questão é...

— O que é que *tu* ganhas com isso?

O Rory reflete seriamente.

— Se não a encontrares no espaço de dez minutos... aceitas vir comigo.

— Sabes que não podes obrigar-me, certo?

Não sei o que desencadeia essa reação, mas, de repente, o seu rosto ensombra-se.

— É melhor apressares-te. A contagem decrescente já começou.

Nunca corri tão depressa na Vida.

O Rory julga que sou estúpido, porque é mais inteligente do que eu, mais esperto do que toda a gente. Mas esquece-se de que o conheço de cor, bem como a esta mansão.

Trancou-a na passagem secreta.

O Rory afirmou que ela não aguentaria durante muito tempo. Não o disse por acaso. Sabe que é claustrofóbica, pois aproveitou-se desse facto há cinco anos.

Da última vez que a vi, a Camelia ia revistar o quarto do Alastair... mas, quando fui lá pouco depois, a divisão estava deserta.

Ela estava do outro lado da porta e eu fui-me embora.

Que estúpido.

Ardem-me os pulmões, mas continuo. Ao entrar no quarto do Alastair, detenho-me perante o que vejo.

A entrada da passagem secreta está escancarada.

— Camelia? — exclamo para o interior do buraco negro e frio.

Silêncio.

Fico parado onde estou. Enganei-me? Ou terá conseguido sair antes de eu chegar?

— Julgaste que seria assim tão fácil?

O Rory encosta-se à ombreira da porta, parecendo divertido.

— Sabias que quase a tranquei lá dentro? Mas sabia que a encontrarias logo... Então, compliquei um pouco as coisas.

— Onde está ela?

A minha voz é calma, mas gélida. Sinto-me como se estivesse anestesiado. Tenho medo de ter perdido os limites.

— Em vez disso, a questão é: durante quanto tempo irá aguentar-se... sozinha, na escuridão, a gritar sem que ninguém a ouça, com as unhas a rasparem na madeira até sangrarem?

Inspeciono todas as passagens secretas que conheço na mansão. Não são muitas. Ela não está aqui, e sei que o Rory não a teria trancado no meu quarto debaixo da escadaria.

Há ainda a que vai da lavanderia até ao jardim de inverno, bem como a que se encontra sob o soalho da biblioteca... mas esta última foi fechada há muito tempo. Os Cavendishes usam-na apenas para esconder baús valiosos.

O meu coração sobressalta-se com a ideia louca que me passa pela cabeça.

Não. Ele não faria isso.

A Camelia nem caberia lá... *Ou caberia?*

Corro para a biblioteca, com o Rory atrás de mim.

— Estás perto. Até demasiado perto.

— Seu tarado... — cuspo, estugando o passo. — Se souber que lhe fizeste mal...

— Porque te ralas com isso, de repente? Na escola, estaVas-te nas tintas. ViraVas a cabeça e fechaVas os olhos para não Veres.

Viro-me e o meu punho dispara sozinho. Acerta-lhe no rosto com um baque e ambos caímos no chão. O problema é que não consigo parar.

Desta vez, julgo que sou capaz de o matar.

Não paro de lhe bater, mas ele acaba por se defender. Odeio-o tanto que choro de raiva.

O Rory consegue ficar em Vantagem e aperta-me o pescoço. Só agora me apercebo de que também está a chorar, embora não tenha a certeza de que esteja ciente disso.

— Eu disse-te, Lou: o amor é doloroso — diz, esmagando-me a traqueia. — e, caraças, amo-te tanto...

Não deveria ser assim. Foi o que aprendi recentemente, graças à Camelia. Amar não deve ser uma fonte de sofrimento.

Debato-me o melhor que consigo, mas tenho cada vez mais dificuldade em respirar. Pensei que a doença iria debilitá-lo, mas obviamente subestimei a sua força. O Rory parece estar em transe, como se estivesse possuído.

Por um segundo louco, pergunto-me se estaria assim quando matou o irmão. Teria consciência do que estava a fazer?

— Ro... ry... — suplico-lhe, sem grande sucesso.

— Nunca me amaste como te amo — cospe, sem sequer me ouvir. — Prometestes nunca me faltar, mas não passas de um mentiroso... Odeio mentirosos...

Sem querer, fecho os olhos, com a cabeça a andar à roda de uma forma desagradável.

De repente, quando julgo que tudo acabou, sinto o seu aperto a

afrouxar. O oxigénio volta a encher-me os pulmões. Quando abro os olhos, o Rory cai de lado, com um grunhido de dor.

A Camélia está de pé, atrás dele, ofegante e com o rosto coberto de suor. Os seus dedos ensanguentados seguram firmemente uma pá, erguida acima dela.

Fita-me com os olhos semicerrados, prestes a desmaiar, mas a sua aparição é a de um anjo, de uma deusa, de um milagre.

— Finalmente, calou a boca — resmunga, deixando cair a pá no soalho. — Detesto quando os bandidos se põem com monólogos no momento crucial.

Não consigo sequer rir-me da sua piada. Não paro de tossir, com a garganta a arder. Não sei se estou a alucinar, embora me pareça ouvir ao longe o som das sirenes da polícia.

A Camélia desaba ao meu lado, limpando-me o rosto com as mãos ensanguentadas. Todo o seu corpo treme, mas ainda arranja forças para me sorrir.

— Ei-lo, o teu rosto lindo lavado em lágrimas.

CAMELIA

Novembro de 2022

Fiquei sem unhas, mas estou ViVa.

Imagino que o deVa ter em consideração. Pelo menos é o que diz a Jasmine para me tranquilizar, enquanto me queixo diante do meu telemóvel, com os dedos enVultos em ligaduras limpas.

As minhas amigas ligam-me todos os dias desde que Vim das Urgências.

— Se fosse eu, julgo que teria ficado debaixo do soalho, à espera de que alguém me encontrasse — diz a Lily, fazendo uma careta. — Não tenho medo da escuridão e gosto de estar sozinha.

— Terias partido tudo com um murro bem dado — graceja a Jasmine. — Eu teria feito uma soneca... Não me faria mal agora.

As minhas amigas desatam a rir-se, mas não tenho forças para fazer o mesmo. Creio que ainda é muito cedo. Desde essa noite que tenho dificuldade em dormir. Assim que fecho os olhos, Volto a Ver-me presa debaixo daquele soalho, a raspar com as unhas na madeira, para me libertar.

Felizmente para o Lou e para mim, a polícia chegou a tempo. Tudo graças à Nolia, que não esperou que eu lhe telefonasse para chamar a polícia. Depois, deu-me uma descompostura, tal como os meus pais.

O Lou foi preso juntamente com o Rory, mas, há dois dias, telefonei à Charlotte, que me garantiu que tudo correria bem para ele. Acredito nela.

— Lamento... não ter acreditado em ti — diz, para se desculpar. — Vou defender o Lou, para garantir que não lhe seja aplicada nenhuma pena.

Agradei-lhe e disse-lhe que a culpa era toda minha. Mesmo que o Lou estivesse inocente, eu não deveria ter agido contra a lei. Deveria ter confiado no sistema judicial escocês.

— Como é que soubeste? — pergunta-me a Lily do outro lado da

linha, curiosa. — Refiro-me à existência das câmaras.

Sorrio enquanto me acomodo no sofá, com uma manta sobre as pernas. A polícia conseguiu acusar o Rory de homicídio graças às câmaras de vigilância colocadas há várias semanas em casa dos CaVendishes... por mim.

— Um pressentimento. Mas não há dúvida de que não estava à espera disto.

Ainda assim, os Vídeos mostram o Rory a arrastar-me, inconsciente, para a passagem secreta, bem como os rapazes a discutirem sobre aquela noite.

Agora, toda a gente sabe a Verdade.

O Rory será julgado por homicídio, sequestro e tentativa de homicídio do Lou. Quanto à Skye e ao Gideon, estão agora a ser julgados por tentativa de homicídio premeditado, cumplicidade e assédio.

Perguntava-me quem atacaria primeiro, eu ou o carma. Fico feliz por ver que fui mais rápida... literalmente.

Aquela pancada com a pá deve ter sido dolorosa.

Entreguei à polícia tudo o que tinha, respondi sinceramente a todas as perguntas que me fizeram. Desta vez, duvido de que consigam safar-se a troco de dinheiro.

Neste momento, o caso está na primeira página de todos os jornais. O público pergunta como é que ninguém se apercebeu da troca entre o Alastair e o Rory, e questiona-se sobre o diagnóstico psicológico deste último.

Quanto a mim, já estou a tentar seguir em frente.

Mas não paro de pensar no Lou.

— E Vocês, meninas? Novidades? — pergunta a Nolia, enquanto toma uma bebida num café parisiense.

A Jasmine faz trejeitos misteriosos com as sobranceiras e a Lily cora. Sorri, envergonhada por ser o centro das atenções.

— Talvez... tenha... algo para vos anunciar.

— Desembucha!

— No próximo ano, voltarei a competir no campeonato do mundo... em representação do Canadá. E, desta vez, prometo que vou ganhar!

A Nolia e eu explodimos simultaneamente de alegria. Sei como a

Lily dá tudo de si, todos os santos dias, para ser a melhor patinadora.

— Oh, meu Deus, parabéns! Temos fé em ti!

O meu coração incha de orgulho por esta pessoa que adoro mais do que tudo. Merece ficar em primeiro lugar, dado o seu talento inegável.

— Desta vez, Vais conseguir a medalha de ouro — diz a Nolia, fungando e massajando a barriga. — Estaremos a Ver-te na televisão.

— A minha mãe já planeou dizer a toda a gente que és filha dela — acrescenta a Jasmine. — Quer Vangloriar-se.

Estou a rir-me da sua piada quando Vejo a Nolia fechar os olhos, com uma careta de dor. Já é a quarta vez em dez minutos.

— Nolia... Como te sentes? Não pareces bem.

As meninas franzem o sobrolho ao mesmo tempo do que eu. A nossa amiga anui, mas não consegue responder-nos logo.

— Acho que algo me caiu mal ontem à noite — confessa, agarrando-se à mesa. — Sinto-me a morrer desde esta ma...

Não consegue terminar a frase. Pergunto-lhe se tem algum analgésico, mas curva-se subitamente, soltando um grito de dor.

— Nolia?!

As raparigas tentam que ela lhes preste atenção, aconselhando-a a chamar uma ambulância, mas, de repente, uma senhora oferece-se para a ajudar. O medo insinua-se no meu coração.

— O que se passa? — pergunto, preocupada.

Ninguém me responde. A Nolia geme de dores e chora, e sinto-me impotente. A senhora faz-lhe perguntas e, muito rapidamente, um pequeno grupo atarefa-se à sua volta. Alguém chama o SAMU²⁰.

Eu e as meninas permanecemos em linha, ansiosas. Dez minutos depois, chega uma equipa para cuidar dela. Basta-lhes um olhar para darem o Veredicto:

— Menina, está a dar à luz.

Fico pasmada. Assim como a Jasmine e a Lily, que estão de olhos arregalados. *A dar à luz?!*

Ouço a Nolia a soluçar, espantada. Nem sei como reagir. Estou tão chocada quanto assustada.

— Mas... não estou grávida...

— As suas águas acabaram de rebentar. É necessário levá-la com urgência para o hospital.

Não tenho tempo para reagir. De repente, alguém desliga a chamada... e já ninguém se atreve a falar.

As meninas e eu passamos o dia a roer as unhas, preocupadas.

A Nolia está em trabalho de parto... de um bebé. *Um bebé a sério, caras!* Durante todo este tempo, estava grávida e ninguém se apercebeu de nada, nem ela tão-pouco. Como é possível? Não tenho

explicação.

Façam com que ela esteja bem.

Não temos como saber como está, como estão a correr as coisas, e isso está a dar cabo de mim. Quase comprei um bilhete de avião durante o dia, para ir ter com ela, mas as meninas dissuadiram-me. É preferível aguardar por notícias, esperando que tenham contactado os seus pais.

Façam com que não esteja sozinha. Com um pouco de sorte, cuidarão perfeitamente dela e a família apoiá-la-á. Pelo menos, assim espero...

Quem é o pai?, pergunto-me, sem conseguir evitar. Provavelmente, o parvalhão do Enzo.

Estou a andar em círculos, ansiosa, quando alguém toca à campainha. Finjo que não estou em casa. Não me apetece estar com ninguém, nem tenho energia para conviver.

A pessoa não insiste, mas acabo por receber uma mensagem no meu telemóvel:

Sei que estás aí, Sherlock... Vou acampar à tua porta, se for preciso.

O meu coração salta no meu peito. Olho para a porta fechada e, de repente, ouço os seus dedos a baterem suavemente... suplicando-me que abra.

Não contaVa vê-lo tão cedo. Não sei o que lhe dizer, nem como agir.

De qualquer modo, Vou abrir a porta, não sem antes tentar acalmar a minha respiração. Vê-lo são e salvo tira-me o fôlego.

O Lou mostra-me um sorriso arrasador, Vestido com um sobretudo creme. Tem na mão um saco de papel, que abana diante dos meus olhos.

— Trouxe *Dundee Cake*²¹. Ainda está quente.

— O que fazes aqui?

Encolhe os ombros. O seu olhar suaviza-se quando me mira da cabeça aos pés.

— Não tinha para onde ir.

É o suficiente para me fazer fraquejar instantaneamente. Esta frase lembra-me a sua confissão no início, no dia em que apareceu em minha

casa depois de se evadir da cadeia...

Sei que está a dizer a Verdade e é o que mais me custa. No fundo, nunca teve ninguém com quem pudesse contar. Pergunto-me como se sentirá pelo facto de o Rory, o homem que julgava amar, o ter usado até ao fim.

Mal, imagino.

— Entra.

Passa por mim e pousa os bolos em cima da mesa. O seu olhar detém-se automaticamente nos meus dedos, que toma nas suas mãos.

— É doloroso?

— Não.

— Posso ver?

— Não.

Parece magoado com a minha resposta. Não vacilo quando ele faz beicinho.

— Porquê?

— Porque é feio — respondo, revirando os olhos. — Fiquei sem unhas. Parecem *Knacki balls*²² presas a uma batata.

O Lou desata a rir-se. O seu braço envolve-me os ombros e, a seguir, encosta-me suavemente a si. Deixo que me abraça, a minha face a acariciar-lhe o peito.

Ficamos assim durante um longo momento. É silencioso, calmo, agradável. Quero fazer-lhe muitas perguntas, mas não tenho forças.

Aprecio que esteja aqui, simplesmente.

— Nunca vais adivinhar.

— O quê? — sussurra, brincando com o meu cabelo.

— Acho que a Nolia vai ter um bebé.

A sua reação de espanto provoca-me uma gargalhada nervosa. A Verdade é que mais me apetece chorar.

Odeio não ter notícias.

— Uau... Para quando está previsto o parto?

— Para hoje.

Detém-se e recua o suficiente para me fitar, perplexo. Digo-lhe que é uma longa história.

A sua mão desliza pelas minhas costas e a outra acaricia-me a face.

— Camélia...

— Mmh...

— Sei que precisamos de conversar... Mas tenho a sensação de que não durmo há quatro semanas. Podemos fazer uma sesta? — pergunta.
— Os dois.

Não é a primeira vez que dorme na minha cama, mas, por algum motivo que não entendo, sinto-me um pouco constrangida. Anuo, evitando o seu olhar, com as faces em brasa.

— Está bem.

— Ótimo — diz, suspirando de alívio.

Deitamo-nos na minha cama, sobre as cobertas, frente a frente. O seu braço está pousado na minha cintura, encostando-me a ele, e o seu nariz roça no meu.

Fito-o enquanto fecha os olhos... e adormece.

Demora apenas dois minutos.

Estava mesmo cansado. Não admira, depois de tudo por que passou neste outono. Foi forte e corajoso, muito mais do que qualquer outra pessoa na sua situação.

Passo a hora seguinte a olhá-lo, embalada pela sua respiração. O sol põe-se lentamente.

Quando recebo uma mensagem da Nolia a dizer-me que ela e o bebé estão bem... adormeço também.

²⁰ O serviço francês equivalente ao INEM português. (NT)

²¹ Bolo escocês de frutos secos. (NT)

²² Salsichas em forma de bola. (NT)

LOU

Dezembro de 2022

É a primeira VeZ que o Rory se recusa a olhar-me nos olhos.

Já passaram dois minutos desde que entrou no parlatório, mas ainda nenhum de nós abriu a boca. O seu sorriso habitual desapareceu. Parece tão cansado quanto eu.

Nem sei porque estou aqui. A Camelia perguntou-me se eu tinha a certeza de querer fazê-lo, mas não soube responder-lhe.

Julgo que sim... que preciso de o Ver uma última VeZ.

Não para obter respostas, mas para me despedir.

Aconteça o que acontecer, o Rory é uma grande parte da minha Vida, do meu passado. Foi o primeiro a dar-me atenção, a gostar de mim, a fazer-me rir.

Não sei se algum dia serei capaz de lhe perdoar... mas os seus atos Vis não apagam as boas recordações.

Isso é o mais perigoso.

— Lembras-te de quando tínhamos noVe anos e apanhei gripe?

A minha VoZ suaVe quebra subitamente o silêncio, mas o Rory continua sem olhar para mim. No entanto, sei que está a ouVir-me, pois pestaneja.

— Fizeste uma birra, insistindo com a tua mãe para me Visitares em VeZ de ires para a escola — continuo, olhando para as minhas mãos entrelaçadas sobre a mesa que nos separa. — Passaste o dia deitado ao meu lado, na minha cama, a segurar-me na mão... No final do dia, quando a tua mãe foi buscar-te, disseste-lhe...

— «Se o Lou não for à escola, também não Vou.» — remata o Rory, sem olhar para mim. — «Somos uma equipa. Aquiles precisa de Pátroclo para eXistir.»

Anuo, nostálgico. Esse dia comoVeU-me durante muito tempo. Pela primeira VeZ na Vida, tinha alguém a meu lado, pronto a cuidar de mim, a preocupar-se com a minha saúde.

— Nunca Vou saber se tudo isso... a amizade e o amor que demonstraste por mim... eram genuínos. Não sei se foi somente egoísta e narcisista da tua parte, ou se tive Verdadeiramente um lugar no teu coração.

Desta VeZ, o Rory ergue o rosto para mim. Os nossos olhares encontram-se e fixam-se um no outro. Continuo, apesar do nó que tenho na garganta:

— Mas decidi que não importava. Obrigado pelos bons momentos... Queria dizer-to, pelo menos uma VeZ.

Aguardo uma reação sua, qualquer uma, mas é escusado. Os seus lábios estão selados. Só o seu olhar me trespassa com intensidade.

— Lamento que a Vida não te tenha dado uma sorte melhor... e perdoo-te.

Uma lágrima desliza silenciosamente pela sua face, seguida de outra. Sabe, tal como eu, que é a última VeZ que nos vemos. É uma despedida. É a derradeira oportunidade de dizermos o que nos vai no coração.

De sermos totalmente sinceros, pela primeira VeZ. Sem máscaras nem fingimento.

— Espero que também tu me perdoes.

Por não o amar como ele queria. Por ter encontrado luz noutra sítio. Por não ver que ele não estava bem.

Por não poder dar-lhe a ajuda de que necessitava.

O Rory permanece em silêncio. Não faz qualquer gesto para enxugar as lágrimas. Apenas me fita nos olhos, com os maxilares contraídos.

Sei que não dirá nada. Como confessei tudo o que queria, levanto-me.

— Adeus, Rory.

Ao ouvir estas palavras, as suas lágrimas aumentam, pelo que fecha os olhos para não ter de continuar a olhar para mim. Os meus olhos também ardem, mas contenho-me.

Preciso de sair daqui.

Viro-me para me ir embora. Quando coloco a minha mão sobre a maçaneta, ouve-se finalmente a sua voz, embargada pelas lágrimas:

— Era genuíno.

Detenho-me, com o coração dorido. Permaneço de costas, para não

lhe mostrar os meus olhos marejados. Saboreio uma última vez as suas palavras, aliviado por saber que não foi tudo uma mentira...

...e saio sem olhar para trás.



A expressão da Camelia, quando me vê à sua espera diante da universidade, não tem preço.

Sorrio-lhe, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças. É estranho,

mas hoje estou de bom humor. Depois do meu encontro com o Rory, queria apenas uma coisa: *ir ter com ela*.

— Estás bem? — pergunta, ao chegar junto de mim.

Deixo cair a cabeça no seu ombro. Não se afasta, mas também não me abraça.

— Sinto-me... livre de um peso enorme. É normal?

A Camelia não responde. De repente, sinto os seus dedos a acariciarem-me a linha do cabelo, na nuca. Os seus gestos são tímidos e hesitantes, um bálsamo para o meu coração. Não me repele; é bom sinal.

— É um novo começo.

Endireito-me e, a seguir, fito-a nos olhos. Queria adiar a nossa conversa, mas não poderei fazê-lo para sempre.

— Vamos caminhar um pouco? — sugiro, pegando nos livros que segura contra o peito. — Hoje, o tempo está agradável.

Anui silenciosamente. Passeamos por Dean Village e aproveito para apreciar a paisagem pela primeira vez em muito tempo.

No outono, Edimburgo é uma experiência verdadeiramente incomparável. Parece um conto de fadas gótico.

— Uma resposta por uma pergunta?

A Camelia faz uma expressão falsamente indiferente, mas não recusa.

— O que somos, tu e eu? — pergunto, sem rodeios.

É a pergunta que tenho vindo a fazer a mim próprio há dias, se não mesmo há semanas. Sei que o nosso relacionamento não assenta numa base saudável. Formámos uma aliança para resolver um caso de homicídio, mas a Camelia nunca deixou de me odiar.

O seu objetivo era magoar-me, vingar-se, usar-me para os seus fins.

Porque fui o primeiro a magoá-la.

Mas muita coisa aconteceu desde então... e tenho a esperança tola de que o seu coração tenha mudado.

— Somos Némesis — responde. — E mais, se for possível.

— Só isso?

— É a tua pergunta seguinte?

Fico calado, dividido. Ela considera que é a sua vez, pois vira-se para andar às arrecuas, e pergunta:

— O que tencionas fazer, agora que és um homem livre?

Evita o assunto, pelo que vejo. Espertinha. Mas esquece-se de que sou mais persistente do que ela.

— Retomar a minha carreira... e tentar reconquistar-te.

Vacila por um segundo, mas recompõe-se imediatamente. Paro quando passamos diante de um rio, entrelaçando o meu dedo mindinho no seu.

— Será que... — começo, procurando as palavras. — Será que existe uma parte de ti... apenas uma... por mais pequena que seja... que julga ser capaz de me receber no seu coração?

Sei que não é uma pergunta simples. Uma pergunta sobre a qual precisamos de refletir demoradamente. Mas sinto-me demasiado impaciente, demasiado curioso.

O Rory disse-me que eu estava desesperado e que isso se tornava patético. E estava mesmo... tanto que, nessa altura, teria aceitado o amor de qualquer um.

Agora, é diferente.

Há apenas uma pessoa pela qual ardo de desejo.

— Disseste-me para o manter aberto, certo? — murmura, recusando-se a encarar-me. — Foi o que fiz.

Não consigo impedir que o meu sorriso se abra. A Camélia manteve o coração aberto para mim... porque lhe pedi. Creio que é a coisa mais romântica que já ouvi.

A minha mão pega na sua, puxando-a suavemente para mim.

— Desta vez, terei cuidado com ele, como se fosse o meu. Prometo.

Fulmina-me com o olhar, mas as faces rosadas atraíam-na. É mais forte do que eu, agarro-lhe no rosto para a beijar.

A Camélia fecha os olhos antes que eu chegue aos seus lábios, pelo que paro antes de o fazer. Olho-a, a sorrir, divertido. *É tão adorável.*

Vendo que nada acontece, franze o sobrolho e abre os olhos. Inclino a cabeça para o lado, provocador.

— Oh, desculpa. Julgaste que ia beijar-te?

— Oh, vai-te fo...

Pouso a minha boca sobre a sua, para engolir os seus próximos insultos. Pressiona o peito contra mim, enquanto retribui o meu beijo e enfia as mãos por baixo do meu casaco.

Beijo-a com paixão e adoração, alheio ao mundo que nos rodeia. A sua língua tem o sabor da chuva depois de uma tempestade e os seus lábios sabem a maçãs quentes saídas do forno.

Por si só, a Camelia é uma nuvem de reconforto e nostalgia.

— Tranquiliza-me... Isto significa que somos namorados, certo?

— Calma aí, Watson. Isto significa que podes convidar-me para sair

— responde, retomando a nossa caminhada. — Julgo que preciso de tempo para me adaptar a... esta nova dinâmica entre nós...

Abro a boca, um pouco dececionado.

Tudo bem. Compreendo e sou paciente. Disse que estava disposto a lutar para lhe provar que merecia uma oportunidade e fui sincero.

— Estás livre, amanhã?

— Quando? Amanhã à noite? — reflete.

— Não, durante todo o dia. Julgaste que ficaria satisfeito com um encontro de três horas? Conheces-me mal.

— Meu Deus, já estou arrependida.

Discutimos durante o trajeto até à sua casa, tentando encontrar uma data para o nosso primeiro encontro.

Avisa-me que não me facilitará a vida e prometo-lhe aguentar.

— Temos cinco anos para recuperar. Tenciono ir com muita calma.

Epílogo

CAMELIA

Um mês depois

— DeiXei-te, literalmente, por dois minutos, para ir à casa de banho... O que é que fiZeste?

O Lou fita-me com um ar culpado e, a seguir, faZ uma careta, dizendo que seguiu a receita à risca. Cética, olho para a panela cheia de maçãs cozidas.

Como eu suspeitaVa depois de ter sentido o cheiro, deiXou queimar tudo.

— Tens muitas qualidades, e a palaVra «muitas» é eXcessiVa, mas és um Verdadeiro desastre na coZinha — lamento-me, empurrando-o.

O Lou mostra-me um sorriso arrogante, que adoro tanto quanto odeio, deiXando-me remediar os seus disparates. Quando propôs que o nosso encontro decorresse em casa, sugeri que fiZéssemos juntos uma tarte de maçã.

Um grande erro! O Lou é uma criança: não para de brincar com a massa, de comer as maçãs, de me atirar farinha e de deiXar queimar o resto.

— Apesar de tudo, tu adoras-me.

Rio-me, trocista.

— Quem, eu? Lou, és facilmente a pessoa mais irritante que já conheci, e nem me faças falar do som da tua VoZ!

Abre a boca, indignado e um pouco ofendido. Ainda tem dificuldade em distinguir quando estou a falar a sério e quando estou a goZar com ele.

— Camelia, namoramos há um mês...

FranZo o sobrolho, enquanto me sento na bancada da coZinha.

— Não namoramos. Quem te disse isso?

Desta VeZ, o Lou olha para mim como se eu estiVesse louca. É hilariante. Contenho-me para não me desmanchar, mas é difícil.

— ...Espera, estás a diZer-me que é o nosso Vigésimo quarto

encontro e que não temos um relacionamento?

— Não há qualquer declaração oficial — respondo, encolhendo um ombro.

— Passámos o mês de dezembro colados um ao outro!

— E então?

— Estou quase sempre em tua casa!

— Porque és um sem-abrigo e tenho pena de ti — replico, fazendo uma careta cómica.

— Fizemos amor ontem e anteontem, e...

Faço o possível para não me desmanchar, mas a sua angústia é tão adorável que deixa escapar um sorriso. Infelizmente para mim, ele vê-o imediatamente. Faz uma pausa no meio de uma frase, com a compreensão estampada no rosto. Por fim, fulmina-me com o olhar.

— Ah, já percebi. Estás a gozar comigo.

— Desculpa — digo, lambendo a colher. — É o hábito.

Os seus olhos seguem o movimento da minha língua. Engole em seco e percebo logo que já não está zangado. Deixo-o aproximar-se e meter-se entre as minhas pernas afastadas.

Estendo-lhe a colher, que também leva à boca.

— Uma resposta por uma pergunta — murmuro, enquanto me beija na face.

Desde que decidimos dar uma oportunidade um ao outro, aprendi a conhecê-lo melhor. O Lou é uma pessoa muito tátil. Demonstra o seu afeto tocando nos outros, neste caso em mim, e sendo atencioso.

Se tive dificuldade em descontraír no início, rapidamente aprendi a apreciar todos esses gestos comuns no dia a dia.

— Ai, estás todo peganhento — digo, limpando-lhe os lábios com um guardanapo.

— Julguei que tínhamos desistido desse jogo estúpido...

— Queres ser «oficialmente» meu namorado?

Ele abre um pouco os olhos, surpreendido com o facto de a iniciativa ser minha. Reviro os olhos para tentar disfarçar o rubor que me tinge as faces. Abstenho-me de lhe dizer que sempre julguei que já tínhamos um relacionamento.

Caso contrário, não o deixaria passar os dias e as noites no meu apartamento. Também não iria assistir aos seus ensaios de Violino todas

as quintas-feiras, depois do trabalho. E, Deus me livre, não fingiria gostar de todas as coletâneas de poesia que me obriga a ler.

— Sim, Sherlock — responde. — Com prazer.

Beija-me para reforçar as suas palavras. Retribuo o beijo, acariciando-lhe o cabelo negro e encaracolado. Está mais comprido do que há um mês e adoro que assim seja. Diz que quer cortá-lo, mas nunca o faz... provavelmente porque sabe que gosto de me agarrar a ele quando tem o rosto entre as minhas coxas.

— À nossa.

Entrega-me o meu copo cheio de sidra e brindamos.

Afinal, e surpreendentemente, a nossa tarte de maçã saiu-nos bem! O Lou pega-me na mão e dançamos ao som de Barry White enquanto ela está no forno.

Lá fora, está a nevar, o inverno chegou. É o encontro perfeito. Saboreamos a nossa tarte quente, sentados no chão, diante da mesa de centro. O meu disco de Vinil continua a embalar-nos no gira-discos, enquanto lemos em silêncio.

Estou encostada ao sofá e o Lou está deitado no chão, com a cabeça no meu colo.

— Esta mulher é um génio — sussurra, virando a página do seu livro. — Não faço ideia do que está a acontecer.

Sorriso, divertida. Recentemente, lembrámo-nos de trocar os nossos livros favoritos, mas anotados por nós. Dei-lhe a minha versão antiga de *E Não Sobrou Nenhum*, de Agatha Christie, e ele comprou-me uma nova edição de *Alice no País das Maravilhas*. Adoro ler os seus comentários e reflexões ao longo das páginas.

São uma espécie de porta aberta para o seu cérebro.

— Quando é que partes? — pergunta-me subitamente.

— Na sexta-feira. Tirei o dia para poder apanhar o avião de manhã.

— Levo-te ao aeroporto.

As meninas e eu vamos visitar a Nolia para — finalmente — conhecer o seu bebé. Os últimos dois meses não foram fáceis, principalmente para ela... Ofereci-me para ir mais cedo, mas recusou.

Julgo que precisava de estar sozinha para tomar uma decisão. Depois de muitas dúvidas e angústias, optou por ficar com a filha e criá-la sozinha.

Obviamente, prometi dar-lhe todo o meu apoio e ajudá-la o máximo que pudesse.

— Por favor, não incendeies o apartamento enquanto eu estiver fora.

— Vou alimentar-me de Uber Eats até voltares — diz, sorrindo orgulhosamente.

— Está bem, Niccolo Paganini²³.

— Por falar nisso...

Não termina a frase, pelo que pouso o meu livro para olhar para ele.

A carreira do Lou foi abalada pelo escândalo, mas, desde que o declararam inocente, toda a gente o quer. Tudo leva a crer que até os músicos adoram *drama*²⁴.

Até foi contactado pela Sony Classical, que lhe propôs lançar um álbum; ele ainda está a ponderar.

Sempre soube que o Lou era apaixonado por Violino, passei muitas horas a observá-lo à socapa na escola. Era uma das coisas que o tornavam tão magnético e, convenhamos, misterioso.

Mas vê-lo agora a atuar tem um sabor muito diferente. Talvez seja porque já não preciso de me esconder. Estou na primeira fila e o seu olhar perscruta a audiência para encontrar o meu.

— Querem que toque no Carnegie Hall, em Nova Iorque — anuncia, com um tímido orgulho.

Apodera-se de mim um misto de choque, orgulho e entusiasmo. É uma perfeita loucura e, ao mesmo tempo, bem merecido.

— Uau... Lou, isso é incrível! Bravo.

Beijo-o impulsivamente. Ele sorri contra a minha boca, com as orelhas rosadas. Percebo que está orgulhoso de si próprio, ainda que não o admita.

— Quando vai ser?

— Em maio. Vais comigo?

O meu coração palpita. Se me pede para o acompanhar, é porque parte do princípio de que ainda estaremos juntos daqui a quatro meses. A ele, pode parecer-lhe óbvio, mas para mim... É uma eternidade.

No entanto, o meu coração está confiante quando respondo:

— Claro. Estarei na primeira fila, como sempre.

Parece ficar satisfeito com a minha resposta, pois mostra-me um

sorriso feliz. Fico paralisada enquanto retoma a sua leitura, como se nada fosse. Dói-me o coração, mas é uma dor agradável...

Pela primeira VeZ na Vida, sinto medo. Medo de amar, medo de sofrer. É assim que percebo que tomei a decisão certa. Significa que arriscamos. *Significa que amamos tanto que temos tudo a perder.*

Portanto, só o futuro dirá se fiz bem... mas quero acreditar que sim.

Creio sinceramente que as pessoas podem mudar, pelo menos algumas. Quero acreditar que uma pessoa pode decidir eVoluir e ser melhor, arrepender-se, admitir os seus erros e faZer de tudo para se redimir.

Pois todos cometemos erros.

No fundo, seja qual for o nosso intuito, cada um de nós é o Vilão na história de uma outra pessoa.

Aconteça o que acontecer, não quero arrepender-me de nada.

Portanto, opto por perdoar.

²³ Violinista muito célebre do século XIX.

²⁴ Tipo de série teleVisiVa japonesa ou coreana. (NT)

Agradecimentos

Por onde começar?

É a pergunta que faço a mim própria sempre que me encontro diante desta página em branco que pede apenas para ser preenchida. No entanto, a resposta é simples: começamos com palavras. Quaisquer umas, não interessa. Basta começar por algum lado.

Seis anos depois, ainda me surpreende que estas palavras, por vezes escolhidas um pouco ao acaso, continuem a comoVer-Vos tanto.

Sendo assim, desta vez, são os primeiros a quem agradeço: a Vós, leitores e leitoras. Pelo Vosso apoio, pelo Vosso amor, pelos Vossos sorrisos e pelo Vosso incentivo. Obrigada por acolherem as minhas personagens como se fossem Velhos amigos e por gostarem delas como se realmente existissem. Espero continuar a leVar-Vos em aventuras bonitas e, obviamente, a faZer com que se apaixonem.

Obrigada à minha mãe, por querer sempre o melhor para mim. Obrigada ao meu pai, por comprar todos os meus livros, mesmo não gostando de ler. Obrigada ao Ryan, à Naïm, ao Tom e à LiYa, os meus adorados irmãos e irmãs; são os meus raios de sol.

Ao Mohamed Ali, para sempre o melhor padrasto.

Obrigada aos meus amigos e às minhas amigas (saberão quem são), sem os quais o meu dia a dia seria muito triste. Não sei o que faria sem Vós. Mas, principalmente, um obrigada enorme àqueles e àquelas que leram este livro antes de todos: Johan, Lyly, Doriane, Émilie, Gaëlle, Alexia, Célia, Lucie, Kentin, Estelle... As Vossas reações fizeram-me rir muito, sobretudo no final de um certo capítulo (todos nós sabemos qual é).

Obrigada também à Dahlia, à Delinda, à Magali e à Sra. C. S. Quill, pois partilhámos juntas o sofrimento dos atrasos e das emendas. Pelo menos, não sofri sozinha.

Como sempre, agradeço à Hugo Publishing por me dar a oportunidade de escrever o livro que há tanto tempo queria escrever. Obrigada por acreditarem sempre comigo.

Em especial, obrigada ao Arthur, por manter a confiança em mim, à

OliVia, por ser a melhor responsável de comunicação do mundo, e à Francesca por vender tão bem os direitos internacionais dos meus romances. Obrigada ao Simon, por me guardar sempre um espaço no catálogo. Obrigada à Elena, por não me deixar sozinha nas sessões de autógrafos... e a muitas outras pessoas formidáveis da Hugo. Que faria sem Vós?

Para terminar em beleza, um obrigada enorme a uma pessoa em particular: a Sylvie, a minha editora, que vai partir em direção a novos horizontes. Agradeço-te por te teres dado ao trabalho de ler este pequeno romance no Wattpad, o primeiro de todos, e por teres visto nele algo que merecia ser publicado. Obrigada por me dares a minha oportunidade, por confiares sempre em mim, por me ouvires, por me acompanhares e orientares, e por me deixares sempre escrever o que queria. Durante seis anos, foste uma editora extraordinária e uma muito boa amiga.